

1100
1110

TES
PERE/H1

Universidade Nova de Lisboa
Instituto Superior de Psicologia Aplicada

**A IDENTIDADE (HOMO)SEXUAL:
A CONSTRUÇÃO DE UM MODELO EMPÍRICO**

Henrique Pereira

**Dissertação de Doutoramento em Psicologia Aplicada,
na Especialidade de Psicologia Clínica**

2005



16696
23 06 06

Dissertação de Doutoramento realizada sob orientação da Professora Doutora Isabel Leal e sob co-orientação do Professor Doutor João Maroco, apresentada à Universidade Nova de Lisboa e ao Instituto Superior de Psicologia Aplicada para a obtenção do grau de Doutor em Psicologia Aplicada, na especialidade de Psicologia Clínica, conforme o protocolo UNL/ISPA, aprovado pelo senado da UNL em 24 de Janeiro de 2002 e de acordo com o despacho nº 3744/2002, publicado no Diário da República a 19 de Fevereiro de 2002.

Ao Paulo

AGRADECIMENTOS

Por vezes é necessário abraçar uma tarefa extraordinária para nos apercebermos das pessoas a quem temos que agradecer:

À Professora Isabel Leal, pela aceitação do tema, pelo interesse, pela amizade e pelo desafio que foi estabelecer uma dialéctica constante, um debate de ideias com espaço para a liberdade e, acima de tudo, pela orientação na descoberta de uma voz mais científica. Espero poder partilhá-lha consigo por muitos mais anos.

Ao Professor João Maroco pela generosidade e auxílio na descoberta de outra forma de lidar com os números na tarefa de compreender melhor as pessoas.

Aos meus pais, irmãos, cunhados e sobrinhos pelo orgulho que sentem por mim e a todos os meus amigos pelo apoio, pelas valiosas opiniões e incentivos ao longo desta odisséia.

Aos meus colegas e funcionários da Universidade da Beira Interior e, particularmente, aos meus alunos por serem uma fonte constante de inspiração e por me fazerem acreditar que os desafios são, acima de tudo, estratégias para nos conhecermos melhor.

Finalmente, a todas as pessoas que participaram anonimamente neste estudo e cujo contributo foi imprescindível para que o dotassem do maior presente de todos: elas próprias.

RESUMO

A identidade sexual em geral e a identidade homossexual em particular são processos psicológicos, sociais e culturais que se realizam mediante a integração de um conjunto de factores que vão para além do sexo biológico, nomeadamente a identidade do género, os papéis sexuais sociais e a orientação sexual. Os modelos de identidade homossexual actuais não consideram a diversidade da experiência sexual humana, na medida em que se constituem desde uma perspectiva essencialista e se baseiam na irreversibilidade do processo de incorporação da identidade como um aspecto central do *self*. Desde uma perspectiva construtivista, advoga-se que a formação da identidade homossexual é um processo interactivo e contínuo entre o indivíduo e o ambiente social. Assim, o objectivo desta investigação é explicar o modo como se procede a esta construção junto de indivíduos que se identificam como homossexuais.

Participaram neste estudo 2020 indivíduos distribuídos por três amostras e utilizadores da Internet, que responderam aos instrumentos que se encontravam alojados num *site* construído para o efeito; a saber: o Questionário Sócio-demográfico, o Questionário de Identidade Homossexual (construído e validado no presente trabalho, $\alpha = 0.81$), a Grelha de Orientação Sexual de Klein (também validada no presente trabalho, $\alpha = 0.94$) e a Grelha Classificatória dos Papéis Sexuais Sociais. Recorreu-se à Internet por ser um recurso avidamente utilizado pela população homossexual, tendo sido preservados todos os princípios éticos da investigação psicológica tradicional.

Os dados obtidos foram tratados de acordo com o procedimento da Análise de Equações Estruturais, o que permitiu a construção de um modelo explicativo da identidade homossexual. O tratamento empírico dos dados demonstrou que a identidade homossexual é assimilada pelas medidas de orientação sexual e significativamente influenciada pela gestão da homofobia, experiências de discriminação, trajectória de aceitação, suporte social e experiências significativas.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade Sexual, Identidade Homossexual, Psicologia Clínica, Análise de Equações Estruturais.

ABSTRACT

Sexual Identity in general, and homosexual identity particularly, are psychological, social and cultural processes that take place through the integration of several factors that go beyond the biological sex, namely gender identity, social sexual roles and sexual orientation. The existent models of homosexual identity do not consider the diversity of the human sexual experience, since they constitute themselves from an essentialist perspective, and are based in the irreversibility of the process of identity incorporation as a central aspect of the self. From a constructivist perspective, we advocate that the homosexual identity formation is an interactive and continuous process between the individual and the social environment. From the presupposition that sexual identity is a socially constructed phenomenon, the objective of the present investigation is to explain how this formation happens among self identified homosexuals.

2020 individuals, distributed in three samples and that were Internet users participated in the study, responding to the following instruments that were available in a site built for the purpose of this investigation: the Socio-demographic Questionnaire, the Homosexual Identity Questionnaire (construed and validated in the present study $\alpha=0.81$), the Klein Sexual Orientation Grid (also validated in the present study, $\alpha= 0.94$), and the Classificatory Grid of Sexual Social Roles. The Internet was used because homosexual self identified individuals are avid Internet users, and all ethical principals used in more traditional psychological research were preserved.

The obtained data were analysed using Structural Equations Modelling, which allowed the conceptualization of an explanatory model of homosexual identity. This empirical procedure demonstrated that the homosexual identity is assimilated by measures of sexual orientation, and that is significantly influenced by homophobia management, discriminatory experiences, trajectory of acceptance, social support, and significant experiences.

KEY-WORDS: *Sexual Identity, Homosexual Identity, Clinical Psychology, Structural Equations Modelling.*

ÍNDICE

Introdução1

CAPÍTULO 1 – CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS SOBRE IDENTIDADE

Considerações da Psicologia Cognitiva.....8

Considerações Psicanalíticas..... 14

Considerações da Psicologia Social18

Considerações da Psicologia do Desenvolvimento.....21

Perspectivas Teóricas sobre a Identidade Sexual24

 A Teoria Psicanalítica.....24

As Fases-chave da maturação para a aquisição da identidade sexual 26

 A Teoria da Aprendizagem Social.....29

 Teorias Cognitivas.....31

Perspectiva Multifactorial da Identidade Sexual33

 O Sexo Biológico.....36

O Desenvolvimento Sexual de Base Genética.....37

O Desenvolvimento Sexual de Base Hormonal.....39

O Desenvolvimento Sexual de Base Neuro-anatómica.....41

 A Identidade do Género45

As Diferenças entre sexos na Personalidade, nas Cognições e no Comportamento Social.....44

Teorias do Desenvolvimento Cognitivo49

A Identidade do Género, o Contexto, a Imagem Corporal e a Auto-categorização50

A Visão de Bem.....52

A Visão de Amâncio.....53

<i>A Identidade de Género como um conceito multidimensional</i>	55
Os Papéis Sexuais Sociais	56
<i>O Contexto Social do Desenvolvimento dos Papéis Sexuais</i>	57
<i>A Masculinidade, a Feminilidade e os Estereótipos</i>	58
Orientação Sexual.....	63
<i>Origens da Orientação Sexual</i>	67
<i>Desenvolvimento da Orientação Sexual</i>	70

CAPÍTULO 2 – SEXUALIDADE E CULTURA

A História da Sexualidade segundo Michel Foucault	72
A Construção Social da Sexualidade	76
O que é a Sexualidade?.....	76
<i>A Dimensão Sócio-cultural da Sexualidade</i>	77
<i>A Dimensão Interpessoal da Sexualidade</i>	79
<i>A Dimensão Individual da Sexualidade</i>	80
<i>Os Fins da Sexualidade</i>	82
<i>Sexualidade e Cultura segundo Bhattacharyya</i>	83
Variações Culturais no Comportamento Sexual	85
Principais Estudos sobre a variabilidade na Organização Social do comportamento sexual	85
Variabilidade na Organização das Relações entre os sexos	88
Variabilidade nas Práticas Sexuais.....	91
O Grande Debate: Essencialismo versus Construtivismo Social	92

CAPÍTULO 3 – A IDENTIDADE HOMOSSEXUAL

Principais Variáveis Não-Psicológicas correlacionadas com a homossexualidade	97
Os genes	98
As Hormonas e a Neuro-Anatomia	99
Variáveis Ambientais.....	101
Modelos de Construção da Identidade Homossexual	102
Definir Homossexualidade	102
A Construção da Identidade Homossexual.....	105
<i>Actos</i>	106
<i>Amor e Desejo</i>	107
A Identidade Homossexual	108
<i>O Coming Out</i>	109
<i>O Modelo de Woodman e Lenna</i>	109
<i>O Modelo de Cass</i>	110
<i>O Modelo de Coleman</i>	115
<i>O Modelo de Newman & Muzzonigro</i>	117
<i>O Modelo de Morris</i>	117
<i>O Modelo de Pett</i>	117
<i>O Modelo de Rybicki</i>	118
<i>O Modelo de Elizur & Mintzer</i>	118
<i>O Modelo de Minton & McDonald</i>	119
<i>O Modelo de Troiden</i>	119
<i>O Modelo de Nonn</i>	120
<i>O Modelo de Nicholas</i>	120

<i>O Modelo de Parker</i>	121
<i>O Modelo de Rubio</i>	121
<i>O Modelo de McCarn e Fassinger</i>	122
<i>O Modelo Ecológico de Alderson</i>	123
Influências na Construção da Identidade Homossexual	124
Influências de natureza psicossocial	124
Adolescência, Identidade e Identidade Homossexual	127
Influências parentais, familiares e dos amigos	129
Preocupações de Saúde e Comportamento Sexual.....	131
A Comunidade Homossexual	133
O Modelo Gay – Conceitos-Chave	133
Conceitos Antropo-sociológicos.....	134
Conceitos particulares sobre Masculinidade e Orientação Sexual	138
Ainda sobre os Passivos e os Activos	140
O Modelo Lésbico – Conceitos-Chave	142
Modelos Psicodinâmicos da Identidade Lésbica	144
Conceitos particulares sobre Feminilidade e Orientação Sexual	145
O Modelo Bissexual – Conceitos-Chave	147
A Importância da Bissexualidade no Desenvolvimento da Identidade Homossexual	150
A Teoria Queer (QUEER THEORY)	152
Variações Transculturais com base na visão Evolucionista da Homossexualidade	155
Modelos Teóricos de suporte à Identidade Homossexual	157
A Adopção de um ponto de vista social construtivista.....	160
A Manutenção da Identidade Homossexual	162

Uma Comunidade Gay, Lésbica e Bissexual Portuguesa? – Uma breve reflexão..... 166

CAPÍTULO 4 – METODOLOGIA

Objectivo 169

Instrumentos e sua validação..... 170

 A Entrevista Exploratória 172

 Consentimento informado e Questionário Sócio-demográfico 174

 O Questionário de Identidade Homossexual 175

Recolha da Amostra para o Questionário de Identidade Homossexual
..... 178

 A Grelha de Orientação Sexual de Klein 179

 A Grelha Classificatória dos Papes Sexuais..... 181

Amostragem..... 182

Procedimentos 184

A Internet como suporte da Investigação 188

 Questões Éticas 191

 A utilização de inquéritos para amostragens on-line 193

Análise descritiva, inferencial e factorial 195

Análise de Modelos Estruturais..... 197

Operacionalização do Modelo de Medida.....200

CAPÍTULO 5 – RESULTADOS

Caracterização Sócio-demográfica203

 Amostra A203

 Amostra B204

 Amostra C.....210

Propriedades psicométricas dos instrumentos.....	212
Do Questionário de Identidade Homossexual	212
Da Grelha de Orientação Sexual de Klein	215
Do Questionário de Identidade Homossexual	219
Da Grelha de Orientação Sexual de Klein	241
Definição do Modelo Inicial.....	247
Dimensão “presente”	251
Dimensão “passado”	254
Dimensão “ideal”	257
Modelo Alternativo	261
Dimensão “presente”	265
Dimensão “passado”	268
Dimensão “ideal”	271
Modelo Final.....	275
Dimensão “presente”	279
Dimensão “passado”	282
Dimensão “ideal”	285
Da comparação entre os Modelos Finais	288

CAPÍTULO 6 – DISCUSSÃO

Discussão.....	290
Do Modelo Inicial.....	291
Do Modelo Alternativo	293
Do Modelo Final	296

BIBLIOGRAFIA

Bibliografia.....302

ANEXOS

Anexos.....333

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 – O Desenvolvimento da Identidade de Erikson	21
Quadro 2 – Modelo de Identidade Sexual de Shively e DeCecco	35
Quadro 3 – Traços Estereotipados dos Homens.....	59
Quadro 4 – Traços Estereotipados das Mulheres.....	59
Quadro 5 – Exemplos de feminilidade e masculinidade	60
Quadro 6 – Características Tipicamente femininas ou masculinas.....	60
Quadro 7 – Inventário das características de feminilidade e masculinidade de Bem	61
Quadro 8 – Modelo bipolar da orientação sexual	63
Quadro 9 – Modelo de Kinsey.....	64
Quadro 10 – Modelo Bidimensional de categorias de orientação sexual.....	65
Quadro 11 – Grelha de Orientação Sexual de Klein	66
Quadro 12 – Proporção de comportamento homossexual	103
Quadro 13 – Modelo de identidade homossexual de Rubio.....	121
Quadro 14 – Possibilidades conferidas aos activos	141
Quadro 15 – Quadro de Categorias resultante da análise de conteúdo das Entrevistas.....	172
Quadro 16 – Grelha de Orientação Sexual de Klein	179
Quadro 17 – Grelha Classificatória dos Papéis Sexuais	181
Quadro 18 – Índices de Adequabilidade dos dados ao Modelo	199
Quadro 19 – Organização final dos itens e das categorias do Questionário de Identidade Homossexual após Análise Factorial.....	213
Quadro 20 – Questionário de Identidade Homossexual (versão final).....	214
Quadro 21 – Agregação final dos componentes principais da Grelha de Orientação Sexual de Klein após Análise Factorial.....	216
Quadro 22 – Versão final da Grelha de Orientação Sexual de Klein	217
Quadro 23 – Versão final da Grelha de Orientação Sexual de Klein (cont.)	218
Quadro 24 – Resultados da análise de frequências do Questionário de Identidade Homossexual.....	219
Quadro 25 – Análise de Frequências para os itens da Grelha de Orientação Sexual de Klein	241

Quadro 26 – Coeficientes estandardizados de trajectória para os coeficientes de trajectória $\geq 0,4 $ do Modelo inicial para a dimensão “presente”	251
Quadro 27 – Coeficientes estandardizados de trajectória para os coeficientes de trajectória do Modelo inicial para a dimensão “presente” (continuação)	252
Quadro 28 – Correlações do Modelo Inicial para a dimensão “presente”	253
Quadro 29 – Coeficientes estandardizados de trajectória para os coeficientes de trajectória do Modelo inicial para a dimensão “passado”	254
Quadro 30 – Coeficientes estandardizados de trajectória para os coeficientes de trajectória do Modelo inicial para a dimensão “passado” (continuação)	255
Quadro 31 – Correlações do Modelo inicial para a dimensão “passado”	256
Quadro 32 – Coeficientes estandardizados de trajectória para os coeficientes de trajectória do Modelo inicial para a dimensão “ideal”	257
Quadro 33 – Coeficientes estandardizados de trajectória para os coeficientes de trajectória do Modelo inicial para a dimensão “ideal” (continuação)	258
Quadro 34 – Correlações do Modelo inicial para a dimensão “ideal”	259
Quadro 35 – Organização final dos itens e das categorias do Questionário de Identidade Homossexual após Análise Factorial	262
Quadro 36 – Coeficientes de trajectória para todas as relações do Modelo alternativo para a dimensão “presente”	265
Quadro 37 – Coeficientes de trajectória para todas as relações do Modelo alternativo para a dimensão “presente” (continuação)	266
Quadro 38 – Correlações do Modelo alternativo para a dimensão “presente”	266
Quadro 39 – Coeficientes de trajectória para todas as relações do Modelo alternativo para a dimensão “passado”	268
Quadro 40 – Coeficientes de trajectória para todas as relações do Modelo alternativo para a dimensão “passado” (continuação)	269
Quadro 41 – Correlações do Modelo alternativo para a dimensão “passado”	269
Quadro 42 – Coeficientes de trajectória para todas as relações do Modelo alternativo para a dimensão “ideal”	271
Quadro 43 – Coeficientes de trajectória para todas as relações do Modelo alternativo para a dimensão “ideal” (continuação)	272

Quadro 44 – Correlações do Modelo alternativo para a dimensão “ideal” ...	272
Quadro 45 – Coeficientes de trajectória para as trajectórias significativas do Modelo Final para a dimensão “presente”	279
Quadro 46 – Coeficientes de trajectória para as correlações do Modelo Final para a dimensão “presente”	280
Quadro 47 – Coeficientes de trajectória para as relações do Modelo Final para a dimensão “passado”	282
Quadro 48 – Coeficientes de trajectória para as correlações do Modelo Final para a dimensão “passado”	283
Quadro 49 – Coeficientes de trajectória para as relações do Modelo Final para a dimensão “ideal”	285
Quadro 50 – Coeficientes de trajectória para as correlações do Modelo Final para a dimensão “ideal”	286
Quadro 51 – Comparação do ajustamento entre os Modelos Finais	288

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Apresentação e Consentimento informado – aspecto on-line.....	173
Figura 2 – Questionário Demográfico – aspecto on-line	174
Figura 3 – Questionário de Identidade Homossexual – aspecto on-line	177
Figura 4 – Questionário de Identidade Homossexual – aspecto on-line	177
Figura 5 – Página de Apresentação do estudo no portal <i>Gaydar</i>	185
Figura 6 – Página de Apresentação do estudo no portal <i>Gaydar</i>	185
Figura 7 – Exemplo de Perfil de utilizador registado	186
Figura 8 – Exemplo de Perfil de utilizador registado (cont.).....	187
Figura 9 – Modelo de Medida operacionalizado a partir da Análise Factorial exploratória e da revisão da literatura	201
Figura 10 – Caracterização demográfica da amostra A por género sexual (painel A) e orientação sexual (painel B).....	203
Figura 11 – Caracterização demográfica da amostra B por género sexual	204
Figura 12 – Caracterização demográfica da amostra B por proveniência Geográfica	205
Figura 13 – Caracterização da amostra B por estatuto sócio-económico.....	205
Figura 14 – Caracterização da amostra B por escolaridade	206
Figura 15 – Caracterização da amostra B por estado civil	206
Figura 16 – Caracterização da amostra B por orientação sexual	207
Figura 17 – Resultados da caracterização sócio-demográfica por apoio familiar, apoio dos amigos e força do self	207
Figura 18 – Resultados da caracterização sócio-demográfica por auto-estima, por número de parceiros e relacionamentos significativos.....	208
Figura 19 – Resultados da caracterização sócio-demográfica por experiências de discriminação directa e por experiências de discriminação indirecta.....	209
Figura 20 – Resultados da caracterização sócio-demográfica por preocupações de saúde por causa da sexualidade e por pertença a um grupo ideológico ou religioso organizado	209
Figura 21 – Caracterização da amostra C por género sexual	210
Figura 22 – Caracterização da amostra C por <i>outness</i>	210
Figura 23 – Caracterização da amostra C por auto-identificação quanto à	

orientação sexual	211
Figura 24 – Caracterização da amostra C por papel no acto sexual	211
Figura 25 – Valores médios (+/- D.P.) de Alienação para indivíduos mais novos e mais velhos.....	221
Figura 26 – Valores médios (+/- D. P.) de Alienação para Estatutos Sócio-Económicos.....	222
Figura 27 – Valores médios (+/- D. P.) de Alienação consoante auto-identificações face à orientação sexual	222
Figura 28 – Valores médios (+/- D. P.) de Gestão da Homofobia para Homens e Mulheres.....	223
Figura 29 – Valores médios (+/- D. P.) de Gestão da Homofobia para indivíduos mais novos e mais velhos	224
Figura 30 – Valores médios (+/- D. P.) da Gestão da Homofobia de acordo com as proveniências geográficas.....	225
Figura 31 – Valores médios (+/- D.P.) de Gestão da Homofobia para os diferentes grupos de escolaridade	225
Figura 32 – Valores médios (+/- D. P.) de Gestão da Homofobia de acordo com o Estado Civil.....	226
Figura 33 – Valores médios (+/- D. P.) para a Gestão da Homofobia para a auto-identificação face à Orientação Sexual	227
Figura 34 – Valores médios (+/- D. P.) para a Trajectória de aceitação para indivíduos mais novos e mais velhos.....	228
Figura 35 – Valores médios (+/- D. P.) de Trajectória de aceitação para a proveniência geográfica	229
Figura 36 – Valores médios (+/- D. P.) de Trajectória de aceitação de acordo com o Estatuto Sócio-Económico	229
Figura 37 – Valores médios (+/- D. P.) de Trajectória de aceitação de acordo com a Escolaridade.....	230
Figura 38 – Valores médios (+/- D. P.) para a Trajectória de aceitação entre Estados Civis.....	231
Figura 39 – Valores médios (+/- D. P.) para a Trajectória de aceitação de acordo com a Orientação Sexual.....	232
Figura 40 – Valores médios (+/- D. P.) para as Estratégias de <i>Coping</i> entre Proveniências Geográficas distintas.....	233

Figura 41 – Valores médios (+/- D. P.) para as Estratégias de <i>Coping</i> para a Orientação Sexual.....	234
Figura 42 – Valores médios (+/- D. P.) para a Gestão da aceitação entre homens e mulheres.....	235
Figura 43 – Valores médios (+/- D. P.) para a Gestão da aceitação entre indivíduos mais novos e mais velhos.....	236
Figura 44 – Valores médios (+/- D. P.) para a Gestão da aceitação consoante o grau de Escolaridade	236
Figura 45 – Valores médios (+/- D. P.) para a Gestão da aceitação entre Estados Cívicos.....	237
Figura 46 – Valores médios (+/- D. P.) para a Gestão da Aceitação entre diferentes Orientações Sexuais	238
Figura 47 – Valores médios (+/- D. P.) da Relativização entre Estatutos Sócio-Económicos.....	239
Figura 48 – Valores médios (+/- D. P.) para a Relativização para diferentes auto-identificações face à Orientação Sexual.....	240
Figura 49 – Valores médios dos scores da dimensão “atracção sexual” nos momentos presente, passado e ideal após MANOVA significativa.....	242
Figura 50 – Valores médios dos scores da dimensão “comportamento sexual” nos momentos presente, passado e ideal após MANOVA significativa.....	243
Figura 51 – Valores médios dos scores da dimensão “fantasia sexual” nos momentos presente, passado e ideal após MANOVA significativa.....	243
Figura 52 – Valores médios dos scores da dimensão “preferência social” nos momentos presente, passado e ideal após MANOVA significativa.....	244
Figura 53 – Valores médios dos scores da “dimensão preferência social” nos momentos presente, passado e ideal após MANOVA significativa.....	245
Figura 54 – Valores médios dos scores da dimensão “estilo de vida” nos momentos presente, passado e ideal após MANOVA significativa.....	245
Figura 55 – Valores médios dos scores da dimensão “auto-identificação” nos momentos presente, passado e ideal após MANOVA significativa.....	246
Figura 56 – Modelo Inicial	249
Figura 57 – Modelo inicial de Equações Estruturais da Identidade Homossexual para a dimensão “presente”	253

Figura 58 – Modelo inicial de Equações Estruturais da Identidade Homossexual para a dimensão “passado”256

Figura 59 – Modelo inicial de Equações Estruturais da Identidade Homossexual para a dimensão “ideal”259

Figura 60 – Modelo de Medida263

Figura 61 – Modelo alternativo de Equações Estruturais da Identidade Homossexual para a dimensão “presente”267

Figura 62 – Modelo alternativo de Equações Estruturais da Identidade Homossexual para a dimensão “passado”270

Figura 63 – Modelo alternativo de Equações Estruturais da Identidade Homossexual para a dimensão “ideal”273

Figura 64 – Modelo de Medida final para a dimensão “presente”275

Figura 65 – Modelo Final278

Figura 66 – Modelo Final de Equações Estruturais da Identidade Homossexual para a dimensão “presente”281

Figura 67 – Modelo Final de Equações Estruturais da Identidade Homossexual para a dimensão “passado”284

Figura 68 – Modelo Final de Equações Estruturais da Identidade Homossexual para a dimensão “ideal”287

Figura 69 – Modelo Empírico de Identidade Homossexual para a dimensão “passado”299

.....

INTRODUÇÃO

“Being human is an endless effort to collect our distributed selves from all the locations where they are scattered, forging them into a more coherent account of who we are.” – DiNicola, 1997, p. 12

“Homosexuality is a complex, multidimensional phenomenon whose salient features are related to one another in highly contingent and diverse ways.” – Laumann et al., 1994, p. 320

O estabelecimento de um sentido de identidade é uma tarefa central no desenvolvimento humano, na medida em que se torna vital a manutenção de uma coerência pessoal que resulta da integração do desejo, da história de vida e das relações significativas com os demais.

Quem somos, como vemos os outros, como os outros nos vêem a nós e o modo como nos relacionamos com eles, representam aspectos da identidade, na medida em que se referem a um processo de características partilhadas de forma bimodal (Erikson, 1959), ou seja, onde se estabelecem ligações entre as auto-percepções internas e as percepções do *self* como parte integrante de um ambiente social (Josselson, 1987).

Contudo, definir claramente o conceito de identidade como expressão de uma dimensão sexual não é uma tarefa fácil, devido à multidimensionalidade de factores em jogo. Para uns a identidade sexual resume-se à convicção que cada um tem como sendo homem ou mulher (Bohan, 1997); para outros, o conceito é equivalente ao da orientação sexual (Narring *et al.*, 2003). Shively & DeCecco (1977/1993) têm um dos modelos mais compreensivos, considerando a identidade sexual como o resultado da interacção de quatro componentes fundamentais: o sexo biológico, a identidade do género, os papéis sexuais sociais e a orientação sexual.

Desde o nascimento até à idade adulta que se vão moldando uma série de características somatoformes, definidas genética e biologicamente, que ajudam o indivíduo a consolidar a sua auto-convicção como representante do sexo masculino ou feminino. Este movimento de consolidação não é mais do que uma descoberta que coloca novos desafios, na medida em que a construção da identidade sexual de cada um de nós passa pela integração de outros factores que vão para além do sexo biológico. Entre eles, a identidade do género, ou seja, a tomada de consciência de que se tem uma anatomia que condiciona o género sexual a que se pertence – homem ou mulher; os papéis sexuais sociais, que se referem ao conjunto das características que uma sociedade determina como sendo masculinas ou femininas, nomeadamente gestos, palavras e atitudes; e, finalmente, a orientação sexual, ou seja, a inclinação afectivo-sexual que um sujeito exerce face a outro de sexo oposto ou do mesmo sexo.

Partindo do pressuposto que a identidade sexual é um fenómeno construído socialmente, por oposição à assunção do que é normal ou desviante, surge a necessidade de compreender como é que se procede a esta construção quando falamos de pessoas que se identificam como homossexuais.

A afirmação de uma identidade homossexual pode colocar alguns problemas no que diz respeito à gestão de um sentido de coerência pessoal. Afinal, a nossa cultura particular faz uma clara distinção entre *se/ves* privados e públicos no que diz respeito à expressão de uma identidade gay ou lésbica e estas discrepâncias podem influenciar o processo de construção identitária.

Porém, nos últimos anos, temos assistido a uma notória mudança no que diz respeito ao modo como se tem lidado com os assuntos relacionados com a população homossexual. Desde que a Associação Americana de Psiquiatria retirou a homossexualidade dos seus critérios de diagnóstico das doenças mentais em 1973, e desde que a maior parte dos governos ocidentais “despatologizou” as identidades gay, lésbica e bissexual, produzindo legislação protectora, que se criou uma nova legitimidade relativamente à expressão cultural destes indivíduos.

Esta legitimidade teve consequências particulares na produção científica, tendo-se elaborado modelos teóricos de construção da identidade homossexual (predominantemente norte-americanos) revestidos de um carácter essencialista, sugerindo a formação progressiva dessa identidade através de estádios desenvolvimentais, nomeadamente: a sensibilização face a experiências homoeróticas, a confusão identitária ou incongruência, progredindo através da significação, da exploração, da rotulação, da tolerância e da aceitação identitária, culminando na integração ou na relativização da identidade homossexual (Cass, 1979; Coleman, 1981/1982; Newman & Muzzonigro, 1994; Morris, 1997; Rybicki, 1994; Minton & McDonald, 1983; Troiden, 1989; Nonn, 1997; Nicholas, 1995; Parker, 1994; McCarn & Fassinger, 1996). No entanto, esta progressão linear é-nos difícil de aceitar, na medida em que não são contemplados os contextos sociais e históricos vigentes e também não são reconhecidos os diferentes caminhos para que cada um dos indivíduos chegue à identidade homossexual, nomeadamente o facto de não ser condição

necessária para tal tarefa a conformidade face ao comportamento homoerótico (Dube, 2000; Ross *et al.*, 2003).

Por outro lado, verifica-se uma grande *décalage* entre as mudanças legislativas e de enquadramento de saúde mental (que são positivas) e a legitimidade social, representada pelos estereótipos e discriminação que ainda são marcantes nas nossas sociedades e que apresenta claras consequências.

A população homossexual apresenta-se mais vulnerável do que outras populações normativas. Por exemplo, apresenta maiores níveis de depressão, suicidalidade, ansiedade e perturbações de pânico (Mays & Cochran, 2000; Fergusson *et al.*, 1999; Atkinson *et al.*, 1998; Tross, 1987; Ayala & Coleman, 2000; McGrath *et al.*, 1990; Wichstrom & Hegna, 2003; McAndrew & Warne, 2004), maiores níveis de consumo de álcool e outras drogas (Pillard, 1998, Rosário *et al.*, 2004), maior prevalência de transtornos afectivos ao longo da vida (Williams *et al.*, 1991) e falta de apoio social e isolamento (Dunker, 1987).

Infelizmente, ainda nos depararmos com uma forte ignorância social e científica acerca das questões da sexualidade humana em geral e da homossexualidade em particular. Isto pode fazer com que os indivíduos que se identificam como homossexuais estejam sob forte pressão familiar e social, próprias dessa falta de informação e intolerância, muitas vezes traduzida na discriminação.

Neste sentido, os indivíduos merecem o acesso a uma prática clínica quando solicitada, irrepreensível. De facto, tal como nos diz a American Psychological Association (*Policy Statements on Lesbian, Gay, and Bisexual Concerns*, APA, 1997), é fundamental que os psicólogos não enveredem por códigos de conduta injustos e discriminatórios, baseados na má informação que detenham relativamente à orientação e à identidade sexuais. Do mesmo modo, torna-se fundamental que todos os psicólogos estejam cientes das diferenças culturais, individuais e de papel para que eliminem esses enviesamentos da sua prática profissional.

Assim, para que o trabalho dos psicólogos nesta área seja eficaz, quer trabalhem com indivíduos, quer trabalhem com grupos, é imprescindível a obtenção de informação, treino, experiência ou supervisão, mesmo que a actuação se resuma ao encaminhamento para técnicos mais habilitados (*Ethical Principles of Psychologists and Code of Conduct*, APA, 1992).

Os dados que se apresentam na presente tese procurarão ser um contributo para a criação de um quadro referencial sobre as questões da identidade homossexual, o que se pode constituir como uma mais valia para os profissionais da Psicologia em geral e da Psicologia Clínica em particular. De facto, tal como nos demonstram Amaral & Moita (2004) e Moita (2001) no que diz respeito à intervenção dos técnicos de saúde mental (psicólogos e psiquiatras), em Portugal ainda há muito a fazer na mudança das suas atitudes, uma vez que se constata que, neste contexto clínico, ainda se manifesta uma visão preconceituosa face à homossexualidade (e conseqüentemente, face à identidade homossexual), que se traduz na consideração da mesma como uma anomalia, uma parafilia, uma disfunção sexual ou um comportamento anormal.

Por último, o presente estudo poderá também acarretar implicações para o futuro desta área de investigação em Portugal. O desafio da pesquisa das influências sociais sobre o desenvolvimento da identidade homossexual está a dar os primeiros passos no nosso país e, a partir daqui, levantar-se-ão novas questões de investigação que forneçam mais *insights* sobre o modo como os indivíduos constroem o seu sentido único de identidade.

Partindo deste enquadramento teórico, estabelece-se como objectivo fundamental explicar o processo de construção da identidade homossexual, através da produção de um modelo construtivista com base na análise de equações estruturais. Esta análise consiste no estudo simultâneo de diferentes funções nas interligações entre variáveis latentes (que não foram medidas directamente) e variáveis observadas (que foram medidas directamente).

A abordagem à explicação da identidade homossexual recorrendo à análise de equações estruturais é um procedimento novo na investigação psicológica, o que também se pode constituir como uma mais valia para o desafio aos métodos estatísticos tradicionais de regressão linear.

Na primeira parte deste trabalho (fundamentação teórica) começou-se pela definição de conceitos básicos que subjazem à operacionalização dos conceitos de identidade, identidade sexual e os seus principais componentes.

Seguidamente, debateram-se questões centrais sobre a problemática da sexualidade e da cultura, o que nos conduziu à adopção de um ponto de vista social construtivista.

Teceram-se, depois, considerações fundamentais sobre a identidade homossexual, apresentando-se as principais variáveis que lhe estão correlacionadas e os modelos de identidade homossexual existentes na literatura, bem como os seus determinantes. Foram, também, explorados alguns conceitos-chave da temática GLB (gay, lésbica e bissexual), dadas as suas especificidades no contexto social actual.

Trataram-se, finalmente, alguns quadros teóricos sobre a identidade homossexual, nomeadamente a teoria *Queer*, a teoria evolucionista e um conjunto de teorias psicológicas que sustentam a identidade homossexual.

Dando forma ao corpo metodológico da presente pesquisa, a principal questão de investigação decorre da necessidade de saber como é que nas pessoas homossexuais se desenvolvem e processam as questões ligadas à sua identidade.

Para investigar esta questão delineou-se um estudo observacional-descritivo, tendo-se contado com a participação de dois mil e vinte (2020) indivíduos, distribuídos por três amostras distintas e que preencheram os instrumentos utilizados no presente trabalho.

Foram apresentadas questões práticas sobre a utilização da Internet como suporte da investigação sobre a identidade homossexual, dado que a metodologia do presente estudo assenta neste recurso tecnológico.

Finalmente, procedeu-se ao tratamento dos dados recolhidos e correspondente análise estatística, à apresentação dos resultados e sua discussão.

CAPÍTULO 1 – CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS SOBRE IDENTIDADE

“The sense of ego identity...is the accrued confidence that the inner sameness and continuity prepared in the past are matched by the sameness and continuity of one’s meaning for others.” – Erikson, 1950, p. 261

Considerações da Psicologia Cognitiva

A identidade pressupõe a concepção de idêntico, das características em comum entre os membros de um grupo e que os tornam semelhantes entre si e os diferenciam dos outros grupos. É construída imaginariamente, como representação da história de vida de um sujeito, uma história coerente e unitária que está em permanente processo de significação, reelaboração e de investimento em novas identificações e novas significações (Lago, 1999).

A principal característica envolvida no processo identitário é a auto-categorização (Turner *et al.*, 1987), ou seja, o facto de um indivíduo saber que pertence a uma determinada categoria social ou a um determinado grupo (Hogg & Abrams, 1988). Através de processos de comparação social, os indivíduos semelhantes são categorizados e rotulados no grupo interno; os indivíduos que diferem são categorizados no grupo externo.

A principal consequência dos processos de categorização é a acentuação das semelhanças percebidas entre o *self* e os outros membros do grupo interno e do grupo externo (Stets & Burke, 2000). Esta acentuação ocorre devido ao facto de as atitudes, crenças, valores, reacções afectivas, normas comportamentais, estilos de linguagem e outras propriedades, estarem correlacionadas com as categorizações mais relevantes. Isto permitirá, nomeadamente, o aumento da auto-estima, tal como é avaliada no grupo interno e no grupo externo (Stets & Burke, 2000).

As categorias sociais nas quais os indivíduos se colocam, são partes de uma sociedade estruturada e apenas existem por contraponto a outras categorias (por exemplo, brancos *versus* negros), apresentando cada uma delas, mais ou menos poder ou prestígio (Hogg & Abrams, 1988). Para além disto, os indivíduos nascem numa sociedade estruturada de acordo com moldes já determinados. Uma vez na sociedade, as pessoas adquirem a sua identidade a partir do sentido das categorias sociais às quais pertencem. Contudo, cada indivíduo será o resultado de uma combinação única das categorias sociais, o que significa que, o conjunto de identidades possíveis é, igualmente, único.

De um modo geral, a identidade é composta por auto-percepções que derivam da reflexão das identificações que ocorrem num grupo particular. Assim, as bases da auto-identificação dependem do modo como os indivíduos importam as expectativas e as significações vigentes numa determinada sociedade estruturada.

As duas teorias dominantes sobre o conceito de identidade que prevalecem na literatura são a Teoria da Identidade e a Teoria da Identidade Social (Hitlin, 2003). Cada uma delas liga os indivíduos ao mundo social através da concepção de um *self* composto por várias identidades sociais, nomeadamente a compreensão dos papéis sociais e dos grupos sociais, respectivamente.

Por outro lado, a dimensão pessoal ligada à identidade revela um sentido de *self* que enfatiza a autonomia individual e não tanto o envolvimento com o grupo (Hewitt, 1997).

A natureza da identidade pessoal reitera a ideia de um *self* profundo, próprio da sociedade ocidental, oferecido como uma distinção entre a vida privada e a vida pública (Baumeister, 1986).

A identidade pessoal será, portanto, um sentido de continuidade, integração e diferenciação, construído pelo indivíduo não em relação à sua comunidade e à sua cultura, mas em relação ao *self* e aos seus projectos (Hewitt, 1989).

Ter uma identidade particular significa pertencer a um determinado grupo, bem como perceber a realidade de acordo com a perspectiva deste. Por outro lado, desempenhar um papel de acordo com uma certa identidade, significa cumprir as expectativas reservadas a esse papel, coordenando e negociando a interacção com os membros do grupo e manipulando o ambiente de modo a controlar os recursos à sua volta (Stets & Burke, 2000).

A identidade apresenta-se baseada em duas plataformas principais: uma, baseada no grupo; e outra, baseada nos papéis sociais. A origem da primeira reside na uniformidade das percepções e dos comportamentos entre os membros dos grupos, ao passo que a origem da segunda reside na

diferenciação das percepções e dos comportamentos que acompanham os papéis sociais (Stets & Burke, 2000).

Nas identidades baseadas no grupo, a uniformidade das percepções revela-se, primariamente, através dos estereótipos e dos laços afectivos que se estabelecem. Já nas identidades baseadas nos papéis, a uniformidade revela-se mais através da conformidade entre as significações pessoais sobre o que significa ocupar um determinado papel e os comportamentos actualizados na inter-relação com os outros (Burke & Reitzes, 1981). Ao assumirem uma identidade de papel, os indivíduos adoptam auto-significados e expectativas que transportam para a relação interpessoal, agindo como representantes e como conservadores desses mesmos significados e expectativas (Thoits & Virshup, 1997).

As bases grupais e de papéis da identidade correspondem às formas orgânicas e mecânicas de organização social analisadas por Durkheim ([1893], 1984), nas quais as pessoas estariam ligadas organicamente aos seus grupos através das identidades sociais e mecanicamente através dos papéis de identidade.

No nível mais basilar da identidade, encontra-se o indivíduo, impregnado de um sentido de entidade único e revestido de uma forte auto-categorização (Hogg & Abrams, 1988), distinto dos outros indivíduos. O indivíduo age de acordo com os seus objectivos e desejos, e não tanto em função da sua posição como membro de um grupo ou de uma categoria.

Este nível de identidade depende de factores situacionais, como a comparação social ou os esquemas normativos, mas também de aspectos mais individuais, tais como: os sentimentos pessoais, os valores ou as expectativas (Deaux, 1992).

Assim, as características idiossincráticas da identidade pessoal são adicionadas às características sociais, representando o conceito de identidade como uma visão abrangente do *self*. Portanto, a identidade resulta do conjunto de significados ligados ao *self* e que lhe dão sustento como um ser individual.

Uma vez que o conjunto de significados ligados ao *self* serve como padrão ou referência para quem um indivíduo é, quando a identidade é activada, estabelece-se um *feedback* entre quatro componentes: o padrão ou o *setting* (o conjunto de auto-significações); o *input* do ambiente ou das situações

sociais (incluindo as avaliações reflectidas, i.e., as percepções sobre significados relevantes); um processo que compara o *input* com o padrão (o comparador); e, por último, um *output* para o ambiente (comportamento significativo) que é resultado da comparação (Burke, 1991).

O sistema trabalha com o objectivo de modificar o *output* (o comportamento) através das tentativas de modificação do *input*. Assim, homeostaticamente, o padrão inicial fica definido pelos significados que o indivíduo possui. Quando a identidade é activada, o processo identitário começa a operar continuamente de modo a manter a congruência entre o padrão identitário e as avaliações reflectidas. Seguidamente, o *output* do sistema (comportamentos significativos) está primariamente ligado ao seu *input* (auto-significados percebidos) através do ambiente social.

O processo identitário é um processo contínuo de *feedback* com constantes ajustamentos dos comportamentos reflectidos que são congruentes com os padrões de identidade (Burke, 1991). Em ambientes familiares, este processo acontece quase automaticamente, requerendo pouca ou nenhuma atenção. No entanto, a existência de muita discrepância pode indicar alguma interrupção no processo identitário.

O processo cognitivo central nas questões identitárias é o conceito de despersonalização (Sets & Burke, 2000), i.e., o facto de se considerar o *self* como uma incorporação do protótipo do grupo interno, resultante da representação cognitiva da categoria social que contém os significados e as normas que o indivíduo associa à categoria social (Hogg *et al.* 1995)

Outro aspecto cognitivo importante é a conceito de auto-verificação, ou seja, a consideração do *self* em termos da incorporação do papel da identidade padrão (Burke, 1991). Quando a identidade é activada, ocorre a auto-verificação. Neste processo, o indivíduo comporta-se de modo a manter a consistência com a identidade padrão. A auto-verificação envolve processos comportamentais, tais como: a adopção e a administração de rótulos, e a formação de grupos (Burke & Cast, 1997).

Os processos de despersonalização e auto-verificação demonstram que o sentido de pertença a um grupo ou papéis envolvem dois aspectos fundamentais: a identificação com uma categoria e os comportamentos associados a essa categoria.

Quando nos identificamos com as estruturas sociais e nos comportamos de acordo com as expectativas ligadas à nossa identificação, estamos a agir no contexto, na referência e na reafirmação da estrutura social (Thoits & Virshup, 1997).

Relativamente às razões de ordem motivacional para a identidade, o processo tem como objectivo a manutenção e o aumento da auto-estima (Turner *et al.*, 1987). No entanto, o motivo da auto-estima foi substituído pelo de auto-estima colectiva (Crocker & Luhtanen, 1990), auto-conhecimento, auto-consistência e auto-eficácia (Abrams & Hogg, 1990) e auto-regulação (Abrams, 1994).

A identidade de um indivíduo pode mudar na medida em que a incongruência entre o *input* de significações e o padrão de identidade gera quantidades de *stress* que se tornam modificadoras da identidade (Burke, 1991). Como consequência, a identidade muda. No entanto, deverão reunir-se um conjunto de condições para isso acontecer, nomeadamente, o facto de os baixos níveis identitários não conseguirem manter a congruência das avaliações reflectidas.

Farrell & Rosenberg (1981) demonstraram o papel determinante de circunstâncias consideradas muito *stressantes* na ocorrência de crises identitárias de meia-idade, como por exemplo, a experiência de ser prisioneiro em campos de concentração. Schein (1957) verificou que a eficácia das técnicas das doutrinas chinesa e russa dependiam da destruição das identificações e dos laços sociais, substituindo-os por uma nova identidade, menos ansiosa e mais segura, restabelecendo um novo processo identitário.

Farrel & Rosenberg (1981) demonstraram a mudança da identidade em circunstâncias menos extremas, como por exemplo na meia-idade. Aqui, as mudanças verificadas são o resultado da acumulação de discrepâncias e de auto-conceptualizações anteriores. Por outro lado, Shanahan (1985), no seu estudo longitudinal com adultos ao longo de oito anos, verificou que as mudanças identitárias durante este período de tempo se centraram na reorganização da personalidade no sentido de uma consistência interna quando esta fora perdida.

O conceito de identidade está impregnado de um conjunto de traços idiossincráticos e de personalidade (Hogg & Abrams, 1988; Turner *et al.* 1987).

No entanto, a identidade pode também ser encarada a um nível de ancoragem do *self* a um conjunto de estruturas de valor (Hitlin, 2003), na medida em que representam material simbólico e cultural significativo e são experienciados como necessários e fundamentais para a validação do *self*.

Neste sentido, a relação entre a identidade e a personalidade e os valores pode ser o reflexo de uma característica básica de autenticidade que confere à identidade um auto-motivo primário. Por outras palavras, se nos sentimos autênticos, comportamo-nos de acordo com os nossos valores e activamos a nossa identidade pessoal (Gecas, 2000).

A identidade envolve, igualmente, conceitos e crenças que pertencem a estados finais de desejabilidade (Schwartz, 1992). A incorporação destes critérios na identidade permite uma resposta emocional e motivacional face às situações de vida, que podem incluir a criação de várias versões possíveis do mesmo *self*.

Por outro lado, a identidade transcende situações específicas e funciona como um guia de selecção e de avaliação de comportamentos e acontecimentos (Turner, 1978).

Se a identidade serve como uma âncora para o comportamento e para a compreensão da interacção, isso não quer dizer que se desenvolva aleatoriamente a partir da personalidade de um indivíduo. Provavelmente, essas interacções ajudam-nos a reconfigurar e a reavaliar os nossos valores, valores estes que são constituintes da identidade (Hitlin, 2003).

Considerações Psicanalíticas

A definição de identidade é uma das mais controversas tarefas no campo psicanalítico. No entanto, a primeira pessoa a utilizar o termo identidade foi Victor Tausk em 1945, ao afirmar que *“na sua luta pela sobrevivência, o homem deve constantemente encontrar-se e experimentar-se”* (Grinberg & Grinberg, 1998, p.19).

Freud, por sua vez, apenas utilizou o termo identidade uma vez em toda a sua obra quando tentou explicar o seu vínculo ao judaísmo, referindo que *“as forças emocionais eram tanto mais poderosas quanto menos se pudessem expressar em palavras e que se tornava necessária uma clara consciência de uma identidade interior baseada numa aptidão comum a um grupo”* (Grinberg & Grinberg, 1998, p. 30).

Anos volvidos, Erickson (1956) propõe que o termo “identidade” exprime uma relação entre um indivíduo e o seu grupo, denotando um forte sentimento de unidade e partilha. Para o autor, a identidade do Eu implicava que apenas o sujeito, após a integração bem sucedida de introjecções precoces, estivesse envolvido na construção do seu sentimento de identidade.

Greenacre (1958), por seu lado, defendia que o sentimento de identidade dependia do desenvolvimento psicosexual, nomeadamente do confronto com as semelhanças e diferenças do Eu e do Outro. Ou seja, só teria identidade um indivíduo cujas partes componentes estivessem suficientemente integradas na organização de um todo, de modo a produzir efeitos de unidade e de unicidade. Para este autor, o rosto e os genitais seriam as partes corporais privilegiadas para que ocorresse um reconhecimento do próprio corpo e a consequente identificação.

Se, por um lado, o sentimento de Identidade é o conhecimento do indivíduo de que constitui uma entidade separada e diferente dos outros (Kramer, 1958), por outro, representa também uma comparação consigo próprio, ou seja, depende do sucesso dos processos de separação-individuação.

Grinberg (1971) estudou os sentimentos de identidade vinculando-os com os estados de luto determinados pela perda de objectos e partes do *Self*,

sugerindo a seguinte definição: “o sentimento de identidade implica a noção de um *Self* que se apoia essencialmente na continuidade e na semelhança das fantasias inconscientes relativas às sensações corporais, às angústias e emoções experimentadas pelo *Eu*, aos impulsos e afectos em relação ao mundo externo e interno, ao *Super-Ego*, ao funcionamento específico dos mecanismos de defesa e ao tipo particular de identificações assimiladas resultantes dos processos de introjecção e projecção” (p. 22).

Mais tarde Grinberg & Grinberg (1998) acrescentaram o seguinte: “A *Interacção específica e contínua de todos estes elementos, confere ao Self um estado de coesão, de base de identidade, que se manterá dentro de certos limites, que poderão experimentar alterações ou perdas em determinadas circunstâncias*” (p. 25).

Assim, o sentimento de identidade resulta de um processo de interacção contínua de três vínculos de integração: espacial, temporal e grupal. O primeiro compreende a relação entre as diferentes partes do *Self* entre si, incluindo o *Self* corporal, mantendo a sua coesão e permitindo a comparação com os objectos; o segundo corresponde às diferentes representações do *Self* temporal, estabelecendo uma continuidade entre elas e conferindo a base do sentimento de unicidade; o terceiro corresponde à conotação social da identidade e resulta da relação entre aspectos do *Self* e aspectos dos objectos, mediante os mecanismos de identificação projectiva e introjectiva (Grinberg & Grinberg, 1998).

Para Manis & Meltzer (1978) o sentimento de Identidade é muito complexo e a sua base inconsciente baseia-se nos processos de identificação e de experiência do *Eu*. No seu conjunto, a experiência da Identidade contém aspectos caracterológicos e de imagem corporal, funcionando como a soma de estados mentais temporários, abstracções de integração que variam entre indivíduos e de momento para momento. Assim, o sentir da identidade assenta em três experiências distintas: a experiência de uma parte do *Eu* (confronto com as limitações, insignificâncias e solidão); a identificação com o objecto por introjecção; e a identificação com o objecto por projecção. A resultante – o sentimento de identidade – dependerá da predominância de cada uma das experiências.

Já para Roiphe e Galenson (1981), o sentido de Identidade inicia-se quando a criança começa a tomar consciência da sua existência separada dos outros, com um corpo próprio, rodeado de objectos externos, com desejos, pensamentos e memórias pessoais.

A perspectiva psicanalítica tem duas grandes abordagens na compreensão do processo identitário: o complexo de Édipo e a Teoria das Relações de Objecto (Powell, 2004). A teoria da gratificação sexual deriva da visão de Freud face ao complexo de Édipo e a Teoria das Relações de Objecto surge como resposta à noção de desenvolvimento sexual com base no processo de inveja do pénis, propondo como alternativa a descrição dos processo de individuação (Chodorow, 1978; Josselson, 1989), preconizando a ideia de que, quer as relações precoces, quer a resolução dos conflitos surgidos são fundamentais no estabelecimento da identidade.

Na infância, quer os rapazes quer as raparigas, formam vinculações com as figuras significativas que lhes estão disponíveis, mas, de acordo com Chodorow (1978), o processo identitário origina-se de dois modos distintos. Em primeiro lugar, por um lado, como uma experiência interior de *self* baseada nas sensações e nas emoções; por outro lado, como um ponto de cristalização ou sentimento de *self* à volta do qual se estabelece o sentido de identidade. Em segundo lugar, como uma demarcação do mundo objectal onde as fronteiras egóicas (psicológicas e corporais) emergem deste processo. Aqui, um sentido de *self* já não depende da existência de outro, mas pode também levar à criação de problemas e conflitos devido ao facto de as duas identidade (pai ou mãe e filho ou filha) poderem ser modificadas pelas interacções de ligação e separação durante o processo de individuação.

O processo de individuação envolve uma separação física e uma separação mental (Blustein & Noumair, 1996). Desde cedo que as crianças vivem este tipo de experiências e, para se tornarem independentes e separadas, é necessário uma forte auto-estima para resolver o complexo de Édipo. No entanto, no que diz respeito ao desenvolvimento de uma identidade sólida, parece mais segura a apresentação de uma descarga pulsional associada à busca de objectos do que associada à pulsão sexual egóica (Josselson, 1987; Tyson & Tyson, 1990).

Ainda no contexto da teoria das relações de objecto, Chodorow (1989) apresenta a “teoria do chapéu-de-chuva”, na qual examina a noção de *self* diferenciado à luz das ideias de Erikson (1968) e Kohut (1977). Aqui, a questão central refere-se ao facto de a formação da identidade envolver a internalização de sentimentos relativos a figuras significativas e representações de relações experienciadas. Logo, a noção de *self* envolve um componente relacional, iniciado quando a criança desenvolve um sentido de “não eu” perante o seu cuidador e um sentido de “eu” resultante do processo de individuação (Chodorow, 1978).

A Teoria das Relações de Objecto considera que o processo identitário é distinto entre rapazes e raparigas, preconizando a ideia que é mais complexo para as raparigas (Josselson, 1987), devido também à natureza mais complexa dos papéis sociais associados ao sexo feminino. No entanto, Nelson (1996) verificou que também os rapazes sentem a necessidade de securizar um *self* forte, na medida em que o processo de construção identitário envolve a internalização de sentimentos acerca dos outros e representações das reacções dos outros face ao indivíduo, o que poderá influenciar as ligações estabelecidas, as fronteiras e a auto-estima.

Considerações da Psicologia Social

Do ponto de vista da Psicologia Social, o conceito de identidade aparece integrado no quadro das relações inter-grupais pois, de acordo com esta perspectiva, só faz sentido falar de identidade validando o facto de que se estabelece uma ligação entre o psicológico e o sociológico.

G. Mead (1934) refere como o ego emerge da interacção entre um elemento-sujeito criativo de ordem psico-fisiológica e um elemento-objecto que constitui a internalização de atitudes, e que se traduz nas interacções com o outro pela capacidade de assumir a posição do outro.

Para Sarben e Allen (1969), a noção de identidade apresenta-se numa perspectiva situacional, na medida em que esta resulta do conhecimento das normas e valores associados às posições ocupadas num determinado contexto e este conhecimento reflecte-se também na forma como o sujeito se adapta individualmente ao contexto.

Se, por um lado, a ligação entre o psicológico e o sociológico não se resume às representações que os indivíduos fazem dos seus papéis, por outro as representações sobre os grupos de pertença e as suas posições também contribuem para a percepção da identidade. Assim, a identidade está associada ao conhecimento da pertença aos grupos sociais e ao significado emocional e avaliativo dessa pertença (Tajfel, 1972).

Associado aos nomes de Tajfel e Turner, surgiu o Modelo da Identidade Social da Escola de Bristol, para designar uma perspectiva no quadro das relações intergrupos, na qual a categorização constituía um poderoso organizador e simplificador da realidade social. Os estereótipos assumem-se aqui como uma forma específica e subjectiva de organização da realidade.

O Modelo de Bristol assenta no Paradigma dos Grupos Mínimos, no qual a identidade social está baseada num sentimento de pertença que os indivíduos operam quando se comparam distintivamente em relação a outros grupos. Então, os processos intergrupais de categorização e comparação social tornam-se numa entidade temporária e arbitraria que substitui a necessidade de um *Self* positivamente distinto.

Por outro lado, surge também na explicação dos processos de construção da Identidade Social, o Modelo da Diferenciação Categórica, que procurava integrar algumas visões distintas sobre o assunto. Assim, cada grupo desenvolve uma noção de si próprio e do outro tendo em conta três tipos de funções fundamentais entre eles: seleccionar conteúdos relevantes; justificar comportamentos hostis; e antecipar o próprio desenvolvimento da relação entre os grupos (Doise, 1976).

As investigações da Escola de Genebra vieram trazer novas ideias ao constructo de Identidade Social, nomeadamente os conceitos de identidade dominante e dominada. As ideias de Brown e Deschamps (1980), inseridas no Modelo das Relações de Poder Simbólico, apontam para o acesso a referências colectivas – um universo simbólico comum de valores – que estariam estratificadas numa escala de poder. Deste modo, a identidade social só poderia variar fundamentalmente em função do capital material e simbólico que os indivíduos possuem, sendo a identidade social dos dominantes definida em termos de “sujeitos” e a dos dominados em termos de “objectos”.

Graham, Sorell & Montgomery (2004) exploraram as identidades associadas ao papel das mulheres, tendo verificado que os papéis sociais profissionais e familiares são facilmente integrados na sua identidade. Por exemplo, a maioria das mulheres estruturava os seus papéis hierarquicamente em função das categorias “mãe”, “esposa”, “dona de casa”, etc.

Apesar do constructo de identificação na pesquisa social estar relativamente bem clarificado, ainda falta compreender melhor como é que a identidade social pode ser representada em termos da sua centralidade, do afecto intragrupal e dos laços intragrupais (Cameron, 2004).

Nario-Redmond *et al.* (2004) fazem a distinção entre o nível interpessoal do *self* (que demarca a unicidade de uma pessoa) e o nível da identidade social do *self*, onde o indivíduo é identificado pela sua afiliação a grupos específicos. No entanto, contrastando com as perspectivas que enfatizam da dependência do contexto na auto-identificação, os autores conceptualizam diferenças individuais na prontidão da categorização utilizando categorias já disponíveis, de acordo com o grau de importância ou centralidade designadas a cada uma.

De acordo com a perspectiva social, podemos afirmar que os grupos constituem entidades subjectivamente construídas, nas quais o conjunto dos

seus elementos determina um modo de ser, de acordo com os valores simbólicos vigentes; por outro lado, a cada um destes elementos é dada a possibilidade de se encontrar na sua própria construção de uma representação de si, a sua identidade.

Considerações da Psicologia do Desenvolvimento

De acordo com o conceito de epigénese (o crescimento faseado de características psicológicas), o desenvolvimento da identidade não é automático e depende da interacção entre a pessoa e o ambiente. Do seu trabalho com crianças e adolescentes, Erikson (1959) apresenta um plano sequencial de estádios inter-relacionados (Quadro 1). Cada etapa sucessiva representaria uma potencial crise devido à mudança radical de perspectiva. Os estádios – ou crises – bipolarmente definidos, podem também ser resolvidos pela sintetização de alternativas concorrentes.

IDADE	CRISES BIPOLARES EM CADA ESTÁDIO					
	0-2	Confiança vs desconfiança	Autonomia inicial	Iniciativa inicial	Realização inicial	Identidade inicial
2-3	↓	Manifestação de esperança	↓	↓	↓	↓
4-6	↓	↓	Manifestação de vontade	Iniciativa vs culpabilidade	↓	↓
6-12	↓	↓	↓	Manifestações de propósito	Realização vs inferioridade	↓
13-18	↓	↓	↓	↓	Manifestações de competência	Identidade vs difusão
18-Ensino superior	↓	↓	↓	↓	↓	Identidade vs cont. difusão
Jovem adulto	↓	↓	↓	↓	↓	Intimidade vs isolamento
RESOLUÇÃO	ESPERANÇA	VONTADE	PROPÓSITO	COMPETÊNCIA	FIDELIDADE	AMOR

Quadro 1 – O Desenvolvimento da Identidade (Erikson, 1959).

Pelo facto de a adolescência representar uma tão importante descontinuidade no processo de desenvolvimento, Erikson (1959) considerou-a como sendo um dos pontos mais críticos na resolução da crise de identidade pessoal. O conceito que possuímos de nós próprios – a forma como nos vemos e a forma como os outros nos vêem – constitui a base da nossa personalidade adulta. Se esse alicerce for firme e forte, dele resulta uma identidade sólida; mas se isso não acontece, a sequência será a Difusão da Identidade – uma sensação de alienação.

O processo de formação da Identidade é encarado por oposição à difusão e indica os resultados possíveis para a resposta à questão: “Quem sou eu?”. Deste modo, envolve a criação de um sentido de unicidade, a unidade da personalidade sentida e reconhecida pelos outros, tendo uma certa consistência ao longo do tempo, como de fosse um facto histórico irreversível (Erikson, 1959). Identificada e reconhecida a sua unicidade, dá-se a resolução da fidelidade, ou seja, o indivíduo pode confiar em si e nos outros.

Marcia (1966) identifica também quatro aspectos centrais no processo de sedimentação da Identidade. São eles: a Difusão de Identidade, a Insolvência Identitária, a Moratória da Identidade e a Realização da Identidade.

A Difusão de Identidade caracteriza-se por um sentimento de descomprometimento e relatividade face à existência de um Eu; a Insolvência Identitária refere-se ao modo como o indivíduo evita fazer escolhas autonomamente, delegando nos outros a responsabilidade por essas escolhas; a Moratória da Identidade diz respeito ao impacto que produz uma tomada de decisão difícil, sobretudo pela busca forçada de alternativas; finalmente, a Realização da Identidade tem como resultado a confiança crescente de que a capacidade do indivíduo para manter uma certa identidade e uma certa continuidade interna está em consonância com a identidade e a continuidade do que ele significa para as outras pessoas.

Uma realização bem sucedida da Identidade – consciência consolidada do Eu – conduz o indivíduo à primeira tarefa da sua vida adulta: o desenvolvimento de um sentido de Intimidade, com procura do estabelecimento de relações mútuas físicas e emocionais com os outros. De facto, grande parte deste processo envolve a intimidade sexual.

A abordagem à compreensão desenvolvimental dos processos identitários não fica completa sem a interpretação da identidade moral na adolescência. Tal como nos dizem Reimer & Wade-Stein (2004), os adolescentes criam representações de si próprios e dos outros, integrando as representações morais e linguísticas dos pais e dos pares nos seus *selves* reais.

Mais recentemente, tem-se verificado um crescente interesse no desenvolvimento dos processos de formação identitária na idade adulta

(Bosma & Kunnen, 2001; Haviland & Kahlbaugh, 1993; Kroger, 2002, 2003; Kunnen & Bosma, 2000, 2003; Marcia, 2002; Strayer, 2002).

O conflito ou o desequilíbrio tem sido reconhecido como a principal causa da mudança identitária (Kunnen & Bosma, 2000) e ocorre quando o indivíduo deixa de conseguir organizar a sua experiência com sucesso. Para dar significação a esse conflito, as pessoas reagem através de três mecanismos principais: a assimilação, a retracção e a acomodação. Em cada um destes mecanismos, verifica-se a organização de uma determinada cena em função de *scripts* particulares, muitas vezes inconscientes e organizadores da experiência. Dannefer & Perlmutter (1990) assumem que quando o *script* deixa de funcionar (produzindo um novo conflito), dá-se a activação de um “trabalho de identidade”, explorando novas possibilidades. Por outro lado, a identidade também guia a direcção da mudança de personalidade e a sua consolidação (Lewis & Ferrari, 2001).

Whitbourne *et al.* (2002) e Strayer (2002) revelam-nos a importância atribuída às emoções ao longo do processo de desenvolvimento da identidade. Sem as emoções, o conflito não seria relevante, e levaria à estagnação do processo. No entanto, quando as emoções motivam uma reacção, devem ter-se em conta as diferenças inter-individuais entre tendências para assimilar, retrain e acomodar.

Kunnen & Wassink (2003) chamam a atenção para um conjunto de factores quando se pretende compreender o processo de desenvolvimento da identidade: em primeiro lugar, é necessário questionar se se trata de uma trajectória idiossincrática ou de um processo desenvolvimental geral; em segundo lugar, os sentimentos e os pensamentos relativamente às experiências de vida não podem ser descurados; em terceiro lugar, a interpretação de diferentes situações pode acontecer a partir da formulação de um único *script*, dada a influência das expectativas dos outros; e, finalmente, devem ter-se em conta as características da flexibilidade e da complexidade de uma identidade quando esta é auto-escolhida. Quer isto dizer que, quando se avalia a identidade, o compromisso que deriva da formação dessa identidade reflecte mais expectativas, esperanças, defesas e planos do que verdadeiros compromissos.

Perspectivas Teóricas sobre Identidade Sexual

A Teoria Psicanalítica

As primeiras tentativas de abordagem aos processos de construção da Identidade Sexual na psicanálise tomaram como referente o Complexo de Édipo e a sua resolução com a consequente identificação com o progenitor do mesmo sexo. A existência de um desejo sexual específico ao progenitor de sexo oposto durante o desenvolvimento psico-sexual desencadeia uma renúncia face ao medo de castração e à possibilidade de perder o objecto amado. Assim, e para finalizar a rivalidade que se havia instalado face ao progenitor do mesmo sexo, a criança acaba por se identificar com ele.

Roiphe & Galeson (1981) defendem a base corporal como início da tomada de consciência da identidade sexual, sobretudo a partir do despertar dos órgãos genitais. O primeiro ano de vida é caracterizado por um desenvolvimento do sentido de diferenciação entre si e o outro, com uma reactividade corporal inata, na qual está presente uma capacidade de responder ao contacto físico com uma excitação somática. Esta capacidade será depois responsável pela constituição da matriz do desenvolvimento sexual posterior.

Das observações que realizaram, Roiphe & Galeson (1981) verificaram por parte das crianças um crescente interesse pelos órgãos genitais durante o período de aquisição do controle dos esfíncteres anal e urinário, querendo isto dizer que a descarga da tensão produz uma excitação que se difunde aos órgãos sexuais adjacentes. Todo este processo facilitaria o estabelecimento de uma boa imagem corporal e consequente diferenciação sexual.

Stoller (1993), a partir do estudo de indivíduos transexuais masculinos primários, tece algumas considerações sobre os processos de construção da identidade sexual. Da história familiar, Stoller reconheceu padrões de proximidade excessiva com as mães e distância paternal, por ausência física ou passividade emocional, comprometendo a triangulação. Assim, são identificados os seguintes aspectos fundamentais para a aquisição da identidade sexual:

➤ Factores biológicos

- Organização neuro-fisiológica cerebral;
- Designação do sexo no nascimento de acordo com os genitais externos;
- Estímulos ambientais que ocorrem ao longo dos cuidados prestados que condicionam imprimem e fixam, ocasionando sucessivas modificações no cérebro e no comportamento do bebé;
- Desenvolvimento de Ego corporal, de acordo com a quantidade e qualidade das sensações sentidas, principalmente nos órgãos genitais.

➤ Interação com as figuras parentais

- Influência das atitudes parentais;
- Capacidade de separação da mãe;
- Capacidade do bebé para resistir à “ansiedade de simbiose”;
- Função paterna – apoio, mudança de comportamentos, modelo de identificação para os rapazes e de objecto de amor para as raparigas.

Quer isto dizer que a interacção é fundamental para que ocorra a identidade sexual e esta deverá já estar definida na segunda metade do segundo ano de vida (Stoller, 1993).

No entanto, importa explorar melhor a proposta psicanalítica, porque se apresenta como aquela que mais profundamente interpreta as implicações identitárias no processo de desenvolvimento psico-sexual.

As fases-chave da maturação para a aquisição da identidade sexual

É com Freud (1989) que a sexualidade deixa de ser entendida exclusivamente como o funcionamento dos órgãos genitais, passando a contemplar um conjunto de actividades ligadas a necessidades biológicas, como a fome ou a excreção. Deste modo, o autor alarga a noção de prazer consoante a idade e a zona estimulada – as fases de desenvolvimento.

Por volta dos seis meses de idade, a criança ainda não distingue o objecto exterior de si própria, mas depois disso, passa a estabelecer as suas primeiras relações com o bom objecto parcial maternal (o bom seio), desenvolvendo mecanismos de incorporação (sucção) ou de rejeição (mordedura). Esta oscilação facilitará o surgimento de uma polaridade dupla entre passividade e actividade, mas o que Freud chama à atenção é o facto da sucção activar o erotismo oral. Surge, assim, a zona oral à volta da qual a criança organiza a sua primeira relação de objecto.

Por volta dos dois anos de idade, a agressividade já não se exprime pela mordedura e – dado que já terá adquirido controle sobre as suas funções esfinterianas – a criança aprende a retirar prazer do seu erotismo anal. Freud propõe que esta fase coincide com o lado passivo da dupla polaridade, através de uma pulsão sádica (própria da tensão muscular).

Aos três anos de idade, as crianças poderão começar a interrogar-se sobre as diferenças entre os sexos e as origens dos bebés, manipulando os seus genitais. Estamos perante a fase fálica na qual ocorre o Complexo de Édipo. O rapaz descobre que a rapariga não tem um pénis, o que poderá desencadear a angústia de castração. Por outro lado, a rapariga também se apercebe dessa diferença, reagindo sem receios de mutilação, mas ressentindo-se de uma certa injustiça por se sentir privada de um órgão que tanto chama a atenção.

O rapaz, devido ao interesse do pai pela mãe, encontra-se numa posição de rivalidade. No entanto, ao aperceber-se do interesse da mãe pelo seu pai, o objecto de amor altera-se para uma relação mãe/filho mais evoluída, na medida em que a própria agressividade face ao pai acaba por perturbar a díade. O rapaz encontra-se plenamente inscrito na triangulação pai/mãe/filho.

Já a rapariga sabe que a sua mãe está na mesma situação que ela. O seu interesse recai sobre o seu pai, pai este que também possui a sua mãe. A sua agressividade expressa-se, assim, face à mãe que a inscreve numa relação triangular.

Quer para o rapaz, quer para a rapariga, a rivalidade possui duas vertentes: uma mais negativa e outra mais construtiva; para que a criança aprenda a utilizá-la criativamente, deverá viver um ambiente positivo de amor relativamente aos seus pais. Esta criatividade materializa-se através da passagem da agressividade para a culpabilidade. Ao sentir-se amada pelo seu rival, a criança regulará as suas reacções agressivas, possibilitando uma identificação.

A formação da identidade sexual resulta da interacção de factores sociais e psicológicos. No entanto, as teorias psicanalíticas deram mais importância a factores de raiz psíquica, nomeadamente aqueles ligados à organização primária das relações de objecto.

Tendo em vista as variações na escolha do objecto de amor e da actividade sexual real ou imaginada, a criança identificar-se-ia ao progenitor e, mais tarde, às pessoas do mesmo sexo.

O conceito de identificação torna-se para Freud (1989) fundamental na estruturação do indivíduo de acordo com as seguintes fases:

- 1) A identificação como forma imaginária da ligação afectiva a um objecto, anterior a qualquer investimento de objecto – correspondente à identificação pré-edipiana, característica da fase oral;
- 2) A identificação como substituto de uma ligação libidinal por meio de uma introjecção de objecto no Eu – correspondente à identificação secundária, com reconhecimento do outro;
- 3) A identificação por comunhão com outra pessoa por convergência de um elemento comum inconsciente, próprio da identificação terciária.

A emergência da identidade sexual decorre desta identificação, de modo a que integre os valores, os papéis e as atitudes próprias do seu sexo. Neste sentido, a proposta psicanalítica para o desenvolvimento da identidade sexual assenta na ideia que um indivíduo assimila um aspecto, uma propriedade ou

um atributo do outro e transforma-se total ou parcialmente no seu modelo (Laplanche & Pontalis, 1967).

De acordo com a teoria psicanalítica, não é apenas com a resolução do complexo de Édipo que a criança se identifica com o progenitor do mesmo sexo. De facto, abordagens mais recentes consideram o comportamento sexual como essencial no processo de construção da identidade sexual (Le Maner-Idrissi, 1997).

A identidade sexual é um sentimento que pode ocorrer logo nos primeiros meses de vida (Chiland, 1995). Esta autora evoca a importância das capacidades cognitivas da criança que lhe permitem descodificar as mensagens conscientes e inconscientes emitidas essencialmente pelos pais. A percepção, a descodificação e a interpretação destas mensagens permite à criança elaborar progressivamente o seu sentido de si sexuado.

Para Stoller (1993), o sentimento de feminilidade existe antes de se ter consciência ou percepção dos órgãos genitais femininos. Mas para o rapaz, o sentimento de masculinidade fixa-se definitivamente muito antes do estado fálico clássico (3-5 anos) e o seu pénis pode contribuir para confirmar este sentimento, sem ser essencial. Stoller crê que os factores psicológicos pós-natais de natureza relacional podem dominar a sua acção, ao ponto de dominarem a direcção da identidade. Logo, não se nasce homem, torna-se homem.

Coimbra de Matos (Matos, 1999, 2004) propõe uma abordagem ao processo de identificação em três fases: numa primeira etapa (no primeiro ano de vida), dar-se-á a identificação imagóico-imagética, que consiste na assimilação por parte do bebé da identidade inconscientemente atribuída pelos outros, através dos comportamentos inter-relacionais; uma segunda etapa (dos dezoito aos trinta e seis meses), diz respeito à identificação idiomórfica, que tem a ver com o modo como a criança se vê a si mesma, como pensa de si própria auto-centradamente. É aqui que ela começa a reconhecer o seu corpo sexuado, bem como a distinguir a existência de dois sexos diferentes. Finalmente, numa terceira fase (aos cinco ou seis anos de idade) actualiza-se um modelo alotriomórfico, onde a identificação acontece por recurso ao modelo do outro, particularmente no exercício de investigar a natureza da cópula, não de modo similar, mas de modo complementar.

A Teoria da Aprendizagem Social

A Teoria da Aprendizagem Social propõe que são as interações que o indivíduo estabelece com o seu meio ambiente que explicam o desenvolvimento sexual. Deste modo, apresentam-se códigos de conduta sexualmente tipificados que proporcionam uma gratificação aos sujeitos, de acordo com o seu sexo, ou seja, cada indivíduo sofre as consequências consoante seja menino ou menina, homem ou mulher (Mischel, 1966).

De acordo com esta abordagem, verifica-se que os processos de tipificação sexual são os mesmos para a aquisição e execução de qualquer comportamento. Mischel (1966) refere também que a criança aprende a distinguir vários padrões de comportamento sexual tipificado e, posteriormente, aprende a generalizar estas aprendizagens a situações novas. Finalmente, actualizará-os-á passando à prática desses mesmos padrões de comportamento.

Um dos grandes teóricos da Aprendizagem Social é Bandura, que começou por dar mais importância às características intrínsecas ao sujeito – as suas capacidades cognitivas e motoras, e motivações pessoais – quando se tratava de considerar os processos de aprendizagem por observação (Bandura, 1977). Assim, encontramos o indivíduo muito mais activamente envolvido na sua aprendizagem e não um mero ser passivo que se limitava a receber as influências exteriores.

De acordo com os princípios da aprendizagem social, a criança imitará os modelos disponíveis através da observação, o que conduzirá à aparição de condutas de um ou de outro sexo, de acordo com a adequação socialmente apropriada. Neste trabalho de imitação estão activas as capacidades de discriminação, categorização e retenção dos papéis sociais (Le Maner-Idrissi, 1997).

Apesar de este modelo explicar a aquisição da identidade sexual com base na imitação, não permite explicar o modo como a criança toma consciência do seu sentido de pertença a cada uma das categorias sexuais.

Winykamen (1990) refere-se ao facto de, a partir dos cinco anos de idade, as crianças serem mais influenciadas por modelos adultos e pelas

crianças do mesmo género sexual. Isto quer dizer que estarão presentes outros factores no processo de construção de identidade sexual, nomeadamente os comportamentos diferenciados que o ambiente social oferece, com base nas categorias estereotipadas sobre as diferenças entre os sexos (Maccoby & Jacklin, 1974) de acordo com os seguintes critérios:

- 1) As diferenças que se estabelecem são estáveis;
- 2) As diferenças não se sobrepõem à realidade dos factos, ou seja, revelam-se no dia-a-dia e permanecem, independentemente da origem dos estereótipos;

De acordo com a proposta da Teoria da Aprendizagem Social, o ambiente social constringirá a criança a adoptar comportamentos socialmente codificados e específicos para cada um dos sexos, com base nos mecanismos básicos de recompensa e punição. Finalmente, por um processo de generalização, a criança passa a integrar os papéis esperados pelo seu meio social envolvente (Freeman, 1993; Le Maner-Idrissi, 1997).

Teorias Cognitivas

Kohlberg (1966) perspectivou a noção de identidade sexual como o resultado de uma construção interna, nascida da actividade do sujeito e intrincada na evolução das suas capacidades intelectuais. Para o autor, o importante reside no julgamento cognitivo que o indivíduo faz relativamente ao facto de ser menino ou menina (“sou menino, sou menina”), julgamento este que está directamente ligado a uma série de factores externos. É a partir desta primeira avaliação cognitiva que o indivíduo começa a organizar as suas atitudes sexuais, valorizando mais aquelas que correspondem à sua própria identidade. No entanto, a verdadeira constância da identidade sexual só se operacionaliza no período das operações concretas, tal como todos os outros diferentes conceitos (Thomson, 1975).

Na tentativa de melhor compreender a organização cognitiva subjacente aos comportamentos apropriados de acordo com o seu género sexual, Martin & Halverson (1981) propõem a noção de “esquema” para explicar a aquisição da identidade e dos papéis do género. O esquema do género apresenta-se como uma forma de representação mental acerca do conjunto de objectos, atributos, comportamentos, etc., que se associam a um género ou outro numa dada cultura. Os referidos autores consideram que a identidade do género é precisamente um dos esquemas organizadores mais importantes na vida de um indivíduo, na medida em que o rapaz e a rapariga começam a considerar e a avaliar o que é apropriado para si, para o seu género, desenvolvendo assim um esquema de género feminino ou masculino, respectivamente. Seguidamente, os rapazes e as raparigas constroem um esquema do seu próprio género muito mais elaborado e consistente, processando as mensagens e a informação que recebem, adoptando um estilo de vida de acordo com esse mesmo esquema.

O esquema permite memorizar e organizar as experiências sociais de acordo com uma divisão em dois esquemas específicos: o esquema inter e intra-grupal e o esquema próprio (Martin & Halverson, 1981). O esquema inter e intra-grupal permite ao indivíduo classificar os seus próprios comportamentos, traços, poses e papéis como femininos ou masculinos; o

esquema próprio permite a construção de articulações com o primeiro esquema e consiste na aplicação do seu próprio esquema sexual, permitindo à criança adotar comportamentos próprios da sua própria categoria sexual.

Por outro lado, Bem (1981) defendeu que as pessoas podem considerar-se mais ou menos sexualmente tipificadas em função do grau de organização da experiência do indivíduo, de acordo com diferentes categorias associadas ao género. Afirma, portanto, que as pessoas que possuem um esquema de género rígido, vão organizar o seu auto-conceito e os seus comportamentos tomando por base o género; as pessoas que possuem esquemas mais flexíveis pensam, sentem e agem com maior liberdade. Quer isto dizer que os indivíduos que desenvolvem esquemas mais rígidos processam a informação baseados nas categorias sexuais mais espontaneamente (Freeman, 1993).

Estudos mais recentes relativamente à proposta cognitiva para a compreensão da identidade sexual têm revelado que os esquemas são mais normativos para os rapazes do que para as raparigas (Sokal, 2002) e que as próprias cognições dos pais relativamente à identidade sexual dos seus filhos estão significativamente correlacionadas com os esquemas que eles vêm a desenvolver (Tenenbaum & Leaper, 2002).

Perspectiva Multifactorial da Identidade Sexual

Na tentativa de abordar a temática da identidade sexual de modo mais abrangente, outros autores têm adoptado uma atitude multifactorial, considerando uma série de variáveis. Huston (1983), por exemplo, defende a necessidade de considerar várias áreas de conteúdo na tipificação sexual:

- Sexo biológico;
- Actividades e interesses: jogos, ocupações, tarefas, etc.;
- Atributos sociais e pessoais: traços de personalidade, padrões de comportamento social (agressividade, dependência, submissão, etc.);
- Relações Sociais baseadas no género: género dos amigos, casais, modelos, figuras significativas, etc.;
- Conteúdos estilísticos e simbólicos: gestos, linguagem verbal e não-verbal, fantasias, estilos de jogo, etc.;

Por outro lado, defende a necessidade de considerar várias áreas no que diz respeito às seguintes dimensões:

- Conceitos ou crenças: estereótipos e expectativas sociais acerca dos homens e das mulheres, compreensão e crenças sobre a necessidade de tais estereótipos;
- Identidade ou auto-percepção: inclui a percepção de si mesmo como homem ou mulher, a percepção acerca dos próprios interesses e actividades, a auto-descrição relativamente a diferentes atributos pessoais ou sociais;
- Preferências, atitudes e valores: tanto para si mesmo como para os outros;
- Comportamento: manifestações de comportamento que podem ser objectivamente avaliadas pelos outros;

Similarmente, Ashmore (1990) desenvolveu um modelo de Identidade Sexual de acordo com uma abordagem a três níveis, cada um deles inter-relacionado, mas diferentes entre si: a identidade do género (que supõe a integração e a incorporação do seu auto-conceito no que diz respeito aos

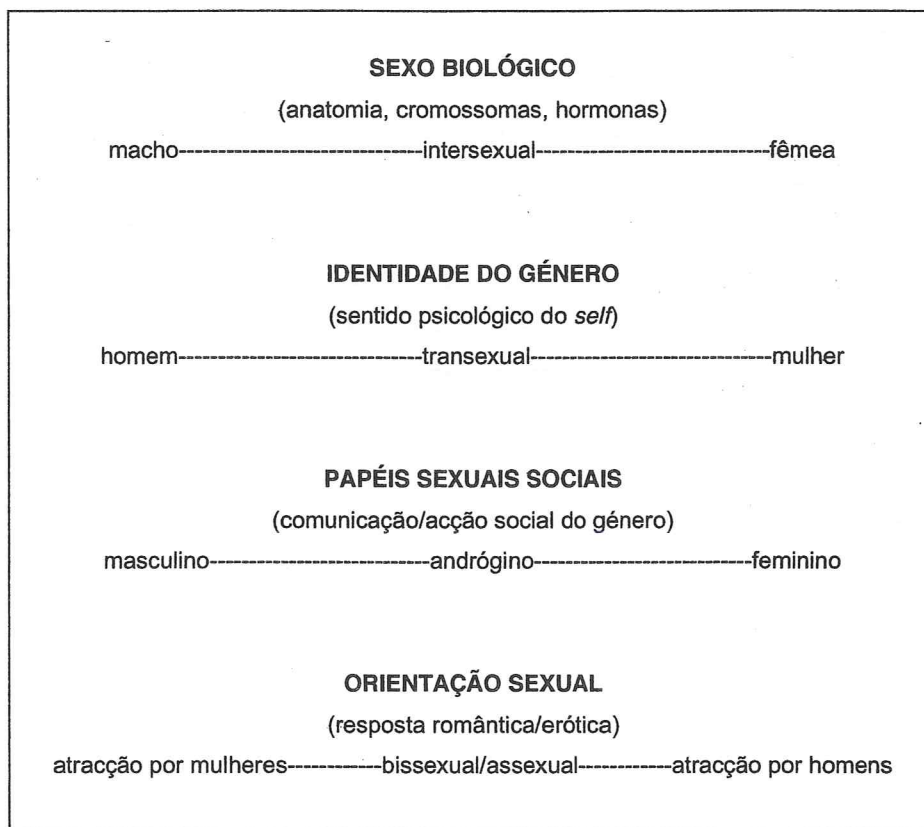
vários aspectos da construção social do género e dos factos biológicos do sexo); pensamentos e crenças acerca dos sexos (atributos femininos e masculinos); e as atitudes em relação ao género (avaliações face aos sexos). O Modelo prevê que estes diferentes componentes do género a nível individual podem estar modelados ou serem causados por variáveis muito distintas, uma vez que cada indivíduo as interpreta e constrói de modo pessoal. De um modo geral estas variáveis são: o contacto com a cultura, as relações com determinados homens e mulheres e as próprias actividades desenvolvidas pelo indivíduo.

Fernandez (1996) desenvolveu ainda um modelo que procura visionar as várias dimensões envolvidas no processo de identificação sexual. Este modelo parte do princípio da indissolubilidade entre o biológico e o social durante todo o processo, conjugando o nível estrutural (factores genéticos, endocrinológicos, anatomofisiológicos, neurológicos e psicossociais) com o nível funcional (relações com os outros, sobretudo numa perspectiva evolucionista).

Shively e DeCecco (1977;1993) apresentam um dos modelos de Identidade Sexual mais completo, propondo que o constructo deve compreender quatro componentes distintos:

- O Sexo Biológico (tal como é geneticamente determinado);
- A Identidade do Género (a convicção de cada indivíduo como sendo homem ou mulher);
- Os Papéis Sexuais-Sociais (definidos pelo conjunto de características socialmente associadas ao feminino e ao masculino);
- A Orientação Sexual (inclinação afectivo-sexual que um sujeito exerce face a outro de sexo oposto ou do mesmo sexo, tendo em consideração dimensões tão importantes, mas distintas como a fantasia, o desejo e o comportamento).

Este modelo pode ser esquematizado do seguinte modo (Quadro 2):



Quadro 2 – Modelo de Identidade Sexual de Shively e DeCecco (1977;1993).

O Sexo Biológico

O primeiro componente da identidade sexual é o sexo biológico, tal como cada indivíduo se vê classificado à sua nascença mediante a avaliação dos genitais externos. Ao recém-nascido é-lhe, assim, atribuído o seu sexo biológico. No entanto, a explicação dos critérios que determinam a atribuição do sexo biológico não fica completa sem a compreensão de outros factores biológicos que podem não ser claros no momento do nascimento.

Por esta razão, dá-se atenção à compreensão da configuração cromossómica associada ao desenvolvimento sexual de base genética, do desenvolvimento de base hormonal e do desenvolvimento de base neuro-anatómica.

O Desenvolvimento Sexual de Base Genética

O sexo genético é determinado no instante da união das duas gâmetas sexuais. Aí, ocorre a fusão de vinte e três cromossomas do óvulo humano com outros vinte e três cromossomas do espermatozóide humano, resultando num emparelhamento específico, na medida em que quer o óvulo, quer o espermatozóide têm vinte e dois cromossomas autossomáticos, i.e., que não têm qualquer influência na determinação sexual. O cromossoma vinte e três no óvulo é o X e no espermatozóide tanto pode ser X como Y, fazendo com que um cruzamento XX determine uma fêmea, ao passo que um cruzamento XY determina um macho.

A porção crítica do cromossoma Y que determina o sexo reside numa pequena região do seu braço curto, que constitui um interruptor de controlo para as diferenças biológicas entre machos e fêmeas. Este conjunto de genes, designados por factores de determinação testicular (FDT), determinam quer as gónadas primordiais indiferenciadas, quer o desenvolvimento no feto de testículos ou ovários. Os testículos serão responsáveis pela produção de testosterona, mas também do Factor de Inibição Mulleriano, que suprime activamente qualquer desenvolvimento das partes do embrião que, caso não esteja activado, determinará o desenvolvimento dos órgãos internos femininos.

Sob certas circunstâncias, podem ocorrer anomalias genéticas que influenciam este processo. Por exemplo, pode acontecer um espermatozóide conter quer o X, quer o Y, resultando a célula final num XXY, condição conhecida por síndrome de Klinefelter. Também pode acontecer uma acumulação na ordem dos XXXY ou XXXXY, aumentando a severidade do síndrome. Aqui, os indivíduos podem desenvolver um corpo masculino, mas ocorrerão anormalidades e atrofiamentos no sistema reprodutor masculino na idade adulta. Este tipo de crianças têm, normalmente, baixo peso à nascença, baixo desenvolvimento motor e um baixo QI (Sheridan, Radlinsky & Kennedy, 1990).

Outra perturbação genética que ocorre quando o espermatozóide ou o óvulo contém dois cromossomas X é o facto da célula resultar num XXX. Este tipo de indivíduos pode desenvolver uma genitália feminina normal.

Uma terceira perturbação envolve a doação de dois Y, sendo o resultado a ocorrência de um XYY, onde o indivíduo desenvolve uma genitália masculina normal. No entanto, crê-se que este tipo de combinação favoreça a ocorrência de um comportamento hiper agressivo (Beatty, 2001).

Por último, nalguns casos, o espermatozóide pode falhar na contribuição do Y ou do X, resultando uma herança do tipo X0, condição conhecida pelo nome de síndrome de Turner. Aqui, a criança apresenta um corpo feminino, mas sem o desenvolvimento de ovários.

O cromossoma Y tem sido reconhecido como o responsável pela determinação o sexo masculino, com a conseqüente formação testicular e produção de hormonas masculinas. Por outro lado, pensava-se que a determinação do sexo feminino era controlada quer pelo cromossoma X, quer por outros autossomas, quer por uma combinação dos dois. No entanto, a investigação mais recente (Peichel *et al.*, 2004; Schlegel, 2002) demonstra que, quer para os machos, quer para as fêmeas, os mecanismos genéticos de controlo sexual são mais complexos do que se acreditava, na medida em os genes necessários à ocorrência do sexo masculino não se restringem ao Y, mas também recorrem ao X. Isto quer dizer que os mecanismos genéticos de determinação sexual vão para além do modelo simplista de um único gene.

O Desenvolvimento Sexual de Base Hormonal

O modelo biológico teórico de base para a expressão sexual recorre à base da exposição hormonal, nomeadamente aos androgénios (hormonas masculinas) durante um período desenvolvimental considerado crítico, correspondente às cinco primeiras semanas após a concepção.

Os androgénios masculinizam comportamentos para os homens e para as mulheres, mas devido ao facto de a quantidade de androgénios produzidos pelos homens ser muito mais elevada do que a quantidade produzida pelas mulheres, os efeitos nestas são mais subtis, ocorrendo comportamentos que lhes são específicos (Udry, 2000).

A testosterona é o androgénio que masculiniza o comportamento e é produzida pelos homens nos testículos a partir do meio da gestação; já nas mulheres, é produzida pelas glândulas adrenais e pelos ovários. De um modo geral, o seu efeito nos humanos e nos outros animais é limitado em cada espécie a comportamentos que sejam dimórficos para essa espécie (Goy, Bercovitch & McBair, 1988).

A globulina de ligação às hormonas sexuais (GLHS) é uma grande molécula proteica (produzida no fígado), que se liga à testosterona, transportando-a pelo sangue, e prevenindo também que a testosterona se ligue a receptores de testosterona no cérebro, onde exerce os efeitos comportamentais (Udry, 2000). Em média, a GLHS liga-se a mais de 90% da testosterona.

Os efeitos da testosterona no período pré-natal são considerados organizacionais e envolvem efeitos estruturantes e permanentes no cérebro, aumentando a probabilidade da ocorrência de comportamentos masculinos. De facto, os efeitos da testosterona dependem do nível de masculinização pré-natal do cérebro. Os níveis de hormonas femininas (estrogéneo e progesterona) parecem não ser determinantes no desenvolvimento de comportamentos dimórficos (Udry, 2000).

Alguns comportamentos específicos alteram os níveis hormonais, embora esta alteração difira entre homens e mulheres. Por exemplo, os níveis

de testosterona são afectados pelo *stress*, quer num sentido, quer no outro (Dulac *et al.*, 1986; Krantz & Manuck, 1984; Rejeski *et al.*, 1990).

Quer a testosterona maternal, quer a GLHS, aumentam à medida que a gravidez progride. Os investigadores acreditam que a GLHS evita a masculinização da mãe no final da gravidez. Já na puberdade, a testosterona nos homens começa a aumentar e nas mulheres começa a diminuir.

Do mesmo modo que as hormonas gonadais afectam e diferenciam o desenvolvimento da genitália masculina e feminina, determinam igualmente o crescimento relativo das regiões sexuais dimórficas do cérebro e da medula.

As hormonas podem exercer a sua influência no desenvolvimento estrutural do sistema nervoso afectando directamente a expressão da informação genética contida no DNA das células. Ao contrário dos neurotransmissores, as hormonas penetram no corpo celular, ligando-se a receptores específicos. Uma vez ligadas, as hormonas activam ou desactivam genes específicos, alterando o curso de desenvolvimento das células (Kelly, 1991).

O Desenvolvimento Sexual de Base Neuro-anatômica

Phoenix *et al.* (1959) foram os primeiros a demonstrar em ratinhos a existência de um cérebro diferenciado entre os sexos, organizado por hormonas esteróides durante um determinado período de tempo. Mais tarde, outros autores (Resko *et al.* 1988; Bonsall & Michael, 1989) demonstraram o mesmo, mas, desta vez, entre primatas.

Nos humanos, foram igualmente descobertas diferenças neuro-anatômicas com base nos dois sexos biológicos (Swaab & Fliers 1985; Allen *et al.* 1989; Zhou *et al.* 1995; Kruijver *et al.* 2000). A maioria das diferenças descobertas concentra-se no hipotálamo, na estria terminal e na amígdala. Trata-se de um sistema neurológico basilar a que Newman (2000) chamou *Social Behavior Network – SBN*.

Uma das estruturas do sistema nervoso central que difere entre homens e mulheres é o núcleo espinal do bulbo cavernoso (Beatty, 2001). Tal como se pode observar em ratinhos, existe um núcleo de neurónios motores relativamente grandes na espinal-medula do macho que se interligam a dois músculos perineais que se ligam exclusivamente ao pénis. A zona correspondente na fêmea contém apenas cerca de um terço do número de células encontradas no macho, para além de serem muito mais pequenas.

As células do sistema nervoso central (SNC) nos machos adultos rapidamente acumulam a testosterona que circula no sangue, mas não absorvem estrogéneo nem estradiol. No desenvolvimento do SNC, é a testosterona que governa o crescimento destes núcleos dimórficos sexuais. Por esta razão, o SNC está ausente em ratos que são geneticamente insensíveis aos androgénios. Estes animais não só exibem um SNC feminino como também não desenvolvem os músculos perineais do pénis. Do mesmo modo, a injeção de testosterona em fêmeas recém-nascidas provoca o desenvolvimento de um SNC masculino (Beatty, 2001).

É no hipotálamo que se encontra o núcleo dimórfico sexual da área pré-óptica (NDS-APO), núcleo este que apresenta diferenças no tamanho em cérebros de homens e de mulheres. O NDS-APO está localizado numa zona do hipotálamo conhecida pelas suas funções sexuais, incluindo o controlo do

comportamento sexual masculino e a libertação de substâncias responsáveis pela ovulação (Beatty, 2001).

No cérebro humano, existem quatro núcleos intersticiais do hipotálamo anterior (NIHA 1-4) e dois deles, o NIHA 1 e o NIHA 4, apresentam o mesmo tamanho comparativamente entre homens e mulheres; no entanto, o NIHA 2 e o NIHA 3 são quase três vezes maiores nos homens do que nas mulheres (Allen *et al.*, 1989).

Zhou *et al.* (1995) e Kruijver *et al.* (2000) demonstraram que o núcleo da estria terminal humana nos machos é 1,5 vezes superior à das fêmeas e que nenhuma condição hormonal ou social após o nascimento, modifica essa diferença.

Estes factos sugerem que a identidade sexual depende da neuro-anatomia do sistema SBN (Torres & Jurberg, 2000). Por sua vez, a organização do sistema SBN depende de três factores principais: a influência hormonal no feto humano (Imperato-McGinley *et al.*, 1979; Clark *et al.*, 1988; Resko *et al.*, 1988; Bonsall & Michael 1989; Zhou *et al.*, 1995; Wilson 1999; Kruijver *et al.*, 2000); a acção da testosterona (T) sobre o receptor de androgénios (RA) e não na acção da dihidrotestosterona (DHT) (Imperato-McGinley *et al.*, 1979; Resko *et al.*, 1988; Bonsall & Michael 1989); e, ainda, o tracto genital que é diferenciado pela DHT (Wilson *et al.*, 1980).

Se o feto humano está dotado de uma diferenciação sexual, essa diferenciação necessita de uma expressão física que a promova (Damásio, 1994), para que o processo aconteça o mais cedo possível.

Torres & Jurberg (2000) propõem um modelo para a formação de identidade sexual com base nos condicionalismos neuro-anatómicos e que segue o seguinte trajecto: à nascença, o SBN já está sexualmente diferenciado, podendo estar organizado como macho ou fêmea [apesar de serem possíveis outras diferenciações (Colapinto, 2000)]. Como feto ou como bebé, não pode ser prescindida a influência de estímulos ambientais ao cérebro, na medida em que estimulam respostas autónomas por parte deste (Damásio, 1994). Um dos sistemas afectados é o SNB diferenciado, que desencadeará uma resposta autónoma, dependendo da sua organização neurológica ou da conformidade genital. Essa resposta será retida pela memória, imprimindo memórias emocionais no sistema límbico. Por exemplo,

um SBN feminino reagirá automaticamente de modo feminino: com menos agressividade, mais receptividade, mais sensibilidade; do mesmo modo, um SBN masculino reagirá automaticamente de modo masculino: com mais agressividade, mais assertividade, mais actividade. Todas essas respostas ficarão impressas na memória emocional desde a gestação.

Estas respostas sexualmente diferenciadas continuarão a reforçar positivamente a memória sexual do SBN, predispondo a menina a desenvolver modos estereotipadamente femininos e o menino a desenvolver modos estereotipadamente masculinos.

Se se tratar um rapaz ou de uma rapariga normais, i.e., com harmonia relativamente aos seus genitais, o processo ocorre naturalmente sem sequer ser percebido. No entanto, se o SBN discordar dos genitais, ocorre a perturbação da identidade do género com a consequente identificação pelo género oposto.

Imperato-McGinley *et al.* (1979) estudaram casos de síndrome de 5-alfa-reductase, nos quais as crianças apresentavam problemas relacionados com o género. O síndrome fazia com que a enzima que metaboliza normalmente a T em DHT não o fazia eficazmente. Deste modo, sem a DHT, o tracto genital dos meninos apresentava sinais pouco masculinizados, fazendo com que estes fossem educados como meninas. No entanto, depois dos sete anos de idade, as crianças começavam a apresentar identidades masculinas. A autora e os seus colegas compreenderam que o sistema neurológico poderia ser masculinizado pela testosterona e não pela dihidrotestosterona como é a genitália.

Outros autores (Resko *et al.*, 1988; Bonsall & Michael, 1989; Diamond, 1996; Freitas, 1998; Wilson, 1999) cruzaram-se com situações idênticas, casos onde o SBN tinha sido masculinizado pela T, mas a DHT tinha masculinizado a genitália, em dois processos independentes.

Isto quer dizer que a T pode ser responsável pela diferenciação neurológica e que essa diferenciação permanece intacta, formando a identidade de género, imprimindo-a naturalmente através de uma tradução do sistema nervoso para o sistema somático.

Assim, para responder à questão “é menino ou menina?”, deve atender-se à genitália, mas também se deve atender aos factores neuro-físicos, independentes da genitália e dos factores sociais.

A Identidade de Género

A Identidade de Género pode ser definida como a convicção básica de um indivíduo como sendo homem ou mulher (Green, 1974). Esta convicção não é inteiramente contingente com o sexo biológico do indivíduo; é o que acontece nos casos de perturbação da identidade de género. O sexo biológico torna-se num modo de identificação de si e dos outros, mas a identidade de género faz parte a auto-identificação do indivíduo (Shively & DeCecco, 1977;1993).

Devido ao facto de a nossa primeira experiência enquanto seres humanos separados dos outros coincidir com a descoberta do nosso sexo, o conceito de género torna-se inseparável da identidade (Nielsen & Rudberg, 1994). Isto quer dizer que a identidade de género não é algo acrescentado à identidade, mas que a identidade é sempre – de algum modo – imbuída de género.

A simbolização cultural binária homem/mulher baseada na diferença anatómica toma forma num conjunto de práticas, ideias, discursos e representações sociais que dão atribuições a comportamentos objectivos e subjectivos das pessoas, em função do seu género sexual. O que está em jogo na constituição da identidade do género é uma definição face a um diferente – uma mulher face a um homem e vice-versa; ao existirem dois corpos, há duas possibilidades de que a nossa identidade se posicione (Lamas, 1995).

A identidade de género entende-se como uma categoria social; algo que se constrói socialmente e que define os conteúdos do que é ser homem ou mulher, não como uma essência biológica, mas como uma extracção dos atributos do ambiente cultural. Deste modo, o conceito de identidade do género supõe um cruzamento constante de variáveis. Por exemplo, uma mulher de uma dada sociedade pode ser jovem (categoria idade), indígena (categoria étnica) e pobre (categoria classe social) (Montecinos & Rebolledo, 1995).

Uma vez que a identidade em si mesma é uma experiência muito ampla, seria redutor considerar a identidade de género numa só imagem dicotómica homem/mulher. Dados os contornos dessas experiências, os homens e as

mulheres vivem num espaço dotado de múltiplas significações, símbolos, relações, história e transmissões geracionais (Montecinos & Rebolledo, 1995).

Uma vez que os géneros se constituem nas relações interpessoais, ganham significado pela cultura e são despregados do sexo biológico (embora culturalmente referidos a ele) é sabido que as identidades de género ficam socialmente atribuídas como identidades masculinas ou femininas, homens ou mulheres (Stoller, 1993). A feminilidade e a masculinidade ficam, assim, definidas por valorações desiguais, com padrões diferenciados e diferentemente valorados de comportamentos e funções atribuídos como próprios de cada género, nas diferentes culturas (Lago, 1999).

Diferenças entre sexos na Personalidade, nas Cognições e no Comportamento Social

Existem uma série de diferenças que são esperadas e que resultam da acção dos estereótipos vigentes. Estes propagam a imagem de que os homens são mais agressivos, mais independentes, mais competitivos, mais auto-confiantes, mais assertivos e mais autónomos. Por outro lado, veiculam a imagem de que as mulheres são mais emocionalmente expressivas, mais cuidadoras, mais gentis, mais submissas, menos assertivas e menos competitivas.

Maccoby & Jacklin (1974) ao estudarem medidas de agressão física verificaram que em algumas áreas as mulheres pontuavam mais alto; Eisenberg & Mussen (1989) verificaram que, em ambientes situacionais, as diferenças entre sexos no que diz respeito aos cuidados e à empatia, se esbatiam.

Não é de surpreender que muitos dos resultados que apontam diferenças se devam ao facto de serem obtidos a partir de circunstâncias sociais onde as mulheres já são, à partida, subordinadas ou ligadas à execução de papéis tradicionalmente impostos.

Do senso comum transparece a ideia de que os homens são melhores a matemática do que as mulheres. Mas Hyde *et al.* (1990) conduziram um estudo na população em geral e chegaram à conclusão que haviam realmente diferenças significativas entre os sexos, mas no sentido oposto.

Na população estudantil, os estudos indicam que não há diferenças significativas até à adolescência, altura em que os rapazes parecem ter mais capacidades para resolver tarefas de resolução de problemas.

Também do senso comum transparece a ideia de que os homens têm melhores capacidades espaciais. Lunneborg (1982) demonstrou que os homens pontuam mais em tarefas diárias de espacialidade; Crawford *et al.* (1989) referem que os homens se lembram melhor de direcções e locais; Linn & Peterson (1985) concluíram que os rapazes tendem a ser melhores em tarefas que exijam rotação mental-visual-espacial.

Brownmiller (1984) refere que desde muito cedo, as raparigas têm muito mais habilidades linguísticas do que os rapazes. No entanto, Hyde & Lynn (1988) referem que essa diferença é tão reduzida que pode ser formalmente considerada nula.

Barash (1982) sugere que os homens e as mulheres desenvolvem a sua identidade de género em função daquilo que lhes é esperado, consoante a sua contribuição para a reprodução e para o trabalho doméstico. Aos homens, a sua força inerente permitir-lhes-ia caçar, lutar e defender-se; às mulheres ter filhos e amamentá-los tornavam-nas mais aptas a papéis de cuidado e protecção. A Teoria do Investimento Parental e dos Papéis Sexuais de Wilson (1978) argumenta que os padrões de unidade familiar tal como os conhecemos hoje emergiram de uma negociação, na qual as fêmeas trocavam a sua capacidade reprodutiva pela protecção dos machos. A vantagem pertenceria à fêmea, pois esta teria nas suas mãos a tarefa de sobrevivência da espécie e reprodução do material genético. Por outro lado, antes de investir numa gravidez, a fêmea avaliaria as qualidades do macho, não só de aptidão, mas também de que este protegeria a família.

É um facto que existem diferenças de comportamento entre sexos, no entanto, os estudos indicam que essas diferenças têm muito mais a ver com as expectativas dos pais do que com diferenças reais.

Por outro lado, pesando a favor das contribuições genéticas e biológicas, Hutt (1978) sugeriu que a presença do cromossoma Y facilitaria uma maturação mais lenta do rapaz, o que por sua vez beneficiaria uma variação fenotípica, com o conseqüente risco de habilidade ou limitação.

Nos anos de 1940 e 1950 era administrado a grávidas uma hormona sintética para evitar abortos espontâneos, hormona esta que se assemelhava à testosterona. Como resultado, muitas das raparigas nasceram com genitália exterior masculinizada. O problema era resolvido com cirurgia e terapia hormonal. Money & Ehrhardt (1972) verificaram que estas crianças tinham maior tendência para exibirem padrões masculinos no seu comportamento.

Teorias do Desenvolvimento Cognitivo

Trabalhando no quadro de referência Piagetiano, Kohlberg (1966) propôs a Teoria da Auto-Socialização dos Papéis Sexuais na qual todo o processo começava com o conceito físico das coisas – o corpo de si próprio e dos outros – conceitos estes que fazem a criança relacionar-se com uma ordem social que usa categorias sexuais de modo culturalmente universal. Este processo não é instantâneo, mas gradual de acordo com a seguinte evolução de estádios:

- *Estádio da Rotulação do Género* (2-3 ½ anos) – descoberta do seu sexo, do que significa ser rapaz, rapariga, homem ou mulher;
- *Estádio da Estabilidade do Género* (3 ½ - 4 ½ anos) – a criança apercebe-se da durabilidade do seu género;
- *Estádio da Consistência do Género* (4 ½ - 7 anos) – compreensão da permanência do género.

Slaby & Frey (1975) na sua teoria sobre a Auto-Socialização e a Atenção Selectiva de Informação sobre o Género, colocaram crianças dos dois aos cinco anos de idade a visualizar modelos de adultos em filmes, num ecrã bipartido: de um lado, figuras masculinas e do outro femininas. Depois, foi medida a quantidade de atenção dada a cada um dos lados do ecrã. Se a criança tivesse tendência para observar modelos do mesmo sexo isso seria devido a uma compreensão conceptual de que eles são membros de uma categoria particular. Foi o que aconteceu para os rapazes e para as raparigas, embora nestas a diferença não fosse estatisticamente significativa.

Martin (1991) defendeu a Teoria do Processamento Esquemático do Género na qual se prevê que, assim que a criança adquire a sua identidade de género, procura activamente no ambiente informação que construa e enriqueça um esquema de género apropriado, i.e., um corpo de conhecimento organizado que a ajuda a interpretar os comportamentos específicos de cada género.

A Identidade de Género, o Contexto, a Imagem Corporal e a Auto-Categorização

Um dos aspectos a ter em conta no estudo da identidade de género é a variabilidade comportamental em função da sua adequação situacional. Por exemplo, McCreary (1990) demonstrou como a percepção das características de género mudavam em função da participação em três tipos de actividades vinculadas a etapas diferentes do ciclo de vida (trabalho, paternidade e reforma).

Nos fenómenos relacionados com a identidade de género tem-se observado o modo como as circunstâncias condicionam as possibilidades dos indivíduos, mesmo que se aceite as diferenças nos processos de socialização que determinam que os homens sejam mais instrumentais e as mulheres mais expressivas. É o caso das investigações sobre a resposta ao *stress* (Sigmon, Stanton & Snyder, 1995) que demonstraram que essas diferenças entre os géneros desapareciam quando se davam situações concretas com pontos de referência.

Estudos mais recentes apontam também para a necessidade de reconhecer uma nova tendência para a organização da vida social, mais concretamente, as relações entre homens e mulheres.

Se a identidade de género é utilizada para a auto-definição homem/mulher, então poderá ser vista como uma crença profunda, mesmo inconsciente, ligada ao desenvolvimento da imagem corporal (LaTorre, 1979). A imagem corporal ajuda a confirmar a identidade de género, permitindo à criança discernir sobre o que é um corpo de homem ou de mulher, ou seja, através da comparação com o seu próprio corpo ajuda a construir categorias dicotómicas; e, por outro lado, os outros que vêem o corpo da criança emitem mensagens ou pistas externas que actuam como um *feedback* para a criança (LaTorre, 1979).

Turner, Hogg, Oakes, Reicher & Wetherell (1987) propuseram um modelo explicativo da identidade de género, defendendo que esta é moldada pela auto-categorização. Ao olharem para as categorias sociais as pessoas consideram-se ou não como pertencentes a essa categoria. Por exemplo, um

indivíduo que tenha uma identidade do género feminino significa que (a) ela vê as pessoas divididas em categorias de género homem/mulher e (b) vê-se a ela própria mais como um membro da categoria das mulheres.

No entanto, é questionável que este modelo seja realmente eficaz. Sabe-se que há mais factores em jogo, nomeadamente aqueles que têm a ver com os papéis sociais.

A Visão de Bem

Bem (1981;1993) defendeu que as pessoas tendem a considerar-se mais ou menos sexualmente tipificadas, em função do grau em que cada uma delas organiza a sua experiência de acordo com diferentes categorias sociais do género. Para a autora, as pessoas que possuem um esquema de género rígido organizam o seu auto-conceito e os seus comportamentos, tomando por base o seu género, ao passo que as pessoas que possuem um esquema mais flexível e que podem, inclusive, transcender os esquemas designados, pensam, sentem e agem com mais liberdade.

A autora considera que as assunções que a nossa cultura produz relativamente ao género, perpetuam o poder e a opressão por parte dos homens relativamente às mulheres e às minorias sexuais.

Uma destas visões (ou lentes) do género define o homem e as experiências masculinas como a norma, por oposição às experiências femininas, consideradas desviantes; a segunda lente preconiza a imposição da dicotomia homem/mulher em todos os aspectos da experiência humana; a terceira lente diz respeito a uma visão biológica e essencialista que racionaliza e legitima a existência das outras duas lentes.

Para Bem, de acordo com esta conjectura, só há duas possibilidades para o posicionamento do indivíduo relativamente à sua identidade de género: a primeira consiste em construir uma identidade de género convencional; a segunda consiste em resistir às lentes culturais e construir uma identidade de género subversiva.

A Visão de Amâncio

Amâncio (1994) afirma que as questões do género atravessam todas as culturas e todas as sociedades, não estando associadas a nenhum contexto cultural, político, económico ou social específico.

Partindo dos parâmetros do dualismo (no qual, apesar de homogéneos entre si, os homens são diferentes das mulheres) e do essencialismo biológico (que sustenta as diferenças por recurso à reprodução), a autora fala-nos das mudanças que influenciaram o comportamento das pessoas e, conseqüentemente, a sua identidade de género. O *breadwinner*, por exemplo, que tinha como função assegurar a reprodução económica da família, representa um estereótipo masculino dos anos 1960, associado a uma ideia de agenticidade própria do modelo viável para os homens. Por seu turno, para as mulheres, imperava a ideia da comunalidade, ou seja, gestão do bem-estar no seio da família.

Amâncio (1994) diz-nos também que nos encontramos perante a construção de um pensamento sobre a natureza dos sexos, que está organizado de modo a considerar as mulheres como pertencentes aos homens, ou seja, os homens e as mulheres representam o masculino e o feminino de tal forma que conduzem as mulheres a uma situação de alteridade. Este facto pode ser algo contraditório com a ideia de que ser homem ou ser mulher é uma identidade de que nos apropriamos individualmente e, portanto, é algo que se remete para a esfera da intimidade. Na realidade, particularmente no caso feminino, existem regras externas muito claras relativamente à construção da identidade feminina que se centram na funcionalidade sexual e familiar. Já para os homens, este sentido de construção social centra-se à volta de um conjunto de características ligadas à sua profissão, papéis de paternidade ou virilidade. A autora fala ainda de uma característica particular na realidade portuguesa: trata-se do grande conservadorismo relativamente à representação social dos sexos, que pode ser observado, por exemplo, no discurso das mulheres sobre si próprias, que revela conflitos de natureza psicológica devido à dificuldade de gestão dos papéis entre aquilo que interiorizaram desde o ponto de vista dos

atributos ao que é ser mulher e aquilo que querem na realidade, nomeadamente a nível profissional.

A Identidade de Género como um conceito multidimensional

Huston (1983) considerou que o conceito de identidade de género deve ser tratado multidimensionalmente. Concretamente, propõe uma tipificação sexual de categorias que descrevem as relações do indivíduo com as diferentes áreas de conteúdo. As áreas que propõe são: género biológico, actividades e interesses, atributos pessoais, relações sociais e conteúdos estilísticos ou simbólicos.

Já Ashmore (1990) considerou que o género e a identidade de género também merecem ser tratados multidimensionalmente, tendo em conta níveis distintos. Um deles é de natureza psicossocial, a partir do qual o autor desenvolveu um modelo constituído por constructos relacionados – a identidade de género (que supõe a integração e incorporação por parte do sujeito no seu auto-conceito de diferentes aspectos relacionados com a construção social do género); pensamentos e crenças acerca dos sexos (crenças sobre os atributos dos homens e das mulheres); e as atitudes em relação ao género (avaliações face aos sexos e outros aspectos relacionados com o género).

O Modelo prevê que estes diferentes componentes do género possam estar condicionados por diferentes variáveis, às quais cada indivíduo pode estar mais ou menos receptivo. Entre estas variáveis encontram-se: o contacto com a cultura, as relações com determinados homens ou mulheres e as próprias actividades desenvolvidas individualmente.

Finalmente, o modelo postula que, como resultante das atitudes face ao género, produzir-se-ão acções sociais positivas ou negativas que terão também influência sobre o modo de processamento de informação relativamente aos homens e às mulheres, com o conseqüente condicionamento do desenvolvimento da identidade de género.

Os Papéis Sexuais Sociais

Os papéis sexuais sociais são a terceira dimensão da identidade sexual e referem-se àquelas características que estão culturalmente associadas aos homens ou às mulheres, características estas que são percebidas como sendo estereotipadamente masculinas ou femininas (Shively & DeCecco, 1977;1993).

Os papéis sexuais sociais estão fortemente ligados a características de aparência, de comportamento e de personalidade, normalmente baseadas em normas culturais, e conduzem à expectativa de que os indivíduos devem comportar-se de acordo com o modo como o seu estereótipo associado ao seu sexo biológico determina. Ou seja, para os homens é esperado que ajam de maneira masculina e para as mulheres, é esperado que ajam de maneira feminina. Qualquer tipo de comportamento de se desvie desta norma pode ser imediatamente visto como inapropriado (Shively & DeCecco, 1977;1993).

O Contexto Social do Desenvolvimento dos Papéis Sexuais

Os pais estabelecem diferenças claras e tipificadas para cada sexo (Rheingold & Cook, 1975), diferenças estas que Meece (1987) demonstrou manterem-se no ambiente escolar. Assim, o contexto social em que a criança se insere facilita a manutenção de todas as práticas dos papéis sexuais em termos das oportunidades que proporciona. As diferenças mais comuns são as seguintes:

➤ *Rapazes:*

- Estímulos mais variados e intensos;
- Brinquedos: carros, armas, animais, equipamento de desporto, brinquedos científicos;
- Roupas azuis;
- Actividades de maior independência.

➤ *Raparigas:*

- Bonecas e pequenos acessórios domésticos;
- Roupas cor-de-rosa;
- Actividades de maior dependência (associadas ao ir para casa), menos actividades violentas.

A Masculinidade, a Feminilidade e os Estereótipos

A masculinidade e a feminilidade podem ser vistas como um *continuum* (bipolar) ou como dois *continua* independentes. Bipolarmente, considera-se que um indivíduo exprime a sua masculinidade às custas da feminilidade ou exprime a sua feminilidade às custas da masculinidade (Shively & DeCecco, 1977;1993).

Por outro lado, considerando-os como *continua* independentes, eles descrevem diferenças qualitativas e quantitativas (Bem, 1981;1993). Ou seja, qualitativamente, um indivíduo masculino ou feminino pode ser visto como masculino, feminino ou ambos. Quantitativamente, a masculinidade e a feminilidade podem variar muito ou pouco i.e., há indivíduos que podem ser considerados igualmente masculinos e femininos – os andróginos ou nem masculinos nem femininos – os indiferenciados (Bem, 1981;1993).

As questões da masculinidade e da feminilidade confrontam-nos com o facto de os adultos internalizarem os estereótipos e fazerem julgamentos sobre os outros e sobre si próprios. Contudo, os estereótipos não servem apenas para moldar a maneira como nos vemos e vemos os outros, ou seja, moldam também o nosso próprio comportamento.

Um estereótipo consiste numa crença acerca dos traços e das características psicológicas de um indivíduo, bem como do conjunto de comportamentos apropriados para os homens e para as mulheres (Brannon, 2002). Os papéis sexuais definem-se pelos comportamentos, mas os estereótipos são crenças e atitudes acerca da masculinidade e da feminilidade. No entanto, os papéis sexuais sociais podem tornar-se estereótipos, na medida em que as pessoas podem generalizar variações individuais e excepções, e passar a acreditar que um determinado comportamento está inevitavelmente associado a apenas um género sexual (Brannon, 2002).

As pessoas têm tendência para julgarem as diferenças entre os sexos mais numa base de apreciação física e não tanto recorrendo a características psicológicas. Deaux & Lewis (1984) apresentaram um modelo explicativo destes fenómenos: primeiro, confrontadas com certos comportamentos, as pessoas fazem inferências acerca dos traços e isso afecta o julgamento desses

mesmos comportamentos; seguidamente, podem utilizar informações pessoais específicas que afectam o julgamento do indivíduo em si. Por exemplo, um homem que seja descrito como alguém que toma conta da casa e dos filhos pode ser julgado como sendo alguém emocional e gentil. Tal informação estereotipada poderia levar à provável apreciação desse homem como sendo homossexual.

Na década de sessenta do século XX, Rosenkrantz, Vogel, Bee, Broverman & Broverman (1968), levaram a cabo um estudo sobre os estereótipos, apresentando resultados diferenciados entre homens e mulheres. Os quadros 3 e 4 indicam os traços valorizados para um e para outro género sexual.

Homem – traços valorizados			
Agressivo	Independente	Não-emocional	Esconde emoções
Objectivo	Facilmente influenciável	Dominador	Gosta de matemática e ciências
Não se excita à mínima crise	Activo	Competitivo	Lógico
Mundano	Habilidoso para os negócios	Directo	Sabe como o mundo funciona
Não se magoa facilmente	Aventureiro	Toma decisões facilmente	Nunca chora
Age como um líder	Auto-confiante	É capaz de separar os sentimentos das ideias	Independente
Não contém a sua aparência	Acha que os homens são superiores às mulheres	Fala abertamente com homens sobre sexo	

Quadro 3 – Traços Estereotipados dos Homens (Rosenkrantz *et al.*, 1968).

Mulher – traços valorizados			
Não usa linguagem grosseira	Comunicadora	Táctil	Gentil
Consciente dos sentimentos dos outros	Religiosa	Interessada na aparência	Sossegada
Forte necessidade de segurança	Expressa carinho		

Quadro 4 – Traços Estereotipados das Mulheres (Rosenkrantz *et al.*, 1968).

Existem estereótipos positivos e negativos, consoante facilitam ou não a identificação a uma imagem. Ricciardelly e Williams (1995) falam de exemplos positivos e exemplos negativos de masculinidade e de feminilidade. O quadro 5 resume esses exemplos.

Feminilidade		Masculinidade	
<i>Positivo</i>	<i>Negativo</i>	<i>Positivo</i>	<i>Negativo</i>
Paciente	Tímida	Forte	Agressivo
Sensível	Fraca	Confiante	Mandão
Devota	Necessita aprovação	Firme	Sarcástico
Responsável	Dependente	Poderoso	Rude
Apreciadora	Nervosa	Despreocupado	Sentimento superioridade

Quadro 5 – Exemplos de feminilidade e masculinidade positiva e negativa (Ricciardelly e Williams, 1995).

Se um estereótipo é também uma representação simplista das características mais típicas associadas a uma categoria de género (Gove & Watt, 2000), poder-se-ia questionar: como é o homem típico ou a mulher típica?

Esta tipicidade remete para categorizações descritas pela sociedade e pela cultura e prescrevem comportamentos, qualidades e características apropriadas para cada género. O quadro 6 mostra o conjunto de características tipicamente femininas, masculinas e neutras tal como sugerido por Gove e Watt (2000).

Características Femininas	Características Masculinas	Características Neutras
Ansiosa	Activo	Agudo
Colaborante	Arrogante	Benevolente
Fiel	Assertivo	Calmo
Gentil	Atlético	Alegre
Humana	Comandante	Convencional
Intuitiva	Grosseiro	Digno
Bondosa	Decisivo	Flexível
Passiva	Individualista	Informal
Perspicaz	Irresponsável	Ciumento
Responsável	Orgulhoso	Sortudo
Táctil	Robusto	Modesto
Carinhosa	Forte	Brincalhão
Arrumada	Alto	Antipático
Tímida	Emocionalmente Frio	Despretensioso
Vulnerável	Vigoroso	Fraco

Quadro 6 – Características Tipicamente femininas ou masculinas (Gove & Watt, 2000).

O Inventário de Papéis Sexuais de Bem (Bem Sex Role Inventory) construído por Sandra Bem nos anos 1970 (Bem, 1981;1993), propõe-se medir níveis de feminilidade e masculinidade. Aqui, os indivíduos respondem a sessenta itens numa escala de sete pontos, itens estes que reflectem os estereótipos culturais associados à masculinidade e à feminilidade. Importa, portanto, enfatizar os itens rotulados, que se encontram descritos no quadro 7.

1. auto-confiante	31. toma decisões facilmente
2. submisso(a)	32. piedoso(a)
3. prestável	33. sincero(a)
4. que defende as suas crenças	34. auto-suficiente
5. alegre	35. ameniza facilmente o sofrimento
6. mal-humorado(a)	36. presunçoso(a)
7. independente	37. dominante
8. tímido(a)	38. brando(a) no falar
9. consciencioso(a)	39. amável
10. atlético(a)	40. masculino(a)
11. afectuoso(a)	41. quente
12. teatral	42. solene
13. assertivo(a)	43. disposto(a) a tomar posições
14. lisonjeável	44. carinhoso(a)
15. feliz	45. amigável
16. personalidade forte	46. agressivo(a)
17. leal	47. ingénuo(a)
18. imprevisível	48. ineficaz
19. energético(a)	49. age como um(a) líder
20. feminino(a)	50. infantil
21. digno de confiança	51. adaptável
22. analítico(a)	52. individualista
23. complacente	53. não usa linguagem severa
24. ciumento(a)	54. não-sistemático(a)
25. tem capacidades de liderança	55. competitivo(a)
26. sensível às necessidades dos outros	56. adora crianças
27. verdadeiro(a)	57. tem discernimento
28. disposto(a) a correr riscos	58. ambicioso(a)
29. compreensivo(a)	59. gentil
30. reservado(a)	60. convencional
Legenda: <i>itens masculinos:</i> 1, 4, 7, 10, 13, 16, 19, 22, 25, 28, 31, 34, 37, 40, 43, 46, 49, 52, 55, 58 <i>itens femininos:</i> 2, 5, 8, 11, 14, 17, 20, 23, 26, 29, 32, 35, 38, 41, 44, 47, 50, 53, 56, 59 <i>itens neutros:</i> 3, 6, 9, 12, 15, 18, 21, 24, 27, 30, 33, 36, 39, 42, 45, 48, 51, 54, 57, 60	

Quadro 7 – Inventário das características de feminilidade e masculinidade de Bem.

Finalmente, Shively e DeCecco (1977) consideram dez categorias principais de características dos papéis sexuais sociais, tendo em conta a sua validade para uma população caucasiana de classe média. Entre as que são mais utilizadas para o exercício da discriminação com base no julgamento da masculinidade ou da feminilidade encontram-se os atributos físicos, os maneirismos, o discurso e os traços de personalidade. As categorias são as seguintes:

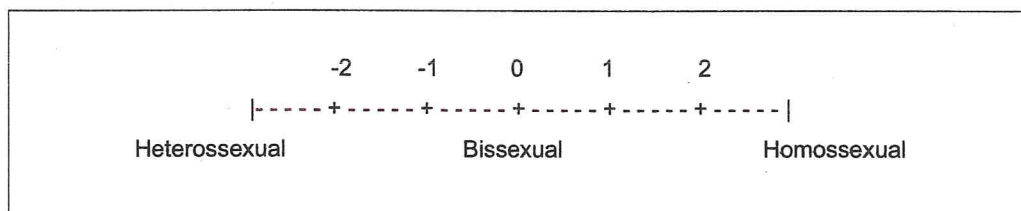
1. Os Atributos Físicos – as características sexuais secundárias (por exemplo: a presença ou a ausência de pêlos corporais, seios, etc.);
2. A Condição Física – homens e mulheres que sejam saudáveis e tenham um peso ajustado à altura são vistos como mais masculinos e femininos, respectivamente;
3. Os Maneirismos – homens que gesticulem com as mãos de modo descontrolado são vistos como mais femininos;
4. O uso de Adornos – objectos que as pessoas escolhem colocar no seu corpo;
5. Os Traços de Personalidade – os homens são vistos como mais masculinos se forem mais assertivos e confiantes; e as mulheres mais femininas se forem mais discretas, suaves e sociáveis;
6. Os Cuidados Pessoais – a higiene pessoal, penteado, etc. Os homens e as mulheres são vistos como mais masculinos ou femininos, respectivamente, se se cuidarem razoavelmente;
7. O Discurso e o Vocabulário – a inflexão das cordas vocais, o tom, as palavras utilizadas no discurso (por exemplo, o calão);
8. A Interação Social – o comportamento de uma pessoa em relação a outra do mesmo sexo ou de sexo oposto, num contexto social;
9. Os Interesses – o emprego, outras actividades, hobbies, etc.
10. Os Hábitos – fumar, beber, roer as unhas, etc.

A Orientação Sexual

A orientação sexual é o quarto componente da sexualidade e distingue-se por uma atracção emocional, romântica ou afectiva prolongada a indivíduos de um género particular. Há três orientações comumente reconhecidas: a homossexual, com atracção por indivíduos do mesmo género; a heterossexual, com atracção por indivíduos do género oposto; e a bissexual, com atracção pelos dois géneros. Pode referir-se às pessoas com uma orientação homossexual como sendo gays ou lésbicas. A orientação sexual é diferente do comportamento sexual porque se refere aos sentimentos e ao auto-conceito. As pessoas podem ou não expressar a sua orientação sexual nos comportamentos que adoptam (*American Psychological Association, 2000*).

Tal como Savin-Williams (1990) a definiu, a orientação sexual é a preponderância de sentimentos, pensamentos, fantasias e/ou comportamentos sexuais ou eróticos de um indivíduo que está presente desde uma idade muito precoce, talvez desde a concepção.

Tradicionalmente, a orientação sexual tinha sido estudada sob um ponto de vista bipolar, no qual um indivíduo expressava a sua orientação sexual por oposição a outra (Quadro 8).

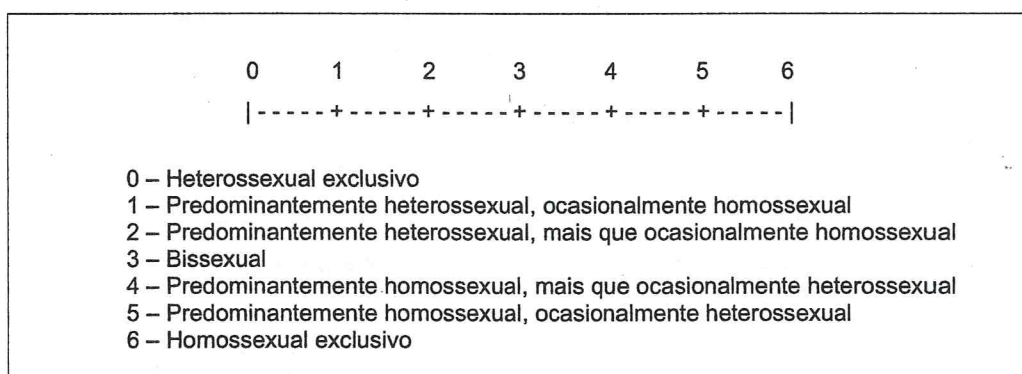


Quadro 8 – Modelo Bipolar da Orientação Sexual.

Neste contexto, a homossexualidade aparecia como o resultado da inversão dos papéis sexuais sociais, as categorias eram apresentadas dicotomicamente e as classificações possíveis não deixavam nenhuma alternativa (McConaghy, 1987).

Foram os trabalhos de Kinsey *et al.* (1948;1953) que abriram caminho para um entendimento da orientação sexual exclusivamente em termos de orientação erótica, baseada na função do tipo de reacções físicas face a uma

estimulação (um indivíduo de sexo diferente ou igual e o tipo de sexo praticado). Para Kinsey (1948;1953) ficou claro que a orientação sexual só podia ser compreendida como um *continuum* unidimensional em cujos extremos se falaria de heterossexualidade e homossexualidade, considerando a bissexualidade como a orientação em que não existe (ou quase não existe) exclusividade hetero ou homossexual. Assim, a maioria das pessoas encontrar-se-iam nalgum ponto intermédio desse *continuum*, mais do que em qualquer um dos extremos. Este *continuum* de sete pontos utilizado por Kinsey pode melhor ser observado no quadro 9.



Quadro 9 – Modelo de Kinsey.

Apesar de tudo, o modelo de Kinsey apresenta um problema importante, uma vez que implica uma relação inversa ou recíproca, i.e., quanto mais homossexual uma pessoa é, menos heterossexual é ou deve ser e vice-versa (Sanders *et al.*, 1990).

Por outro lado, Storm (1980) fez uma modificação ao modelo de Kinsey, considerando que a homossexualidade e a heterossexualidade poderiam ser consideradas como dimensões ortogonais independentes e não como os extremos de uma única dimensão. Assim, este modelo propõe quatro categorias de orientação sexual dependentes do grau de heteroeroticismo e homoeroticismo. Apresenta-se bidimensionalmente estruturado e representa as pessoas bissexuais com altos graus de homossexualidade e de heterossexualidade, e não como tendo um grau moderado de apenas cada uma delas. As categorias de orientação sexual geradas por este modelo podem melhor ser observadas no quadro 10.

	HETEROEROTICISMO		
HOMO EROTICISMO		-	+
	+	Homossexuais	Bissexuais
	-	Assexuais	Heterossexuais

Quadro 10 – Modelo Bidimensional de categorias de orientação sexual (Storm, 1980).

Actualmente, assiste-se à necessidade de considerar mais dimensões para compreender realmente a orientação sexual, sobretudo devido ao seu carácter dinâmico, o que faz pensar num processo que pode variar ao longo do ciclo de vida. No entanto, parece não haver um consenso absoluto relativamente às variáveis em jogo mais importantes (Martín & Sanchez, 1997).

A orientação sexual pode ser perspectivada como uma preferência física e uma preferência emocional (Shively & DeCecco, 1977). A preferência física pode ver vista como dois *continua* independentes da heterossexualidade e da homossexualidade; para cada indivíduo, existe um *continuum* para a heterossexualidade física e outro para a homossexualidade física. Qualitativamente, os indivíduos podem ser encarados heterossexuais, homossexuais ou bissexuais; quantitativamente, os indivíduos são vistos como tendo uma heterossexualidade ou uma homossexualidade. Por outro lado, a preferência emocional pode ser encarada como dois *continua* independentes de heterossexualidade afectiva e de homossexualidade afectiva (Shively & DeCecco, 1977).

Esta teoria permite uma abordagem mais profunda no que diz respeito à observação de maneiras mais variadas de expressão sexual, mas pode ocasionar algum conflito entre a manifestação física e emocional nomeadamente entre a hetero e a homossexualidade físicas e entre a hetero e a homossexualidade afectivas. Estes conflitos podem ser resolvidos a dois níveis: ao nível do comportamento e ao nível da fantasia.

O nível do comportamento é o mais comumente utilizado para descrever e identificar a própria orientação sexual. O nível da fantasia é normalmente utilizado na prática clínica e ajuda o técnico a identificar mais claramente a orientação sexual. Uma identificação completa deverá, pois, incluir quer o comportamento, quer a fantasia (Shively & DeCecco, 1977).

Finalmente, Klein (1990;1993) considera a necessidade de, ao falar de orientação sexual, ter em conta sete dimensões diferentes, valorizando o passado, o presente e o ideal. O autor construiu a Grelha de Orientação Sexual de Klein que será utilizada no presente estudo, pelo que no capítulo “Metodologia” – “Instrumentos” se dará mais ênfase. Por ora importa saber quais as variáveis em jogo. Estas podem melhor ser observadas no quadro 11.

VARIÁVEL	PASSADO	PRESENTE	IDEAL
Atração Sexual	Outro/mesmo sexo	Outro/mesmo sexo	Outro/mesmo sexo
Comportamento Sexual	Heterossexual/ Homossexual	Heterossexual/ Homossexual	Heterossexual/ Homossexual
Fantasia Sexual	Outro/mesmo sexo	Outro/mesmo sexo	Outro/mesmo sexo
Preferência Emocional	Outro/mesmo sexo	Outro/mesmo sexo	Outro/mesmo sexo
Preferência Social	Outro/mesmo sexo	Outro/mesmo sexo	Outro/mesmo sexo
Estilo de Vida hetero/homo	Pontuação da Escala de Kinsey	Pontuação da Escala de Kinsey	Pontuação da Escala de Kinsey
Auto-Identificação	Pontuação da Escala de Kinsey	Pontuação da Escala de Kinsey	Pontuação da Escala de Kinsey

Quadro 11 – Grelha de Orientação Sexual de Klein (adaptação).

Origens da Orientação Sexual

Tradicionalmente, as contribuições da Psicologia para a compreensão da origem da orientação sexual pecaram pela falta de apoio empírico. A Psicanálise considerava que uma das possibilidades causísticas da homossexualidade seria a natureza conflituosa das relações maternas ou paternas que, de uma maneira ou de outra, facilitava uma identificação do indivíduo com o progenitor do mesmo sexo. Uma das visões mais comuns do ponto de vista psicodinâmico tem a ver com a existência de uma relação pobre e hostil com o progenitor do mesmo sexo e com o estabelecimento de uma relação de sobre-protecção com o progenitor de sexo oposto.

Já para as teorias comportamentalistas, o desenvolvimento da orientação sexual estaria associado a diferentes experiências específicas de aprendizagem instrumental, especialmente durante a infância e a adolescência. Neste sentido, o próprio Kinsey (1948;1953) rejeitava as ideias de que a heterossexualidade, a homossexualidade e a bissexualidade fossem inatas, e considerava que a orientação sexual era o fruto de experiências de aprendizagem do indivíduo.

Posteriormente, desenvolve-se a ideia de que as primeiras experiências sexuais que se estabeleciam com pessoas do mesmo sexo e que tivessem sido gratificantes seriam as que determinariam a orientação homossexual. Esta ideia foi também partilhada por Masters e Johnson (1979).

Bell *et al.* (1981) trabalharam com uma amostra de 686 homens e 293 mulheres homossexuais e 337 homens e 140 mulheres heterossexuais com o objectivo de analisarem a história familiar e individual destes sujeitos para tentar perceber se algumas das teorias apontadas teriam validade. Das conclusões apresentadas pelos autores importa reter as seguintes:

- Quando os rapazes e as raparigas chegam à adolescência, provavelmente a sua orientação sexual já está determinada, mesmo que ainda não tenham tido contactos sexuais com outras pessoas; a orientação sexual adulta estará em conformidade com estes primeiros comportamentos e sentimentos sexuais.

- Na maioria dos casos, os sentimentos sexuais apareciam cerca de três anos antes de acontecer a primeira actividade homossexual; estes sentimentos, mais do que a actividade sexual em si, pareciam ser o elemento crucial para o desenvolvimento da homossexualidade adulta.
- Os homens e as mulheres homossexuais estudados não tinham tido carência de experiências heterossexuais na sua infância e adolescência. A diferença entre estes e os homens e mulheres heterossexuais residia no facto de estas experiências terem sido menos satisfatórias.
- Existe uma forte associação entre a falta de adaptação social dos papéis sexuais sociais e o desenvolvimento da homossexualidade. Isto não quer dizer que todas as pessoas homossexuais tenham interesses ou traços de personalidade característicos do outro sexo, nem sequer que todas as pessoas que não aceitam os seus papéis sexuais sociais sejam necessariamente homossexuais.
- A identificação com o pai do mesmo sexo ou de sexo diferente não tem uma ligação significativa com o desenvolvimento de um ou de outro tipo de orientação sexual.
- Tanto nos homens como nas mulheres, as relações pobres com o pai parecem ter um papel mais importante do que as relações com a mãe. Homens e mulheres homossexuais diziam ter relações negativas com os seus pais.
- Finalmente, para os homens homossexuais era mais marcante a não-aceitação dos papéis sexuais sociais, ao passo que para as mulheres homossexuais o que era mais marcante era a natureza das relações familiares.

Outros estudos sugerem que existe uma forte correlação entre o desenvolvimento de uma determinada orientação sexual e a presença ou não do cruzamento de comportamentos ligados aos papéis sexuais sociais. Green (1987) verificou no seu estudo prospectivo que 75% a 80% dos rapazes estudados que demonstravam socialmente ter comportamentos tipicamente femininos, podiam ser considerados homossexuais ou bissexuais na

adolescência (de acordo com a valoração de Kinsey), ao passo que as percentagens do grupo de controlo variavam entre os 0% e os 4%.

Já Bailey e Zucker (1995) desenvolveram uma meta-análise com 41 estudos retrospectivos deste tipo e concluíram que, tanto os homens como as mulheres homossexuais, tinham informado terem um maior grau de comportamentos com cruzamento dos papéis sexuais sociais durante a infância, ainda que esta associação fosse mais forte entre os homens. De facto, a variância explicada era para os homens 37% e para as mulheres 21%. Isto significa que existe uma grande variabilidade em relação aos comportamentos sexualmente tipificados entre homossexuais.

Desenvolvimento da Orientação Sexual

Shively e DeCecco (1977) propõem que o desenvolvimento da orientação sexual está provavelmente emparelhado com o desenvolvimento dos papéis sexuais sociais. Para os autores, o aspecto afetivo da orientação sexual dos pais é mais fácil de ser observado por parte das crianças do que o aspecto físico. Isto faz com que os aspectos emocionais da orientação sexual da criança se desenvolvam mais depressa do que os aspectos físicos. A seguir, pode instalar-se um conflito entre a orientação sexual e os outros componentes da identidade sexual. O conflito mais generalizado acontece entre o sexo biológico e a orientação sexual; a orientação física heterossexual está culturalmente associada à procriação. Uma maneira que a criança encontra para resolver este conflito pode ser dissociando os dois aspectos da orientação sexual. Por um lado a procriação é uma razão importante para o acontecimento de uma relação sexual, mas por outro o prazer físico e a intimidade emocional também são razões importantes.

Assim, e também porque os estudos sobre a orientação sexual nunca – ou quase nunca – privilegiam a heterossexualidade, parece haver no momento actual falta de evidência empírica que demonstre com clareza o seu processo de desenvolvimento.

Neste ponto, não poderemos descartar as contribuições da biologia e da genética para esta explicação; no entanto, o enfoque da nossa investigação é de natureza psicossocial.

Provavelmente não se torna possível falar de uma única forma de ser hetero, bi ou homossexual; seguramente existirão diversos caminhos para que umas pessoas cheguem a desenvolver um ou outro tipo de orientação sexual e que esses caminhos podem ser influenciados por diferentes factores (psicossociais e/ou biológicos).

CAPÍTULO 2 – SEXUALIDADE E CULTURA

“Sex has no history. It is a natural fact, grounded in the functioning of the body, and, as such, lies outside of history and culture. Sexuality, by contrast, does not properly refer to some aspect or attribute of bodies. Unlike sex, sexuality is a cultural production: it represents the appropriation of the human body and of its physiological capacities by an ideological discourse. Sexuality is not a somatic fact; it is a cultural effect.” – David Halperin, 1989, p. 257.

A História da Sexualidade segundo Michel Foucault

Com a sua “História da Sexualidade”, Michel Foucault (1980) tenta refutar a tese de que a sociedade ocidental observou a repressão da sexualidade desde o século XVII e que não se permitiu falar sobre ela. Nos anos 1970, quando o autor deu início aos seus trabalhos, estava-se em plena revolução sexual e o passado era encarado como um período de repressão. No entanto, para Foucault, o próprio conceito de sexualidade era o resultado desse discurso, pois as interdições também conduziram à construção de um poder – criaram-se identidades sexuais e uma multiplicidade de outras sexualidades que não teriam existido de outro modo.

Historicamente, de acordo com Foucault, há duas maneiras de ver a sexualidade. A primeira, própria da época do Império Romano, China, Japão e Índia, onde o sexo era encarado como uma arte erótica e uma experiência especial em nada suja ou de que se ter vergonha; era algo de que se guardava segredo, mas apenas porque perderia o seu poder e o seu prazer se se falasse sobre o assunto. A segunda, própria da sociedade ocidental, na qual a “scientia sexualis” originada no século XVII se baseava, era um fenómeno oposto ao da arte erótica: a confissão. Não se trataria apenas de uma confissão cristã, mas numa necessidade urgente de falar sobre o assunto. Cresceu uma forte preocupação com a procura da verdade acerca da sexualidade, uma verdade que deveria ser confessada, caso contrário seria como se não existisse.

Esta visão assume-se também como uma crítica à Psicanálise, que representava uma forma mais moderna e científica de confissão, onde tudo era explicado em termos de repressão sexual, tornando o psicanalista o único veículo para a sua interpretação. A sexualidade não é apenas algo que as pessoas escondem dos outros, mas também de si mesmos, o que leva à compulsão de revelar a sexualidade para confirmar a sua própria existência.

A razão pela qual a sexualidade deveria ser confessada, segundo Foucault, encontra-se enraizada no Cristianismo. Não se trata de uma razão clara, mas camuflada pelos traços pecaminosos associados ao sexo que não só fomentam a sua manutenção, como também reforçam a imagem de que deve ser notada por todos.

Foucault diz-nos que existia um elemento de controlo social criado entre o pregador e o indivíduo que confessa, a mesma entre o psicanalista e o seu cliente. As relações de poder estão presentes em todas as relações em que exista um elemento de diferença. No entanto, o que Foucault refere como Poder não é necessariamente o significado que retiramos da palavra no senso comum; trata-se da criação de uma relação entre dominadores e dominados.

Na base da sua concepção de poder está a noção de negação de uma força possuída por um corpo regente, exercido de inúmeras maneiras, disperso nas relações sociais, onde apenas as maiores dominações, como o estado, a classe ou o género, emergem dessa super-estrutura. O poder em Foucault é *“imbuído calculistamente mas na ausência de qualquer plano orquestrado a partir do topo; e onde está o poder, está a resistência, mesmo que não haja um único lugar para uma grande Recusa”* (p. 94-96).

Esta concepção de poder assenta na ideia de Foucault que, por definição, a *“resistência só pode existir no campo estratégico das relações de poder. Mas isto não quer dizer que sejam apenas uma reacção formada pelo respeito à dominação de modo passivo”* (p. 96). Pelo contrário, significa que as reacções têm efeitos imprevisíveis devido aos *“pontos, nós ou focos de resistência espalhados no tempo e no espaço em densidades diversas”* (p. 96).

Tal como o vasto poder que atribuímos ao estado é realmente parasítico na teia do corpo social, também a codificação estratégica dos vários pontos de resistência é o que, de tempos a tempos, *“torna a revolução possível”* (p. 96).

Com o iluminismo, a visão da sexualidade como algo pecaminoso mudou e adaptou-se às exigências de racionalidade próprias das ciências. Assim, para Foucault, as doutrinas sobre a sexualidade que postulavam vários comportamentos sexuais como “anormais” e que regulavam as relações através do casamento, ignoravam outras formas de expressão sexual como a sexualidade infantil, a sexualidade dos criminosos, dos doentes mentais e dos homossexuais.

Os perversos tornaram-se num grupo em vez de se tornarem em pessoas com certos atributos. A sexualidade tornou-se no principal critério para a definição da identidade de alguém. Relações homossexuais vistas até então como um pecado, poderiam ser executadas de tempos a tempos, mas emergiu também um novo grupo de personagens: os homossexuais.

Até ao século XVIII, nunca tinha surgido a questão se a homossexualidade seria uma função da hereditariedade ou da educação. Era algo pouco importante como característica identitária, apenas algo que as pessoas faziam. Apesar de tudo, a homossexualidade não era o único objecto de estudo para as ciências psicológicas e médicas. Foucault identificou quatro temas recorrentes:

- A histerização do corpo da mulher (devido ao seu papel de “criadora de bebés” dado que o conceito de histeria fora inventado como o resultado de problemas de ordem sexual);
- A visão Pedagógica da sexualidade infantil (as crianças deveriam ser protegidas dos perigos inerentes à masturbação e outras formas de sexualidade);
- A Socialização da reprodução (a importância da reprodução é reconhecida e colocada no contexto dos estudos demográficos);
- A Psiquiatrização da perversidade (a sexualidade dos adultos torna-se num objecto de estudo e todas as formas de aberração perversa são vistas como um perigo).

Foucault enfatiza que o objectivo destes novos códigos morais não é a abolição de todas as formas de sexualidade, mas a preservação da saúde e da procriação. Muitas formas de sexualidade foram vistas como perigosas, mas muitas pessoas estavam apenas a tentar proteger a pureza da sua raça.

Foucault apresenta uma nova hipótese, segundo a qual a sexualidade humana não deve ser concebida como um dado da natureza que o poder tenta reprimir, mas sim como um produto do encadeamento da estimulação dos corpos, da intensificação dos prazeres, da incitação do discurso, da formação dos conhecimentos e do reforço dos controlos e das resistências.

Esta nova visão acarreta duas consequências importantes: em primeiro lugar, o poder que orquestra a sexualidade e o conhecimento encapsulado nos discursos sexuais tornam-se indissociáveis; em segundo lugar, possibilita a “construção das pessoas” (Epstein, 2003).

A discussão de Foucault acerca do contraste histórico entre o sodomita e o homossexual descreve o modo como os códigos canónicos ou civis consideravam o perpetrador como um problema judicial. A criação da

personagem do homossexual no século XIX, com a associação a um novo tipo de vida, de forma e de morfologia, tornou a homossexualidade numa espécie de hermafroditismo da alma. “*O sodomita tinha sido uma aberração temporária; o homossexual era agora uma espécie*” (p. 43).

As sexualidades são, assim, socialmente construídas. Tal como a hipótese repressiva funciona do ponto de visto explicativo, cada um aceita a verdade que mais lhe convém ou então inventa novas verdades.

A Construção Social da Sexualidade

O Que é a Sexualidade?

Quando se tenta responder a uma questão como esta, rapidamente nos apercebemos que não é uma tarefa fácil, pois a sexualidade – tal como muitos outros aspectos da experiência humana – mostra-se-nos como uma realidade complexa e repleta de diversidade.

Katchadourian (1979) sugere que quando se fala de sexualidade e dos seus significados, devemos ter em conta duas categorias principais: a que divide organicamente os homens e as mulheres, bem como as qualidades que os distinguem; e o comportamento erótico. No entanto, existem sempre significados adicionais. A palavra surge frequentemente associada ao sexo, quando não se limita a tal; poder-se-á também considerar a dimensão da identidade básica, que se manifesta no nosso estilo de vida, nos papéis sexuais sociais e nos modos de expressar o afecto; e trata-se de um processo activo e dinâmico de ser, que influencia o nosso pensamento, a nossa auto-imagem, o nosso corpo, as nossas escolhas e as nossas preferências.

Assim, torna-se quase impossível distinguir efectivamente os aspectos sexuais dos não-sexuais. Para evitar este facto, há três ideias básicas sobre as quais deverá assentar a nossa compreensão da sexualidade humana (Martínez & Sánchez, 1997):

1. A Sexualidade é algo inerente ao nosso ser;
2. Existe uma mútua e contínua inter-relação entre os aspectos sexuais e os aspectos não-sexuais;
3. A Sexualidade está mediatizada por tudo o que somos enquanto pessoas o que, por sua vez, influencia o modo como pensamos e agimos.

As diferentes abordagens que nos últimos anos trouxeram valiosas contribuições para o estudo da Sexualidade têm que ser tomadas em conta, na medida em que proporcionam um olhar multidimensional necessário quando se pretende estudar a temática dos fenómenos sexuais.

A Dimensão Sócio-Cultural da Sexualidade

Parece óbvio que cada sociedade modela, estrutura e controla o desenvolvimento e a expressão da sexualidade de todos os seus membros (Beach, 1977). De facto, existem uma série de traços dessa expressão que parecem ser constantes em todas as culturas (Davenport, 1992):

- As “culturas do sexo” são extremamente variáveis em termos das suas ideologias e valores;
- A “cultura do sexo” é um dos envolvimentos mais imediatos da sexualidade e é particularmente importante para a aprendizagem e a expressão sexuais entre os indivíduos e grupos;
- A “cultura do sexo” exerce uma influência importante e contínua nas expressões comportamentais da sexualidade.

Mas, se cada cultura revela grandes diferenças na forma como validam as suas expressões sexuais, isto deve-se ao facto de nos depararmos com uma grande variabilidade de valores e ideias que regem essas mesmas culturas. Para percebermos melhor a natureza dessas regras, necessitamos caracterizar uma série de instituições sociais: a religião, a economia, a ciência, o casamento, a família, etc. Em última análise, estas instituições ditam as normas da expressão sexual, julgando que tipo de comportamentos são inapropriados, apropriados mas não estritamente necessários, ou que comportamentos são esperados pelos membros de determinada sociedade.

De qualquer modo, como nos diz DeLamater (1987), o controlo social sobre a expressão do comportamento sexual deriva da interacção entre as ideologias e as diferenças institucionais sociais e as características estruturais das ditas instituições. Entre estas últimas, destacam-se as seguintes:

- O grau de centralização da autoridade, ou seja, o grau de pressão que se exerce nos indivíduos para que adiram ao que é desejável para a instituição;
- O número de pessoas que dependem da instituição;
- O grau de autonomia do indivíduo em relação ao controlo institucional.

De um modo geral, pode então dizer-se que o controlo social será tanto mais rígido quanto maior for o grau de centralização das autoridades, o número de pessoas e a autonomia individual.

Também não nos podemos esquecer que existem uma série de influências e pressões que se originam ao nível dos grupos ou sub-culturas específicas dentro de uma determinada sociedade. Entre outras, apontam-se as crenças religiosas, a classe social, o género sexual, o *status* marital e a etnicidade (Martín & Sánchez, 1997).

A Dimensão Interpessoal da Sexualidade

O modo como o indivíduo aprende certas habilidades, normas e motivações sociais (pela socialização geral), tem muita importância no processo da socialização sexual, através do qual desenvolverá todo um conjunto de atitudes, valores, normas e papéis sociais relacionados com a sexualidade.

Durante os primeiros anos de vida, são os pais os primeiros agentes de socialização, facilitando (ou não) identificações e reforçando ou modelando as informações que proporcionam aos seus filhos. À medida que a criança vai aprendendo quais as condutas relacionadas com a sua identidade que são apropriadas, começa a sentir e a valorizar de forma positiva ou negativa as suas manifestações sexuais, bem como as dos outros.

Na adolescência, a necessidade de estabelecer relações íntimas obrigam a uma reformulação das atitudes e valores até então interiorizados, para que ocorra uma nova aprendizagem de comportamento interpessoal e expressão sexual. Aqui, entram em jogo aspectos ou características mediadores da vida sexual dos intervenientes da relação: estilo de comunicação, grau de intimidade, grau de dependência/independência, a confiança ou as relações de poder (Martín & Sánchez, 1997).

A Dimensão Individual da Sexualidade

Há uma série de processos internos individuais que têm muita importância no modo como os indivíduos vivem e se comportam sexualmente. Estes processos podem ser fisiológicos, afectivos ou cognitivos.

Do ponto de vista fisiológico, tal como vimos anteriormente, a herança biológica dirige o curso dos processos bio-fisiológicos de desenvolvimento sexual, o que favorece uma grande variabilidade na expressão sexual, mas também contribui para a activação sexual dos indivíduos, nomeadamente a atracção sexual.

Tal como nos diz Kaplan (1983, p. 39-40), *“o desejo sexual depende da activação de um sistema específico de circuitos e núcleos cerebrais. O apetite sexual experimenta-se quando os circuitos sexuais se activam... Para um funcionamento normal desses circuitos, são necessários níveis adequados de testosterona e um equilíbrio adequado dos neurotransmissores serotonina, dopamina e catecolaminas”*.

Do ponto de vista afectivo, há que ter em conta que o comportamento sexual, as fantasias e os pensamentos sexuais produzem um impacto emocional no indivíduo. Este pode sentir-se envergonhado, culpado, relaxado ou com prazer. Quer sejam positivas ou negativas, estas reacções afectivas afectarão seguramente a vivência sexual (Martín & Sánchez, 1997).

Por outro lado, o fenómeno do enamoramento e a busca consequente de intimidade sexual conduz as pessoas a procurarem um padrão de relação que assenta na proximidade física e emocional. Obviamente que estes processos afectivos podem estar presentes com maior ou menor intensidade, influenciando de maneira diversa a vivência da sexualidade desde a atracção até à relação sexual, passando pelo enamoramento.

Do ponto de vista cognitivo, os indivíduos constroem um conhecimento e uma interpretação da realidade que terão um papel determinante nas suas vidas sexuais. Desde o raciocínio transdutivo nas crianças até ao hipotético-dedutivo nos adultos, as pessoas apreendem informações sobre crenças, valores, expectativas e fantasias que vão influenciar grandemente os seus comportamentos sexuais (Fisher, 1986). De facto, para aprenderem a

comportar-se sexualmente, os indivíduos têm que dar um significado sexual a determinados estímulos externos e a identificar e dar também um significado erótico a determinados estímulos internos.

Para além disso, existe um outro grande mediador cognitivo da sexualidade que é a possibilidade de criarmos situações através da fantasia e da imaginação que têm, como sequência, o início de uma resposta sexual.

Os Fins da Sexualidade

Do ponto de vista biológico parece não haver grandes dúvidas que o fim da sexualidade é a reprodução. No entanto, se este argumento tem grande validade quando se fala de espécies inferiores, quando se trata de falar dos vertebrados superiores e, sobretudo, do Homem, este determinismo biológico e hormonal dá espaço a outro tipo de influências, nomeadamente sociais, interpessoais e individuais.

Na espécie humana, o desejo sexual e a receptividade sexual estão presentes ao longo de todos os ciclos hormonais e em todas as fases do ciclo de vida. Por outro lado, sabemos pela própria história da humanidade que as pessoas sempre tentaram controlar a concepção. Deste modo, podemos afirmar que a reprodução não é, seguramente, o único fim da sexualidade.

Uma das funções mais importantes que a sexualidade exerce na nossa espécie é a busca do prazer, nomeadamente um prazer de natureza excitante e orgásmica, mas também o prazer de proporcionar prazer. Assim, o aspecto da gratificação que a pessoa busca no encontro sexual não é um mal em si mesmo, mas uma componente inseparável que pertence à própria natureza da pulsão sexual e que se revela extraordinariamente funcional para o equilíbrio do sujeito, independentemente da fase de desenvolvimento sexual em que este se encontre, inclusive nas mais avançadas (Abraham & Passini, 1980).

Outra função importante da sexualidade é o aspecto relacional, já que a busca sexual se traduz numa procura de outros e de tomada de contacto com eles. Neste contexto, pode converter-se numa forma privilegiada de expressar carinho, afecto ou amor, o que tem também consequências ao nível da promoção de valores culturais fundamentalmente instrumentais que valorizam o bem-estar e a saúde física e psíquica dos indivíduos.

Sexualidade e Cultura segundo Bhattacharyya

Para Bhattacharyya (2002), o debate sobre a sexualidade é essencial para todas as áreas sociais actuais. A autora propõe uma abordagem ao estudo da sexualidade que incide sobre o impacto das reestruturações económicas e das forças globalizantes actuais no modo como as pessoas vivem a sua intimidade e a sua sexualidade. Neste sentido, a sexualidade não é mais do que uma emergência face à necessidade de conhecimento. Assim, é-nos proposto um modelo de análise de sete dimensões: a normatividade, a universalidade, a instrumentalidade, o desempenho, a objectificação, a representação e a revelação dos segredos.

Para a primeira dimensão – a normatividade, Bhattacharyya (2002) recorre à análise da heterossexualidade. Trata-se de uma posição de busca de aceitação e não tanto de prazer. Encontra uma forte legitimação devido a imperativos biológicos, às sanções religiosas, à estabilidade social e ao crescimento da economia. Aqui, a sexualidade é vista como uma das “encomendas” sociais mais solicitadas e é acompanhada de uma recompensa social pela afirmação de que se tratam de bons cidadãos. Esta conjectura de desejo de conformação à norma social cria um receio pelo prazer sexual inesperado. De facto, se alguma actividade desencadear uma reacção surpresa, existirá sempre o perigo de afastamento para regressar ao círculo protector da norma social.

Já na segunda dimensão – a universalidade, é-nos proposta uma análise histórica da sexualidade, na medida em que os corpos dos indivíduos se dispõem numa essência sem estrutura temporal. Ou seja, provavelmente ao longo de todo o tempo, as pessoas sentiram o mesmo tipo de sensações ao estimularem os seus órgãos genitais, pelo que as fantasias e a narração do acto sexual se mantiveram ao longo do tempo.

A instrumentalidade é a terceira dimensão abordada. Aqui, recorre-se a uma análise do Estado e da Economia, na medida em que exploram os benefícios que as pessoas tiram por se relacionarem sexualmente. Em parte, trata-se do prazer retirado no serviço a um bem maior, o que transforma o prazer individual numa experiência global e socializada. Por outro lado, esta

dimensão também surge da aceitação da disciplina e da constrição. Isto faz com que a excitação surja através da permissão de apenas uma pequena fracção do prazer. Entram aqui as estruturas do Estado que controlam este mecanismo, nomeadamente nas regras impostas aos cidadãos relativamente ao modo de controlar a actividade sexual, mas também através da gestão do dinheiro e do poder na sociedade.

A quarta dimensão proposta é o desempenho, no qual se investigam as implicações do comportamento sexual numa identidade fragmentada. Ou seja, o prazer deriva de um estilo de ser e não de uma técnica específica. Este estilo facilita uma certa teatralidade e não se acomoda a fronteiras definidas para a expressão sexual; pelo contrário, expande essas fronteiras até aos limites da imaginação. Consequentemente, o prazer vivido molda as possibilidades do corpo e influencia outras áreas da vida.

Na quinta dimensão – a objectificação, os indivíduos dispõem os seus corpos de modo a conceptualizarem um terreno incerto e imaginário como um momento estático de hierarquia. Aqui, remete-se para a relação de Poder para aumentar a excitação sexual, recorrendo ao reconhecimento social de que o equilíbrio pode não ser tão excitante. Aprende-se, portanto, que as relações de poder podem ser eroticizadas.

Na sexta dimensão abordada – a representação, é proposto que os indivíduos aprendem que existe uma incerteza na fronteira entre o mostrar e o fazer; esta incerteza possibilita a aprendizagem sexual. Trata-se de observar, esperar, aprender a fazer pausas, ou seja, que se pode retirar mais gratificação através dos artifícios culturais do que apenas dos imperativos biológicos. Neste processo, as representações tornam-se num fim da própria sexualidade.

Finalmente, na sétima dimensão, a autora fala-nos da revelação de segredos, na medida em que se autorizam espaços para a expressão da sexualidade. No fundo, estamos perante uma atitude face ao mundo exterior após um forte momento de intimidade. Recorrendo à metáfora da espacialidade, trata-se de aproveitar o prazer de estar algures entre o dentro e o fora, entre o escondido e o revelado, entre o expansivo e o contido.

Variações Culturais no Comportamento Sexual

Principais Estudos sobre a Variabilidade na Organização Social do Comportamento Sexual

A regulação da sexualidade é tão variável que, o que numa sociedade pode ser considerado como um delito de morte, noutra pode ser admitido com toda a normalidade. Há vários estudos antropológicos que observaram muitas destas diferenças. Por exemplo, algumas sociedades castigaram com a pena de morte as relações sexuais fora do casamento, ao passo que noutras era comum oferecer um parceiro ou ter liberdade para o fazer fora do matrimónio; noutras ainda era comum alguns irmãos partilharem a mesma mulher (Levi-Strauss, 1986).

Em algumas sociedades polinésias obrigam-se os jovens em fase de passagem para a adultez a fazerem uma felação a um homem adulto em praça pública como ritual, pois acredita-se que as qualidades viris de macho se encontram no esperma, logo a única maneira de um jovem se tornar num adulto macho é adquirindo essas qualidades tão valorizadas através da ingestão de esperma (Mondimore, 1998).

Malinowsky (1929) foi um dos primeiros investigadores antropológicos que se interessou pela pesquisa transcultural da sexualidade e realizou inúmeras entrevistas aos habitantes da Ilha de Trobiand, no Noroeste da Melanésia, resultando na publicação do livro "The Sexual Life of Savages" (A Vida Sexual dos Selvagens). Das principais conclusões do autor, destacam-se as seguintes:

- As sociedades eram tipicamente matrilineares, onde a descendência, o parentesco e todas as relações sociais só eram legalmente reconhecidas através da mãe e nas quais as mulheres tinham um papel dominante na vida económica da tribo, bem como na vida cerimonial, o que influenciaria os costumes e a vida erótica;
- Os trobiandeses eram muito livres e simples relativamente às suas relações sexuais; as crianças gozavam de um plena liberdade e independência também no domínio sexual.

- O casamento era monógamo, estando reservado o direito à poligamia aos chefes da tribo; o incesto era igualmente proibido.

Já Mead (1935) publicou “Sexo e Temperamento nas Sociedades Primitivas”. A partir dos seus estudos na Nova Guiné (a autora focalizou a sua pesquisa nos papéis sexuais sociais) concluiu que todos os traços de personalidade tradicionalmente designados como masculinos ou femininos estão pouco ligados ao género sexual. A natureza humana é tão espantosamente maleável que responde pontualmente, e de maneiras opostas, a condicionamentos culturais também eles opostos.

Em 1943, Unwin publicou “Sexo e Cultura”, no qual o autor comparou oitenta grupos sociais europeus classificando-os numa escala de desenvolvimento cultural. Concluiu que o desenvolvimento de uma cultura depende do número e do peso específico dos obstáculos que uma dada sociedade coloca em relação às relações sexuais. Para ele, as sociedades mais sexualmente reprimidas são também aquelas com maior desenvolvimento cultural.

A natureza das mudanças sobre a sexualidade focaliza-se ao nível da tradicional dependência da conjugalidade (Bozon, 2001). Todavia, o verdadeiro impulso no estudo da variabilidade dos comportamentos sexuais ocorre a partir dos anos 1980, após a epidemia da SIDA (Donovan & Ross, 2000), tendo em vista o objectivo concreto de otimizar a eficácia dos programas de prevenção da doença.

Schmitt *et al.* (2004) falam-nos do seu estudo internacional com 16,954 participantes de cinquenta e três países diferentes referindo alguns dados fundamentais para a compreensão das diferenças culturais na regulação das relações de natureza sexual:

- Comportamentos de namoro de natureza romântica com alguém já num contexto relacional são mais comuns na Europa do Sul, na América do Sul, na Europa Ocidental e na Europa de Leste; e menos comuns em África, no Sul e Sudeste Asiático e na Ásia de Leste;
- Os homens revelaram ter tido mais comportamentos de corte de curto-prazo do que as mulheres em todas as regiões, apesar de as

diferenças terem sido mais reduzidas nas regiões onde existe mais igualdade entre sexos;

- As pessoas que tentam roubar o parceiro de outra pessoa possuem traços de personalidade semelhantes em todas as regiões, bem como aquelas que recebem e cedem às tentativas de corte;
- As experiências relacionais estão universalmente ligadas ao sexo, à cultura e à clara influência de disposições pessoais particulares.

Nieto (2004) refere-se aos comportamentos das crianças e dos adolescentes como sendo tendencialmente definidos pelas culturas ocidentais com implicações sexuais e/ou eróticas de grande importância, ao passo que noutras culturas são relativizadas, como por exemplo, a masturbação, as actividades sexuais entre adultos e menores, os casamentos trans-geracionais ou os comportamentos homoeróticos.

Relativamente a este último aspecto, Rosário, Schrimshaw & Hunter (2004) verificaram no seu estudo com jovens gays, lésbicas e bissexuais que os indivíduos negros se envolviam menos em actividades sociais nas comunidades homossexuais e também revelavam menos a sua identidade do que os indivíduos brancos.

Assim, fica clara a noção de que a organização das relações sexuais entre as pessoas está carregada de grande variabilidade, de acordo com as influências particulares da natureza cultural.

Variabilidade na Organização das Relações entre os Sexos

Uma das formas mais comuns de organização das relações entre os sexos é o casamento. No entanto, há tantas formas e sistemas matrimoniais diferentes, que se torna muito difícil definir o conceito de uma maneira simples.

Por exemplo, na África ocidental há pelo menos treze formas reconhecidas de casamento, que nem chegam a ser claras para um ocidental, já que não existem fronteiras definidas entre a forma clássica de casamento, uniões de facto ou entre casais homossexuais (Martín & Sánchez, 1997).

Nalgumas sociedades chegam a acontecer matrimónios entre uma pessoa viva e outra morta (por exemplo, nos mórmones) ou entre uma pessoa viva e outra que ainda nem nasceu (por exemplo, os povos primitivos australianos). No entanto, de acordo com o Atlas Etnográfico de Murdock (1967), em 44% das sociedades estudadas, a forma mais estendida de matrimónio é a poligamia. Nestas sociedades, a poligamia é particularmente aceite, na medida em que, o facto de o homem poder ter mais do que uma mulher revela um importante sinal de riqueza e de poder. Em algumas sociedades a poligamia só está autorizada ao seu chefe, noutras o número de mulheres autorizado é muito variável.

As formas de organização poligâmica são diversas e vão desde os sistemas rotativos que obrigam o homem a permanecer com determinadas esposas por um tempo determinado, até sistemas onde o homem decide livremente o tempo que passa com cada uma.

Na poliandria, o facto de uma mulher dispor de vários homens é extremamente raro; das 826 sociedades estudadas por Murdock (1967) apenas foram encontradas quatro destas sociedades. No entanto, a poliandria estava muito ligada a factores económicos; por exemplo, seria mais barato para uma dada sociedade fazer com que uma só mulher passasse alternadamente pela casa de vários irmãos.

Há apenas um caso (de que se tenha conhecimento) da existência de casamentos grupais. Trata-se de uma comunidade indiana (os Pahari) e é provocado porque os irmãos vão comprando esposas que depois partilham à medida que os recursos assim lhes permitem.

A monogamia – a união matrimonial entre apenas duas pessoas – está presente, segundo Murdock (1967) em aproximadamente 16% das sociedades estudadas, embora seja o sistema que os ocidentais acreditam ser o mais disseminado.

Nos outros 39% das sociedades, coexistem a poligamia e a monogamia, associadas com frequência a razões de ordem económica ou religiosa. De qualquer modo, em todos os casos existem leis, normas ou costumes que regulam a formação dos casamentos, a convivência entre o casal ou casais e mesmo a sua ruptura.

Variabilidade nas Práticas Sexuais

Muito embora existam, no conjunto das práticas sexuais entre as pessoas, uma série de comportamentos que não envolvem uma penetração, em quase todas as culturas é a consumação do coito que efectiva a relação sexual.

Nos humanos, o que é realmente característico é a variabilidade de formas de praticar o coito de cultura para cultura. Por exemplo, no Livro do Kama Sutra (Dane, 2003) existem cerca de quinhentas e vinte e nove posições diferentes sugeridas.

No entanto, há que ter em conta que a própria palavra coito pode suscitar alguma ambiguidade, nomeadamente em relação à natureza do acto. Se normalmente se refere ao coito vaginal (introdução de um pénis numa vagina), também se pode referir ao coito anal (introdução de um pénis num ânus) ou ao coito interfemoral (entre os músculos) ou ainda intermamário (entre as mamas).

Para tentar evitar esta ambiguidade, o antropólogo Gregersen (1982) propôs a existência de cinco características posturais para as relações heterossexuais, de acordo com a área cultural de influência: a postura de missionário (na qual o casal está frente a frente, o homem na parte superior e a mulher na inferior), mais frequente no ocidente; a postura de "Ur" (assim denominada devido à sua representação gráfica em Ur, na Mesopotâmia), na qual é o homem que está deitado e a mulher está em cima dele e que é mais frequente entre os índios americanos e os aborígenes do Pacífico; a postura africana ou coito lateral (assim denominada devido à frequência com que se pratica em África), na qual os parceiros estão deitados lateralmente, frente a frente; a postura traseira (mais frequente nos primatas), na qual o homem penetra por trás, está mais difundida em África, em certas zonas da Índia e na América; a postura oceânica (assim denominada por ser praticada em numerosas ilhas do Pacífico), na qual os parceiros estão posicionados frente a frente, mas o homem está sentado de cócoras e a mulher está deitada; finalmente, a postura erguida, presente em todas as culturas, associada a uma actividade rápida e ilícita.

Relativamente a outras práticas que não sejam o coito vaginal, existem poucos dados transculturais que sejam indicadores, talvez devido à visão genital da sexualidade que os investigadores possuíam. De qualquer modo, sabe-se que em muitas culturas ocorre o coito anal (embora mais associado à homossexualidade masculina, ainda que muito homossexuais prefiram contactos manuais ou buco-genitais) e também a felação mais cingida às culturas ocidentais. Também a masturbação é um comportamento muito frequente em todas as culturas, embora as atitudes em relação a ela sejam muito variáveis. Finalmente, o beijo, embora muito generalizada a sua prática, em algumas culturas asiáticas é totalmente rejeitado e visto com muito asco.

Importa, ainda, clarificar o modo como a variabilidade das práticas sexuais se manifesta ao nível das proibições e dos castigos. As proibições sexuais mais universalmente difundidas são aquelas que estão ao serviço da manutenção familiar. A proibição do incesto, do adultério, da violação ou da pedofilia são encaradas socialmente com muita diversidade, variando a sua punição entre a pena de morte e uma mera reprovação social.

No entanto, e sobretudo para a mulher, o adultério é uma das proibições mais graves que pode culminar com a morte da adúltera, com mutilações corporais ou com a sua humilhação em praça pública.

De um modo geral, dada a enorme variabilidade transcultural em relação às atitudes proibitivas, consideram-se sociedades sexofílicas (com grande tolerância ou aceitação de comportamentos sexuais menores, jogos sexuais, masturbação, relações pré-matrimoniais, permissividade em relação às minorias, menos castigo para as relações extra-matrimoniais, facilidade de divórcio, etc.); e as sociedades sexofóbicas, onde predominam todas as características inversas (Martín & Sánchez, 1997).

O Grande Debate: Essencialismo *versus* Construtivismo Social

Um dos debates fundamentais que se dão entre os cientistas sociais e humanos relativamente à sexualidade humana é exactamente saber se esta é essencial ou construída. No discurso político e social, cada vez mais se reconhece e se acostuma à existência de pessoas designadas por heterossexuais, gays, lésbicas ou bissexuais. No entanto, o conceito de “tipos de pessoas” que se define a partir dos seus comportamentos e desejos de natureza sexual é recente.

As categorias sexuais “heterossexual”, “homossexual” e “bissexual” são construídas pela sociedade (Rust, 1995). Criámos essas categorias e é através delas que julgamos os nossos próprios comportamentos e os nossos sentimentos, bem como os comportamentos e sentimentos dos outros.

Isto significa que interpretamos os nossos desejos recorrendo a conceitos e a possibilidades que a nossa cultura nos facilita e que nós percebemos como indicadores da classe de pessoas que somos (Rust, 1995). Então, desde um ponto de vista construtivista, os heterossexuais, os homossexuais e os bissexuais existem porque se pensam desse modo.

A visão construtivista da sexualidade é muitas vezes confundida com a própria socialização da sexualidade. Defender uma posição de que a sexualidade é socialmente construída não é uma simples avaliação da origem ambiental dos traços da sexualidade; o argumento construtivista defende que a sexualidade nem sequer é um traço, mas simplesmente um constructo que possibilita a identificação de transições particulares que são apropriadas a uma dada expressão da sexualidade (Bohan, 1997).

A sexualidade assim definida não reside no indivíduo, mas existe nas interacções socialmente construídas. Deste ponto de vista, a relação ou a moral são qualidades das interacções e não dos indivíduos. Ou seja, o significado da transacção “feminino/masculino” ou hetero, bi ou homossexual é socialmente acordada e reproduzida pelo mesmo processo de participação nessa transacção (Bohan, 1997).

Por outro lado, os essencialistas defendem a ideia de que os vários componentes da sexualidade são características intrínsecas aos indivíduos.

Este facto representa uma “essência”, algo real no sentido absoluto; algo que existe mesmo na ausência de qualquer interpretação cultural. A essência é o que veríamos se pudéssemos eliminar toda e qualquer deformação cultural e preconceituosa (Rust, 1995).

O ponto de vista essencialista prevê que a natureza da nossa sexualidade já está definida mesmo antes que tomemos consciência dela. Quando alguém diz que é hetero, bi ou homossexual, está a criar um laço entre si e outros de uma mesma categoria, enfatizando ao mesmo tempo que o que os diferencia de quem tem outras essências é a colocação dessas pessoas nessa outra categoria.

A designação de uma abordagem essencialista não quer dizer que se defenda uma determinação biológica da sexualidade (Bohan, 1997). Uma visão essencialista considera a sexualidade como um residente do indivíduo, uma qualidade ou um traço que descreve a personalidade, os processos cognitivos ou o julgamento moral. Assim, os modelos essencialistas retratam a sexualidade em termos dos atributos fundamentais que são concebidos como internos, persistentes e geralmente separados da experiência interactiva com os contextos sócio-políticos diários da vida de uma pessoa (Bohan, 1997).

O termo “construtivismo social” é muitas vezes utilizado para se referir a qualquer influência social sobre a experiência do indivíduo. Contudo, deverá ser melhor utilizado como um paradigma teórico específico, cuja fundamentação teórica assenta na assunção de que “*a realidade é socialmente construída*” (Berger & Luckman, 1966, p. 1).

Em primeiro lugar, a experiência que ganhamos do mundo é uma experiência ordenada, na medida em que não são percebidos os estímulos de modo caótico, mas como uma realidade objectiva, onde os objectos permanecem independentemente da nossa percepção. Em segundo lugar, a linguagem fornece a base através da qual categorizamos ou tipificamos o mundo, ou seja, o interpretamos. Em terceiro lugar, a realidade do dia-a-dia é uma realidade partilhada, tornando-a um produto da interacção social (Gergen, 1985). Em quarto lugar, essa realidade partilhada institucionaliza-se, facilitando a habituação e a predição de comportamentos.

Se, por um lado, não restam grandes dúvidas sobre a base biológica da motivação sexual, por outro, a biologia não dita onde, quando e com que objectos uma pessoa estabelece um contacto de natureza sexual. “A sexualidade é canalizada para direcções específicas de natureza social e não biológica, canalização esta que não só impõe limites nessas actividades como também afecta directamente as funções mais orgânicas” (Berger & Luckman, 1966, p. 181)

Gagnon (1990), afirma claramente que a sexualidade “*não é um fenómeno universal igual para todas as épocas históricas, nem para todos os espaços culturais*” (p. 3). Quer isto dizer que a sexualidade fica definida pela cultura, pelos comportamentos e pelos relacionamentos de natureza sexual que se estabelecem e pela aprendizagem dessas definições ou *scripts* pelos membros de uma dada sociedade (DeLamater & Hyde, 1998).

Acontecimentos marcantes na vida sexual das pessoas, como o nascimento, a anatomia sexual, a menarca, a iniciação sexual, a impotência ou a frigidez, e que têm um forte carácter biológico, revestem-se de significado porque ocorrem num contexto social marcado pelos outros (Laws & Schwartz, 1977).

Foucault (1980) aplicou sistematicamente o paradigma do construtivismo social à compreensão da sexualidade humana, argumentando que não se tratava de uma essência, nem uma qualidade biológica, mas de um constructo cultural, próprio de um tempo e de um espaço específicos; cada instituição na sociedade tem um discurso sobre a sexualidade, um modo de pensar e falar sobre os comportamentos e os actores envolvidos na expressão sexual.

Ao contrário da ênfase colocada nas preferências universais da proposta essencialista, os teóricos do construtivismo social encaram as preferências sexuais como o resultado da socialização e da aprendizagem dos significados de cada sub cultura, reflectindo grandemente os valores culturais vigentes e as estruturas sócio-económicas. Por exemplo, características como a idade ou a virgindade são muito mais importantes numas sociedades do que noutras (Hatfield & Rapson, 1996).

As teorias essencialistas da orientação sexual consideram que a preferência por pessoas do mesmo ou de sexo diferente estão condicionadas por imperativos de base genética e hormonal, o que não deveria ocasionar

grande variabilidade na expressão da hetero ou da homossexualidade. Porém, tal não é o caso. Blackwood (1993), com base numa revisão da literatura antropológica revela que a homossexualidade varia grandemente de sociedade para sociedade: *“os padrões do comportamento homossexual reflectem os sistemas de valor e estruturas sociais das diferentes sociedades onde são encontrados. A ideologia relativa aos papéis sociais, laços de família e regras de matrimónio, e a divisão sexual do trabalho são importantes na construção do comportamento homossexual”* (p. 331).

Se, por um lado, nalgumas sociedades a expressão da homossexualidade parece associada a papéis institucionalizados mais ou menos fixos (DeLamater & Hyde, 1998), outras há em que as fronteiras são muito fluidas, como se verificou no caso dos Sambia (Herdt, 1987), onde os jovens de sexo masculino eram iniciados na vida adulta através da adopção exclusiva de comportamento homoerótico.

No contexto da construção social, a significação do género e da identidade sexuais assumem uma grande complexidade, ultrapassando a mera atribuição de papéis sociais (Bohan, 1997). De facto, não se trata de um traço, mas sim de um processo externo, definido pelas interações entre os indivíduos, pela linguagem e pelo discurso de uma dada cultura (DeLamater & Hyde, 1998).

Dizer que um indivíduo é heterossexual ou homossexual é fazer uma afirmação acerca desse indivíduo num contexto social particular e num ponto particular da sua vida (DeCecco & Elia, 1993).

CAPÍTULO 3 – CONSIDERAÇÕES SOBRE IDENTIDADE HOMOSSEXUAL

“A Identidade Homossexual já foi chamada de terceiro sexo, instinto sexual antipatético, perversão, inversão, homossexualidade, orientação homossexual, preferência homossexual e, mais recentemente, estilo de vida gay ou lésbico e, ainda, uma identidade gay mais socialmente construída. (...) Qualquer que seja a designação, há uma assunção inerente: é que ela constitui um ingrediente fulcral do espírito, corpo, mente, personalidade e relações sociais.” – Shively & DeCecco, 1983, p. 2

“Os modelos de desenvolvimento da Identidade Homossexual são como mapas de um continente novo que há que explorar: incompletos e demasiado simplificados.” – Mondimore, 1998, p. 193

“La (homo)sexualité est une part importante de notre existence et de notre bien-être. Elle structure non seulement, chez certain(e)s, la construction identitaire, mais peut aussi constituer un mode de vie.” – Jean-Baptiste Coursaud, 2002, p. 9

“Subjective experience tells us that the process of coming out as a sexual minority – for example, as lesbian, gay, or bisexual – must be very different today than it was in the 1950s, or even the 1980s. Instead of handkerchief and necktie codes and unmarked back alley bar entrances, sexual minority individuals in the United States can hear about the progress of same-sex marriage on the nightly news. Sexual identities have multiplied. Fifty years ago we had "homosexuals," forty years ago we had "gay men and women," twenty years ago we had "lesbians, gay men, and bisexuals" and now we have "lesbians, gay men, bisexuals, queers, ambisexuals, hasbians, and lesbians who sleep with men." The possibilities for sexual minority youth have become more numerous and visible, but also more complicated.” – Paula C. Rodriguez Rust, 2004, p. 34

Principais Variáveis Não-Psicológicas correlacionadas com a Homossexualidade

A interpretação da ocorrência de um fenômeno de natureza homossexual não fica completa sem um olhar a todos os seus componentes. Apesar de, neste trabalho, privilegiarmos as variáveis de natureza psicológica e social que contribuem para a construção da identidade homossexual, importa também explorar variáveis de outra natureza, dado que a investigação recente tem produzido dados que nos permitem considerar a influência de variáveis de natureza biológica e ambiental.

Os genes

Os indivíduos que se identificam como homossexuais ou bissexuais encontram-se identificados como pertencentes a linhagens familiares particulares (Bailey & Bell, 1993; Pattatucci & Hamer, 1995; Pillard, 1996).

Os estudos efectuados no campo da genética com gémeos homozigóticos permitem dizer que estes têm uma concordância para a não-heterossexualidade cerca de duas vezes superior à dos gémeos dizigóticos (Whitman, Diamond & Martin, 1993) o que sugere alguma influência genética na agregação familiar. Por outro lado, é também possível uma maior ocorrência de concordância cromossómica em pessoas não-heterossexuais que são irmãos entre si (Hamer *et al.*, 1993).

Bailey & Pillard (1991) demonstraram que 93% dos gémeos homozigóticos partilhavam a não-heterossexualidade, ao passo que entre gémeos dizigóticos este número ficava-se pelos 22%. No entanto, na comparação com irmãos adoptados e irmãos não adoptados, a ocorrência de não-heterossexualidade foi de, respectivamente 11% e 9%. Isto quer dizer que fica ainda por explicar uma grande percentagem de casos de comportamento homossexual, que talvez se devam à influência de outras variáveis.

Já Hamer *et al.* (1993), no seu estudo com quarenta pares de irmãos homossexuais, descreveram que trinta e três destes pares partilhavam um conjunto de cinco marcadores genéticos, nomeadamente os marcadores Xq28. No entanto, este estudo apresentou várias falhas metodológicas (nomeadamente a não-comparação com um grupo de pares de irmãos heterossexuais que funcionasse como grupo de controlo), o que não permitiu a replicação nem a identificação de conclusões semelhantes (Rice, 1999).

As Hormonas e a Neuro-Anatomia

Os dados da literatura relativamente à influência hormonal no comportamento homossexual são bastante contraditórios. Foram identificadas diferenças de concentração em hormonas pré-natais entre homens homossexuais e heterossexuais detectadas por pequenas diferenças nas impressões digitais, impressões estas que se instalam por volta do quarto mês de gravidez (Hall & Kimura, 1994).

No entanto, não existem diferenças aparentes nos receptores de androgénio entre homens homossexuais e heterossexuais, o que enfraquece a teoria da exposição hormonal (Macke *et al.*, 1993).

É possível que existam diferenças na morfologia do cérebro e, conseqüentemente, diferenças nas capacidades visual-espaciais entre homens heterossexuais e homossexuais (LeVay, 1993; Sanders & Wright, 1997). No entanto, tais diferenças são tão pequenas que se manifestam como insignificantes.

Há um conjunto de estudos longitudinais que sugerem que crianças atípicas em termos do seu género sexual acabam por se identificar como homossexuais, sobretudo na adolescência (Zucker, 1990). No entanto, os estudos com gémeos sugerem que a orientação sexual não é concomitante com a não-conformidade de género (Bailey & Pillard, 1991) e, para além disso, há vários registos populacionais que corroboram a ideia da homossexualidade masculina sem a reputação da feminilidade, como os Samurais do Japão feudal ou os Yanomamo da América do Sul (Kirkpatrick, 2000).

LeVay (1991) estudou os cérebros de quarenta e um cadáveres, incluindo seis mulheres, dezanove homens homossexuais, e dezasseis presumíveis homens heterossexuais, tendo descrito que existiriam diferenças ao nível dos núcleos intersticiais do hipotálamo anterior – 3 (NIHA-3), no seguinte sentido: a estrutura molecular e, conseqüentemente, o tamanho da NIHA-3 era semelhante entre as mulheres e os homens homossexuais, ao passo que os homens heterossexuais apresentavam diferenças mais marcadas.

Apesar disto, os estudos de LeVay (1991) apresentam muitas limitações metodológicas. A primeira tem a ver com o método de avaliação das semelhanças ao nível estrutural da NIHA-3. Hoje parece claro que o melhor método não será o de medir o volume, mas sim o número de neurónios presentes; depois, a amostra é demasiado pequena para que se possa fazer qualquer extrapolação; e, finalmente, o estudo não responde à pergunta: a serem verdadeiras as diferenças estruturais ao nível da NIHA-3, isso deve-se ao facto de terem nascido assim ou ao facto de terem tido experiências sexuais orientadas para o mesmo sexo, tornando-os assim?

Variáveis ambientais

A ocorrência de comportamentos homossexuais está correlacionada com diversas variáveis sócio-demográficas. Por exemplo, Fay *et al.* (1989) sugerem que o serviço militar aumenta em 50% a probabilidade de envolvimento homossexual.

A homossexualidade está também correlacionada com a ordem de nascimento na fratria, ou seja, a probabilidade de um homem ser homossexual aumenta com o número de irmãos mais velhos que ele tenha (Blanchard & Bogaert, 1996). Isto significa para os autores que é possível a existência de um antigénio face ao cromossoma Y como resposta do sistema imunitário da mãe que se tornasse mais forte gravidez após gravidez. É claro que o facto de os rapazes estarem em diferentes posições na família pode influenciar estes resultados, pelo que o ambiente pós-uterino pode também influenciar esta correlação.

Qualquer que seja a importância dada a cada uma destas variáveis, a verdade é que um factor isolado explica apenas uma muito baixa variância da ocorrência de um comportamento homossexual. Isto significa que poderão estar em jogo numerosos traços, próprios da multi-variada experiência humana, sem esquecer o conjunto de determinantes de natureza psicológica e social que privilegiamos no presente estudo.

Modelos de Construção de Identidade Homossexual

Definir Homossexualidade

Quando se fala de aspectos ligados à homossexualidade de um indivíduo, torna-se necessário clarificar uma série de questões. Uma das questões primordiais tem a ver com a distinção entre um comportamento homossexual (praticar sexo com alguém do mesmo sexo) e uma identidade homossexual (ver-se a si próprio como homossexual).

A diferença pode não ser clara à partida, pois para algumas pessoas que têm uma actividade homossexual, nem sempre é claro que se identifiquem como gays ou lésbicas, sobretudo se ainda não assumiram a sua sexualidade ou se o comportamento é circunstancial e não reflecte um desejo ou fantasia íntimos.

Apesar disto, é fundamental separar comportamento de identidade homossexual se quisermos obter, por exemplo, dados em relação à prevalência da homossexualidade. Afinal, a maioria das pessoas não descreve a sua sexualidade em função dos seus comportamentos ou fantasias.

Os dados obtidos por Alfred Kinsey (1948;1953) referem que 37% dos homens e 13% das mulheres tiveram, enquanto adultos, contacto sexual com ejaculação ou orgasmo com uma pessoa do seu próprio sexo. No entanto, da amostra de cerca de vinte mil pessoas dos EUA do pós-guerra, apenas cerca de 10% dos homens e das mulheres disseram ser exclusivamente homossexuais.

Sell *et al.* (1990) falam de um estudo transcultural entre homens na França, Reino Unido e EUA, envolvendo 5.700 sujeitos, no qual 11.6%, 7.8% e 11.6% respectivamente, descreviam comportamentos sexuais com pessoas do seu sexo a partir dos 15 anos de idade. Ainda, 10.8%, 4.7% e 6.3% respectivamente, responderam ter tido comportamentos sexuais com pessoas do mesmo sexo nos cinco anos antecedentes.

O quadro 12 representa as proporções de comportamento homossexual registado nas sociedades contemporâneas (Kirkpatrick, 2000).

População em estudo			Homens			Mulheres		
	N Homens	N Mulheres	Homo Exclusiva	Bi	Soma	Homo Exclusiva	Bi	Soma
Amostras não aleatórias								
EUA, 1929	-	2200	-	-	-	n. r.	n. r.	23%
EUA, 1947	111	-	n. r.	n. r.	27%	-	-	-
EUA, 1948	2830	2601	n. r.	n. r.	37%	n. r.	n. r.	20%
Amostras aleatórias								
EUA, 1953	1450	-	n. r.	n. r.	20.3%	-	-	-
EUA (Los Angeles), 1988	-	298	-	-	-	1%	3%	4%
EUA, 1995	1288	674	0.8%	5.4%	6.2%	0.3%	3.3%	3.6%
EUA, 1993	3324	-	1.1%	1.2%	2.3%	-	-	-
EUA, 1993	1401	-	0.7%	4.9%	5.6%	-	-	-
Noruega, 1988	3150	3150	0.6%	2.9%	3.5%	0.8%	2.2%	3%
França, 1992	9928	10127	0.7%	2.4%	3.1%	0.6%	2%	2.6%
França, 1994	1506	788	0.7%	10%	10.7%	0.1%	3.2%	3.3%
Reino Unido, 1994	8384	10492	0.2%	5%	5.2%	0.1%	2.5%	2.6%
Reino Unido, 1995	1137	696	1.1%	3.4%	4.5%	0.5%	2.1%	2.6%
Médio Oriente, 1954	113	-	n. r.	n. r.	38%	-	-	-
Colômbia, 1986	n. r.	n. r.	3%	15%	18%	n. r.	n. r.	12%
Tailândia, 1986	173	-	0.6%	16.3%	16.9%	-	-	-
Tailândia, 1993	983	1285	0.2%	3.1%	3.3%	0.9%	0.3%	1.2%
Tailândia, 1994	n. r.	-	n. r.	n. r.	25.6%	-	-	-
Mediana			0.7%	4.9%	8.5%	0.6%	2.4%	3.3%
Média			0.9%	6.3%	14.2%	0.5%	2.3%	7%

Quadro 12 – Proporções de Comportamento Homossexual nas sociedades contemporâneas (Kirkpatrick, 2000).

Em Portugal não existem muitos estudos relativamente à proporção de comportamento homossexual. O estudo de Lucas (1993) revela-nos que apenas 0.8% dos homens admitiram ter relações sexuais com outros homens (0.6% para os casados e 1.2% para os não casados), ao passo que apenas

0.4% das mulheres admitiu ter relações sexuais com outras mulheres (0.2% para as mulheres casadas e 1.3% para as não casadas). Já o estudo de Cruz (1997) revela que 3.4% dos homens e 3.6% das mulheres (7% no total) referiram experiência e prática de relações de natureza homossexual.

Um dos estudos mais recentes na avaliação da prevalência da identidade homossexual com uma amostra representativa de 10.173 homens e 9.143 mulheres entre os dezasseis e os cinquenta e nove anos de idade vem da Austrália (Smith *et al.*, 2003). Este estudo revelou que, 97,4% dos homens se identificaram como heterossexuais, 1,6% como homossexuais (gays) e apenas 0,9% como bissexuais e, entre as mulheres, 97,7% identificaram-se como heterossexuais, 0,8% como lésbicas e 1,4% como bissexuais. No entanto, quando foram exploradas dimensões de atracção e comportamento homoerótico, verificou-se que 8.6% dos homens e 15,1% das mulheres descreveram ter ou já ter tido tais experiências.

De qualquer modo, e como pudemos verificar, independentemente dos estudos realizados, uma média de 21,2% das pessoas (homens e mulheres) admite ter tido relações sexuais com alguém do mesmo sexo. De facto, o comportamento homossexual ocorre em todas as culturas de todo o mundo (Weinrich & Williams, 1991), embora tenha significados culturais e antropológicos diferentes.

No entanto, na sociedade ocidental, desenvolveu-se o conceito de identidade gay, lésbica ou bissexual, constituída por uma série de crenças, valores e redes de apoio, instituições, artefactos, especificidades linguísticas e linguagens que perfazem uma sub cultura à qual os homens e as mulheres homossexuais se podem identificar como membros (Weeks, 1985). Porém, porque a homossexualidade é percebida de maneira diferente noutras culturas, podemos não encontrar uma identidade gay ou lésbica semelhante nessa diferença.

A Construção da Identidade Homossexual

O que é que faz um indivíduo considerar-se homossexual? Apesar de este processo ser único para cada pessoa, há aspectos comuns no desenvolvimento de uma identidade gay ou lésbica.

A formação da identidade consiste no processo de auto-classificação a partir do qual um sujeito se reconhece e aplica um rótulo qualquer (Mondimore, 1998). Nesse caminho, torna-se muito importante aprender os rótulos e compreender as categorias. Infelizmente, as primeiras etiquetas com as quais as crianças tomam contacto no que diz respeito à orientação sexual são negativas e pejorativas.

“Sou homossexual?” – é uma pergunta que se coloca quase sempre com muita angústia, pois a resposta terá implicações em todas as áreas da vida e para sempre. Muitas vezes a pergunta é colocada na adolescência ou no início da idade adulta, mas muitos adolescentes têm comportamentos homoeróticos, sem que nunca lhes passe pela cabeça serem homossexuais. Por outro lado, há jovens que nunca tiverem sexo com ninguém, mas que fazem essa pergunta todos os dias. Também há adultos que nunca questionaram a sua sexualidade até ao dia em que se apaixonaram inexplicavelmente por alguém do mesmo sexo. Por tudo isto, torna-se necessário fazer uma distinção entre actos, desejos, amor e identidade homossexual.

Actos

Durante muito tempo, pensou-se que o sexo anal era apenas praticado entre homossexuais. Ora, sabemos que acontece frequentemente entre casais heterossexuais, como variante do coito vaginal. Por outro lado, em algumas culturas latinas é frequente alguns homens que apenas sejam activos não se considerarem gays. Para este tipo de homens penetrar outro homem é normal, mas beijá-lo já seria impensável, pois implicaria a componente afectiva...

Partindo da diferença que Freud (1920;1989) estabeleceu entre objecto sexual e fim sexual, percebe-se que o objecto sexual se refere ao acto de escolher um homem ou uma mulher como objecto sexual. O fim sexual refere-se apenas ao tipo de sexo realizado, independentemente da pessoa com quem se tenha sexo.

Estas diferenças revestem-se de grande importância, pois funcionam diferenciadamente como critérios de homossexualidade para culturas distintas. Por exemplo, nos países latinos continua a ser importante o acto da penetração, independentemente do sexo do penetrado; em países anglo-saxónicos, por exemplo, predomina muito mais o sexo biológico do objecto sexual e não o tipo de acto (Castañeda, 1999).

Assim sendo, os comportamentos *per se* não constituem um critério válido para a definição de homossexualidade, pois têm significados diferentes.

Amor e Desejo

O amor e o desejo também colocam uma série de dúvidas quando se pretende saber se alguém é homossexual ou não. Afinal, muitas vezes não se está consciente desse tipo de sentimentos. Outras vezes torna-se necessário viver experiências físicas de reconhecimento.

Uma atracção pode tomar diversas formas, mas o elemento que parece ser determinante na maioria das pessoas é o vínculo erótico, com a excitação especificamente genital. Aqui, parece que este reconhecimento é mais fácil para os homens do que para as mulheres, pois as mulheres tendem a ser mais difusas na sua experimentação, em termos da ligação afectiva e emocional (Castañeda, 1999).

Apesar de tudo, é possível que uma pessoa esteja apaixonada por outra sem ter excitação genital ou vice-versa. O amor pode tomar a forma de um interesse excessivo ou de dependência emocional, ciúmes ou irritação. No fundo, está-se perante a negação e o recalcamento de sentimentos homoeróticos proibidos.

Quer tudo isto dizer que a percepção dos sentimentos de alguém nem sempre é necessariamente fidedigna. Logo, nem os comportamentos, nem os desejos, nem os sentimentos bastam para concluir que alguém é homossexual.

A Identidade Homossexual

A identidade homossexual é a consciência e a aceitação de todos os elementos descritos. Essa identidade, conseqüentemente, implica uma coincidência de desejos, comportamentos e sentimentos que culminam na aceitação de alguém como homossexual, num acto de auto-definição. Estes elementos nem sempre surgem pela mesma ordem, nem na mesma altura da vida (Castañeda, 1999).

Quanto muito, poderíamos falar de diferentes graus ou fases de homossexualidade que vão desde experiências e desejos isolados, até chegar a uma relação amorosa e a um estilo de vida abertamente homossexual. Assumir uma identidade homossexual significa sentir, desejar, agir e pensar em conformidade.

O termo “gay” surge exactamente da necessidade de congruência e de aceitação da homossexualidade. Por isso, identificar-se como gay ou lésbica não acontece de um dia para o outro, ou seja, é o resultado de uma grande história. A identidade gay e lésbica constrói-se pouco a pouco; não é um facto, mas sim um processo.

Por esta razão, à pergunta “sou homossexual?” não há uma resposta necessariamente clara nem imediata. Muitas pessoas demoram anos até terem a certeza da sua identidade, ao passo que outras conhecem-na e têm a certeza desde o início das suas experiências eróticas. Os processos psicológicos têm os seus próprios ritmos e, sobretudo no continente obscuro da sexualidade, nem sempre é fácil expressar e entender a subjectividade.

O Coming Out¹

O fenómeno conhecido por *coming out of the closet* é um aspecto central no desenvolvimento de uma identidade homossexual. Envolve um processo complexo de transformações intra e interpessoais, que começam muitas vezes na adolescência e que se estendem até à idade adulta, levando ao reconhecimento da orientação sexual de alguém (Davies, 1996).

Trata-se de um processo de desenvolvimento complexo que envolve a consciência da pessoa e o reconhecimento dos seus sentimentos homoeróticos. Para algumas pessoas, assumir a sua sexualidade implica identificarem-se publicamente como gays, lésbicas ou bissexuais; para outras, implica fazerem-no apenas privadamente.

Seguidamente, exploram-se vários modelos explicativos sobre o modo como os indivíduos desencadeiam e processam os seus percursos de atribuição identitária.

O Modelo de Woodman e Lenna

Woodman e Lenna (1980) apresentaram um modelo primariamente intra-psíquico, pois centra-se mais no mundo interno dos indivíduos e nos seus processos psicológicos. Trata-se de um modelo de quatro etapas, semelhante ao de Elisabeth Kübler-Ross para a morte e o morrer: negação, confusão de identidade, negociação e depressão (ou integração saudável da orientação sexual).

➤ A Negação

Nesta fase, o sujeito pode ter comportamentos homossexuais, mas não percebe os seus sentimentos ou comportamentos por identificação homossexual.

Também é bastante comum assistir a operações de mecanismos de defesa para lidarem com sentimentos e comportamentos que é impossível negar: a repressão, a racionalização e a projecção. Uma forma de negação

¹ Por não existir nenhum vocábulo na Língua Portuguesa que expresse o sentido integrado de *coming out*, recorre-se ao termo original em Língua Inglesa.

mais subtil de negar a realidade é através de mecanismos de sublimação e supressão.

➤ Confusão de Identidade

Nesta fase, o indivíduo pode suspeitar que é gay ou lésbica, mas sente-se muito desconfortável com isso, manifestando incompreensão e conflito face à sua orientação sexual.

É muito comum a projecção da raiva e da homofobia internalizada em activistas gays e lésbicas por parte de pessoas nesta fase, porque exteriorizam a sua sexualidade, dando-lhes “um mau nome”.

➤ Negociação

Nesta fase, o sujeito sente-se esmagado por todas as implicações no que diz respeito ao assumir da sua homossexualidade e pode querer ser heterossexual ou bissexual. Pode haver um desejo de mudança da realidade por iniciativa própria ou por sugestão de alguém próximo.

➤ Depressão ou Integração Saudável da Orientação Sexual

Entrar em depressão é, muitas vezes, o resultado do insucesso dos mecanismos de defesa mas, em vez que projectar a sua raiva nos outros, o indivíduo projecta-a em si mesmo. Surgem, então, sentimentos de culpa, sobretudo ligados à antecipação da rejeição e perda dos familiares e amigos.

Estar nesta posição de vulnerabilidade sem um apoio alternativo é altamente ameaçador. Os níveis de depressão nesta fase tornam-se muito elevados, sendo a ideação suicida muito comum, bem como o suicídio consumado ou outras formas de auto-destruição.

O Modelo de Cass

Cass (1979), desenvolveu um modelo muito mais interaccionista baseado em dois factores:

1. Constrói-se a identidade sexual através de um processo de desenvolvimento;
2. A mudança e a estabilidade do comportamento só acontecem em função da interacção intra-psíquica e social.

A autora apresenta um modelo de seis fases, no qual os sujeitos têm a oportunidade de progredir até que a incongruência os impeça de prosseguir. Quando o indivíduo começa a resolver a inconsistência entre a percepção de si e os outros quer ao nível cognitivo, quer ao nível afectivo, acontece o crescimento. As seis fases são as seguintes: confusão de identidade, comparação de identidade, tolerância da identidade, aceitação da identidade, orgulho na identidade e síntese da identidade.

➤ Confusão da Identidade

Antes desta fase, os indivíduos consideram-se-íam normalmente como heterossexuais, uma vez que é isso o que a sociedade espera deles. No entanto, a certa altura, quando se começa a ficar consciente de um certo sentido de diferença, isso pode levar a um sentimento de alienação – ou porque se participou em qualquer jogo ou comportamento de natureza homossexual, ou depois da tomada de consciência face a pensamentos, emoções ou respostas psicológicas a estímulos homoeróticos.

Alguém nesta situação pode reagir de várias maneiras. Pode gostar da ideia e procurar activamente informações, livros e revistas; ou pode considerar o seu comportamento como algo negativo e sentir-se muito desconfortável, negando e evitando qualquer conotação referente à sua realidade homossexual. Levado este desconforto ao limite, as pessoas podem casar ou adoptar uma posição anti-homossexual muito forte.

Uma terceira reacção tem a ver com a percepção do seu comportamento como algo de errado e a sua identidade como não-homossexual. Aqui podem surgir confusões entre aquilo que é feito e sentido, por exemplo, entre o ter sexo com alguém do mesmo sexo e beijar essa pessoa, ou pensar “eu não sou efeminado, logo não sou gay”. Vêem o seu comportamento homossexual como uma experiência ou como algo passageiro.

➤ Comparação da Identidade

Nesta fase, apresenta-se como mais importante a resolução da pergunta: “Quem sou eu?” e o lidar com a alienação social caso se aceite a homossexualidade. O sujeito sabe que se sente atraído por pessoas do seu próprio sexo, mas sabe claramente que não é isto o que a outras pessoas sentem. Sente-se alienado da sociedade, família e amigos. E mesmo que

aceite a sua homossexualidade, continuará a questionar as suas ideias e valores para o futuro, não casando ou não tendo filhos...

A par e passo com este questionamento, não são encontradas alternativas que substituam os valores antigos. A alienação sentida pode fazer com que o indivíduo se isole e evite contacto social com outros gays ou outras lésbicas; pode também procurar apoio psicoterapêutico com o objectivo de “mudar” ou deixar de ser “diferente”.

Existem 4 abordagens que os indivíduos utilizam para ajudarem a reduzir os seus sentimentos de alienação nesta fase:

- 1) Sentir positivamente a diferença em termos de uma nova identidade e comportamento sexual.
 - evitando situações ameaçadoras;
 - controlando a informação pessoal;
 - cultivando deliberadamente uma imagem heterossexual ou assexual;
 - distanciando-se de situações homossexuais para diminuir sentimento de culpa.
- 2) Aceitar o comportamento sexual, sem adoptar uma identidade homossexual
 - Estratégia especial: “Se não fosse a Maria, eu já estaria casada...”
 - Estratégia ambissexual: “Já o Freud dizia que toda a gente é bissexual...”
 - Estratégia da identidade temporária: “Só sou gay nesta altura da minha vida, provavelmente acabarei por me casar...”
 - Estratégia da inocência pessoal: “Eu sou uma vítima do destino, já nasci assim, a culpa não é minha...”
- 3) Aceitar uma identidade homossexual sem adoptar um comportamento. Esta situação é particularmente verdade quando há o medo de rejeição por parte de familiares ou amigos. “Eu posso ser gay, mas não posso ter relações com ninguém...”
- 4) Ver, quer a identidade, quer o comportamento homossexual, como indesejáveis e querer mudar os dois. Esta fase traz consequências particularmente sérias para a auto-estima dos indivíduos e é aqui que podem ocorrer ideações ou intenções suicidas.
 - Tolerância da Identidade

No final da fase anterior, o sujeito poderá já estar a dizer para si mesmo “Bom, se calhar sou mesmo gay...” e poderá começar a gastar mais tempo útil na procura de contactos com outras lésbicas, gays ou bissexuais de modo a compensarem os sentimentos de alienação social.

No entanto, esta acção é muito mais sentida como algo que tem que ser feito do que algo é verdadeiramente desejado. O indivíduo tolera a sua identidade, mesmo sem a aceitar.

No contacto social com os outros, é a qualidade deste contacto que é importante. Se os encontros forem positivos, é provável que o sujeito tenha interesse em repeti-los. No entanto, há muitos factores que podem contribuir para que essa experiência seja negativa: timidez, falta de habilidades sociais, pouca auto-estima, medo da exposição e a homofobia internalizada. “Se ser gay é ir a discotecas e ter sexo com muita gente, então eu não quero ser!”. Daqui pode resultar isolamento e retracção social, inibindo totalmente os contactos e o comportamento homossexual.

Contactar com a sub cultura pode proporcionar oportunidades para, por exemplo, acontecer um envolvimento emocional ou transmitir modelos positivos que fortaleçam um maior compromisso na assunção de uma identidade gay, lésbica ou bissexual.

De novo, nesta fase, há dois resultados possíveis: uns aceitarão a sua necessidade de afirmarem a sua sexualidade; e outros, mesmo aceitando a sua necessidade de contacto homossexual, não desejam uma identidade gay ou lésbica. Racionalizam os seus comportamentos como temporários ou ambissexuais.

➤ Aceitação da Identidade

À medida que vai socializando e criando amizades, o indivíduo vai gradualmente reconhecendo os outros gays e lésbicas de uma maneira positiva, com um significado pelo menos equivalente ao da sua própria existência.

Alguns autores consideram que é importante haver uma identidade pública e privada na assunção da sexualidade, enquanto outros acham que é suficiente ser gay ou lésbica no privado ou num círculo reduzido de pessoas.

Esta última estratégia tem o risco de manter a necessidade de segredo através da abertura selectiva aos outros, fazendo com que reduza os contactos

com os outros, especialmente aqueles que se apresentem como ameaçadores. No entanto, se para alguns esta necessidade de protecção é negativa, para outros é benéfica e traz satisfação às suas vidas. Mas, para muitos, é a exacerbação das suas homossexualidades que os fazem passar à etapa seguinte.

➤ Orgulho na Identidade

É nesta etapa que o indivíduo sente que a sua identidade é totalmente aceitável e que o facto de a sociedade a rejeitar é algo de errado. Assim, desenvolve estratégias para separar as pessoas em duas categorias: os heterossexuais discriminadores; e os “seus”, os homossexuais. O indivíduo pode, agora, participar activamente na comunidade homossexual, consumindo aquilo que estiver ao seu alcance para satisfazer as suas necessidades, desde livros, teatro, bares, discotecas, etc.

Por outro lado, podem surgir paralelamente sentimentos de agressividade em relação à sociedade heterossexual que os discrimina, que os fez sentirem-se alienados e que desvaloriza as relações entre pessoas do mesmo sexo. Esta combinação de orgulho com raiva pode resultar numa certa pulsão activista o que, inevitavelmente trará consequências mais ou menos perigosas.

➤ Síntese da Identidade

O indivíduo entra nesta fase quando a estratégia de visão dicotómica do mundo (“nós e os hetero”) deixa de fazer sentido, à medida que se vão intensificando contactos com pessoas heterossexuais simpatizantes e com atitudes de apoio. Este contacto positivo ajuda a tomar consciência das semelhanças entre as pessoas homo e heterossexuais e das diferenças entre os homossexuais.

Em vez de se verem primariamente como gays ou lésbicas, passam a ajustar a sua sexualidade como parte integrante da identidade global. Apesar de tudo, as diferenças em relação aos heterossexuais estarão sempre em jogo, influenciando a integração total.

O Modelo de Coleman

Este modelo foi desenvolvido por Coleman (1981;1982) e propõe cinco etapas que descrevem os factores com papel importante na assunção da homossexualidade: *pré-coming out*, *coming out*, exploração, primeiras relações e integração da identidade.

➤ *Pré-Coming Out*

Apesar de haver muitas pesquisas sobre o assunto, não é ainda claro porque é que algumas pessoas se sentem atraídas por pessoas do seu próprio sexo. Coleman parte do pressuposto que a construção das identidades sexual e de género começam a operar pelos três anos de idade. É desde esta idade que a criança começa a adquirir toda uma série de valores e atitudes familiares que fazem com que se confrontem com a sua diferença e pela negativa. Usam, assim, uma série de mecanismos de defesa para evitarem serem rejeitados.

Na etapa do *pré-coming out*, muitos indivíduos não estão conscientes dos seus sentimentos homoeróticos e, por isso, não conseguem perceber o que está mal. Podem demonstrar os seus problemas psicossomaticamente, ou através de problemas de comportamento.

Muitos gays e lésbicas descrevem a sensação de se terem sentido diferentes antes de terem assumido a sua identidade, às vezes mesmo muitos anos antes.

➤ *Coming Out*

Esta etapa começa com os primeiros acessos de consciência ou de semi-consciência, nos quais os indivíduos começam a ver-se como homossexuais. Depois, dada a necessidade de partilhar essa consciência com outros e receber validade externa, pode haver uma abertura.

Obviamente, se a abertura corre bem, o indivíduo sentirá uma crescente auto-estima e uma atitude positiva face aos anos de repressão e condicionamento negativo. No entanto, se a abertura correr mal, está-se perante a confirmação da vergonha e da culpa internalizadas.

Esta é uma altura crítica e muitas vezes ultrapassada com a ajuda de outros gays ou lésbicas. À medida que o indivíduo vive com a sua identidade homossexual, torna-se necessário que se corram alguns riscos,

nomeadamente a abertura a familiares ou amigos, para que essa identidade se instale positivamente. Aqui é fundamental averiguar as possíveis reacções e preparar cenários, mas de uma maneira geral, aqueles que amam verdadeiramente aceitarão essa identidade como parte da identidade total.

➤ Exploração

Esta etapa envolve o processo de socialização na comunidade gay e lésbica. Torna-se necessário adquirir competências sociais entre gays e lésbicas, habilidades que só podem ser adquiridas através do contacto social com outros. Trata-se de construir auto-confiança e auto-estima específicas para o contacto com pessoas que partilham os mesmos interesses sexuais. Estas relações, de amizade ou sexuais, são fundamentais para uma integração saudável da identidade homossexual, promovendo uma auto-imagem positiva.

Algumas pessoas podem associar esta fase a uma certa exploração sexual, imatura, imoral e promíscua, mas não deixa de ser importante pois trata-se de reviver uma adolescência perdida.

➤ Primeiras Relações

A necessidade de maior intimidade toma lugar e o indivíduo passa a valorizar “relacionamentos”. Normalmente são vividos com grande intensidade, possessividade e ciúme. Muitas vezes estas primeiras relações são investidas com uma grande carga romântica; pode haver um grande desejo de que estas relações dêem certo, por contraponto a modelos heterossexuais mais ou menos obscuros, face à falta de modelos relacionais de longa duração entre homossexuais.

Muitos gays caem num certo ciclo de exploração e relações intensas, mas curtas, muitas vezes devido a uma reacção de raiva não resolvida face à separação.

➤ Integração da Identidade

Finalmente, ocorre a incorporação das identidades privada e pública no sujeito. Coleman relembra que este é um processo de ocorre durante toda a vida, mas agora as relações caracterizam-se por serem mais abertas, menos possessivas, com maior liberdade e confiança mútua.

Coleman não aborda a questão da ambivalência intra-psíquica que muitos gays e lésbicas sentem quando reconhecem a sua homossexualidade.

Também não identifica mecanismos de defesa e reconhece que este modelo faz mais sentido para os homens homossexuais do que para as mulheres.

O Modelo de Newman & Muzzonigro

Newman & Muzzonigro (1993) estudaram o desenvolvimento da identidade junto de adolescentes. Dos seus resultados, a maioria dos jovens aperceberam-se dos seus sentimentos homoeróticos em média aos 12,5 anos; a negação da identidade era uma estratégia de *coping* para a referida amostra. O processo de *coming out* ficou, assim, operacionalizado em três fases:

1. Sensibilização;
2. Consciencialização com confusão, negação, culpa e vergonha;
3. Aceitação.

O Modelo de Morris

Morris (1997) propõe um modelo de identidade lésbica baseado num conjunto de processos multidimensionais. São apresentadas as seguintes quatro dimensões:

1. Formação da identidade sexual (que engloba o desenvolvimento de uma identidade lésbica e a consciência de se ser lésbica);
2. Revelação da sua sexualidade a terceiros;
3. Expressão e comportamento sexuais;
4. Consciência lésbica (que se refere ao modo como as lésbicas se vêem a si próprias em relação ao ambiente social, incluindo a comunidade gay e lésbica);

O Modelo de Pett

Pett (1995) nos seus trabalhos sobre os processos de formação da identidade lésbica parte da conceptualização de um modelo heterossexual e assenta no binário masculino/feminino. A partir daqui desenrola-se um processo composto por três fases:

1. A compreensão da separação dos papéis sexuais feminino/masculino;

2. A compreensão da orientação sexual;
3. A reconstrução do desejo sexual (desafiando a sociedade patriarcal).

O Modelo de Rybicki

Rybicki (1994) propõe uma abordagem sociológica à compreensão dos processos de construção da identidade em homens homossexuais, analisando as mudanças deste processo ao longo do enquadramento temporal ditado pela epidemia da SIDA. A proposta do autor argumenta que os principais processos de formação identitária, na ordem da sua precedência, são:

1. Sentimento de diferença;
2. *Closeting*;
3. *Coming out*;
4. *Cruising* (busca sexual);
5. Experiências na comunidade;
6. Construção ideológica.

Cada um destes processos é mais complexo, arriscado e gratificante do que o anterior. A progressão através da sequência ordenada de cada um destes processos leva à formação de uma identidade homossexual.

O Modelo de Elizur & Mintzer

Elizur & Mintzer (2001) propõem um novo quadro conceptual no estudo da formação da identidade junto de homens *gays* em relação ao seu *self*, família e relações sociais. Os três processos básicos de formação identitária são os seguintes:

1. Auto-definição;
2. Auto-aceitação;
3. Abertura aos outros

Estas dimensões estão teoricamente ligadas a estilos vinculativos e ao apoio social. Dos estudos levados a cabo, os autores indicam que a auto-aceitação e o apoio dos amigos são factores preditivos de vinculação em futuras relações adultas, e que a auto-definição e o apoio familiar são factores preditivos da abertura.

O Modelo de Minton & McDonald

De acordo com a proposta de Minton & McDonald (1983), a identidade homossexual é conceptualizada como um processo de desenvolvimento ao longo do ciclo da vida que, eventualmente, leva à aceitação pessoal de uma auto-imagem positiva e uma identidade pessoal coerente. Os autores utilizam a Teoria do Desenvolvimento do Ego de Habermas para fornecer uma síntese e uma compreensão da literatura existente sobre a construção e manutenção da identidade homossexual e concluem que a identidade homossexual normalmente emerge de um processo de três fases:

1. Uma interpretação egocêntrica dos sentimentos homoeróticos;
2. Uma internalização das assunções normativas e convencionais sobre a homossexualidade;
3. Uma fase pós-convencional na qual as normas sociais são avaliadas criticamente, atingindo-se e mantendo-se uma identidade positiva.

Há ainda um conjunto de tarefas desenvolvimentais associadas a cada fase que se actualizam em função das suas funções ego-integrativas. Apesar de todas as fases no processo serem teoricamente equivalentes para homens e mulheres, este modelo assenta sobretudo aos homens.

O Modelo de Troiden

Troiden (1989) apresenta uma proposta sociológica para desenvolver um modelo ideal de formação da identidade homossexual. Trata-se de um modelo em quatro etapas que se representa do seguinte modo:

1. Sensibilização;
2. Confusão identitária;
3. Assunção identitária;
4. Compromisso

O Modelo de Nonn

Nonn (1997) propõe um modelo que explora uma variável importante que é a homofobia internalizada. Neste sentido apresenta-se um processo de construção da identidade em seis etapas:

1. Sentimento de diferença (sobretudo na adolescência);
2. Exploração da sexualidade homoerótica (vivido de modos diferentes consoante se pertence ao contexto homofóbico ou liberal);
3. Afirmação da identidade gay (consoante se está em contexto social, cultural ou político);
4. Afirmação da orientação homossexual (com espaço para a negociação e a cristalização da sexualidade, consoante os contextos social e cultural, mas também a homofobia internalizada);
5. Integração do amor e do sexo (impacto positivo ou negativo das relações amorosas consoante os níveis de homofobia internalizada);
6. Identidade social (em que a identidade sexual se relativiza).

O Modelo de Nicholas

Nicholas (1995) estudou qualitativamente os processos de formação de uma identidade positiva entre adolescentes homossexuais (homens e mulheres). O processo de identidade descrito pelos adolescentes começa com uma separação do *self*, progride para uma aceitação e integração do *self* e depois expande-se no desafio dos outros para que aceitem esse *self* total. O modelo contém as seguintes fases específicas:

1. Sentimento de diferença;
2. Definição da diferença;
3. Reconhecimento da identidade;
4. Acolhimento da identidade;
5. Luta pelos direitos

São ainda explicitados os seguintes factores como dimensões importantes para o desenvolvimento de uma identidade positiva: força do *self*, apoio dos amigos, apoio familiar e o acesso a modelos sociais.

O Modelo de Parker

Os resultados obtidos por Parker (1994) indicam que o reconhecimento e a abertura da orientação sexual ocorrem na seguinte sequência de seis etapas (embora nem sempre sequencialmente):

1. Reconhecimento da diferença;
2. Sentimento de ser-se homossexual;
3. A primeira experiência;
4. Auto-identificação como homossexual;
5. Abertura aos familiares, amigos e ambiente profissional;
6. Envolvimento na comunidade homossexual

Foi dada especial relevância à análise de um conjunto de factores que influenciam o processo de construção da identidade. São eles: experiências de discriminação, ocorrência de relações íntimas, a saúde, a filiação em organizações e a religiosidade.

O Modelo de Rubio

Rubio (1999) propõe-nos um processo de desenvolvimento da identidade homossexual em fases particulares, que se dividem em sub-fases distintas, tal como se reflecte no esquema a seguir (quadro 13):

FASES	SUB-FASES
Antes da Auto-definição	Sensibilização. Sentimentos de ser diferente.
	Consciência de desejos e sentimentos face ao mesmo sexo
Reconhecimento e auto-definição como homossexual	
Depois da Auto-definição	Aceitação da Orientação Homossexual
	Integração da homossexualidade como parte da identidade pessoal e social

Quadro 13 – Modelo de Identidade Homossexual de Rubio (1999).

Para além da descrição deste processo, a autora considera um conjunto de factores que o influenciam de uma forma global, tais como: o sexo e a

idade; mas também um conjunto de factores que influenciam positivamente o processo, facilitando-o. São eles: a forma como se toma consciência do processo, a informação e as atitudes pessoais que se têm face à homossexualidade, as expectativas face a si mesmo como homossexual, a não importância da heterossexualidade no ambiente envolvente, a resolução das dúvidas em relação à sua homossexualidade, o não sentir-se só, dispor de uma rede de apoio com possibilidade de saídas gratificantes e ter um relacionamento gratificante.

Foram também identificados vários factores que, pelo contrário, podem dificultar o processo: ter a crença que a homossexualidade é uma orientação do desejo não saudável, ter fortes crenças religiosas, receber mensagens negativas sobre a homossexualidade ou conhecer pessoas homossexuais não adequadas que funcionam como modelos para si e que alguém no seu ambiente (sobretudo na família) descubra a sua homossexualidade sem que se esteja preparado para isso.

O Modelo de McCarn e Fassinger

McCarn e Fassinger (1996) procuram trazer à construção de um modelo de identidade homossexual o facto de esta se operacionalizar em relação a uma determinada identidade grupal. Na sua essência, o modelo reconhece que a formação da identidade não ocorre no vácuo, ou seja, existe um contexto relacional e social que influencia o processo. Apesar de se centrar na identidade lésbica, Horowitz e Newcomb (2001) consideram que se pode aplicar também a homens. Assim, o modelo propõe quatro fases de formação da identidade:

1. Consciencialização (na qual o indivíduo reconhece a sua diferença, podendo também surgir uma tomada de consciência da existência de uma comunidade gay e lésbica);
2. Exploração (na qual a mulher procura definir a sua posição em relação ao grupo de referência);
3. Aprofundamento/Comprometimento (marcado por um compromisso na relação pessoal face ao grupo de referência e face às possíveis consequências);

4. Internalização/Síntese (na qual a mulher se identifica como membro de uma minoria, internalizando esta identidade e sintetizando-a no seu auto-conceito total e reflectindo-se em sentimentos de preenchimento, segurança e capacidade para manter esse auto-conceito em vários contextos).

O Modelo Ecológico de Alderson

Teorizando apenas a identidade homossexual masculina, Alderson (2003) propõe um modelo que incorpora estádios desenvolvimentais de construção identitária, tendo em conta as influências psicossociais que afectam o indivíduo, incluindo os factores psicológicos internos e os factores sócio-ambientais externos (ecológicos). O modelo assenta em três fases principais:

1. Antes do *Coming Out*;
2. Durante o *Coming Out*;
3. Depois do *Coming Out*.

A fase 1 (antes do *Coming Out*) engloba o conjunto de influências ecológicas (sociais, parentais, familiares, culturais, espirituais e de pares) que, antes do indivíduo se identificar como homossexual podem levar ao recalcamento da atracção homoerótica e à homofobia internalizada. A intensidade desta batalha psíquica catalizará a passagem à fase 2.

Na fase 2 (durante o *Coming Out*) ocorre a assunção de uma identidade homossexual onde as principais influências se dão ao nível das cognições, dos afectos e dos comportamentos, diminuindo a homofobia internalizada e a ambivalência.

Na terceira e última fase (depois do *Coming Out*), o indivíduo está plenamente comprometido com uma identidade homossexual positiva e procura desenvolver os determinantes ecológicos ao nível da ligação aos mundos homossexual e heterossexual, e à consolidação do seu próprio *self* positivamente homossexual.

Influências na Construção da Identidade Homossexual

Influências de natureza psicossocial

A maioria dos indivíduos que se identificam como homossexuais afirma que tomaram consciência dos seus sentimentos homoeróticos na infância ou na adolescência. Por esta razão, vale a pena compreender os processos psicológicos envolvidos na construção de uma identidade homossexual.

Partindo do início da vida psíquica, McDoughall (2000) propõe que o primeiro encontro sensual com o corpo materno dá azo a uma multiplicidade de conflitos, nomeadamente a existência de um amor canibalístico e a confirmação do outro como um objecto ou local distintos. Estes conflitos conduzirão a uma sexualidade arcaica, cujos sentimentos de amor e ódio são dificilmente destrincháveis.

Após a descoberta das diferenças entre os sexos, a criança entra na fase edipiana, quer na sua dimensão homossexual, quer na sua dimensão heterossexual, confrontando-se com múltiplas frustrações e sonhos impossíveis, nomeadamente aqueles de possuir os dois sexos. Aqui, a constelação do Édipo homossexual representa um objectivo duplo: possuir e desejar ser o progenitor do mesmo sexo.

Estes processos de incorporação da identificação implicam a destruição da fantasia do outro e o risco incorporado de provocar sentimentos de culpa e depressão, o que confere à expressão da homossexualidade um afecto intenso, quer positivo, quer negativo.

A organização psicosssexual do indivíduo fica, assim, influenciada por estes desejos infantis, levando à criação de cenários reparadores de fracturas na identidade sexual e protectores dos sentimentos de ódio e destruição. Trata-se da expressão da neosexualidade que inclui todos os prazeres sexuais (McDoughall, 2000; McDoughall, Modell & Meadow, 2000).

Num plano consciente, pode dizer-se que, enquanto crianças, os sentimentos de diferença são os primeiros sinais de interesse homoerótico de que há lembrança, por volta dos quatro anos de idade (Isay, 1989) e apresentam uma forma semelhante aos interesses eróticos dirigidos ao sexo

oposto. Apesar de vários autores falarem de crianças pré-homossexuais (Priour, 1998; Green, 1987) indicando uma incidência elevada de conflitos de papel sexual devido à presença de comportamentos efeminados ou masculinizados em rapazes ou raparigas, respectivamente, por coincidir com uma auto-identificação posterior como homossexual, este não parece ser um facto determinante no desenvolvimento de uma identidade homossexual.

Tal como nos diz Isay (1989), os indivíduos desenvolvem uma identidade homossexual pelas mesmas razões que se desenvolve uma identidade heterossexual. As eventuais identificações que a criança efectua parecem seguir a manifestação da orientação sexual e a vinculação erótica ao progenitor do mesmo sexo e não precederem-lhe. Tendo em vista as variações na escolha do objecto de amor e da actividade sexual real ou imaginada, a criança identificar-se-á ao progenitor e, mais tarde, às pessoas do mesmo sexo.

A formação da identidade sexual resulta da interacção de factores psicológicos, mas também sociais. Por isso, importa também explorar o contributo da organização social para a construção da identidade homossexual.

A identidade é um processo subjectivo e emocional que permite às pessoas e aos grupos localizarem-se no mundo, oferecendo-lhes segurança. O problema está no facto de, no contexto social, existirem identidades hegemónicas e identidade subalternas (Eribon, 2000). Por esta razão, as identidades gays e lésbicas são o resultado das estratégias defensivas para as pessoas homossexuais se protegerem da sociedade que as agride.

Se no passado a imagem do homossexual era símbolo da anti-virilidade (Duret, 1999) hoje em dia as identidades homossexuais nascem com o activismo político, sendo reinventadas pelo mercado e transformadas num bem de consumo, vendidas e compradas como produtos irrealis, pobres em matrizes, mas ricas em promessas de mitos, o mito da juventude, da beleza e da distinção (Guash, 2000).

Todavia, quando alguém descobre a sua homossexualidade, ocupa um lugar na sociedade que lhe pré-existe e, muito provavelmente, há-de chegar um momento aonde cada indivíduo deve tomar uma posição, a posição de *“escolher uma identidade a partir de uma identidade estigmatizada que lhe é*

imposta, escolha esta que pode ser afirmada, reivindicada, negada ou dissociada” (Eribon, 2000, p. 73).

Adolescência, Identidade e Identidade Homossexual

É durante a adolescência que se inicia o processo de consolidação de uma identidade adulta. Tal como já vimos, a identidade resulta de uma integração complexa de factores emocionais, cognitivos e sociais que conferem um determinado significado à experiência única de *self*.

Neste sentido, é importante esclarecer e evitar equívocos na interpretação, por exemplo, da ocorrência de um comportamento homossexual durante a adolescência e a incorporação dessa experiência na identidade sexual do jovem, quando tal pode não ser o caso. De facto, aqui é fundamental compreender os processos de construção identitária para discernir quais as implicações futuras dessas experiências.

O comportamento homossexual entre adolescentes é mais frequente do que entre adultos. No entanto, verifica-se que os adolescentes se identificam menos como homossexuais do que os adultos, não só devido à antecipação da rejeição como também às eventuais incertezas relativamente à sua identidade sexual (Ryan & Futterman, 2001).

Um dos estudos mais extensivos sobre a problemática da adolescência e da identidade sexual foi levado a cabo por Remafedi, Resnick, Blum & Harris (1998) com a participação de 34.706 estudantes dos ensinos básico e secundário do estado do Minnesota, nos Estados Unidos da América. Os principais resultados permitiram perceber que, apesar de 88,2% dos jovens se descreverem como predominantemente heterossexuais e apenas 1,1% como bissexuais ou predominantemente homossexuais, 10,7% revelaram não terem certezas acerca da sua orientação sexual. Para além disto, verificou-se que a prevalência de atracções de natureza homossexual (4,5%) excedia a prevalência de fantasias de natureza homossexual (2,6%) e também o comportamento de natureza homossexual (1%). Este estudo permitiu igualmente compreender que as respostas face à orientação sexual variavam com a idade, a religiosidade, a etnicidade e o estatuto sócio-económico. Por exemplo, o grau de incerteza declinava enormemente com a idade, de 26% entre os adolescentes de doze anos contra 5% entre os adolescentes de

dezoito anos, sendo igualmente entre os mais velhos que se encontrava uma maior probabilidade de identificação homossexual.

Outros estudos têm corroborado a ideia de que a idade de auto-identificação com o rótulo “homossexual” tem diminuído (Troiden, 1998; Herdt & Boxer, 1996). Ao contrário da maior parte dos gays e das lésbicas com mais idade (cuja adaptação e sobrevivência dependia mais da separação das questões da identidade sexual do social, profissional, familiar e emocional), hoje em dia os jovens têm uma oportunidade maior de se identificarem de um modo mais integrado com outras dimensões. Contudo, este fenómeno acarreta também maior *stress*, maior pressão social negativa, maior probabilidade de vitimização e maior necessidade de apoio (Ryan & Futterman, 2001).

Baseados na informação estereotipada e crua que muitos jovens adolescentes homossexuais possuem (tal como lhes é socialmente transmitida), Martin & Hetrick (1987) propõem um conjunto de reacções sociais, emocionais e cognitivas que podem ser particularmente críticas no processo de questionamento identitário. Por exemplo, a um nível social, é possível que os jovens se sintam isolados, incompreendidos e receosos de serem descobertos; a um nível emocional, é possível que construam uma necessidade de auto e hetero-vigilância, potenciando um distanciamento emocional da família, pares, amigos, etc.; a um nível mais cognitivo, é possível que os jovens possuam informação desadequada sobre o que é ser homossexual, nomeadamente ao nível dos modelos sociais pejorativos e heterossexistas. Desde modo, entende-se a importância de um aconselhamento apropriado e a inerente compreensão dos processos de construção da identidade homossexual.

Os modelos de identidade homossexual anteriormente explorados preconizam a ideia de que existem um conjunto de factores determinantes de uma boa ou má integração identitária. Seguidamente, exploram-se os principais determinantes descritos na literatura, por exemplo, as influências familiares ou as consequências para a saúde.

Influências parentais, familiares e dos amigos

A pesquisa levada a cabo nos últimos cinquenta anos tem revelado que os estilos parentais têm um grande impacto no desenvolvimento das crianças e dos adolescentes (Parish & McCluskey, 1992). Neste sentido, a influência dos pais e dos familiares sobre o processo de construção da identidade homossexual será seguramente importante.

Savin-Williams (1990) por exemplo, refere que as lésbicas se sentem mais confortáveis com a sua própria orientação sexual quando ambos os pais aceitam a sua homossexualidade, havendo maior atribuição da importância à aceitação da mãe do que à aceitação do pai.

A reacção dos pais à homossexualidade dos seus filhos é, muitas vezes imprevisível, o que nem sempre facilita o *coming out*, devido, sobretudo a uma antecipação da rejeição, facto este que pode colocar um *stress* acrescido à relação pais/filhos (Cramer & Roach, 1988).

Por outro lado, os jovens homossexuais provenientes de famílias com valores morais mais tradicionais revelam-lhes menos a sua homossexualidade do que os jovens provenientes de famílias com valores morais menos tradicionais (Newman & Muzzonigro, 1993).

Armesto & Weisman (2001) estudaram os factores que contribuem para a rejeição parental dos jovens homossexuais tendo demonstrado consistentemente que, quanto maior fosse a percepção dos pais para controlar a homossexualidade dos seus filhos e quanto maior fosse a propensão para se sentirem envergonhados por causa deles, maior seria a sua probabilidade de reagirem negativamente.

Elizur & Ziv (2001) argumentam que a existência de uma família heterossexista ou demasiado protectora representa um factor de risco para o desenvolvimento identitário das pessoas homossexuais. Para os autores, são factores preditivos de uma boa adaptação psicológica as seguintes variáveis: apoio familiar, aceitação familiar e conhecimento da homossexualidade no seio familiar.

No entanto, alguns estudos suscitam uma reflexão mais aprofundada sobre este assunto, uma vez que é possível que a abertura familiar possa ter

um impacto negativo. D'Augelli, Hershberger & Pilkington (1998) referem que os jovens que informam os seus familiares acerca da sua orientação sexual registam maior abuso físico e verbal por parte desses mesmos familiares e maior suicidalidade do que aqueles que não informam.

A Investigação com homens homossexuais com SIDA (Kadushin, 1996) e com casais gays e lésbicos (Kurdek, 1988), demonstrou que os amigos são percebidos como fornecedores de apoio social mais importantes do que a família. De facto, quase todos os modelos de identidade prevêm um papel primário para o apoio dos amigos ou do apoio comunitário, sendo, inclusive, comum dentro da comunidade homossexual o recurso à expressão “família de escolha” (Weston, 1991) na medida em que fornece uma compensação do apoio que a família real não quer ou não pode dar.

Preocupações de Saúde e Comportamento Sexual

As várias dimensões associadas ao processo de construção identitária têm sido correlacionadas com um conjunto de factores associados à saúde física e psicológica. Os mais comuns são a auto-estima, a ansiedade e o sexo desprotegido (Rosario, Hunter, Maguen, Gwadz & Smith, 2001). De facto, de acordo com os autores, as atitudes negativas estão ligadas ao sexo desprotegido, na medida em que essas actividades eram associadas a uma não identificação homossexual com abertura total. Mas, se por um lado, estes dados permitem compreender que o processo de construção identitária está directamente relacionado com um bom funcionamento e adaptação psicológicos e menor probabilidade de envolvimento em sexo desprotegido, por outro, os autores depararam-se com um dado particularmente revelador: aqueles indivíduos que demonstravam maior envolvimento em actividades no seio da comunidade homossexual, bem como maior abertura aos outros da sua identidade, apresentavam maiores níveis de ansiedade e *stress* e maior probabilidade de exposição a comportamentos sexuais não protegidos. Estes dados corroboram os dados de Pereira & Leal (2002) relativamente às questões da homofobia internalizada e os comportamentos para a saúde.

Dado que as questões da identidade homossexual têm sido debatidas como um factor de risco para explicar taxas de suicídio entre adolescentes homossexuais superiores às taxas de suicídio entre adolescentes não-homossexuais, importa explorar melhor este assunto. Russel & Joyner (2001), por exemplo, demonstram que existe uma forte ligação entre a orientação sexual e a intenção e ideação suicida, ligação esta que aparece mediada pela presença de factores de risco como a depressão, sentimentos de desespero e experiências de vitimização. Outros estudos indicam a presença de maior risco face ao uso e abuso de substâncias (Russell, Truong & Driscoll, 2002).

Por outro lado, o comportamento homossexual desempenha um importante papel no processo de identificação homossexual na medida em que, a sequência através da qual os indivíduos reconhecem as suas atracções homoeróticas, pode ser centrada no sexo (identificação homossexual após os

primeiros contactos homossexuais) ou centrada na identidade (identificação homossexual sem contactos sexuais prévios) (Dube, 2000).

Já Adam (2000) procurou níveis de satisfação associados à sexualidade de homens que tinham sexo como outros homens, mas que se identificavam de modo diferente entre si (variando entre gay, bissexual e não-gay). Os resultados revelaram que os discursos sexuais destes homens indicavam alguns critérios comuns no que diz respeito à categorização de si mesmos e dos outros face à categoria “gay”. O termo referia-se a um discurso elaborado à volta do potencial envolvimento emocional e relacional e não tanto à volta de uma expressão sexual essencial. Assim, os homens que se incluíam na categoria “gay” mostravam maiores possibilidades num horizonte de vida contextualizado num processo de construção identitária.

A Comunidade Homossexual

O Modelo Gay – Conceitos-Chave

Tal como demonstraram Weinrich e Williams (1991), o comportamento homossexual ocorre em todas as culturas pelo mundo fora. Nalgumas com aprovação ou encorajamento, noutras com forte proibição. No entanto, a verdade é que a homossexualidade tem diferentes significados culturais e é compreendida de modo diverso consoante as sociedades em que nos encontramos (Davies & Neal, 1996).

No mundo ocidental, desenvolveu-se o conceito de “identidade gay” para descrever um conjunto de crenças, valores, redes de apoio, instituições, artefactos e linguagens que contribuem para a criação de sub culturas, nas quais os homens homossexuais se podem identificar como a elas pertencendo (Weeks, 1985).

No entanto, porque a homossexualidade não é vista de igual modo consoante as culturas em que nos encontramos, acaba por ser difícil descobrir conceitos de identidade “gay” semelhantes. Isto quer dizer que, tal como dizem Weinrich e Williams (1991), quanto mais uma cultura é estudada, mais padrões diferentes de homossexualidade aparecem.

Conceitos Antropo-sociológicos

A palavra “gay” é de origem provençal e não figurava nos dicionários de Língua portuguesa até há pouco tempo. É caracterizada como sendo um adjetivo e substantivo, de dois géneros, com a seguinte definição: *coloquial, que ou pessoa que se relaciona sexualmente com pessoas do mesmo sexo; homossexual* (Dicionário Língua Portuguesa, 2003).

Da língua provençal – e não tão recentemente – passou para outras, como o inglês (“gay”), o francês (“gai”), o italiano (“gaio”) e o castelhano (“gayo”). O termo original descreve uma pessoa alegre, divertida e jovial, mas ganhou um segundo sentido com a utilização dos homossexuais anglo-saxónicos (sobretudo norte-americanos) num dado momento em que se acreditava que a ambiguidade era imprescindível para uma comunicação eficaz e sem riscos (Weinberg, 1977). O mesmo aconteceu com a palavra “schwul”, do alemão, quer era originalmente pejorativa, mas que ganhou um carácter fixo e positivo nesta língua (Coursaud, 2002).

No entanto, a palavra “gay” sai do sistema privado anglo-saxónico para se converter numa reivindicação política que tem a sua origem numa dupla ruptura: por um lado, a radicalização do movimento político homossexual e, por outro, a incorporação por parte dos movimentos reivindicativos homossexuais da referência masculina para definir a identidade homossexual (Guasch, 1991), abandonando aqueles tradicionais de referência feminina.

Assiste-se, assim, a uma nova definição viril da homossexualidade, associada ao culto do corpo que, nos Estados Unidos, incorpora as imagens do *cowboy* e do homem musculado, preconizando um modelo ideal de sociedade viril, importado pelas sociedades latinas.

Como reacção à caricatura do homem homossexual efeminado, querendo ser mulher, surge uma imagem de um homem homossexual super viril, macho, com um conjunto de características ideais: cabelo curto, bigode ou barba e um corpo musculado (Pollack, 1983).

Nas sociedades latinas – na qual se insere a portuguesa – assistiu-se a um movimento idêntico de redefinição viril da homossexualidade, gerando

também o estereótipo do macho, mas também o movimento de defesa ao direito do estereótipo do efeminado, a “bicha²” ou o “maricas³” (Guasch, 1991).

Esta particularidade obedece a uma série de razões. Primeiro, observa-se uma resistência da “bicha maluca latina”, tradicionalmente vigorosa, ao modelo viril, devido à falta de liberdade de movimentos de que goza no âmbito da cultura europeia meridional, renunciando aos papéis masculinos. Depois, assiste-se a uma presença nos eventos de cariz político (marchas e celebrações do orgulho gay) que lhes confere legitimidade e visibilidade. Compreende-se também que os homossexuais que desencadeiam processos de negação ou recusa de aceitação da sua homossexualidade possam considerar o modelo feminino devido a essa maior visibilidade e, conseqüentemente, antecipar mais represálias sociais.

Nas sociedades mediterrânicas – incluindo a portuguesa, a redefinição viril da homossexualidade fez-se (e continua a fazer-se) no seio de instituições paralelas ao movimento político: as discotecas, os bares, as saunas masculinas, a indústria pornográfica e a Internet. Estas instituições difundem os códigos e as imagens necessárias ao desenvolvimento de um “Universo Gay” que, como nos diz Guasch (1991), embora não seja a causa directa para a criação de *ghettos*, ajuda a defini-lo em termos espaciais, uma vez que numa fase anterior (pré-gay), os códigos estabeleciam-se em função de um conjunto de redes sociais.

Desde há cerca de duas décadas (sobretudo com o impacto da SIDA) que se observa um esforço por parte dos jovens homossexuais para manterem uma certa ambigüidade premeditada, construindo redes sociais restringidas de intercâmbio sexual. Desde modo, tal como nos propõe Guasch (1991), consideram-se quatro características fundamentais do Universo Homossexual como consequência da sua institucionalização:

1. Delimitação do universo, utilizando fronteiras e criando espaços específicos de interacção homossexual;

² Utiliza-se este termo como expressão popular do homossexual efeminado, tal como pode ser comumente referenciado entre os indivíduos homossexuais.

³ Utiliza-se este termo como expressão popular do homossexual efeminado, tal como pode ser comumente referenciado entre os indivíduos heterossexuais.

2. Criação de um mercado sexual concentrado, regido por leis de oferta e procura, em que a produtividade é contabilizada em função do número de orgasmos;

3. Possibilitando a sexualização das relações, prescinde-se da criação de uma rede de apoio social homossexual;

4. Perda das inter-relações de rua como mecanismo de interacção homossexual.

Apesar de tudo, se se permite a definição de termos *viris* para a identidade homossexual, também se autorizam transformações profundas na maneira de ser homossexual. São processos que se concretizam com a aparição de novos personagens (activo, masculino, passivo, feminino) que se juntam a velhas propostas homossexuais (a bicha maluca, o reprimido) e heterossexuais (maricas, *paneleiro*).

Guasch (1991) propõe-nos um modelo de compreensão de quatro dimensões distintas: papéis masculinos, a idade, a auto-identificação e a masculinidade por oposição.

Na primeira dimensão, propõe-se que o papel sexual se define pela variável “comportamento sexual” (activo ou passivo) atribuída ao companheiro. Situa-se entre pólos opostos, num sistema em que o macho representa o masculino (masculinidade que lhe é designada pelo seu papel activo) e a “bicha” cuja ausência de masculinidade é a principal razão para um papel sexual passivo.

É proposto um segundo sistema dual de oposição que descreve a relação entre o homossexual jovem e o homossexual velho, na qual a única variável independente em jogo é a idade. Este antagonismo reflecte-se na utilização de termos económicos, tendo em conta o modo diferente de participação no mercado sexual de cada um deles: horizontal o jovem, e vertical o velho.

É no terceiro sistema binário de oposição que se situam os reprimidos e os restantes tipos homófilos de relação antagónica. Este sistema constrói-se em torno da aceitação formal das pulsões homossexuais. Num dos extremos situam-se os homens que aceitam a sua homossexualidade (quer sejam

“bichas”, machos, jovens ou velhos) e no outro, situam-se aqueles que a praticam, mas que não desejam ser homossexuais (os reprimidos).

Uma das estratégias que o reprimido utiliza para negar a sua homossexualidade é a criação de um discurso através do qual desempenha um papel activo na sua relação sexual. O reprimido estabelece uma relação de complementaridade com a “bicha”, supostamente passiva e de oposição com o macho, supostamente activo.

Conceitos particulares sobre Masculinidade e Orientação sexual

Um das suposições mais comuns diz respeito ao facto de a orientação sexual poder significar mais ou menos o mesmo para todos os géneros sexuais. Ora, Golden (1990) revela-nos que as mulheres percebem muito mais o factor “escolha” como um elemento importante da sua orientação sexual, ao passo que os homens dão muito mais importância ao comportamento e à fantasia sexuais.

Por outro lado, Gonsiorek (1988) sugere que o processo de *coming out* parece ser mais abrupto e associado a sintomatologia psiquiátrica para os homens, ao passo que para as mulheres o processo é caracterizado por maior fluidez e ambiguidade. É claro que estas diferenças poderão ter na sua origem padrões de socialização sexual diferentes.

Os homens homossexuais enfrentam uma perda de estatuto social maior quando assumem a sua homossexualidade, do que as mulheres, sentindo estas mais sexismo e até mesmo racismo (Gonsiorek, 1995). A um nível mais intra-psíquico, isto pode representar uma falha narcísica, mas o resultado depende de outras variáveis, como o estatuto sócio-económico, a proveniência geográfica, a idade, etc.

O paradigma social construtivista assume que a formação e a denotação de significado a uma determinada identidade são feitas por recorrência a um conjunto de imagens e representações que a sociedade disponibiliza. No entanto, o conjunto de imagens e discursos que a sociedade disponibilizou desde sempre – e continua a disponibilizar – sobre o que é ser homossexual, perpetua um estereótipo sobre o homem homossexual como alguém auto-destrutivo, promíscuo, imoral ou mesmo tragicamente condenado à infelicidade.

A sociedade permitiu também a emergência de um sentido de “comunidade gay”, onde as culturas e os estilos de vida podem ser eventualmente encarados desde um ponto de vista essencialista, mas na verdade não são mais do que estratégias de resposta para lidar com os comportamentos negativos do resto da comunidade (Taylor, 2002).

Se, por um lado, estas comunidades emergentes podem ser positivas em termos de desenvolvimento identitário, por outro, podem trazer alguns problemas, nomeadamente, a alienação e a acentuação das diferenças pela solidificação e polarização da sexualidade (Taylor, 2002). Em conjunto, todas estas razões levam a que a orientação homossexual se torne na base da construção de toda a identidade (Bronski, 1998).

Ainda sobre os Passivos e os Activos

Uma das primeiras questões que se colocam relativamente ao esquema de relacionamento sexual entre pessoas do mesmo sexo é, no senso comum heterossexista, a pergunta: “Quem faz de homem e quem faz de mulher”.

De facto, como nos diz Chaudey (2002) a questão pode ser encarada desde esse ponto de vista, como um esquema heterocentrado; no entanto, deverá também ser encarada como uma realidade da prática da sexualidade entre gays e lésbicas. O autor refere ainda que esta dicotomização do acto sexual se estabelece por referência à sodomia. Aqui, constrói-se um jogo de dominação, no qual o elemento activo – mais valorizado na cultura vigente – domina o passivo, menos valorizado.

Como nos diz Lejeune (2002) as próprias palavras “activo” e “passivo” estão impregnadas de um sentido estruturante, mas ao mesmo tempo, de um sentido redutor, na medida em que a sexualidade não deve reduzir-se apenas à sodomia. São termos recheados de julgamentos de valor, baseados nos arquétipos dominantes de uma dada cultura.

Lejeune (2002) fala-nos, ainda, da influência das circunstâncias do encontro sexual no estabelecimento dos papéis sexuais. Num encontro esporádico, há mais probabilidades de ocorrer uma sexualidade objectal; num contexto de casal, há mais probabilidades de ocorrer uma sexualidade relacional e afectiva.

Se, por um lado, o passivo é sempre penetrado por um activo, que tipo de sexualidade poderá existir entre dois activos ou dois passivos? Provavelmente as categorias não serão tão rígidas. Isso mesmo propõe Doustaly (2002), ao falar dos modelos da indústria pornográfica americana. No quadro 14 podemos observar melhor as possibilidades conferidas aos activos no seio do esquema estritamente activo/passivo.

<p>O Activo 100%</p> <p>É a figura do pai, do instrutor, do bruto; normalmente penetra homens mais jovens, não demonstram afectividade, não praticam sexo oral aos seus parceiros e têm a reputação de serem heterossexuais na vida real.</p>	<p>O Activo evoluído</p> <p>Distingue-se do activo 100% na medida em que se disponibiliza para praticar sexo oral ao seu parceiro.</p>
<p>O Activo romântico</p> <p>A um passo da versatilidade, o activo romântico permite a estimulação anal sem, no entanto, permitir uma penetração.</p>	<p>O Activo versátil</p> <p>Predominantemente activo, o activo versátil pode adoptar um papel passivo depois de exercer a sua função de dominador.</p>

Quadro 14 – Possibilidades conferidas aos activos.

O Modelo Lésbico – Conceitos-Chave

O conceito de identidade lésbica, um sentido de si própria como lésbica, diferente de uma única participação não identificada num relacionamento entre duas mulheres, é relativamente novo (Brown, 1995).

As relações afectivas não foram tradicionalmente validadas como tendo uma conotação sexual mas, tal como nos diz Faderman (1982), as relações entre mulheres são normativas em muitas culturas, sem haver, no entanto, uma ligação desse comportamento a uma identidade lésbica. Isto quer dizer que as relações lésbicas, que historicamente foram vistas como sendo desprovidas de um componente sexual, tiveram-no na realidade.

Tal como nos propõe Brown (1995), define-se identidade lésbica como a descrição primária que uma mulher faz ao longo de um tempo e situação determinados, como tendo laços sexuais, afectivos e relacionais com outra mulher. Esta identidade pode ou não ser congruente com um comportamento sexual observável em qualquer altura da vida, dependendo de um conjunto de circunstâncias. Trata-se de uma definição bastante ampla e ambígua, que deixa algumas questões por responder: quem é que decide os critérios de definição de identidade lésbica e que caminhos percorrem as mulheres antes e depois dessa definição?

Algumas mulheres dizem conhecer a sua atracção homossexual desde muito cedo; outras apenas depois da adolescência, por vezes depois de terem sentido reais sentimentos heterossexuais. Outras mulheres, ainda, dizem ter sentido muita segurança numa heterossexualidade plena, mesmo com casamentos, e descobrem uma atracção por outra mulher como um facto novo nas suas vidas. Quaisquer que sejam as circunstâncias, a verdade é que os critérios de definição de uma identidade lésbica estão intrincados num conjunto de preocupações próprias de uma sociedade dominante que sempre tratou negativamente a temática (Brown, 1995).

Este debate pode levantar questões relativamente ao grau de identidade lésbica fixa (diferenciado de uma orientação erótica sem grande conotação identitária, por exemplo), contrastando com uma identidade flexível e mutável ao longo do tempo, sendo preferível para uma mulher investir num

relacionamento com outra mulher se esta não tiver um passado de experiências heterossexuais (Golden, 1987).

Modelos Psicodinâmicos de Identidade Lésbica

Freud (1920) sugeriu que a homossexualidade nas mulheres representava uma falha na resolução do Complexo de Édipo, levando a uma identificação com o pai e desejo sexual pela mãe, rejeitando simultaneamente a mãe devido à facto de esta não possuir um pénis. Os seus seguidores acabaram por desenvolver esta noção, conferindo-lhe um estatuto patológico, representado pela impossibilidade da mulher lésbica aceitar a sua feminilidade, ou pelo desejo de fusão com a mãe.

Surgiram mais recentemente na literatura, algumas propostas psicodinâmicas feministas para o estudo da identidade lésbica que se revestem de grande interesse. Estas propostas tendem a inserir o desenvolvimento da identidade lésbica num quadro de identidade sexual mais amplo, validando a resultante lésbica como uma possibilidade normativa para as mulheres (Golden, 1987).

Chodorow (1979) recorre à Teoria das relações objectais para formular um modelo no qual se preconiza que o âmago da personalidade feminina reside na relação mãe-filha. Este emparelhamento permite à filha o desenvolvimento de um sentido de *self*, através da interacção e da identificação projectiva.

No entanto, tal como nos dizem Palladino e Stephenson (1990), as propostas psicodinâmicas feministas falham na explicação do modo como as raparigas, cujas relações de vinculação são dirigidas a uma mulher (à mãe), se transformam em mulheres que desenvolvem um *self* relacional dirigido a homens ou a mulheres.

Já o trabalho de Golden (1987) propõe elementos importantes para a compreensão da identidade lésbica como um aspecto normal da sexualidade feminina. Estes elementos incluem uma fundação nas experiências de vida menos genitalizadas enquanto mulher. Este modelo enfatiza a qualidade das relações e encara a questão das vinculações de um modo subversivo: por que razão algumas mulheres falham no desenvolvimento de ligações afectivas e sexuais para com outras mulheres?

Conceitos particulares sobre feminilidade e orientação sexual

As críticas feministas mais acesas relativamente à questão do papel social desempenhado pelas mulheres que reclamam uma identidade lésbica reside na noção que estas mulheres não estão a fazer mais nada senão a replicar uma estrutura sexual, própria de uma ideologia heterossexista dominante, que se espelha nos estereótipos da lésbica feminina e da lésbica masculina (“camionista”).

A principal assunção desta crítica consiste no seguinte: os papéis sexuais dependem das diferenças sexuais que são inerentemente hierárquicas, polarizadas e opressivas; ou seja, as diferenças sexuais são a base através da qual se constroem os papéis heterossexuais, contendo assim uma distribuição desigual do poder (Rich, 1993). De acordo com a autora, uma identidade lésbica deve existir fora dos constructos destes papéis sociais.

Já Wilson (1986) argumenta que, inerente a qualquer papel social, existe a possibilidade de abuso de poder, porque as identidades quer das lésbicas femininas, quer das lésbicas masculinas, são construídas com base em estereótipos culturais de comportamento feminino e masculino que reforçam a desigualdade de poder inerente a esta dicotomia: uma das parceiras é activa, dominante, forte e com iniciativa, e a outra é passiva, fraca e submissa. Contudo, isto não quer dizer que os papéis “activa/passiva” sejam inerentemente sexistas, mas na construção social destes rótulos de molde heterossexual essa possibilidade aumenta.

As representações de masculinidade ligadas à sexualidade lésbica influenciaram mais a moldagem das atitudes face às identidades lésbicas (masculina e feminina), mas tais representações assumiram quase sempre uma imitação heterossexual. De acordo com McNaron (1993), as representações literárias das lésbicas sempre perpetuaram uma construção substitutiva de uma situação fálica ou retórica face à ausência de um pénis.

De acordo com Roof (1991), as representações da sexualidade lésbica no discurso dominante evocam muitas vezes a simbologia fálica, chamando à atenção pela sua ausência (ou sua substituição) nas relações sexuais entre mulheres, devido à impossibilidade de conceber a sexualidade sem a sua

presença. Assim, a representação de um casal de mulheres é feita como pelo menos uma delas se tenha apropriado de um pênis, assumindo os privilégios masculinos e agindo em conformidade com eles. Logo, é evocada uma imagem estereotipada de uma mulher que imita um homem, uma imagem que é imposta quer por um discurso falocêntrico, quer pela comunidade lésbica que adopta um papel masculinizado.

O Modelo Bissexual – Conceitos-Chave

Tem-se verificado uma assunção espúria por parte de muitos investigadores na área da sexualidade, que as pessoas são apenas homo ou heterossexuais (Davies & Neal, 1996), perpetuando uma visão dicotómica da mesma.

Esta razão acontece, sobretudo, devido à investigação se centrar sobre aspectos ligados ao comportamento sexual e também por se considerar que basta apenas estudar a componente homossexual presente na bissexualidade.

O conceito de bissexualidade foi estudado pela primeira vez por Freud, na sua descrição dos processos de desenvolvimento psico-sexual. Por isso mesmo, importa explorar melhor esse contributo.

Para Freud, o conceito de bissexualidade torna-se central na sua teoria do desenvolvimento psicosexual (Freud, 1989), corroborando o argumento de paragem no desenvolvimento, mas também a ideia de que todos os seres humanos poderiam ser considerados bissexuais, na medida em, em qualquer altura do desenvolvimento psico-sexual, poderiam escolher um objecto de natureza homossexual. O autor utilizou o termo “bissexual” para se referir a pessoas que distribuíam a sua libido entre objectos dos dois géneros sexuais, quer de uma forma manifesta, quer de uma forma latente.

Já Stekel (1922) expressou a ideia de que a bissexualidade era normativa durante a infância e que a sua manifestação no adulto se deveria a uma repressão que ocorre durante o desenvolvimento.

Por outro lado, Bergler (1956) via a orientação sexual numa perspectiva estritamente dicotómica, pelo que alguém que se identificasse como bissexual estaria apenas a negar a sua homossexualidade. Para o autor, tratava-se de uma fraude teórica sem razão de existir.

De acordo com uma perspectiva afirmativa, observa-se uma certa ênfase dada aos estereótipos baseados em assunções de exclusividade mútua relativamente à hetero e à homossexualidade (Fox, 1995). De acordo com esta proposta, a bissexualidade não é uma transição para uma homossexualidade plena, nem sequer uma fase de negação; de facto, o impacto destes

estereótipos pode fazer com que muitos homens e mulheres bissexuais se sintam discriminados, quer pelos heterossexuais, quer pelos homossexuais.

Foram elaboradas várias tipologias da bissexualidade, tendo em conta a extensão e a dimensão temporal. Klein (1990) distinguiu quatro tipos de bissexualidade: transitiva, histórica, sequencial e recorrente. Para alguns indivíduos, a bissexualidade representa uma etapa no desenvolvimento de uma identidade gay ou lésbica (bissexualidade transitiva); outros, cujas vidas sexuais são presentemente hetero ou homossexuais, experimentaram atracções ou relações com o mesmo ou com o sexo oposto no passado (bissexualidade histórica); outros indivíduos tiveram relações quer com homens, quer com mulheres, mas com apenas uma pessoa de cada vez durante um determinado período de tempo (bissexualidade sequencial); finalmente, outros indivíduos tiveram relações sexuais quer com homens, quer com mulheres ao mesmo tempo (bissexualidade recorrente).

Ross (1991) descreve vários padrões de comportamento bissexual relativamente à identidade e em termos das circunstâncias nas quais ocorre um comportamento homossexual: defensiva, de casado, ritualizada, igualitária, latina, experimental, secundária e técnica. Por exemplo, uma pessoa pode estar a esconder uma orientação homossexual, ou a explorar a homossexualidade, ou mesmo em transição para uma identidade gay ou lésbica (bissexualidade defensiva). Quando uma sociedade não oferece alternativas ao casamento, pode ocorrer um comportamento de natureza homossexual longe do ambiente familiar (bissexualidade do casado). Por outro lado, um comportamento homossexual pode ser prescrito para alguns ou para todos os membros de uma determinada sociedade, como acontece na Melanésia (bissexualidade ritualizada). Para algumas pessoas, o género sexual não é um critério para a atracção sexual nem para a selecção de um companheiro (bissexualidade igualitária). Noutros casos, um homem que adopte apenas o papel de penetrador numa relação anal como outro homem pode não considerar-se homossexual (bissexualidade latina); pode também ocorrer um comportamento homossexual circunstancialmente, apenas uma ou algumas vezes (bissexualidade experimental) ou quando não estão disponíveis recursos de natureza heterossexual (bissexualidade secundária). Finalmente,

pode ocorrer um comportamento homossexual como uma ferramenta de prostituição feminina ou masculina (bissexualidade técnica).

No entanto, no que diz respeito às consequências da bissexualidade para a dimensão identitária, Twining (1983), no seu trabalho com mulheres bissexuais, descreve um conjunto de dimensões com as quais os indivíduos têm que se confrontar: auto-aceitação, resolução da homofobia, desenvolvimento de uma rede de apoio, decisões relativamente ao *coming out* e lidar com o contexto profissional. Ou seja, a autora concluiu que a formulação inicial de uma teoria conceptual para o desenvolvimento da identidade bissexual, mais do que pedir um modelo de etapas, exige um modelo direccionado para a compreensão de um conjunto de tarefas.

Por seu turno, Weinberg, Williams e Pryor (1994), propõem uma visão da bissexualidade como um acrescento a uma identidade heterossexual já estabelecida. Os autores falam-nos de um conjunto de etapas envolvidas no desenvolvimento da identidade bissexual: confusão inicial, descoberta e aplicação do rótulo, e acomodação à identidade. Foi, ainda, proposta uma quarta etapa, correspondente à falta de validação social para a identidade bissexual e que muitos bissexuais sentem.

Assim percebemos que as propostas teóricas sobre a bissexualidade e a identidade bissexual evoluíram baseadas numa crítica quer ao modelo de doença, quer ao modelo dicotómico da sexualidade, e pode ser examinada de acordo vários contextos e circunstâncias. De facto, como nos propõe Fox (1995), os indivíduos podem chegar à sua identidade sexual através de várias rotas possíveis e a identidade sexual pode permanecer constante ou mudar como uma resposta social a influências pessoais e sociais.

A Teoria Queer (*QUEER THEORY*)

A *Queer Theory* é uma escola de crítica literária e cultural que emergiu nos Estados Unidos da América em meados dos anos 1980, com raízes intelectuais da Teoria Feminista e de filósofos franceses como Jacques Derrida e Michel Foucault.

Até ao fim dos anos 1980 a Teoria não estava ainda formalizada e assentava os seus pressupostos nas críticas à identidade gay e lésbica. Esta crítica assumia a ideia de que as representações eram funções das identidades sexuais (Hedges, 1997). Estas ideias eram construídas através da análise de textos sobre identidade, como uma narrativa de *coming out*.

A sexualidade era vista como uma capacidade de obter prazer, consolidada numa identidade, quando uma personagem percebia a sua escolha de objecto e iniciava relações genitais de acordo com a sua escolha de objecto ou, pelo menos, reconhecia o seu desejo de o fazer (Hedges, 1997).

No entanto, a partir do início dos anos 1990 a *Queer Theory* assumiu que são as identidades sexuais que são função das representações, e que as representações pré-existem e definem as identidades sexuais (se bem que também as podem complicar e quebrar).

A *Queer Theory* leva a sério a ideia de Freud que o prazer não está inevitavelmente associado à sexualidade genital, ancorada pela escolha de objecto de alguém (Hedges, 1997). Aspectos dinâmicos tradicionalmente rotulados de perversões são aqui explorados sem nenhum carácter patologizante.

Jagose (1996) fala do percurso evolutivo da palavra *Queer* na língua inglesa. Tratava-se de um termo pejorativo para designar “homossexual”, inclusivamente com uma carga de abuso homofóbico. No entanto, nos últimos anos o termo *Queer* tem sido utilizado de modo diferente no mundo anglófono. Por um lado, como um termo de apoio e ligação entre identidades sexuais culturalmente marginalizadas e, por outro, para descrever um modelo teórico que se desenvolveu a partir dos Estudos Gay e Lésbicos.

De uma maneira geral, *Queer* descreve os gestos ou modelos analíticos que dramatizam as incoerências nas alegadamente estáveis relações entre sexo cromossómico, género e desejo sexual (Jagose, 1996). Demonstrando a impossibilidade de qualquer sexualidade “natural”, a Teoria questiona tópicos gay, lésbicos, de *cross-dressing*, hermafroditismo, ambiguidade sexual, cirurgia de correcção de género sexual e até termos aparentemente intocáveis como “homem” ou “mulher”.

A Teoria *Queer* não é sempre vista como uma elaboração aceitável e rápida que designa uma Teoria gay e lésbica, mas está a ter um impacto estruturante nos estudos sobre este tema. Butler (1993) tenta antecipar que o *Queer* não desafia as estruturas e os discursos normativos, mas o que é facto é que Teresa de Lauretis uma das pioneiras na construção da Teoria e quem a baptizou (1994, citada por Jagose, 1996) sugere que *Queer* se tornou num termo defunto e abandonou-a três anos mais tarde alegando que se tinha deixado absorver por todas as instituições e forças que se propunha fazer frente.

Mas para Butler (1993), o que torna a Teoria válida e eficaz é o facto de se compreender que os efeitos das suas intervenções não são singulares. Os efeitos conservadores das classificações de Identidade jazem na habilidade de se naturalizarem como categorias descritivas auto-evidentes.

De modo a evitar réplicas normativas de formações gays e lésbicas anteriores, Butler (1993) reclama um projecto *Queer* baseado no objectivo de promover uma política de não-identidade, ou mesmo uma política de anti-identidade.

Ao contrário dos rótulos estabelecidos pelas categorias de identidade gay e lésbica, a Teoria *Queer* desenvolveu-se fora das políticas de identidade tradicionais e constrangidas, e dos registos de reconhecimento, verdade e auto-identidade (Jagose, 1996).

Queer é, assim, uma categoria de identidade que não tem nenhum interesse em se consolidar ou em estabelecer-se a si mesma. Mantém a sua crítica em movimentos identitários, sem ser uma posição imaginada fora do circuito dos problemas que a política de identidades provoca (Jagose, 1996).

Queer é um modo de se fazer pontaria adiantadamente sem se saber ao certo para aonde apontar; *queer* descreve um horizonte de possibilidades cuja

extensão precisa e cuja dimensão heterogênea não podem, em princípio, ser delimitadas com antecedência; *queer* é sempre uma identidade em construção, um local onde se torna indivíduo permanentemente; utópica na sua negatividade, a Teoria curva sem fim para a realização de que a sua realização é impossível (Halperin, 1995).

Partindo do pressuposto de que todas as pessoas nascem bissexuais, Tatchell (1997) desafia a imagem de uma sexualidade humana binária, considerando que a orientação sexual é influenciada culturalmente, quer na sua indeterminância, quer na sua fluidez.

Para o autor, a sexualidade muda de acordo com a cultura e, se por acaso a nossa cultura deixasse de ser homofóbica e as relações entre pessoas do mesmo sexo fossem normalizadas e aceites, muitas mais pessoas teriam sexo gay, mas, paradoxalmente, muito menos identificar-se-iam como gays (Tatchell, 1997). A Identidade Homossexual seria, então, o resultado da repressão social e cultural.

Tal como outra expressão de cultura humana, a homossexualidade como a conhecemos hoje nem sempre existiu e não durará para sempre. Os rótulos “heterossexual” e “homossexual” são invenções culturais, construídas para patrulhar o desejo sexual, funcionam para sustentar a supremacia heterossexual e para marginalizar uma alternativa *queer*. A abolição das categorias sexuais destrói a base da homofobia. Sem diferenciação nem polaridade, não pode haver conflito (Tatchell, 1998).

Assim, as provas dadas por várias correntes do saber, como a antropologia, a sociologia e a psicologia no sentido de explicar os condicionalismos culturais face à homossexualidade levam Tatchell (1998) a dizer que as pessoas constroem uma identidade homossexual como um saco-cama de segurança sexual no qual se encaixam e, como uma reacção à homofobia, emerge a identidade com uma necessidade de afirmação apenas determinada pela defesa que o saco-cama proporciona.

Variações Transculturais com base na visão Evolucionista da Homossexualidade

Werner (1998) argumenta que a homossexualidade na espécie humana evoluiu com base em sistemas de cooperação, cooperação esta que passou por fases distintas. Numa primeira fase, o critério mais importante seria a demarcação territorial; seguidamente, entraria em acção o processo de marcar machos submissos através de mecanismos utilizados para a demarcação territorial; e, finalmente, assistir-se-ia ao estabelecimento de alianças através de mecanismos gestuais mútuos de dominância ou submissão.

Deste modo, entre os humanos, os homens exclusivamente homossexuais estariam no extremo submisso de um *continuum* de personalidade que oscilaria entre a dominância e a submissão. Os indivíduos que se encontravam nestes extremos não se reproduziam. Os extremamente dominantes morreriam em lutas e os extremamente submissos não tentariam a reprodução. Contudo, devido à vantagem selectiva que constitui o facto de os indivíduos possuírem genes quer para a dominância quer para a submissão, continuam a aparecer indivíduos nos extremos do *continuum*, de acordo com as leis genéticas de Mendel (Werner, 1998).

As variações culturais que se observam relativamente às atitudes face à homossexualidade podem, segundo Werner (1998), ser explicadas com base nas diferenças no modo como as hierarquias se organizam. Onde a idade traz grande prestígio, a homossexualidade tende a ser encarada como uma forma de relação de aprendizagem entre um mestre e um aprendiz, como era comum entre os gregos, os samurais japoneses ou noutras sociedades africanas e asiáticas.

No entanto, onde a hierarquias são baseadas em critérios impessoais, nomeadamente em acontecimentos de vida, e não tanto em relações interpessoais, as relações homossexuais são geralmente desencorajadas, fazendo com que aqueles que permanecem no extremo do *continuum* tenham relações sexuais com pessoas do mesmo sexo, dando conteúdo ao sistema gay norte-europeu.

Por outro lado, onde as posições sociais dependem mais de laços pessoais e as alianças homem/homem continuam a ser importantes, observa-se a constituição de sistemas mediterrânicos, onde homens tipicamente identificados como heterossexuais mantêm relações homossexuais adoptando um papel activo relativamente a outro homem tipicamente identificado como homossexual, que adopta um papel passivo.

Numa perspectiva estritamente darwiniana, os seres humanos deveriam ter evoluído de modo a maximizarem o seu sucesso reprodutivo. No entanto, a constatação de que o comportamento homossexual ultrapassa a mera função lúdica ou circunstancial e de que a existência da homossexualidade não altera particularmente a taxa de reprodução, deixa os evolucionistas bastante intrigados.

Assim, propõem-se quatro possibilidades relativamente à evolução do comportamento homossexual (Kirkpatrick, 2000):

1. Selecção e manipulação parental num contexto adaptativo por manutenção da selecção indirecta (o comportamento homossexual reduz o sucesso reprodutivo individual; as pessoas homossexuais fornecem mais ou melhor apoio na educação de crianças do que os heterossexuais solteiros; e o comportamento homossexual é visto predominantemente em indivíduos com baixo potencial reprodutivo);

2. Os homossexuais reproduzem-se altruisticamente para assegurar descendência à sua família;

3. A existência de um polimorfismo equilibrado permite a ocorrência de um comportamento homossexual, na medida em que ocorre concomitantemente com outro traço sob uma selecção positiva;

4. A selecção positiva e directa para o comportamento homossexual ocorre por causa dos seus benefícios não-conceptivos, através da manutenção de alianças entre o mesmo sexo, optimizando hipóteses de sobrevivência.

No entanto, a teoria evolucionista deixa algumas questões por responder, na medida em que, mesmo que demonstre que um comportamento homossexual seja adaptativo, falha na explicação do modo como é que esse comportamento resulta da selecção natural.

Modelos Teóricos de Suporte à Identidade Homossexual

A noção de identidade pessoal refere-se à unidade, consistência e continuidade da auto-percepção do indivíduo (Erikson, 1959). Esta proposta envolve a interação entre a dinâmica da personalidade do indivíduo e o seu contexto. Deste modo, a consistência de uma pessoa ao longo de um certo período de tempo será moldada pela maneira como o indivíduo satisfaz as suas necessidades e desenvolve preferências; por outro lado, também depende do reconhecimento que os outros e a sociedade lhe fornecem. Como nos diz Erikson (1959), “*o termo identidade expressa uma relação mútua na qual se conota um sentido de constância em relação a si próprio e uma partilha persistente de algum tipo de carácter essencial com os outros*” (p. 56).

O conceito de identidade faz parte de vários modelos tradicionais: a Psicanálise e Psicologia do Ego de Erikson, a Psicologia do Desenvolvimento Cognitivo de Piaget e a Teoria da Interação Simbólica de Mead e Parsons (Minton & McDonald, 1985).

Já Habermas (1979) desenvolveu uma teoria do desenvolvimento do Ego que bebe destas três abordagens anteriores. De acordo com este autor, a formação da identidade depende do desenvolvimento de funções individuais do ego, incluindo processos cognitivos, linguísticos, afectivos, motivacionais e de interação social. Habermas identificou quatro etapas de desenvolvimento do ego, que podem não seguir uma progressão linear:

- Simbiótica (falta de identidade);
- Egocêntrica (identidade natural);
- Sócio-cêntrica-objectivista (identidade de papel social);
- Universalista (identidade egóica).

Esta concepção assume uma interação recíproca entre o indivíduo e as crenças e valores sociais. Depois de primeiro incorporar e seguidamente avaliar criticamente essas crenças e valores sociais, o indivíduo atinge – eventualmente – uma identidade pessoal integrada.

No entanto, Cass (1979;1990) utilizou outro enquadramento teórico para suportar o seu modelo de conceptualização da identidade homossexual. Trata-se da proposta de Rosenberg (1979) relativamente ao auto-conceito, a qual

preconiza que a totalidade dos pensamentos e dos sentimentos de um indivíduo tomam como referência o próprio como um objecto particular. São todas as auto-percepções e auto-attitudes que uma pessoa encerra, bem como o componente afectivo que cada uma delas comporta. O auto-conceito também inclui auto-percepções sobre o modo como o indivíduo deseja ser. A identidade refere-se ao conjunto de auto-percepções organizadas, ligadas a sentimentos, que o indivíduo tem sobre si relativamente a uma determinada categoria social.

A autora considerou, ainda, a teoria da congruência interpessoal (Secord & Backman, 1961) entre o *self*, o seu comportamento e como estes dois factores podem ser vistos pelo mundo exterior, estabelecendo-se uma interacção complexa entre estes três elementos e tendo cada um que estar em harmonia com os outros.

Assim, relativamente à identidade homossexual, o processo envolve um conjunto de auto-imagens ligadas entre si pela compreensão idiossincrática do indivíduo do que significa ser homossexual. Esta compreensão desenvolve-se a partir da integração da interpretação única do indivíduo das noções socialmente prescritas e das formulações auto-desenvolvidas.

Cada estágio de desenvolvimento da identidade homossexual normalmente envolve um processamento cognitivo da informação contra uma imagem simbólica do outro generalizado. No entanto, uma identidade totalmente integrada necessita de uma comunicação mais directa. Isto pode incluir a apresentação de uma auto-imagem homossexual quer a outros homossexuais, quer a heterossexuais. Enquanto a imagem for apresentada a apenas um dos dois, a identidade homossexual não pode evoluir completamente (Cass, 1990).

Cox e Gallois (1996) trazem uma abordagem ao desenvolvimento da identidade homossexual desde um ponto de vista da identidade social, focalizando nos aspectos sociais ou de grupo. Assim, apresentam uma distinção entre a identidade social, que é organizada à volta do sentido de pertença a um grupo, e a identidade pessoal, que é organizada à volta das características pessoais e que permite que as pessoas interajam como indivíduos e não como meros representantes de grupos sociais particulares. A teoria da identidade social também faz distinção entre as categorizações sociais que utilizamos para organizar o nosso mundo complexo e a

comparação social, que envolve grupos dominantes e subordinados, buscando controle e *status* na sociedade.

Aplicada à identidade homossexual, a teoria da identidade social implica que dois processos principais influenciem o desenvolvimento: (1) a auto-categorização como homossexual e a incorporação dessa categorização na identidade social; e (2) a avaliação dessas categorias sociais, quando o indivíduo está motivado para ver o grupo homossexual da melhor maneira possível. O modo como o indivíduo atinge ambos os processos determina o tipo de identidade formada e, em última análise, uma eventual rivalidade com o grupo heterossexual.

Elizur e Mintzer (2001) propõem o estudo da identidade homossexual com base na teoria evolucionista dos estilos de vinculação de Bowlby (1973), na qual as crianças adquirem modelos internos de trabalho do seu *self* por relação às figuras significativas. Assim, a integração de uma identidade homossexual estaria estreitamente ligada ao estabelecimento de uma vinculação segura, operacionalizada pela existência de um *self* positivo resultante da ocorrência de relacionamentos significativos. De acordo com esta visão, seria esperado que os indivíduos consolidassem um estilo de vinculação mais seguro à medida que consolidassem o seu sentido único de identidade.

A Adopção de um ponto de vista social construtivista

Os Modelos de Desenvolvimento da Identidade homossexual atrás explorados surgem a partir de abordagens teóricas essencialistas (Horowitz & Newcomb, 2001). De acordo com esta proposta, a orientação sexual estabelece-se desde cedo e define o verdadeiro ser, condicionando o desenvolvimento da identidade sexual à descoberta de quem se é (Troiden, 1988;1989). Neste sentido, escolher não aceitar a homossexualidade como parte integrante da identidade, significa um resultado menos legítimo no processo final.

De facto, tal como nos dizem DeMonteflores & Schultz (1978), é possível que o indivíduo escolha expressar ou não os seus sentimentos homoeróticos (ou mesmo rotular-se como homossexual), tendo em conta o contexto opressivo e heterossexista da nossa sociedade.

A proposta social construtivista defende que as pessoas constroem activamente as suas identidades e percepções, e utilizam o seu contexto social para o fazer.

A pesquisa na área da sexualidade, recorrendo à visão construtivista, começou com McIntosh (1968), propondo que a homossexualidade deveria ser encarada como um papel social a desempenhar e não como uma condição. De acordo com a autora, "*o papel homossexual não existe em muitas sociedades e mesmo na Inglaterra só emergiu no final do século XIX e só é adoptado por uma pequena percentagem daqueles que praticam comportamentos homossexuais*" (p. 69).

Tal como nos propõem Cox & Gallois (1996) na sua teoria da identidade gay e lésbica contextualizada socialmente, o indivíduo interage com o ambiente à sua volta para construir a sua identidade, ou seja, funciona como parte operante em relação ao contexto social, através de processos de categorização e comparação. O construtivismo social advoga que o indivíduo tem um papel activo na construção da sua identidade através de uma interacção contínua e recorrente entre ele e o ambiente à sua volta.

Assim, a identidade sexual é construída e mantida através de processos de interacção social, em contextos histórico-sociais específicos. Um bom

exemplo desta conjectura construtivista é o percurso na classificação psiquiátrica americana em relação à homossexualidade: antes de 1973 (altura em que foi retirada do Manual Estatístico de Diagnóstico das doenças mentais), uma pessoa homossexual seria considerada doente, e depois de 1973 já não.

De facto, aprender a tornar-se homossexual é, em grande parte, uma questão de o indivíduo aprender a ver-se como tal (Hart & Richardson, 1981). E, logicamente, esta aprendizagem ocorre num enquadramento histórico-social específico.

A perspectiva social construtivista, quando comparada com a essencialista, confere ao indivíduo um papel muito mais activo no desenvolvimento de uma identidade sexual positiva. Aqui, ele tem mais possibilidade de escolha no desenvolvimento e na expressão da sua identidade sexual. No entanto, esta escolha dependerá de factores distintos, tais como, influências biológicas ou contextos sociais opressivos. Por outro lado, a expressão e a identidade sexuais podem mudar ao longo do tempo, isto porque não representam a essência de uma pessoa (Horowitz & Newcomb, 2001).

O carácter interaccionista descrito no processo construtivista está ilustrado no estudo de Rust (1995) com mulheres bissexuais e lésbicas. Neste estudo, as mulheres reflectiam uma grande variabilidade de experiências, nomeadamente, que 50% dos seus sentimentos eram de natureza heterossexual; que tinham tido relacionamentos heterossexuais no passado; e que provavelmente voltariam a tê-los no futuro. Isto sugere, de facto, que a identidade sexual não reflecte necessariamente a experiência sexual.

A Manutenção da Identidade Homossexual

Foi com grande polémica que os dados de Spitzer (2003) foram acolhidos junto da comunidade científica e da comunidade homossexual norte-americana, ao reclamar que os gays e as lésbicas podem mudar a sua orientação sexual, quando sujeitos a uma certa terapia psicológica ou religiosa. Constatar esta pretensão levanta inúmeras questões éticas e metodológicas.

No entanto, essas questões facilmente se contrapõem face às importantes limitações do estudo, sobretudo a fraca operacionalização do que é que se estava a medir como mudança (se comportamento, se identidade, se atracção, se desejo, se fantasia, etc.) e também ao facto de a amostra se ter reduzido a entrevistas telefónicas entre indivíduos pertencentes a comunidades religiosas que vêm pregando esta mudança através de métodos reparativos que têm sido, sucessivamente, questionados e condenados por várias associações reguladoras de uma prática psicoterapêutica eticamente orientada (por exemplo, a *American Psychiatric Association*, 2000), na medida em que acentuam os índices de depressão, ansiedade e intenção e ideação suicida (Sandfort, 2003).

Todavia, esta discussão levanta uma reflexão importante: se se defende um processo construtivista de uma determinada identidade, o que acontece depois? Afinal de contas, poder-se-ia perguntar, como o fazem Savin-Williams e Ream (2004), quem é que é e permanece homossexual?

A resposta a esta pergunta dependerá, certamente, do que significa para cada uma das pessoas “ser homossexual”. Esta inerência não facilita a compreensão do modo como as pessoas fazem a manutenção de tal identidade, mas os aspectos da estabilidade, da uniformidade e da prevalência do traço sobre o estado serão, seguramente, fundamentais.

Seria, talvez, ingénuo pensar que alguém que se identifica exclusiva ou maioritariamente hoje como homossexual, bissexual ou heterossexual, identificar-se-á do mesmo modo para o resto da sua vida, pois tal não é compatível com o dinamismo e a subjectividade típica da experiência sexual humana. Esta questão é muito importante, na medida em que provoca

importantes reflexões sobre o modo como se pode medir essa mesma identidade.

O estudo de Laumann *et al.* (1994) revela-nos uma informação fundamental relativamente a este assunto: ao longo do tempo, os comportamentos e as atracções homoeróticas são mais estáveis e uniformes do que a identidade. Tudo isto porque, conforme nos dizem Savin-Williams & Ream (2004) e Rust (2004), no actual panorama sócio-cultural, estão à disposição dos indivíduos mais categorias sexuais que condicionarão as construções identitárias.

Savin-Williams & Ream (2004), na resposta à pergunta “quem é homossexual?”, propõem várias alternativas consoante se gere a tríade orientação sexual/comportamento sexual/identidade sexual. Assim, as categorias identitárias disponíveis serão adoptadas do seguinte modo:

- Os “futuros homossexuais” (quando os factores determinantes são a orientação sexual e o comportamento);
- Os “hedonistas” (onde nenhum dos factores é determinante e as pessoas vivem a sua sexualidade em função da busca do prazer);
- Os “homossexuais assumidos (*out*)” (onde se assiste a uma concordância entre a orientação sexual, o comportamento sexual e a identidade);
- Os “homossexuais invisíveis” (representando a maioria da população homossexual, mas também com os mais baixos níveis identitários, sendo predominante a dimensão orientação sexual);
- Os “homossexuais politicamente assumidos (*out*)” (onde a dimensão predominante é a identidade homossexual);
- E os “homossexuais virgens” (cujos níveis de orientação, comportamento e identidade homossexuais são muito baixos ou mesmo ausentes).

Por seu turno, Rust (2004) traz à reflexão uma variável importante quando falamos das questões da identidade homossexual: a idade. De acordo com a autora, actualmente as pessoas não-heterossexuais de gerações mais novas identificam-se muito mais cedo do que as gerações mais velhas. Este facto deve-se, provavelmente, ao facto de as mudanças sociais serem mais

protectoras no mundo ocidental e devido ao facto de estarem disponíveis novas e mais numerosas categorias identitárias. No entanto, estas mudanças estão também condicionadas pelo género sexual. Por exemplo, da amostra de 440 indivíduos do seu estudo que se identificavam como gays, lésbicas ou bissexuais, entre outras categorias, 36,8% dos homens mais velhos assumidos há mais de vinte e cinco anos identificavam-se exclusivamente como “gays”, ao passo que para os homens mais jovens assumidos recentemente, esta cifra fixava-se nos 13,6%. Já para as mulheres, as diferenças na identificação com o rótulo “lésbica” entre mulheres mais jovens e mais velhas, não revelou qualquer diferença significativa.

Outro dado importante diz respeito à categoria “bissexual”: a maior parte dos jovens (homens e mulheres) assumidos há pouco tempo (53,2%) identificava-se mais como bissexual do que os indivíduos mais velhos e assumidos há mais de vinte e cinco anos (13%).

Por último, verificou-se que as pessoas mais jovens identificavam-se mais com outras categorias identitárias do que as pessoas mais velhas, exactamente porque na faixa geracional destas últimas, essas mesmas categorias não existiam ou não estavam disponíveis. Apesar de muitas das categorias identitárias apresentadas pela autora apenas terem significado para o mundo anglo-saxónico e, particularmente, para os EUA, apresentam-se as várias possibilidades contempladas para além das tradicionais “gay”, “lésbica” e “bissexual”: “straight”, “lésbica-bissexual”, “gay-bissexual”, “lésbica que tem sexo com homens”, “heterossexual-bissexual”, “gay-bissexual”, “queer”, “dyke”, “pansexual”, “pansensual”, “ambissexual”, “polissexual”, “queer-bissexual”, entre outras.

Assim sendo, exercer a manutenção de uma determinada identidade, pode não ser uma tarefa fácil, não só devido à homofobia ainda persistente nas nossas sociedades, mas também devido ao facto de não existir uma cultura gay e lésbica, mas sim culturas gays e lésbicas às quais as pessoas se rendem em termos dos seus estilos de vida, discursos, representações, imagens, etc. (Eribon, 2000) e, conseqüentemente, em termos de identidade ou identidades.

Numa entrevista à revista francesa gay e lésbica “Masques” em 1982, Michel Foucault explica-nos:

“é necessário obstinarmos-nos a tornarmos-nos homossexuais e não a descobrir que o somos, colocarmos-nos numa dimensão onde as escolhas sexuais que se fazem estão presentes e têm os seus efeitos sobre a totalidade da nossa vida. Quero dizer que estas escolhas sexuais deveriam ser ao mesmo tempo criadoras de um modo de vida. Ser gay significa que essas escolhas se difundem por toda a vida, é uma certa maneira de recusar os modos de vida propostos, é fazer da escolha sexual o operador de uma mudança existencial (...) É tornar-se gay, e (...) eu juntaria que não é preciso ser homossexual, mas sim obstinar-se a ser gay” (Coursaud, 2002, p. 11).

Uma Comunidade Gay, Lésbica e Bissexual Portuguesa? – Uma breve reflexão

É muito importante tentar compreender o verdadeiro sentido da expressão “comunidade GLB”, devido às representações da comunicação social relativamente ao que as pessoas fazem – estilo de vida, e onde o fazem – a comunidade (Moon, 1996). De qualquer modo, o sentido de comunidade GLB deverá reflectir uma ampla diversidade de estilos de vida, bem como a criação de um espaço que permita a expressão cultural dos indivíduos.

A realidade portuguesa é bastante particular, na medida em que não existe um espírito comunitário de ligação e apoio entre os membros de uma dada comunidade, uma vez que essa função, como é próprio dos sistemas sócio-culturais mediterrânicos, fica reservada à instituição familiar.

As primeiras tentativas de organização comunitária GLB surgem nos anos 1990, altura em que é criada em 1996 a associação ILGA Portugal. Um ano mais tarde é criado um centro comunitário em Lisboa com o objectivo de intervir política e socialmente, lutando assim contra a discriminação e a homofobia. Surgiram seguidamente outras organizações associativas com os mesmos objectivos, concentradas sobretudo na cidade de Lisboa.

A sociedade portuguesa reflecte ainda uma atitude heterossexista e discriminatória o que condiciona a expressão de uma identidade homossexual positiva. No entanto, as grandes cidades reservam alguns espaços de ambiente GLB que permitem uma socialização própria de uma sub-cultura que não resiste às pressões da cultura dominante. Estes espaços incluem bares e discotecas, restaurantes, saunas, lojas comerciais, praias específicas e centros comunitários. O caso muda de figura quando se fala da realidade portuguesa fora dos grandes centros urbanos, sendo o isolamento geográfico, emocional e cognitivo um factor de opressão acrescida (Pereira, 2001).

No entanto, observámos nos últimos anos uma explosão da utilização da Internet por parte das pessoas GLB, nomeadamente pela criação de associações virtuais, grupos de encontro, plataformas de conversação (IRC, ICQ), etc., que têm a grande função de quebrar o isolamento.

Outro aspecto significativo tem a ver com a questão da visibilidade e com a diversidade na expressão da identidade homossexual. Por exemplo, nas comemorações do orgulho GLB (que são recentes em Portugal, datando de há oito anos a esta parte) pode constatar-se uma grande discrepância entre as motivações de índole política dos líderes das associações e as motivações de índole pessoal que, apesar de orgulhosa, faz com que ainda se tape a cara.

Quer isto dizer que, tal como nos diz Eribon (2000), é necessário admitir que há vários modos de viver a homossexualidade e a regra parece ser que não há qualquer regra no que diz respeito à expressão da identidade homossexual. As próprias associações vêem-se confrontadas com a necessidade de criar sub-grupos de interesse (por exemplo, grupos de jovens, grupos de mulheres, etc.) como prova de que a identidade homossexual ou bissexual não é uma característica suficientemente abrangente para sustentar uma plena união comunitária.

A realidade portuguesa denuncia uma baixa capacidade associativa e cívica, dificultando a existência de comunidades de todo o tipo e, por maioria de razões, comunidades homossexuais extensas, estáveis e solidárias (Leal, 2004).

Assim, somos levados a questionar o facto de haver uma comunidade GLB no nosso país, na medida em que o conjunto de símbolos, linguagem, valores, expressão sexual, cultural e psicológica que os indivíduos portugueses partilham se manifesta à margem da normativa heterossexual, fundamentando a manutenção de uma sub-cultura que ainda luta pela igualdade de direitos, mas ao mesmo tempo se esconde, motivada pela vergonha e pelo medo de represálias.

CAPÍTULO 4 – METODOLOGIA

Objectivo

Na revisão da literatura atrás exposta, foram explorados os trabalhos principais relativos às dimensões teóricas sobre identidade e identidade sexual, sobre sexualidade e cultura, e sobre a identidade homossexual, bem como as propostas dos modelos de formação da identidade homossexual mais referidos.

Assim, vimo-nos confrontados com o facto desses modelos descreverem o desenvolvimento identitário como um processo de etapas seguidas numa ordem previsível que nos era difícil de aceitar, tendo em conta a parca consideração de aspectos de natureza psicossocial que, acreditamos, desempenham um papel muito importante neste processo.

Por esta razão, torna-se necessária a aplicação de uma metodologia cujo objectivo seja:

- Explicar como é que indivíduos homo ou bissexuais constroem a sua identidade sexual.

A orientação geral da investigação é, por um lado, contribuir para a determinação dos factores intervenientes neste processo, nomeadamente, medidas de identidade homossexual, de orientação sexual [de acordo com as dimensões de Klein (1993) para o presente, passado e ideal], de natureza sócio-demográfica e de natureza psicossocial. Por outro lado, pretende-se construir um modelo fundado na teoria e nos dados recolhidos, que seja representativo da realidade identitária dos indivíduos que se identificam como homossexuais.

Opta-se por uma abordagem empírica através da análise de equações estruturais, o que permite estabelecer relações de fluxo causal e correlacional entre as variáveis e a consequente construção do modelo.

Na persecução destes objectivos desenhou-se uma investigação de carácter exploratório, observacional e descritiva.

Instrumentos e sua validação

Os instrumentos utilizados para a recolha dos dados da presente investigação foram os seguintes:

- Uma entrevista exploratória efectuada a vinte indivíduos com o objectivo de construir o questionário de identidade homossexual;
- Um consentimento informado;
- Um questionário sócio-demográfico para reunir dados que permitiram caracterizar a amostra;
- Um questionário de identidade homossexual construído a partir da análise de conteúdo das entrevistas exploratórias e que foi respondido por mil indivíduos;
- Um questionário adaptado da Grelha de Orientação Sexual de Klein (1993) e que foi respondido por mil indivíduos;
- Uma grelha classificatória dos Papéis Sexuais a partir do Inventário de Papéis Sexuais de Bem (1993) para a contabilização no número de características masculinas, femininas ou neutras em mil utilizadores registados do portal *Gaydar*.

A Entrevista Exploratória

Antes de efectuar as entrevistas propriamente ditas, foi construído um guião de entrevista (Anexo I) e respectivo pré-teste. Assegurou-se que todos os entrevistados compreendiam os objectivos e a natureza da entrevista, tendo sido clarificadas e corrigidas aquelas questões que levantaram mais dúvidas. O guião de entrevista serviu igualmente, para verificar se as respostas que se estavam a obter eram as que realmente interessavam.

Assim, foram realizadas vinte entrevistas exploratórias via Internet, através do *chat* "Portugal" do Portal *Gaydar* e também através do sistema *msn* – *messenger*⁴, nos meses de Dezembro de 2002 e de Janeiro de 2003.

Procedeu-se a uma aproximação aleatória da amostragem das entrevistas, recorrendo ao critério temporal, i.e., acedeu-se aos canais de conversação em várias alturas do dia e da noite.

Todas as entrevistas foram guardadas em formato *Word* e procedeu-se à análise do seu conteúdo.

Seguindo as orientações metodológicas preconizadas por Bardin (1977), esta técnica apresenta três etapas: pré-análise; exploração do material; e tratamento dos dados obtidos e interpretação. Assim, após a leitura exaustiva e repetida dos textos das entrevistas e, considerando o objectivo da elaboração das mesmas (a construção de um questionário), ordenaram-se e classificaram-se os conteúdos das entrevistas, tendo emergido vários temas, que após análise cuidada resultaram no elenco final dos temas.

Mais especificamente, começou-se por fazer uma exploração do texto das vinte entrevistas pela descrição analítica (Queiroz, 2004). Os ficheiros *Word*, contendo as entrevistas, foram impressos de acordo com um mapa de codificação onde todas as variáveis eram explicadas exaustivamente.

Seguidamente, objectificaram-se as estruturas semânticas e linguísticas num quadro de categorias (que permitiram chegar às estruturas psicológicas pretendidas para a elaboração do questionário), o qual se pode observar no quadro 15.

⁴ O *msn* (microsoft system network – messenger) é um programa de conversação em tempo real.

DIMENSÃO PERCEPCIONADA	Características
INCOMPATIBILIDADE NA COMPREENSÃO DOS PAPÉIS	Compreensão (ou não) do feminino/masculino para além do Modelo Heterossexual baseado no binário mulher/homem
	Eventuais preocupações relativamente à Identidade do Género
	Culpa/vergonha/medo
RECONHECIMENTO DA DIFERENÇA	Reconhecimento da Diferença em relação aos pares
	Eventual Sentimento de Marginalidade
	Isolamento Emocional
CONFUSÃO IDENTITÁRIA	Negação dos sentimentos, desejos, fantasias, comportamentos homoeróticos
	Evitamento de situações de confronto com os sentimentos homoeróticos
	Reparação: tentativa de ser heterossexual
TOLERÂNCIA IDENTITÁRIA	O indivíduo considera a “opção” de aceitar os seus sentimentos homoeróticos
	Negociação da sexualidade
	Início da auto-identificação como gay/lésbica
	Gestão da Estigmatização
ACEITAÇÃO PRIVADA	Consolidação da auto-identificação como gay/lésbica
	Exploração relacional/sexual com incisões na Comunidade, separadamente da sua esfera global, nomeadamente do contexto heterossexual
	Omissão pública da homossexualidade, abertura a apenas alguns familiares ou pares da comunidade
	Integração e Extensão da vivência da Homossexualidade como estilo de vida
ACEITAÇÃO PRIVADA E INTEGRADA	Reflexão sobre escolhas de amor e sexo num contexto relacional
	Baixa Homofobia Internalizada e alta auto-estima
	A Homossexualidade propriamente dita relativiza-se e torna-se em apenas mais um aspecto do ser global
	Não omissão (ou omissão relativa) da homossexualidade
ABERTURA TOTAL	

Quadro 15 – Quadro de Categorias resultante da análise de conteúdo das entrevistas.

Consentimento informado e questionário Sócio-Demográfico

Em primeiro lugar foi feita uma apresentação do estudo e um pedido de participação com consentimento informado tendo este sido materializado através da elaboração da página on-line, tal como se pode observar na figura 1:

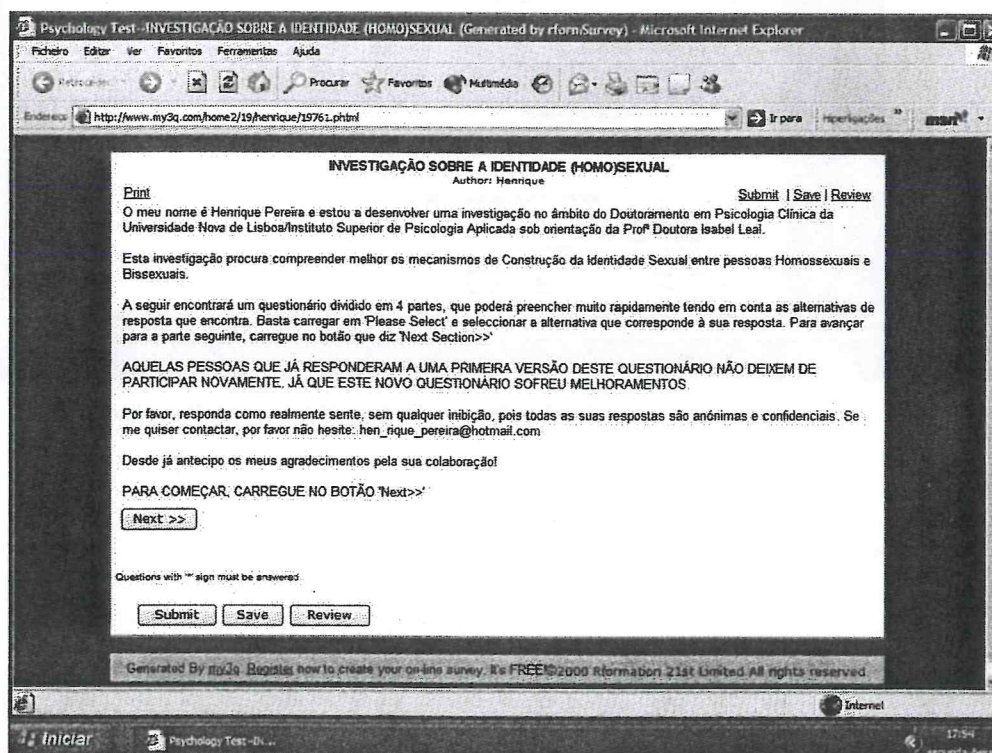


Figura 1 – Apresentação e Consentimento informado – aspecto on-line.

Na construção do questionário sócio-demográfico teve-se em conta o sexo, a idade, a proveniência geográfica (área de residência), estatuto sócio-económico, nível de escolaridade e a orientação sexual. O aspecto on-line pode ser verificado na figura 2:

The image shows a screenshot of a web browser displaying an online questionnaire. The browser's address bar shows the URL: <http://www.my3q.com/home2/19/henrique/19761.php.html>. The page title is "Psychology Test - INVESTIGAÇÃO SOBRE A IDENTIDADE (HOMO)SEXUAL (Generated by rFormSurvey) - Microsoft Internet Explorer".

The questionnaire content is as follows:

INVESTIGAÇÃO SOBRE A IDENTIDADE (HOMO)SEXUAL
Author: Henrique

Print Submit | Save | Review

1ª Parte - DADOS DEMOGRÁFICOS

1º Qual é o seu sexo?

2º Qual é a sua idade?

3º Qual é a sua Proveniência Geográfica (área de residência)?

4º Qual é o seu Estatuto Sócio-Económico?

5º Qual é o seu Nível de Escolaridade?

6º Qual é o seu estado civil/marital?

If you select "Outro", please specify:

7º Como se identifica relativamente à sua Orientação Sexual?

Homossexual
Bissexual
Indefinido(a)
Curioso(a)
Outro

Figura 2 – Questionário Demográfico – aspecto on-line.

O Questionário de Identidade Homossexual

O questionário de Identidade Homossexual foi construído para a presente investigação através da compilação dos modelos de identidade homossexual explicitados na fundamentação teórica e da análise de conteúdo das vinte entrevistas realizadas via salas de conversação na Internet e respectivo quadro de categorias.

Optou-se pela formulação de perguntas com *rating scales*⁵, uma vez que este formato permite uma melhor exploração das dimensões intrínsecas à natureza das variáveis, na medida em que avalia níveis de concordância com cada uma das afirmações confrontadas. As possibilidades de resposta foram as seguintes:

- Concordo totalmente;
- Concordo moderadamente;
- Não concordo nem discordo;
- Discordo moderadamente;
- Discordo totalmente.

No sentido de averiguar se haveriam dificuldades de compreensão ou erros de linguagem, procedeu-se ao pré-teste, tendo sido pedida a colaboração de 10 sujeitos para o preenchimento on-line. Emendados os erros e adaptadas as opiniões dos sujeitos, o questionário ficou terminado, sendo a versão preliminar constituída por vinte e uma questões pertencentes a sete dimensões percepcionadas distintas, tal como se descreve na tabela 30.

⁵ Também designadas como respostas de tipo Likert

<i>Dimensão</i>	<i>Itens</i>
<i>Incompatibilidade na compreensão dos papéis.</i>	1 – Tenho dificuldade em compreender como é que uma pessoa se pode relacionar intimamente com alguém do mesmo género sexual.
	2 – Preocupa-me pensar que poderei ser menos homem/mulher por gostar de pessoas do mesmo género sexual.
<i>Reconhecimento da Diferença.</i>	3 – Sinto-me diferente das pessoas à minha volta por causa da minha sexualidade.
	4 – Sinto-me excluído por causa da minha sexualidade.
	5 – Tendo a isolar-me emocionalmente por causa da minha sexualidade.
<i>Confusão Identitária.</i>	6 – Tenho tendência para negar os meus sentimentos homoeróticos (fantasias, desejos, comportamentos).
	7 – Dou por mim a evitar situações que me obriguem a confrontar-me com os meus sentimentos homoeróticos (fantasias, desejos, comportamentos).
	8 – Sinto-me culpado(a) por causa da minha sexualidade.
	9 – Sinto-me envergonhado(a) por causa da minha sexualidade.
	10 – Sinto medo/receio por causa dos meus sentimentos homoeróticos.
<i>Tolerância Identitária.</i>	11 – Estou numa fase em que, pela primeira vez, considero que se calhar sou mesmo gay/lésbica/bissexual.
	12 – Dou por mim a pensar que se calhar tenho mesmo que aceitar a minha homossexualidade/bissexualidade.
<i>Aceitação Privada.</i>	13 – Neste momento, sinto-me bem com a minha sexualidade, mas dou por mim a ter que arranjar maneiras eficazes para lidar com o preconceito exterior.
	14 – Não tenho qualquer dúvida de que sou mesmo gay/lésbica/bissexual.
	15 – Neste momento parece que vivo em dois mundos separados, um mundo homossexual/bissexual (com contactos e explorações na comunidade) e um mundo heterossexual (onde ninguém sabe da existência do primeiro).
	16 – Neste momento ninguém sabe da minha homossexualidade/bissexualidade.
	17 – Apenas alguns familiares e/ou amigos mais próximos sabem da minha homossexualidade/bissexualidade.
<i>Aceitação Privada e Integrada.</i>	18 – Sinto que a minha homossexualidade/bissexualidade é apenas mais uma característica de mim.
	19 – De um modo geral, na minha relação com os outros, a minha sexualidade não é o mais importante.
	20 – Sinto-me bem comigo mesmo(a) por ser gay/lésbica/bissexual.
<i>Abertura Total.</i>	21 – Não tenho necessidade de esconder a minha homossexualidade/bissexualidade de quem quer que seja.

Tabela 30 – Questionário de Identidade Homossexual (versão inicial)

O aspecto on-line ficou o seguinte (apesar de nas figuras 3 e 4 se apresentar o questionário separado, o utilizador da Internet visualizou-o por inteiro, como uma única página corrida):

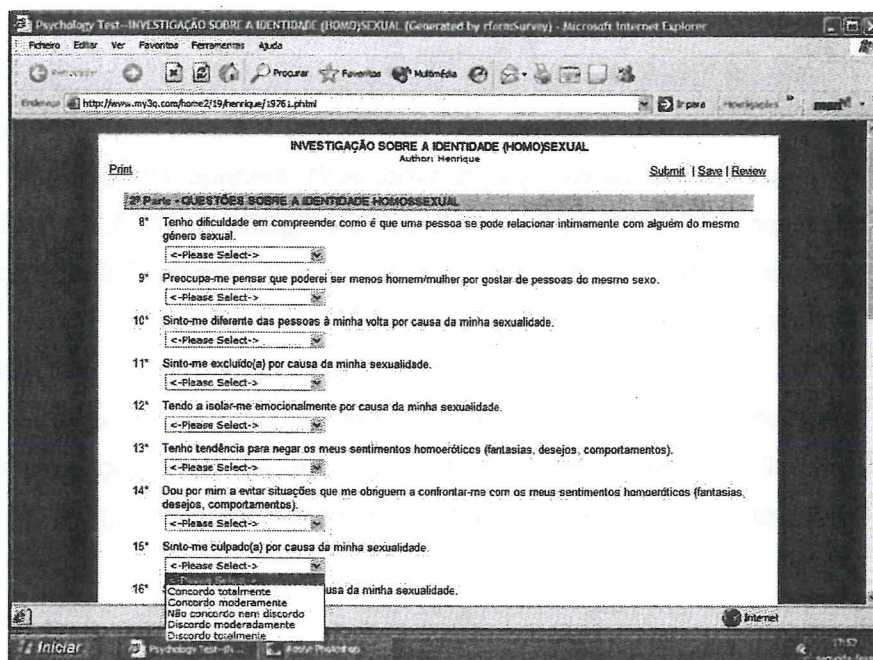


Figura 3 – Questionário de Identidade Homossexual – aspecto on-line.

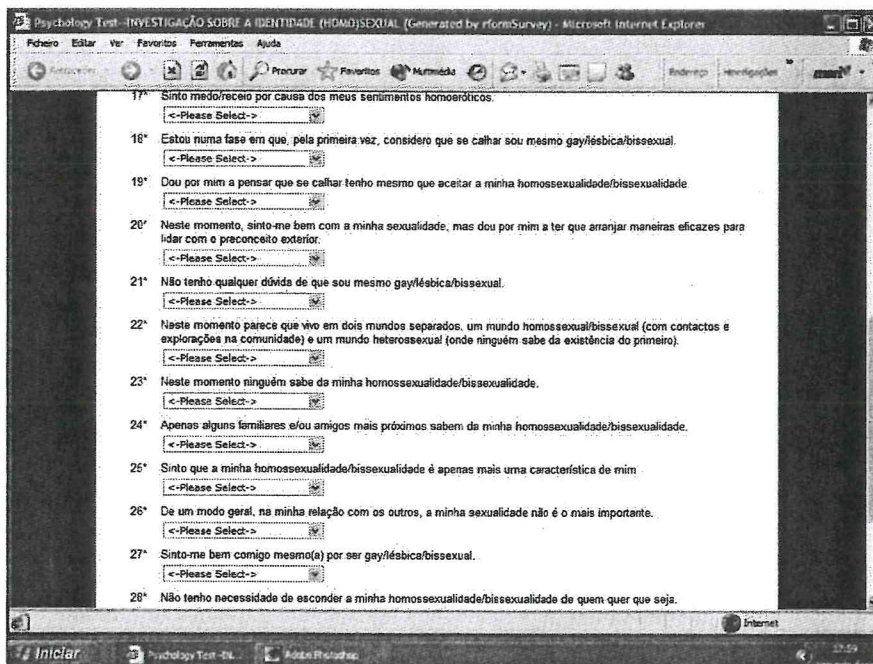


Figura 4 – Questionário de Identidade Homossexual – aspecto on-line (continuação).

Recolha da Amostra para o Questionário de Identidade Homossexual

Depois de construído o Questionário de Identidade Homossexual a partir da análise do conteúdo das vinte entrevistas exploratórias, primeiro em suporte gráfico e depois em suporte electrónico, a recolha da amostra foi concretizada pelo recurso à Internet. O questionário esteve disponível no endereço electrónico <http://www.my3q.com/home2/19/henrique/19761.phtml> (actualmente indisponível) entre os meses de Julho e Agosto de 2004. Este site foi visitado por cerca de dez mil utilizadores da Internet. Destes, 1000 completaram com sucesso a grelha.

A publicitação do site foi efectuada através de vários meios, nomeadamente pela inscrição em grupos e comunidades virtuais, pelo envio de e-mail a *mailing lists* de grupos temáticos e pela participação no portal *Gaydar*, recrutando participantes na sala de conversação de Portugal.

A Grelha de Orientação Sexual de Klein

A Grelha de Orientação Sexual de Klein é um sistema para descrever a orientação sexual de uma pessoa, de uma maneira detalhada e informativa. Foi construída por Klein (1993) e consiste no seguinte: para cada indivíduo, a grelha estabelece sete variáveis componentes da orientação sexual (atração sexual, comportamento sexual, fantasias sexuais, preferência emocional, preferência social, estilo de vida homo ou heterossexual e auto-identificação – ver quadro 16). Para cada um dos componentes, a orientação sexual é medida relativamente às dimensões “passado”, “presente” e “ideal”. A cotação efectua-se pela atribuição de pontos que variam entre 1 e 7, para cada uma das 21 combinações resultantes, como está descrito no quadro 16.

	VARIÁVEL	PASSADO	PRESENTE	IDEAL
A	Atração sexual			
B	Comportamento sexual			
C	Fantasias sexuais			
D	Preferência emocional			
E	Preferência social			
F	Estilo de vida homo ou heterossexual			
G	Auto-identificação			
Cotações:				
Para as variáveis de A a E:		Para as variáveis F e G:		
1	– Apenas o sexo oposto	1	– Apenas Heterossexual	
2	– Maioritariamente o sexo oposto	2	– Maioritariamente Heterossexual	
3	– Algo mais o sexo oposto	3	– Algo mais Heterossexual	
4	– Os dois sexos de igual modo	4	– Homossexual/Heterossexual de igual modo	
5	– Algo mais o mesmo sexo	5	– Algo mais Homossexual	
6	– Maioritariamente o mesmo sexo	6	– Maioritariamente Homossexual	
7	– Apenas o mesmo sexo	7	– Apenas Homossexual	

Quadro 16 – Grelha de Orientação de Klein.

A Grelha de Orientação Sexual de Klein mede a orientação sexual, mas a sua estrutura factorial original permanece desconhecida (Weinrich, Snyder, Pillard, Grant, Jacobson, Robinson & McCutchan, 1993), sabendo-se apenas

que o autor pretendia quebrar a ideia de Kinsey (1948;1953) relativamente à ideia de uma sexualidade categorizada e estanque.

Klein (1993) contextualiza o seu trabalho no estudo da bissexualidade, tentando chamar a atenção para a necessidade de esta deixar de se tornar ameaçadora, quer para os heterossexuais, quer para os homossexuais. Nesse sentido, a grelha testaria o facto de a orientação sexual ser, realmente, um processo dinâmico e multi-variado, composto por variáveis sexuais e não sexuais, diferenciadas ao longo do tempo.

A Grelha de Orientação Sexual de Klein considera o facto de as pessoas poderem modificar a sua orientação sexual, ou seja, o que uma pessoa considera ser no momento presente pode não coincidir com a sua classificação passada, futura ou ideal. Isto quer dizer que o conceito de orientação sexual é um processo dinâmico e contínuo e se pretendemos medi-lo, este facto tem que ser tomado em conta.

Uma vez concedida a autorização pelo autor para a utilização do instrumento (Anexo II), foi efectuada a tradução da língua inglesa para a língua portuguesa e respectiva retroversão, com confirmação técnica por um tradutor profissional. Seguidamente, procedeu-se à aplicação de um pré-teste (com a participação de dez sujeitos que preencheram a grelha) no sentido de garantir a compreensão clara de todos os respondentes.

A recolha da amostra para a validação da Grelha de Orientação de Klein foi concretizada pelo recurso à Internet, tal como para os instrumentos anteriores. A grelha esteve disponível no endereço electrónico <http://www.my3q.com/home2/19/henrique/19761.phtml> (actualmente indisponível) entre os meses de Julho e Agosto de 2004. Este site foi visitado por cerca de dez mil utilizadores da Internet. Destes, 1000 completaram com sucesso a grelha.

Grelha Classificatória dos Papéis Sexuais

A Grelha Classificatória dos Papéis Sexuais Sociais, construída a partir do Inventário de Papéis Sexuais de Bem (Bem, 1981;1993), permite uma rápida contabilização do número de características masculinas, femininas ou neutras presentes nos perfis dos participantes registados no Portal *Gaydar*, bastando assinalar o número de vezes que cada característica se repete (se for o caso).

A Grelha Classificatória é constituída por três sub-grelhas, cada uma delas referente às características masculinas, femininas e neutras (ver quadro 17).

Características Masculinas	Características Femininas	Características Neutras
Auto-confiante	Submisso(a)	Prestável
Que defende as suas crenças	Alegre	Mal-humorado(a)
Independente	Tímido(a)	Consciencioso(a)
Atlético(a)	Afectuoso(a)	Teatral
Assertivo(a)	Lisonjeável	Feliz
Personalidade forte	Leal	Imprevisível
Energético(a)	Feminino(a)	Digno de confiança
Análítico(a)	Complacente	Ciumento (a)
Tem capacidades de liderança	Sensível às necessidades dos outros	Verdadeiro(a)
Disposto(a) a correr riscos	Compreensivo(a)	Reservado(a)
Toma decisões facilmente	Piedoso(a)	Sincero(a)
Auto-suficiente	Ameniza facilmente o sofrimento	Presunçoso(a)
Dominante	Brando(a) no falar	Amável
Masculino(a)	Quente	Solene
Disposto(a) a tomar posições	Carinhoso(a)	Amigável
Agressivo(a)	Ingénuo(a)	Ineficaz
Age como um(a) líder	Infantil	Adaptável
Individualista	Não usa linguagem severa	Não-sistemático(a)
Competitivo(a)	Adora crianças	Tem discernimento
Ambicioso(a)	Gentil	Convencional

Quadro 17 – Grelha Classificatória de Papéis Sexuais.

Amostragem

Para levar a cabo o presente estudo contou-se com a colaboração de 2020 participantes (homens e mulheres) que utilizaram a Internet e que se identificaram como não-heterossexuais (homossexuais, bissexuais, indefinidos, curiosos ou outra categoria, garantindo a presença do critério “orientação sexual homoerótica”, ou seja, algum nível de atracção, fantasia ou comportamento homoerótico de acordo com a escala de avaliação da orientação sexual de Klein, 1993).

Foram recolhidas três Amostras (designadas como Amostra A, B e C), por conveniência junto da população gay, lésbica e bissexual de expressão portuguesa⁶ que utiliza a Internet.

Amostra A é constituída por vinte indivíduos que responderam à entrevista exploratória levada a cabo via *chat* e *msn – messenger* e a partir da qual, através de um procedimento de análise de conteúdo, se construiu o Questionário de Identidade Homossexual.

A amostra B é constituída por mil indivíduos que responderam ao Questionário Sócio-Demográfico, ao Questionário de Identidade Homossexual e à Grelha de Orientação Sexual de Klein (versão portuguesa).

A Amostra C é constituída por mil indivíduos que se encontravam registados no portal *Gaydar* e que tinham um perfil de características pessoais que permitiram a análise do número de características masculinas e femininas de acordo com os parâmetros do Inventário de Papéis Sexuais de Bem.

O portal *Gaydar* é um portal mundial (<http://www.gaydar.co.uk>) de carácter comercial, mas no qual todos se podem inscrever e aceder aos seus conteúdos. Nessa inscrição, os indivíduos preenchem informações pessoais relativamente aos seus gostos, hábitos, preferências, características de personalidade, etc., que ficarão disponíveis para consulta. Podem, igualmente, ser disponibilizadas fotografias dos inscritos, com ou sem nudez. O portal permite, ainda, enviar mensagens entre os participantes em tempo real, para além de possuir *chat rooms* a nível mundial, incluindo Portugal, e opções de

⁶ Utiliza-se esta expressão para caracterizar os participantes provenientes de Portugal, Brasil e outros países cuja língua materna é o português.

pesquisa de acordo com vários critérios, por exemplo, área de residência, nome ou idade.

Procedimentos

Tal como já foi referido, a concretização da recolha da amostra foi efectuada por recurso à Internet.

A publicitação do site construído para o efeito foi efectuada através de vários meios, nomeadamente pela inscrição em comunidades virtuais, pelo envio de e-mail solicitando a participação a *mailing lists* de grupos temáticos, e pela inscrição no portal Gaydar, recrutando participantes na sala de conversação de “Portugal”.

A participação no portal Gaydar obedeceu à elaboração de um perfil de identidade, onde estava o *link* de acesso à página da Internet onde se encontravam os instrumentos (figuras 5 e 6), bastando que o utilizador carregasse na palavra “QUESTIONÁRIO” para ser imediatamente redireccionado para o endereço electrónico já referido.

O perfil foi elaborado tendo em conta a sua acomodação linguística, própria do trato entre cibernautas, pedindo a colaboração dos sujeitos na segunda pessoa do singular.

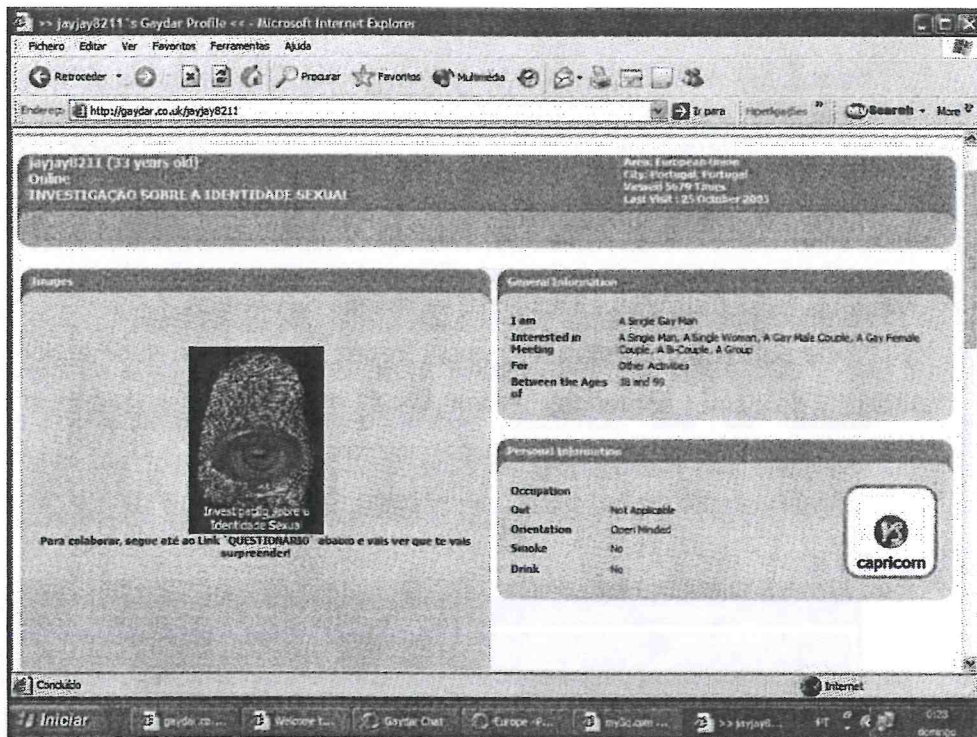


Figura 5 – Página de Apresentação do estudo no portal Gaydar.

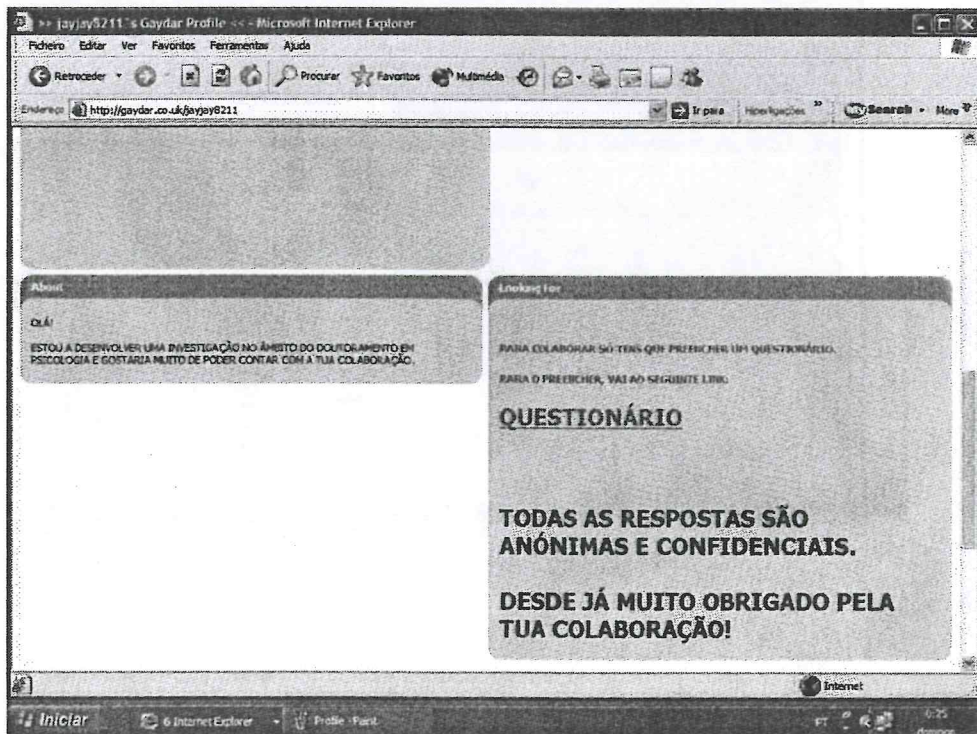


Figura 6 – Página de Apresentação do estudo no portal Gaydar.

Obtiveram-se os dados para a análise do número de características masculinas e femininas por recurso à Grelha Classificatória de Papéis Sexuais Sociais a partir do inventário de papéis sexuais de Bem, através da compilação de 1000 perfis pessoais de utilizadores da Internet registados no Portal Gaydar.

O perfil descreve um conjunto de características susceptíveis de análise, embora as únicas de interesse digam respeito aos adjectivos que descrevem eventuais características masculinas, femininas ou neutras.

Os perfis dos 1000 participantes foram impressos e submetidos a uma análise do seu conteúdo, retirando-se dessa análise o número de características masculinas, femininas e neutras.

Um exemplo de um perfil on-line pode melhor ser observado nas figuras 7 e 8.

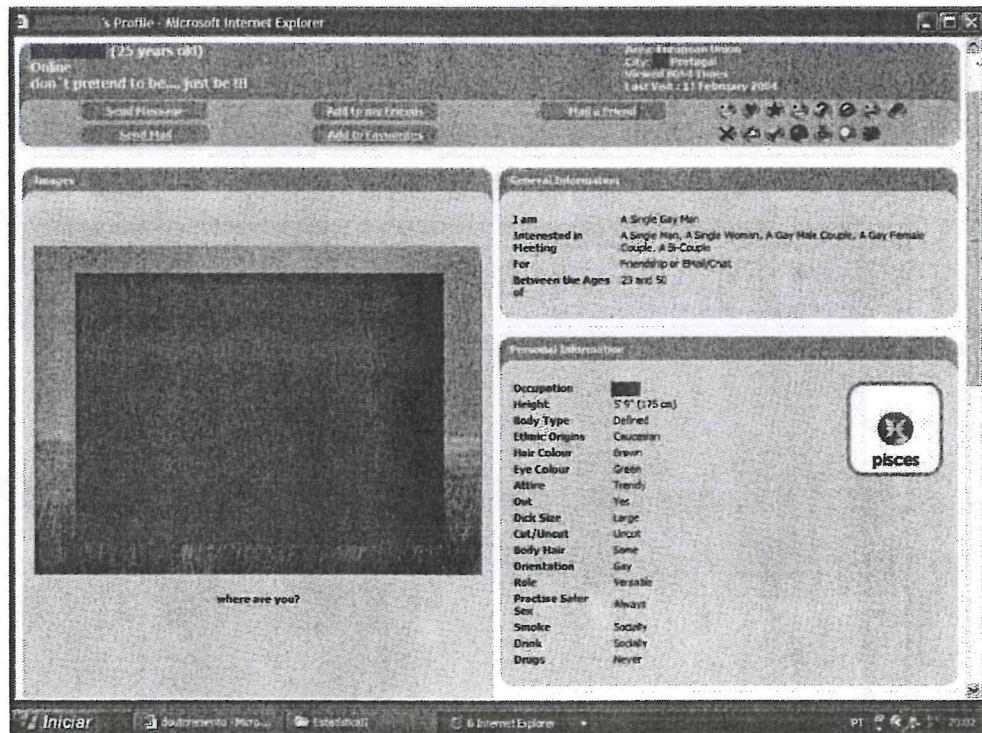


Figura 7 – Exemplo de Perfil de utilizador registado.

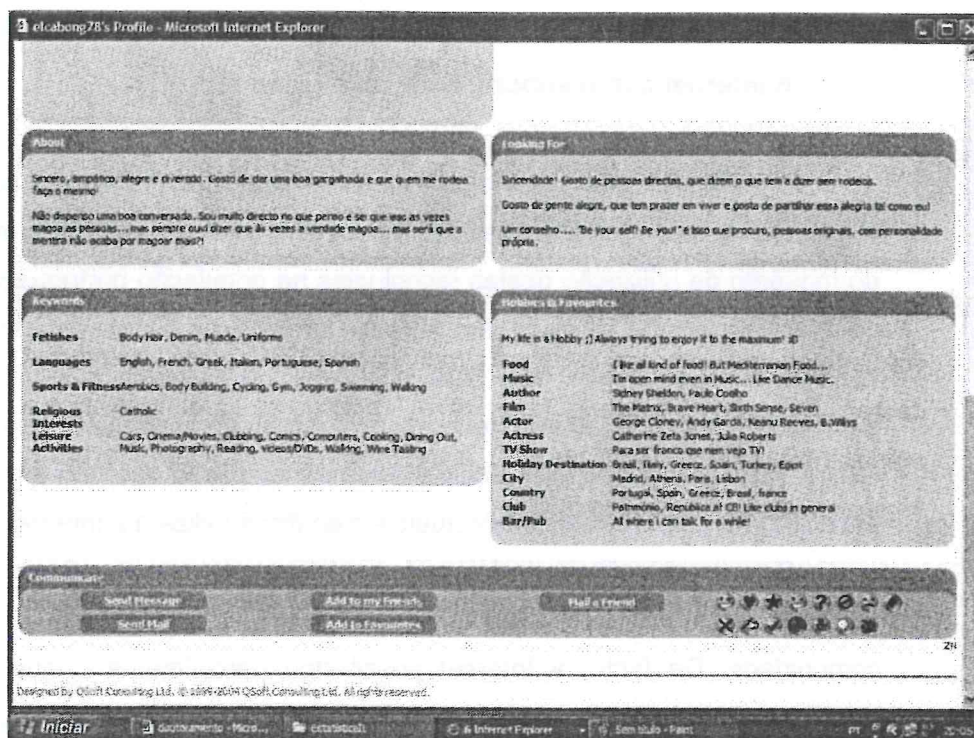


Figura 8 – Exemplo de Perfil de utilizador registado (continuação).

A Internet como suporte da investigação

A utilização das tecnologias de informação na população portuguesa tem aumentado consideravelmente. Tendo em conta os principais resultados do Inquérito de utilização destas tecnologias na população portuguesa (Núcleo de Estatísticas da Unidade de Missão Inovação e Conhecimento, 2002), constata-se que um em cada três indivíduos (32%) utiliza a Internet e que, destes, 74% são utilizadores frequentes. Verificou-se igualmente que as faixas etárias mais jovens recorrem mais à Internet, ao passo que oito em cada dez especialistas de profissões intelectuais e científicas utilizam a Internet.

Com a emergência da Internet, as pessoas homossexuais encontraram um meio de exprimir as suas opiniões de modo a reforçarem o seu sentido de comunidade. De facto, a Internet possibilitou parcialmente o que os *mass media* falharam na tarefa de valorização das experiências de vida destas pessoas. Por outro lado, a Internet permite a quebra do isolamento emocional, cognitivo e geográfico, facilitando uma certa exposição da intimidade, através de conversas (*chat*), encontros ou mesmo através de sexo *on-line*.

Há muitas actividades a que os gays, as lésbicas e os bissexuais podem aceder quando utilizam a Internet. Não só podem ter acesso a milhares de páginas *Web* de carácter informativo ou de entretenimento, como também podem participar em grupos especiais de interesses (como, por exemplo, o Yahoo ou os grupos MSN). Registando-se em portais específicos, o utilizador pode pesquisar perfis pessoais, conversar em tempo real, enviar mensagens ou mesmo utilizar outras ferramentas comunicacionais (como o ICQ ou o IRC). Para cada país ocidental, existem normalmente várias dezenas de portais com informação extensa sobre os serviços oferecidos e, a maioria deles, promove a comunicação entre os utilizadores (por exemplo, www.gaydar.co.uk ou www.gay.com).

Muitas vezes, as pessoas podem criar os seus próprios perfis pessoais, revelando informação pessoal ou mesmo fotografias (face ou nudez). O uso de câmaras de vídeo (*webcams*) também se generalizou, permitindo o contacto visual.

Estimar o número de gays, lésbicas e bissexuais que utilizam a Internet é uma tarefa muito difícil. Em média, os principais portais têm entre dez a vinte mil utilizadores diários (com várias centenas para cada país) e o uso de sistemas de mensagens e *chat* é muito frequente.

Neste sentido, a utilização da Internet revolucionou a comunicação entre as pessoas homossexuais e bissexuais e, ter acesso a esta população, é também uma tarefa mais facilitada.

O surgimento da Internet teve como consequência directa, a substituição do *typed mail*, tornando-se num instrumento cada vez mais utilizado na investigação, apesar de apenas se estar numa fase inicial no que diz respeito à elaboração de regras específicas para esta aplicação. Na ausência de regras e políticas, os investigadores deverão utilizar o seu sentido de responsabilidade ética para proteger adequadamente os direitos e o bem-estar dos participantes (Guidelines for Internet Research with Human Subjects, n. d.).

Há inúmeros casos de investigações recentes que recorreram à Internet como instrumento de suporte de investigação na área da sexualidade. Por exemplo, Benotsch, Kalichman & Cage (2002) examinaram a prevalência do uso da Internet para o encontro com parceiros sexuais entre homens que têm sexo com outros homens, bem como a exposição a comportamentos sexuais de risco face ao VIH, recorrendo à elaboração de um questionário on-line.

A informação on-line constitui um grande desafio relativamente à ansiedade e à confiança, tudo isto num contexto de inovação tecnológica (Barber, 2001). Deste modo, a investigação no ciberespaço deve ser cuidadosamente pensada e aspectos como a validade do género ou da identidade não podem ser desconsiderados.

A Internet revolucionou a experiência do desenvolvimento homossexual, possibilitando aos jovens isolados a comunicação e a inter-relação pessoal e sexual (Egan, 2000).

Tikkanen & Ross (2003), compararam as diferenças entre homens suecos que utilizam *chat rooms* frequentemente, ocasionalmente ou nunca e verificaram que os utilizadores da Internet eram mais jovens e menos identificados como homossexuais, tendo como objectivos principais a maior aproximação sexual.

Muitos outros exemplos servem para ilustrar o modo como a Internet está a ser utilizada pelos investigadores na área da psicologia e da sexualidade humana. Por exemplo, as similaridades no comportamento sexual e factores de risco entre homens hispânicos que utilizam o *msn* (Carballo-Diéguez, Dolezal, Nieves Rosa & Diaz, 2000; Carballo-Diéguez, Balan, Dolezal, Remien & Shedlin, 2003); o estudo dos comportamentos sexuais em *chat rooms* portuguesas relacionados com o sexo on-line (Carvalheira & Gomes, 2003); o estudo das relações entre a exploração sexual baseada na Internet e a expressão patológica (Cooper, Scherer, Bois & Gordon, 1999); o estudo da procura de sexo pela Internet e os comportamentos de risco associados (Elford, Bolding & Sherr, 2001); o estudo epidemiológico de doenças sexualmente transmissíveis com suporte da Internet (Klausner, Wolf, Fisher-Ponce & Katz, 2000); a taxa de prevalência de comportamentos sexuais de risco entre homens asiáticos que procuram parceiros do mesmo sexo via Internet (Lau, Kim, Lau & Tsui, 2003); o estudo da Internet como um novo espaço de risco para a transmissão de doenças sexualmente transmissíveis (McFarlane, Bull & Rietmeijer, 2000); ou o estudo dos níveis de exposição ao risco comparativamente entre uma amostra recolhida pela Internet e uma amostra convencional (Rhodes, DiClemente, Cecil, Hergenrather & Yee, 2002).

De uma maneira geral, a investigação com base no recurso à Internet deve ser sujeita aos mesmos princípios éticos que a investigação psicológica mais tradicional. A beneficência, a justiça e o respeito pelas pessoas é absolutamente fundamental. Assim, os investigadores que recorrem à Internet devem:

- Não causar dano;
- Proteger o anonimato dos sujeitos;
- Proteger a confidencialidade de todos os dados da pesquisa que possam identificar os sujeitos;
- Obter o consentimento informado;

(Association of Internet Researchers Ethics Working Committee, 2001).

Questões éticas

A Internet é, normalmente, considerada como um domínio público, facilmente acessível a qualquer pessoa. No entanto, muitos utilizadores consideram as suas interacções on-line como conversas privadas embebidas num espaço público. Os investigadores devem ser sensíveis a este aspecto, dado que a definição do que é espaço público ou privado é relativa às definições daqueles que o ocupam (Cavanagh, 1999).

Uma vez que o consentimento informado é absolutamente necessário, pode ser difícil obtê-lo dos utilizadores da Internet. As comunidades gay, lésbica e bissexual virtuais podem incluir centenas ou milhares de participantes, activamente envolvidos ou membros esporádicos. Contactar cada membro pode ser uma tarefa difícil e, para o facilitar, pode recorrer-se à utilização de *e-mail*, a uma apresentação numa página *Web*, subscrever uma assinatura junto de um servidor comunitário e criar uma sala de conversação ou uma comunidade.

Contudo, a validação virtual de um consentimento informado é difícil, na medida em que falta uma interacção investigador-sujeito. A idade, as competências mentais e a compreensão dos potenciais sujeitos não são conhecidos. A autenticação do consentimento informado permanece por resolver no momento presente (Guidelines for Internet Research with Human Subjects, n. d). No mínimo, os investigadores deverão identificar as suas posições desde o início do seu estudo.

Apesar de o anonimato na Internet poder parecer uma obrigação relativamente fácil de cumprir, tal pode não ser o caso. A tecnologia e o armazenamento de informações sobre as comunicações on-line e endereços *ip* ou de *e-mail*, possibilitam a identificação dos participantes.

É extremamente importante que os objectivos do investigador sejam claros para os sujeitos e que tenham acesso a um consentimento informado atempadamente.

A seguir, apresenta-se uma lista que considera as questões éticas que os investigadores deverão contemplar quando delineiam um estudo com base na Internet (Eysenbach & Wyatt, 2002):

- O estudo não poderá ser intrusivo;
- A privacidade percebida deve ser clarificada;
- Membros vulneráveis da população deverão ser preservados;
- Dano potencial deve ser absolutamente evitado;
- O consentimento informado e a confidencialidade devem ser assegurados;
- A propriedade intelectual deve ser respeitada.

A utilização de inquéritos para amostragens on-line

A utilização de inquéritos on-line pode ser conduzida através de entrevistas interactivas ou questionários desenvolvidos para auto-preenchimento. As entrevistas electrónicas podem ser conduzidas via e-mail ou através da utilização de salas de conversação.

Um dos problemas associados à investigação pela Internet é o da amostragem. O estudo da identidade homossexual parece estar limitado no que diz respeito à obtenção de uma amostra representativa. No entanto, a amostragem deste tipo de população é, normalmente, muito frutífera em termos de número, o que torna os gays, lésbicas e bissexuais num grupo bem representado.

Há novos métodos de condução de uma investigação via Internet que possibilitam o acesso a maiores proporções da população homo e bissexual. Os questionários podem ser construídos de modo a que os visitantes da página *Web* sejam aleatoriamente convidados a participar; *links* da página do questionário ou ficheiros de documentos podem ser enviados via e-mail; colocando mensagens em *newsgroups*; ou utilizando sites temáticos para alojarem o instrumento.

O investigador que está a utilizar um inquérito on-line deve ter alguns conhecimentos ou habilidades tecnológicas, na medida em que a utilização desta metodologia pode representar uma mais valia. Senão vejamos:

- Permite envio rápido e processamento dos dados a baixo custo;
- Permite a protecção contra respostas múltiplas pelo mesmo indivíduo através da utilização de palavras-chave (*password*);
- Os inquéritos on-line demonstram boa validade interna;
- Os dados podem ser analisados rapidamente.

Porém, pode apresentar também algumas desvantagens, por exemplo, o “efeito do voluntário”, que acontece quando os participantes respondem ao questionário porque lhes interessa ou porque se vêem atraídos pelos incentivos que o seu preenchimento oferece. As pessoas que respondem, certamente terão um conjunto de características de personalidade que serão diferentes das de quem não responde, o que poderá também enviesar os resultados. Para

minimizar este facto, é fundamental avaliar se um determinado estudo é apropriado para uma população de Internet.

Outra abordagem à minimização das limitações da investigação via Internet consiste na estimativa da taxa de resposta, expressa pelo número de sujeitos de completaram o questionário, dividido pelo número de sujeitos que o viram (Eysenbach & Wyatt, 2002).

É igualmente possível o recurso a aspectos técnicos que podem ser utilizados para maximizar os resultados: o uso de *cookies* para identificar os utilizadores da página *Web* e impedir múltiplas respostas pelo mesmo sujeito, a medida de tempos de resposta, a configuração de formas de rejeição automática para questionários incompletos ou mal preenchidos ou o uso de itens aleatórios.

Análise descritiva, inferencial e factorial

A análise descritiva, inferencial e factorial dos dados foi feita com o *software* SPSS (v. 12.0, SPPS, 2003). Começou-se por avaliar a sensibilidade do Questionário de Identidade Homossexual e da Grelha de Orientação Sexual de Klein para averiguar as suas propriedades psicométricas. Para além da mediana, moda, desvio padrão, número máximo e número mínimo, foi explorada a distribuição dos itens através da análise do *Skewness* e do *Kurtosis*⁷. Seguidamente, avaliou-se a fidelidade dos questionários através do *alpha* de Cronbach⁸.

Depois de verificar a validade para a Análise Factorial através do teste de Kaiser-Meyer-Olkin⁹ (KMO), passou-se à referida análise para os itens do Questionário de Identidade Homossexual e da Grelha de Orientação Sexual de Klein.

A Análise Factorial, como técnica de análise exploratória de dados, tem como objectivo descobrir e analisar a estrutura de um conjunto de variáveis interrelacionadas. No entanto, é importante referir que produz um de muitos modelos explicativos possíveis (Maroco, 2003), pelo que se utilizaram todas as rotações possíveis para a eventualidade de não-correlação entre factores, nomeadamente, as rotações Varimax, Quartimax e Equamax (rotações ortogonais); e as duas rotação não-ortogonais possíveis, pressupondo que os factores estavam correlacionados, nomeadamente a Direct Oblimin e a Promax.

⁷O *Skewness* e o *Kurtosis* são medidas que avaliam a assimetria e a forma da distribuição e recomendam a eliminação de itens com valor absoluto superior a dois.

⁸ O coeficiente *alpha* (α) de Cronbach é uma medida de fiabilidade interna que é determinada pela fórmula $\alpha = k/k - 1$ (1 – soma das variâncias de cada item / variância total de k itens). O valor do *alpha* aumenta com um número de itens mais elevado e com correlações entre itens mais fortes. Um *alpha* inferior a 0,50 é inaceitável, entre 0,50 e 0,60 é mau, entre 0,60 e 0,70 é razoável, entre 0,70 e 0,80 é bom, entre 0,80 e 0,90 é muito bom, e um valor igual ou superior a 0,90 é excelente (DeVellis, 1991).

⁹ A medida de adequação de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) compara as correlações simples com as correlações parciais observadas entre as variáveis. Um KMO próximo de zero indica ausência de correlação fiável entre as variáveis, o que é dissuasor do recurso à análise factorial. Um valor inferior a 0,50 é inaceitável, entre 0,50 e 0,60 é mau, entre 0,60 e 0,70 é razoável, entre 0,70 e 0,80 é bom e igual ou superior a 0,90 é excelente (Olkkonen & Saastamoinen, 2000).

Verificou-se a distribuição dos itens em relação à normalidade através do teste de Kolmogorov-Smirnov¹⁰ e procedeu-se, seguidamente, à análise inferencial através dos testes t-student¹¹, da ANOVA¹² e da MANOVA¹³, que são métodos que determinam diferenças entre médias quando são comparados grupos distintos.

¹⁰ O teste de Kolmogorov-Smirnov (K-S) é utilizado para testar se uma amostra provém de uma distribuição particular (neste caso, de uma distribuição normal). O valor estatístico do K-S é baseado na diferença entre as distribuições cumulativas observadas e teóricas.

¹¹ O teste t-student de amostras independentes compara as médias para dois grupos.

¹² A análise de variância, conhecida pelo acrónimo ANOVA (*ANalysis Of VAriance*) é um método de testagem da hipótese nula que as médias dos grupos são iguais na população, por comparação da variância estimada entre as médias dos grupos amostrados com a variância estimada no interior dos grupos. One-way significa que a análise considera apenas um factor ou condição externa que afecta os resultados dos diferentes grupos.

¹³ A MANOVA é a análise de variância para múltiplas variáveis dependentes relativamente a um ou mais factores. Os factores dividem a população em grupos e permite testar a hipótese nula acerca da igualdade das médias de vários grupos nas múltiplas variáveis dependentes (Maroco, 2003).

Análise de Modelos Estruturais

A Análise de Equações Estruturais (AEE) permite ao investigador testar um conjunto de relações causais simultaneamente, após ter especificado um modelo teórico inicial, através da produção de estatísticas de adequação e estimativas dos parâmetros (ITS, 2001).

A AEE recorre a uma nomenclatura própria. Assim, as variáveis manifestas são aquelas que se assumem terem sido medidas directamente e sem erro. Já aquelas não-observadas ou latentes, não foram directamente medidas pelo investigador, mas são inferidas pelas covariâncias ou correlações entre as variáveis medidas presentes na análise.

A AEE permite a representação gráfica das relações entre variáveis observadas e não-observadas. Os círculos ou as ovas representam as variáveis latentes, ao passo que os rectângulos ou os quadrados representam as variáveis medidas. Os erros residuais nunca são observados, pelo que se representam em círculos ou ovas.

Nesta representação gráfica, as relações causais (de causa para efeito) são apresentadas sob a forma de setas unidireccionais, sendo as correlações apresentadas sob a forma de setas bidireccionais.

A AEE envolve três elementos básicos: (1) a especificação de um modelo de medida, (2) a especificação do modelo estrutural e (3) a estimação dos coeficientes do modelo e sua validação.

A especificação de um modelo é o exercício de afirmar formalmente um modelo (Hoyle, 1995) e, ao especificá-lo, estabelecem-se relações directas, indirectas ou não-direccionais entre variáveis. Na AEE, os efeitos causais, as variâncias e as covariâncias são parâmetros que podem ser fixados (normalmente entre zero e um) ou livres (normalmente estimados a partir dos dados).

Os elementos principais que constituem a AEE são: o modelo de medida (onde as variáveis latentes são formadas a partir de indicadores observados) e o modelo estrutural (que inclui relações entre variáveis latentes e manifestas). Assim, a AEE combina um modelo de medida validado por uma análise

factorial confirmatória, ao passo que o modelo estrutural é uma regressão múltipla ou uma análise de trajectórias (*path analysis*).

O objectivo da estimação é a obtenção de valores numéricos para os parâmetros desconhecidos. Utilizam-se, de modo geral, métodos iterativos como a máxima verosimilhança (*maximum likelihood*) ou os mínimos quadrados generalizados (*generalized least square*)¹⁴. Cada método de estimação fornece estimativas de erros-padrão e um teste de Qui-quadrado (χ^2).

Para determinar as adequações dos Modelos de Medida e dos Modelos Estruturais, avaliam-se os seguintes indicadores: O *Goodness-of-fit* χ^2 , o *Comparative Fit Index* (CFI) e o *Root Square Mean Error of Approximation* (RMSEA).

O *Goodness-of-fit* χ^2 fornece uma base comum de decisão acerca da adequação de um modelo (Loehlin, 1998), mas se a amostra for muito grande (como é o caso da amostra da presente investigação), o χ^2 tem tendência para uma probabilidade próxima de zero, levando à suspeita que o modelo não se adequa aos dados observados. Por esta razão, utilizam-se os outros indicadores para determinar a adequação dos dados ao modelo (Hu & Bentler, 1995; Schumacker & Lomax, 1996; Arbuckle & Wothke, 1999; Byrne, 2001; Kelloway, 1998). O quadro 18 ilustra os índices de medida, os seus níveis de aceitabilidade e *cutoffs* críticos utilizados. O *software* computacional utilizado neste procedimento foi o AMOS (v. 5.0, Arbuckle, 2003).

¹⁴ Estes métodos de estimação são os mais utilizados e têm como objectivo procurar os parâmetros que reproduzem melhor a matriz de variância-covariância estimada na amostra.

Critério	Nível de Aceitação
<i>Goodness-of-fit</i> χ^2	NS ($p > 0,05$)
<i>Comparative Fit Index</i> (CFI)	0 – Sem adequação > 0,90 – Adequação muito boa 1 – Adequação perfeita
<i>Root Mean Square Error of Approximation</i> (RMSEA)	0 – Adequação perfeita 0 – 0,05 – Adequação muito boa 0,05 – 0,08 – Adequação aceitável 0,08 – 0,10 – Adequação sofrível > 0,10 – Inaceitável (NS; $p > 0,05$)
<i>Parsimonious Comparative Fit Index</i> (PCFI)	0 – Sem adequação 1 – Adequação perfeita
<i>Akaike Information Criterion</i> (AIC)	É utilizado para a comparação entre modelos e o modelo que se ajusta melhor é o que tiver o menor AIC.
<i>Bayes Information Criterion</i> (BIC)	É utilizado para a comparação entre modelos e o modelo que se ajusta melhor é o que tiver o menor BIC.
<i>Goodness of Fit Index</i> (GFI)	O GFI deve ser $<$ ou $= 1$; um GFI=1 indica uma adequação perfeita.

Quadro 18 – Índices de Adequabilidade aos dados ao Modelo (Browne & Cudeck, 1993).

Operacionalização do Modelo de Medida

O modelo de medida fica definido através da operacionalização das variáveis latentes e das variáveis manifestas que se organizaram a partir da revisão da literatura e da Análise Factorial exploratória.

Os itens do questionário de Identidade homossexual “diferença”, “exclusão” e “isolamento” operacionalizam o factor “Alienação face à identidade homossexual”.

Os itens do questionário de identidade homossexual “negação”, “evitamento”, “vergonha” e “medo” operacionalizam o factor “Gestão da homofobia”.

Os itens do questionário de identidade homossexual “tolerância” e “aceitação” operacionalizam o factor “Trajectória de aceitação da identidade homossexual”.

O item do questionário de identidade homossexual “Estratégias” operacionaliza o factor “Estratégias de *coping* face ao preconceito”.

Os itens do questionário de identidade homossexual “clivagem” e “abertura” operacionalizam o factor “Gestão da aceitação da identidade homossexual”.

O item do questionário de identidade homossexual “relativização” operacionaliza o factor “Relativização da identidade homossexual”.

Os itens do questionário sócio-demográfico “idade”, “estatuto sócio-económico” e “escolaridade” operacionalizam o factor “Variáveis Sócio-demográficas 1”.

Os itens do questionário sócio-demográfico “sexo” e “estado-civil” operacionalizam o factor “Variáveis Sócio-demográficas 2”.

Os itens da grelha classificatória de papéis sexuais “masculinidade” e “feminilidade” operacionalizam o factor “Papéis sexuais”.

Os itens da grelha de orientação sexual de Klein “atração sexual presente”, “comportamento sexual presente” e “fantasia sexual presente”, juntamente com o item “orientação” que resulta da auto-identificação face à orientação sexual do questionário sócio-demográfico, operacionalizam o factor “Orientação sexual”.

Os itens do questionário sócio-demográfico “apoio familiar”, “apoio dos amigos” e “força do *self*” operacionalizam o factor “Apoio/Força interior”.

Os itens do questionário sócio-demográfico “número de parceiros” e “preocupações de saúde por causa da sexualidade” operacionalizam o factor “Relacionamentos sexuais”.

Finalmente, os itens do questionário sócio-demográfico “discriminação directa” e “discriminação indirecta” operacionalizam o factor “Experiências de discriminação”.

Deste modo, construiu-se o modelo de medida descrito na figura 9:

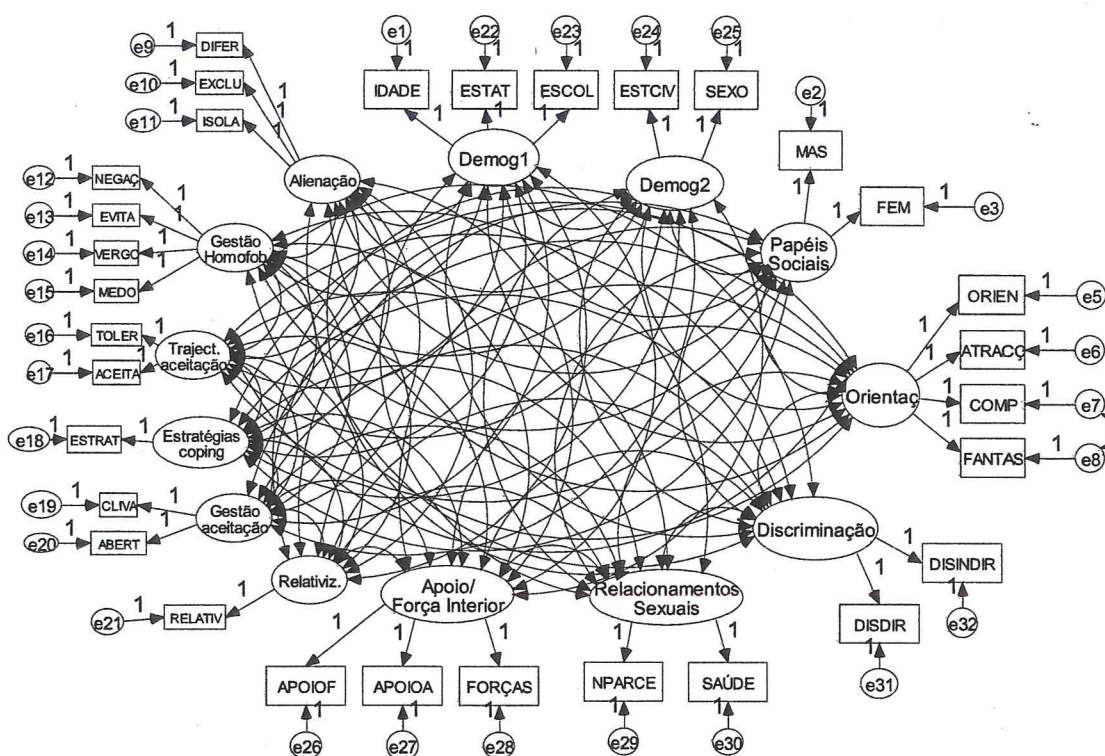


Figura 9 – Modelo de Medida operacionalizado a partir da Análise Factorial exploratória e da revisão da literatura. As variáveis latentes (factores) são representadas dentro de círculos, enquanto que as variáveis manifestas são representadas dentro de rectângulos.

CAPÍTULO 5 – RESULTADOS

Caracterização Sócio-demográfica

Amostra A

Esta amostra era constituída por catorze homens e seis mulheres com uma média etária de 29,5 anos e um desvio padrão de 10,8. Relativamente à orientação sexual, 80% dos indivíduos desta amostra identificaram-se como homossexuais, e 20% identificaram-se como bissexuais. Na figura 10 podem ver-se mais detalhadamente as características demográficas da Amostra A.

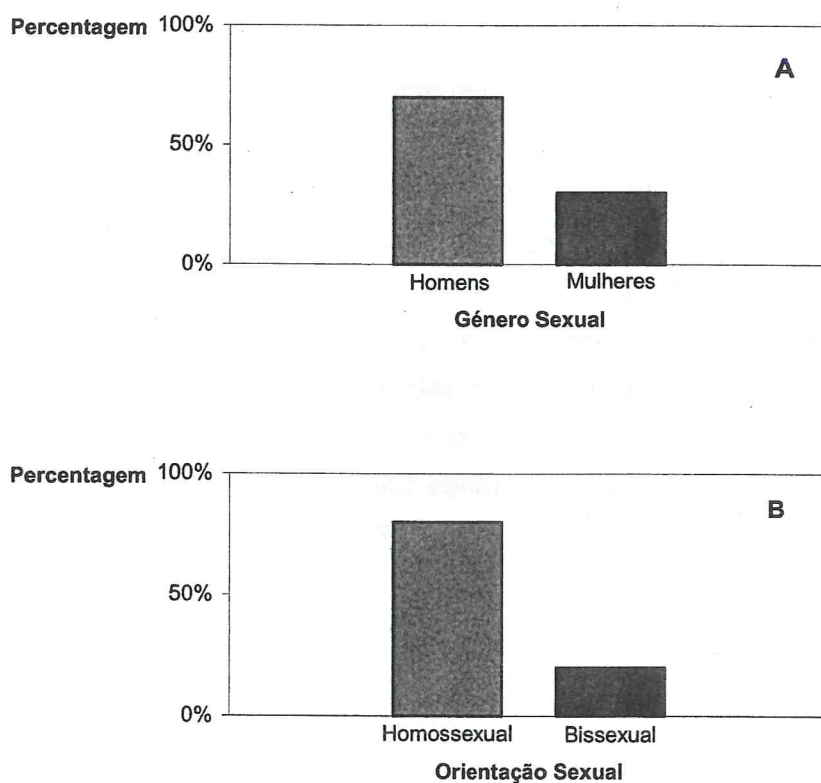


Figura 10 – Caracterização demográfica da amostra A por género sexual (painel A) e orientação sexual (painel B), (n = 20; idade média = 29,5 anos, D. P. = 10,8).

Amostra B

A maioria dos indivíduos é do sexo masculino (81,2%) e 18,8% são do sexo feminino (figura 11).

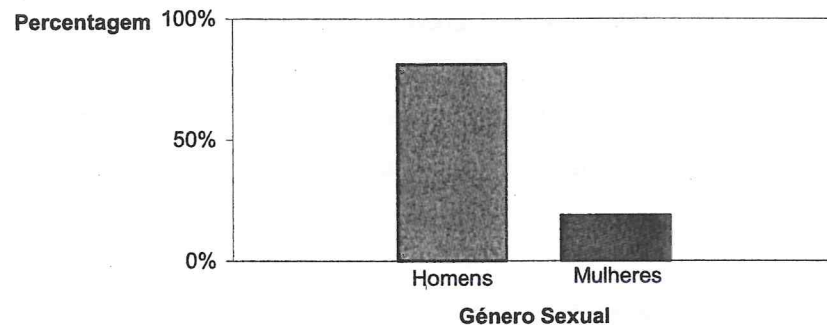


Figura 11 – Caracterização demográfica da amostra B por género sexual (n = 1000, idade média = 30,5 anos, D. P. = 10,23).

A média das idades é de 30,5 anos, a mediana 30, a moda 27 e o desvio padrão é de 10,23 (sendo a idade mínima registada catorze anos e a máxima setenta e dois).

Os indivíduos provêm de Portugal (45,4%), do Brasil (49,6%) e de outros países (5%) distribuídos do seguinte modo: 24,3% da Grande Lisboa, 5,5% do Grande Porto, e 15,6% do resto de Portugal. Por outro lado, 12,7% dos indivíduos provêm da Grande São Paulo, 6,1% do Grande Rio de Janeiro e 30,8% do resto do Brasil (figura 12).

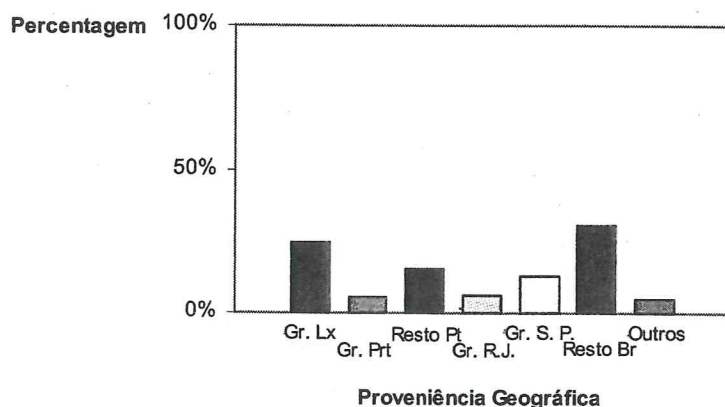


Figura 12 – Caracterização demográfica da amostra B por proveniência geográfica (n = 1000).

Verifica-se também na presente amostra uma distribuição do estatuto sócio-económico do seguinte modo: 2,6% dos indivíduos a classificaram-se como pertencendo a um estatuto baixo, 13,4% como pertencendo a um estatuto baixo-médio, 56,1% a um estatuto médio, 24,8% a um estatuto médio-alto e 3,1% a um estatuto alto. O estatuto mediano é o estatuto médio (figura 13).

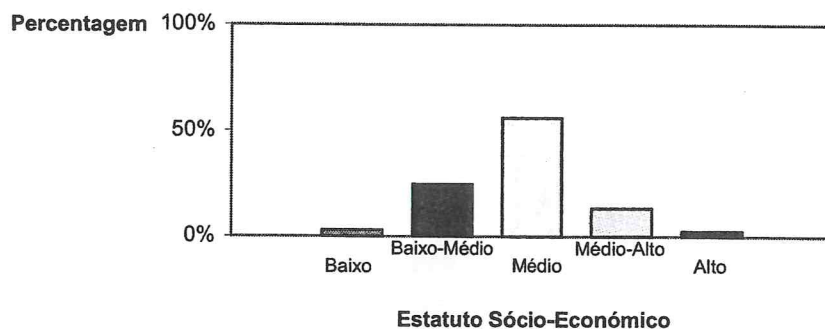


Figura 13 – Caracterização da amostra B por estatuto sócio-económico (n = 1000, mediana = estatuto sócio-económico médio).

Relativamente à escolaridade, observa-se que apenas 0,5% dos indivíduos tem até quatro anos de escolaridade, 5,7% até seis anos, 34,9% até nove anos, 23,4% até doze anos, 22,2% têm bacharelato, 11,8% possuem uma

licenciatura, 7,5% possuem uma pós-graduação ou mestrado e, finalmente, 4% são doutorados (figura 14).

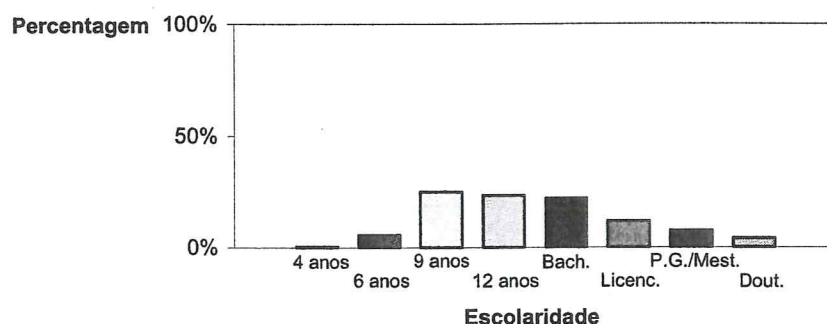


Figura 14 – Caracterização da amostra B por escolaridade (n = 1000, média e mediana = 12 anos, moda = 9 anos)

No que diz respeito ao estado civil, a maioria dos indivíduos diz ser solteiro (59,8%), e 7,8% dos indivíduos diz ser casado (casamento heterossexual). 17,8% dizem ter um compromisso afectivo com um parceiro do mesmo sexo, ao passo que 8,2% referiram uma união de facto homossexual. Apenas 1,1% referiram outra situação civil, mas nenhuma contemplava o matrimónio homossexual, dado que apenas vigora em alguns países ou estados que não foram representados na presente amostra (figura 15).

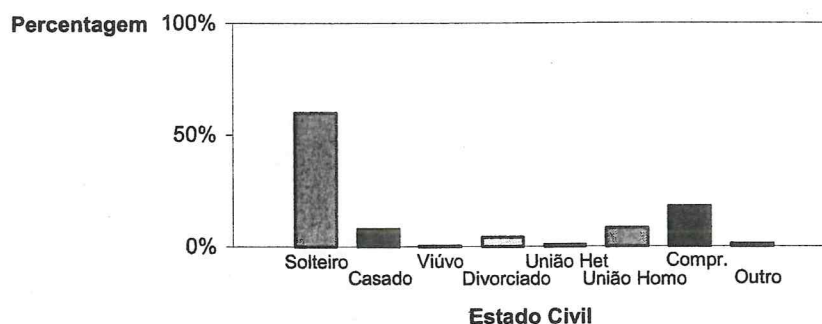


Figura 15 – Caracterização da amostra B por estado civil (n = 1000).

Por outro lado, 69,4% dos indivíduos identificaram-se como homossexuais, ao passo que 22,1% identificaram-se como bissexuais. 4,3% não se identificaram com nenhuma das categorias anteriores, classificando-se

como indefinidos, ao passo que 3,7% identificaram-se como curiosos (figura 16).

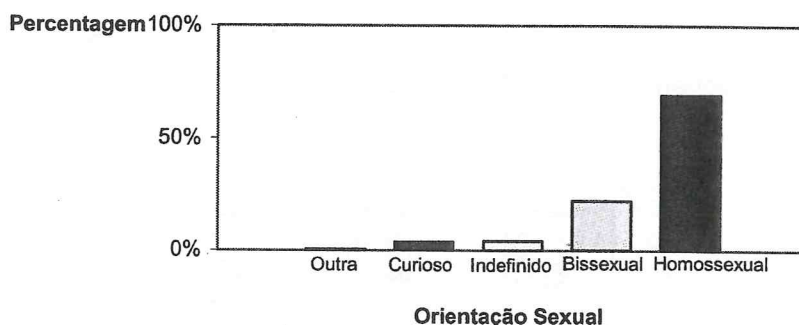


Figura 16 – Caracterização da amostra B por orientação sexual (n = 1000).

Das restantes variáveis contempladas na Amostra B, podem verificar-se os seguintes resultados: 40% dos indivíduos discordam ou discordam totalmente com o facto de terem apoio familiar, ao passo que 66,6% concorda ou concorda totalmente com o facto de terem apoio dos amigos. 56,1% concordam ou concordam totalmente com uma boa avaliação da força do seu *self* (figura 17).

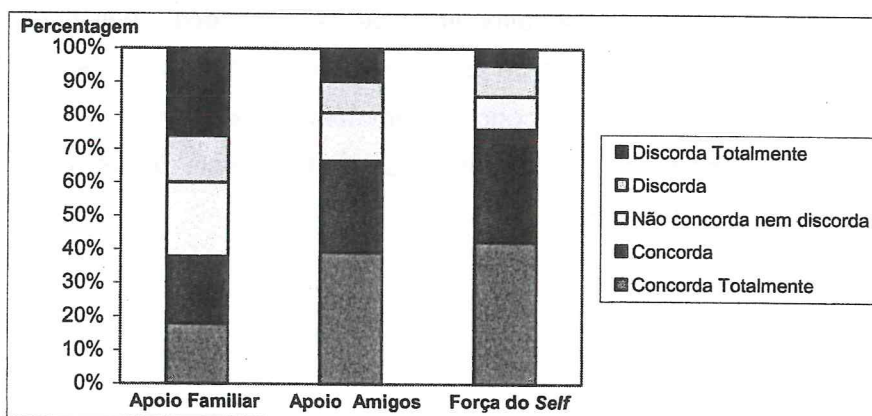


Figura 17 – Resultados da caracterização sócio-demográfica (n=1000) por apoio familiar (mediana = não concorda nem discorda, moda = discorda totalmente), apoio dos amigos (mediana = concorda, moda = concorda totalmente) e força do *self* (mediana = concorda, moda = concorda totalmente).

Por outro lado, verificou-se que 83,7% concordaram ou concordaram totalmente com a dimensão “auto-estima”; 50,4% dos indivíduos concordaram ou concordaram totalmente com o facto de terem tido muitos parceiros sexuais ao passo que 49,4% discordaram ou discordaram totalmente deste facto. Ainda, 70,5% concordaram ou concordaram totalmente já terem tido relacionamentos significativos (figura 18).

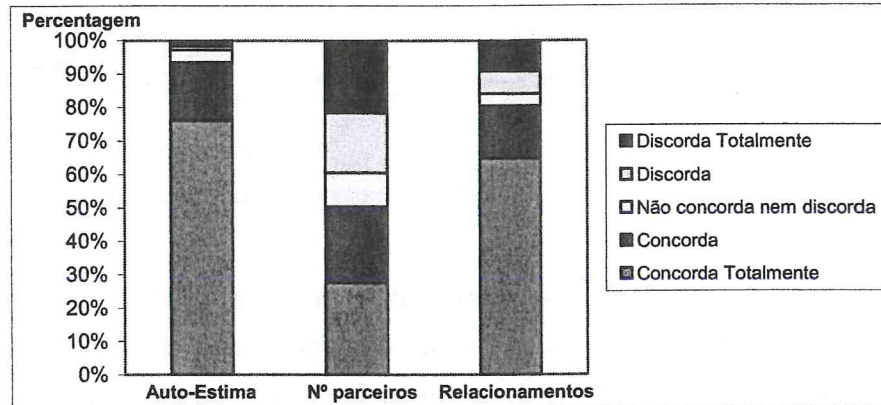


Figura 18 – Resultados da caracterização sócio-demográfica (n=1000) por auto-estima (mediana = concorda totalmente, moda = concorda totalmente), por número de parceiros (mediana = concorda, moda = concorda totalmente) e relacionamentos significativos (mediana = concorda totalmente, moda = concorda totalmente).

Verificou-se igualmente que 27,2% dos indivíduos discordaram totalmente com o facto de já terem tido experiências de discriminação directa, ao passo que 26,2% concordaram totalmente com este facto. No entanto, 74,2% concordaram ou concordaram totalmente tê-las vivido de maneira indirecta (figura 19).

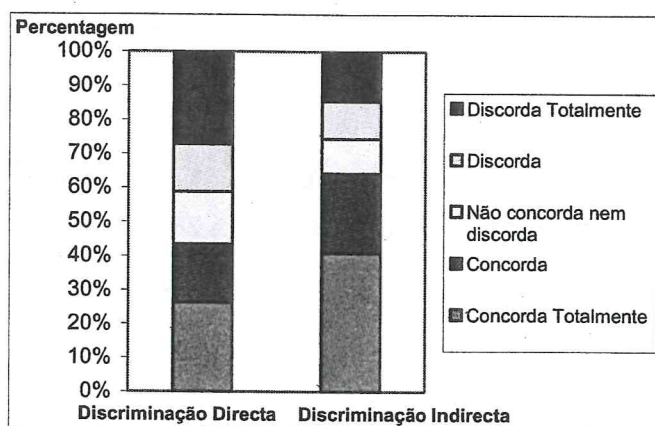


Figura 19 – Resultados da caracterização sócio-demográfica (n=1000) por experiências de discriminação directa (mediana = não concorda nem discorda, moda = discorda totalmente) e por experiências de discriminação indirecta (mediana = concorda, moda = concorda totalmente).

A esmagadora maioria dos indivíduos (74,2%) apresenta preocupações de saúde relacionadas com a sua sexualidade e, finalmente, a maioria (56,5%) diz não pertencer a nenhum grupo ideológico, filosófico ou religioso organizado (figura 20).

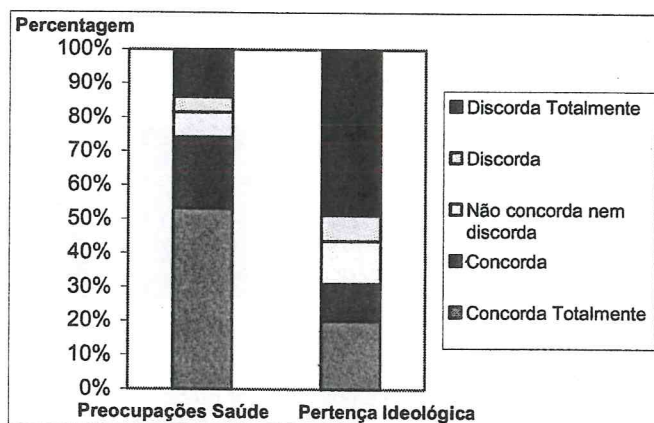


Figura 20 – Resultados da caracterização sócio-demográfica (n=1000) por preocupações de saúde por causa da sexualidade (mediana = concorda, moda = concorda totalmente) e por pertença a um grupo ideológico/religioso organizado (mediana = discordo, moda = discordo totalmente).

Amostra C

A média das idades foi de 31,4 anos e a maioria dos inscritos pesquisados era homem (71,8%) contra 28,2% de mulheres (figura 21).

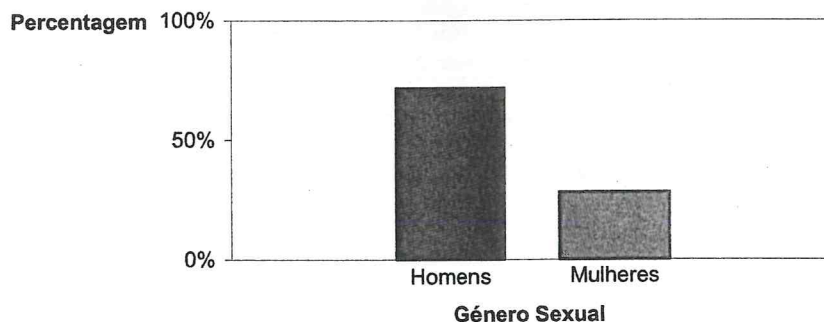


Figura 21 – Caracterização da amostra C por gênero sexual, (n = 1000, idade média = 31,4 anos e D. P. = 8,31 anos)

A esmagadora maioria dos indivíduos estava assumido em relação à sua sexualidade (*outness*¹⁵) 71,3% (figura 22).

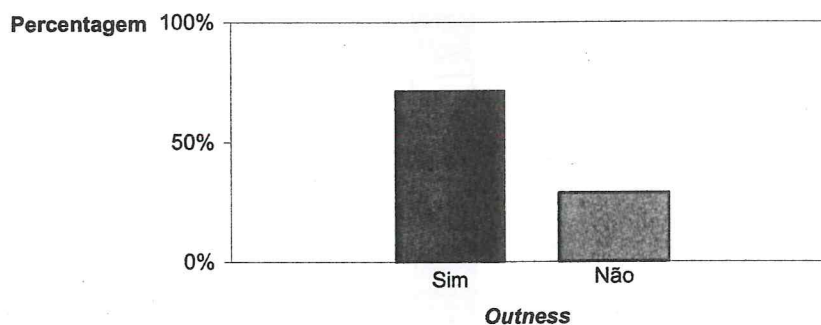


Figura 22 – Caracterização da amostra C por *outness*, (n = 1000, idade média = 31,4 anos e D. P. = 8,31 anos)

Verificou-se igualmente que 84,8% dos indivíduos se identificaram como homossexuais (gays ou lésbicas) (figura 23).

¹⁵ Por não existir nenhum vocábulo na Língua Portuguesa que expresse o sentido integrado de *outness*, recorre-se ao termo original em Língua Inglesa

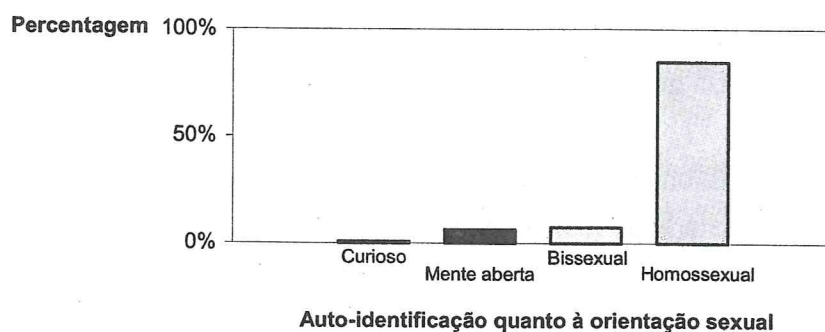


Figura 23 – Caracterização da amostra C por auto-identificação quanto à orientação sexual, (n = 1000, idade média = 31,4 anos e D. P. = 8,31 anos).

Foi, ainda, possível obter informações sobre o papel no acto sexual, verificando-se que a maioria dos indivíduos identifica-se como versátil (53,1%), embora uma percentagem razoável (22,2%) não responda a esta tópic (figura 24).

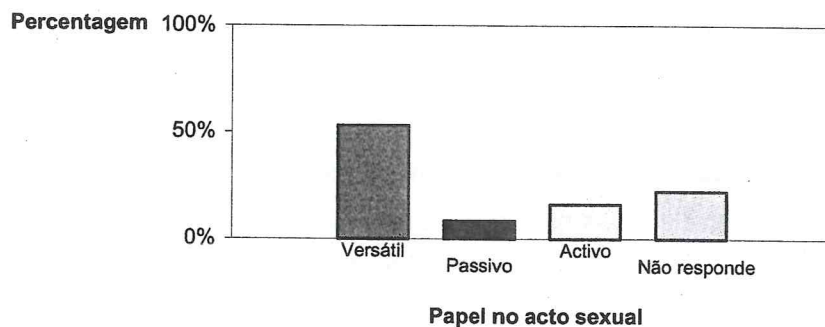


Figura 24 – Caracterização da amostra C por papel no acto sexual, (n = 1000, idade média = 31,4 anos e D. P. = 8,31 anos).

Propriedades psicométricas dos instrumentos

Do questionário de identidade homossexual

Submeteram-se os 1000 casos da Amostra B para os 21 itens do Questionário de Identidade Homossexual a uma análise da sensibilidade, para averiguar as suas propriedades psicométricas. Para além da análise das medidas descritivas usuais (mediana, moda e desvio padrão), exploraram-se as estatísticas *Skewness* e *Kurtosis*. Deste modo, foram eliminados os itens do questionário cuja assimetria e forma não eram aceitáveis devido ao facto de se mostrarem muito enviesados, e cujo critério era a obtenção de um número absoluto superior a dois. Deste modo, retiraram-se os itens 1, 2, 8 e 14 (Anexo III).

Seguidamente, procedeu-se à análise da consistência interna através do *alpha* de Cronbach. Após várias explorações, foi necessária a eliminação de mais itens para que o *alpha* se aproximasse da unidade e, assim, revelasse maior consistência interna. Deste modo, foi necessário proceder à eliminação dos itens 17, 19, 20 e 21 para que se obtivesse um *alpha* de 0,81, valor este que revela uma boa fidelidade do instrumento (Tabachnick & Fidel, 1996).

Neste processo de eliminação de itens, tentou-se manter a congruência teórica inicial, mas não foi possível contornar a eliminação de itens que diziam respeito à totalidade de uma dada dimensão. Foi o caso dos itens 1 e 2 que, tendo sido eliminados, provocaram a eliminação da dimensão “Incompatibilidade na compreensão dos Papéis Sexuais Sociais”, e também o caso da eliminação dos itens 19, 20 e 21, que levaram à eliminação das dimensões “Aceitação Privada e Integrada” e “Abertura Total”.

Este facto obrigou a uma reflexão do ponto de vista teórico e, baseados no facto de o teste de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) revelar uma boa validade para a análise factorial (KMO=0,858), procedeu-se à Análise Factorial (com extracção dos Componentes Principais e com rotação Varimax) para os itens restantes, ou seja, os itens 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16 e 18.

Tal como se pode verificar no Anexo IV, a variância explicada é 65,5% para as quatro dimensões principais que resultaram; no entanto, estas

revelaram ser incompatíveis do ponto de vista teórico (a título de exemplo, os itens 6 e 7 – que pertencem à dimensão “confusão identitária”, foram agrupados conjuntamente com os itens 15 e 16 – que pertencem à dimensão “aceitação privada”).

Porém, é de referir que a retenção dos factores com *eigenvalue* superior a 1 pode levar à retenção de mais ou menos factores do que os necessários para explicar a estrutura correlacional dos itens (Sharma, 1996; Maroco, 2003). Assim, e com o objectivo de melhorar a interpretabilidade da estrutura factorial, retiveram-se os factores que explicam 5% ou mais da variância total. A nova estrutura factorial é, então, constituída por seis factores que explicam 77,6% da variância total (Anexo V).

Este procedimento obrigou a uma reformulação teórica dos nomes das categorias e dos respectivos itens. Deste modo, a versão final do Questionário de Identidade Homossexual ficou organizada do seguinte modo (quadro 19):

DIMENSÃO	ITEM (e loading)	Eigenvalue	% Variância explicada	α de Cronbach
1 - Gestão da homofobia	6 – Negação (0,84) 7 – Evitamento (0,85) 9 – Vergonha (0,60) 10 – Medo (0,76)	4,66	35,83	0,86
2 – Alienação face à identidade	3 – Diferença (0,78) 4 – Exclusão (0,84) 5 – Isolamento (0,67)	1,52	11,66	0,76
3 – Trajectória de aceitação da identidade	11 – Tolerância (0,82) 12 – Aceitação (0,87)	1,29	9,92	0,69
4 – Gestão da Aceitação	15 – Abertura (0,82) 16 – Clivagem (0,81)	1,07	8,20	0,68
5 – Estratégias de <i>Coping</i> face ao preconceito	13 – Estratégias de <i>coping</i> (0,97)	0,85	6,50	-
6 – Relativização	18 – Relativização (0,99)	0,71	5,50	-

Quadro 19 – Organização final dos itens e das categorias do Questionário de Identidade Homossexual após Análise Factorial, (KMO =0,86), método de extracção por componentes principais com rotação Varimax.

Na reorganização dos itens para a versão final, ordenou-se a sequência das dimensões do seguinte modo:

- Dimensão 1: Alienação face à Identidade (os itens 3, 4 e 5 passaram a itens 1, 2 e 3);
- Dimensão 2: Gestão da Homofobia face ao preconceito (os itens 6, 7, 9 e 10 passaram a itens 4, 5, 6 e 7);

- Dimensão 3: Trajectória de Aceitação da Identidade (os itens 11 e 12 passaram aos itens 8 e 9);
- Dimensão 4: Estratégias de *Coping* face ao preconceito (o item 13 passou ao item 10);
- Dimensão 5: Gestão da Aceitação da Identidade (os itens 15 e 16 passaram aos itens 11 e 12);
- Dimensão 6: Relativização da Identidade (o item 18 passou a item 13).

Assim, apresenta-se no quadro 20, o Questionário de Identidade Homossexual na sua versão final. De notar que o formato de resposta para cada uma das afirmações manteve-se com uma escala ordinal (de tipo Likert), variando entre os graus de concordância total e discordância total.

Item	Questão
1	Sinto-me diferente das pessoas à minha volta por causa da minha sexualidade.
2	Sinto-me excluído(a) por causa da minha sexualidade.
3	Tendo a isolar-me emocionalmente por causa da minha sexualidade.
4	Tenho tendência para negar os meus sentimentos homoeróticos (fantasias, desejos, comportamentos).
5	Dou por mim a evitar situações que me obriguem a confrontar-me com os meus sentimentos homoeróticos (fantasias, desejos, comportamentos).
6	Sinto-me envergonhado(a) por causa da minha sexualidade.
7	Sinto medo/receio por causa dos meus sentimentos homoeróticos.
8	Estou numa fase em que, pela primeira vez, considero que se calhar sou mesmo gay/lésbica/bissexual.
9	Dou por mim a pensar que se calhar tenho mesmo que aceitar a minha homossexualidade/bissexualidade.
10	Neste momento sinto-me bem com a minha homossexualidade/bissexualidade, mas dou por mim a ter que arranjar maneiras eficazes para lidar com o preconceito exterior.
11	Neste momento parece que vivo em dois mundos separados, um mundo homossexual/bissexual (com contactos e explorações na comunidade) e um mundo heterossexual (onde ninguém sabe da existência do primeiro).
12	Neste momento ninguém sabe da minha homossexualidade/bissexualidade.
13	Sinto que a minha homossexualidade/bissexualidade é apenas mais uma característica de mim.

Quadro 20 – Questionário de Identidade Homossexual (versão final).

Da Grelha de Orientação Sexual de Klein

Submeteram-se os 1000 casos para os 21 itens da Grelha de Orientação Sexual de Klein à análise da consistência interna, obtendo-se um excelente *alpha* de Cronbach de 0.94.

Seguidamente, procedeu-se a uma Análise Factorial dado que o KMO foi de 0,92, o que indica uma muito boa validade para este procedimento. O resultado da extracção foi de cinco factores principais, representando 78,60% da variância explicada (Anexo VI). Após a rotação Varimax (Anexo VII), os itens ficaram organizados do seguinte modo segundo um critério temporal (presente/passado/ideal) para as dimensões 1, 2, e 3, e segundo um critério comum de Género a socializar e Estilo de Vida para as dimensões 4 e 5 (quadro 21):

DIMENSÃO	ITEM (e loading)	Eigenvalue	% Variância explicada	α de Cronbach
DIMENSÃO 1 – IDEAL	Item 3 – Atração Sexual IDEAL (0,83)	10,13	48,22	0,95
	Item 6 – Comportamento Sexual IDEAL (0,86)			
	Item 9 – Fantasia Sexual IDEAL (0,84)			
	Item 12 – Preferência Emocional IDEAL (0,79)			
	Item 21 – Auto-Identificação IDEAL (0,75)			
DIMENSÃO 2 – PASSADO	Item 2 – Atração Sexual PASSADO (0,85)	2,11	10,05	0,92
	Item 5 – Comportamento Sexual PASSADO (0,82)			
	Item 8 – Fantasia Sexual PASSADO (0,78)			
	Item 11 – Preferência Emocional PASSADO (0,76)			
	Item 20 – Auto-Identificação PASSADO (0,74)			
DIMENSÃO 3 – PRESENTE	Item 1 – Atração Sexual PRESENTE (0,78)	1,84	8,76	0,90
	Item 4 – Comportamento Sexual PRESENTE (0,77)			
	Item 7 – Fantasia Sexual PRESENTE (0,76)			
	Item 10 – Preferência Emocional PRESENTE (0,69)			
	Item 19 – Auto-Identificação PRESENTE (0,48)			
DIMENSÃO 4 – PREFERÊNCIA SOCIAL	Item 13 – Preferência Social PRESENTE (0,86)	1,34	6,40	0,84
	Item 14 – Preferência Social PASSADO (0,84)			
	Item 15 – Preferência Social IDEAL (0,77)			
DIMENSÃO 5 – ESTILO DE VIDA	Item 16 – Estilo de Vida PRESENTE (0,81)	1,09	5,18	0,80
	Item 17 – Estilo de Vida PASSADO (0,73)			
	Item 18 – Estilo de Vida IDEAL (0,66)			

Quadro 21 – Agregação final dos componentes principais da Grelha de Orientação Sexual de Klein após Análise Factorial ($KMO = 0,92$), método de extracção por componentes principais com rotação Varimax.

Deste modo, a versão final do Grelha de Orientação Sexual de Klein apresenta-se nos quadros 22 e 23:

	1	2	3	4	5	6	7
1. A sua atracção sexual presentemente (último ano)							
2. A sua atracção sexual no passado							
3. A sua atracção sexual ideal							
4. O seu comportamento sexual presentemente (último ano)							
5. O seu comportamento sexual no passado							
6. O seu comportamento sexual ideal							
7. As suas fantasias sexuais presentemente (último ano)							
8. As suas fantasias sexuais no passado							
9. As suas fantasias sexuais idealmente							
10. A sua preferência emocional presentemente (último ano)							
11. A sua preferência emocional no passado							
12. A sua preferência emocional idealmente							
13. O género com que socializa mais presentemente							
14. O género com que socializou mais no passado							
15. O género com que socializaria idealmente							
<p>Legenda (itens 1 a 15):</p> <ul style="list-style-type: none"> 1 – Apenas o mesmo sexo 2 – Maioritariamente o mesmo sexo 3 – O mesmo sexo algo mais 4 – Os dois sexos de igual modo 5 – O outro sexo algo mais 6 – Maioritariamente o outro sexo 7 – Apenas o outro sexo 							

Quadro 22 – Versão final da Grelha de Orientação Sexual de Klein.

	1	2	3	4	5	6	7
16. O seu estilo de vida heterossexual, bissexual ou homossexual presentemente (onde e com quem tende a passar a maior parte do seu tempo)							
17. O seu estilo de vida heterossexual, bissexual ou homossexual no passado							
18. O seu estilo de vida heterossexual, bissexual ou homossexual ideal							
19. A sua auto-identificação sexual (auto-imagem) presentemente							
20. A sua auto-identificação sexual (auto-imagem) no passado							
21. A sua auto-identificação sexual (auto-imagem) ideal							
<p>Legenda (itens 16 a 21):</p> <ul style="list-style-type: none"> 1 – Apenas homossexual 2 – Maioritariamente homossexual 3 – Algo mais homossexual 4 – Homossexual/heterossexual de igual modo 5 – Algo mais heterossexual 6 – Maioritariamente heterossexual 7 – Apenas heterossexual 							

Quadro 23 – Versão final da Grelha de Orientação Sexual de Klein (continuação).

Do Questionário de Identidade Homossexual

A submissão dos treze itens do Questionário de Identidade Homossexual à análise de frequências, permitiu-nos verificar que a maior parte dos indivíduos está numa fase de relativização da identidade (média = 4,3) e na fase das estratégias de *coping* face ao preconceito (média = 3,8), seguindo-se a trajetória de aceitação da identidade (média = 2,9), a gestão da aceitação da identidade (média = 2,7), a alienação face à identidade (média = 2,3) e, finalmente, a gestão da homofobia (média = 1,8). Estes dados, que foram calculados através da estimação dos valores dos factores (*factor scores* pelo método de Bartlett) podem ser mais facilmente observados no quadro 24.

DIMENSÃO	Média	Mediana	Moda	Desvio Padrão
<i>Alienação face à Identidade</i>	2,3	2	1	1,5
<i>Gestão da Homofobia</i>	1,8	1,3	1	1,1
<i>Trajectória de Aceitação da Identidade</i>	2,9	3	1	1,5
<i>Estratégias De Coping face ao Preconceito</i>	3,8	4	5	1,3
<i>Gestão da Aceitação da Identidade</i>	2,7	2,5	1	1,3
<i>Relativização da Identidade</i>	4,3	5	5	1,2

Quadro 24 – Resultados da análise de frequências do Questionário de Identidade Homossexual.

Submeteram-se os itens do Questionário de Identidade Homossexual agrupados para cada uma das dimensões a uma comparação com as variáveis psicossociais definidas, através da análise do t-student para as variáveis Sexo e Idade e a ANOVA para as restantes variáveis ($p = 0.05$).

Para cada uma das dimensões exploraram-se seguintes as variáveis:

- Sexo (estabelecendo-se dois grupos de comparação entre homens e mulheres);
- Idade (submetendo-se os resultados a uma análise de frequências para se encontrar o valor mediano, acima do qual se organizou o

grupo dos mais velhos e abaixo do qual se organizou o grupo dos mais jovens);

- Proveniência Geográfica (estabelecendo-se sete grupos de comparação, os sujeitos provenientes da Grande Lisboa, do Grande Porto e do resto do país; sujeitos provenientes da Grande São Paulo, do Grande Rio de Janeiro e do resto do Brasil; e sujeitos residentes noutros países);
- Estatuto sócio-económico (estabelecendo-se cinco grupos de comparação entre sujeitos com um nível baixo, nível baixo-médio, nível médio, nível médio-alto e nível alto);
- Nível de Escolaridade (estabeleceram-se oito grupos de comparação entre sujeitos com formação escolar até aos quatro, seis, nove e doze anos de escolaridade, bacharelato, Licenciatura, pós-graduação e mestrado e doutoramento);
- Orientação Sexual (estabelecendo-se cinco grupos de comparação entre indivíduos que se identificaram como homossexuais, indivíduos que se identificaram como bissexuais, indivíduos que se identificaram como indefinidos, indivíduos que se classificaram como curiosos e indivíduos que se classificaram na categoria “outra”);

Deste modo, verificaram-se as seguintes diferenças:

Para a DIMENSÃO 1 – ALIENAÇÃO FACE À IDENTIDADE (diferença, exclusão e isolamento):

Verificaram-se diferenças significativas para as seguintes variáveis (Anexo VIII):

Idade

A figura 25 apresenta os *scores* médios para o grupo dos indivíduos mais jovens e para o grupo dos indivíduos mais velhos. As diferenças entre as idades são estatisticamente significativas ($t(998) = 4,25; p < 0,001$), tendo-se observado níveis mais elevados para todos os itens da dimensão no grupo dos indivíduos mais jovens, sugerindo que estes se sentem mais diferentes, mais excluídos e mais isolados do que os indivíduos do grupo dos mais velhos;

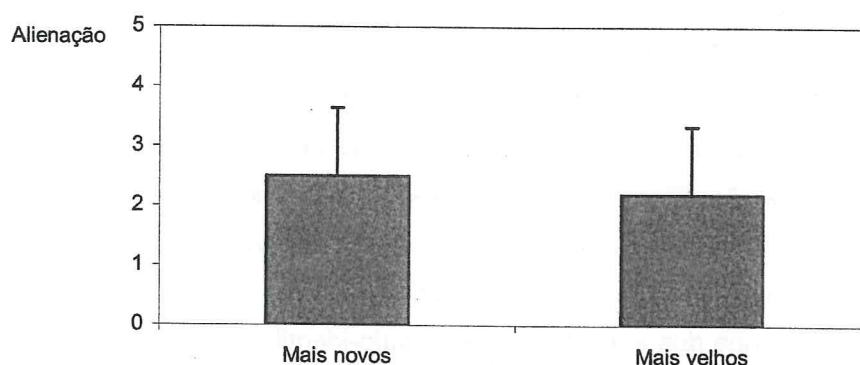


Figura 25 – Valores médios (+/- D.P.) de Alienação para indivíduos mais novos e mais velhos ($t(998) = 4,25; p < 0,001$).

Estatuto Sócio-Económico

A figura 26 apresenta os *scores* médios para o grupo dos indivíduos dos vários estatutos sócio-económicos. As diferenças entre vários estatutos sócio-económicos são significativas ($F(4, 995) = 2,54; p = 0,038$), tendo-se observado *scores* para os itens “médio” e “médio-alto” mais baixos nos grupos dos indivíduos de estatutos médio e médio-alto, sugerindo que se sentem menos diferentes e menos isolados do que no grupo de indivíduos de estatutos baixo e baixo-médio; no entanto observou-se que os *scores* para o item “exclusão” do grupo dos indivíduos do estatuto médio foram mais baixos do

que os *scores* dos grupos de estatutos baixo, baixo-médio, médio-alto e alto, indicando que se sentem menos excluídos;

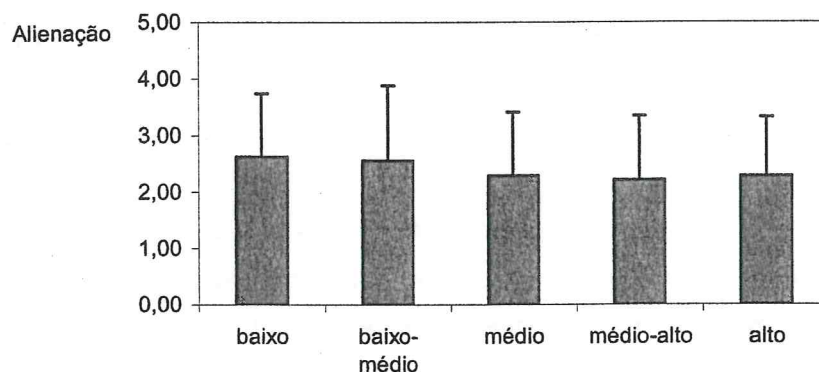


Figura 26 – Valores médios (+/- D. P.) de Alienação para Estatutos Sócio-Económicos (F (4,995) = 2,54; p = 0,038).

Orientação Sexual

A figura 27 apresenta os *scores* médios para os grupos dos indivíduos que se auto-identificaram como homo ou bissexuais, indefinidos, curiosos ou outra. As diferenças são estatisticamente significativas (F (4, 995) = 4,48; p <0,001), tendo-se observado *scores* mais baixos para todos os itens no grupo dos indivíduos que se auto-identificaram como homossexuais do que os *scores* do grupo dos indivíduos que se auto-identificaram como bissexuais, sugerindo que estes se sentem mais diferentes, mais excluídos e mais isolados do que os homossexuais.

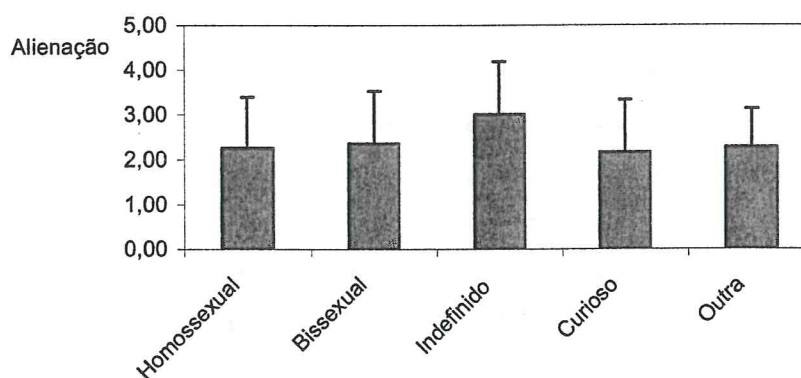


Figura 27 – Valores médios (+/- D. P.) de Alienação consoante auto-identificações face à orientação sexual (F (4, 995) = 4,48; p <0,001).

Para a DIMENSÃO 2 – GESTÃO DA HOMOFOBIA FACE AO PRECONCEITO (negação, evitamento, vergonha e medo):

Verificaram-se diferenças significativas para as seguintes variáveis (Anexo VIII):

Sexo

A figura 28 apresenta os *scores* médios para o grupo dos homens e das mulheres. As diferenças entre os sexos são estatisticamente significativas ($t(998) = 2,06$; $p < 0,001$), tendo-se observado *scores* mais baixos para todos os itens da dimensão no grupo dos homens do que no grupo das mulheres, indicando que os homens têm menos tendência para negar, evitar, ter vergonha e medo dos seus sentimentos homoeróticos do que as mulheres;

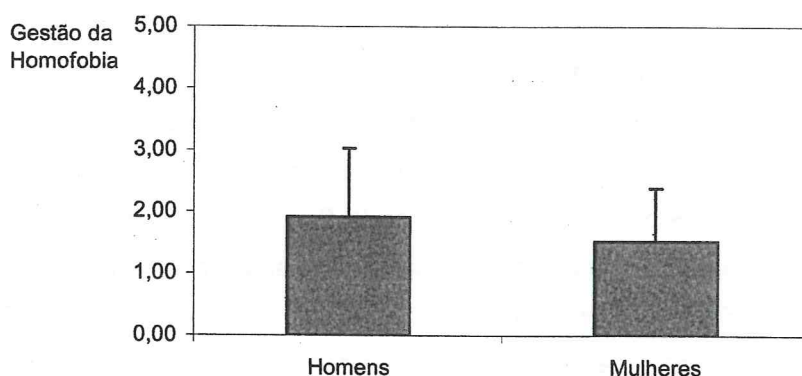


Figura 28 – Valores médios (+/- D. P.) de Gestão da Homofobia para Homens e Mulheres ($t(998) = 2,06$; $p < 0,001$).

Idade

A figura 29 apresenta os *scores* médios para o grupo dos indivíduos mais novos e mais velhos. As diferenças entre as idades são estatisticamente significativas ($t(998) = 3,52$; $p < 0,001$), tendo-se observado *scores* mais medianos no grupos dos indivíduos mais novos, sugerindo que estes têm tendência para adotarem posições mais neutras face à negação, evitamento e vergonha por causa dos seus sentimentos homoeróticos do que o grupos dos indivíduos mais velhos; no entanto, verificou-se que os *scores* do grupo dos indivíduos mais novos relativamente ao item “medo” foram mais elevados do

que os *scores* do grupo dos indivíduos mais velhos, indicando que os indivíduos mais jovens sentem mais medo dos seus sentimentos homoeróticos do que os indivíduos mais velhos;

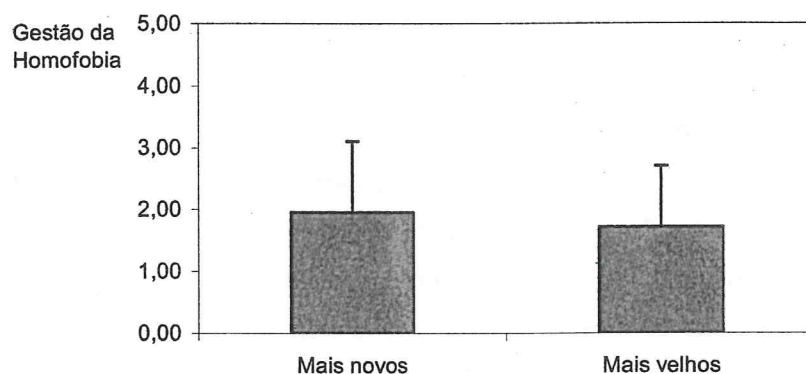


Figura 29 – Valores médios (+/- D. P.) de Gestão da Homofobia para indivíduos mais novos e mais velhos ($t(998) = 3,52$; $p < 0,001$)

Proveniência geográfica

A figura 30 apresenta os *scores* médios para os grupos dos indivíduos provenientes da grande Lisboa, do grande Porto, do resto de Portugal, do Grande Rio de Janeiro, de Grande São Paulo, do resto do Brasil e outros. As diferenças entre as proveniências são estatisticamente significativas ($F(6, 993) = 2,56$; $p = 0,018$), tendo-se observado *scores* mais elevados para os itens “negação” e “evitamento” no grupo dos indivíduos provenientes do Brasil do que no grupo dos indivíduos provenientes de Portugal; no entanto, observaram-se *scores* mais baixos para o mesmo grupo quando se tratavam dos itens “vergonha” e “medo”. Isto sugere que os indivíduos brasileiros negam e evitam mais os seus sentimentos homoeróticos, mas têm menos vergonha e menos medo do que os indivíduos portugueses;

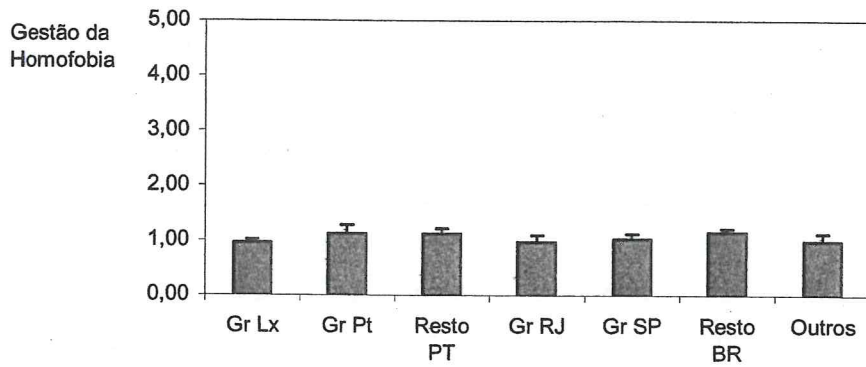


Figura 30 – Valores médios (+/- D. P.) da Gestão da Homofobia de acordo com as proveniências geográficas ($F(6, 993) = 2,56; p=0,018$).

Escolaridade

A figura 31 apresenta os *scores* médios para o grupo dos indivíduos provenientes de várias escolaridades ($F(7, 992) = 4,04; p < 0,001$), tendo-se observado *scores* mais baixos para todos os itens no grupo dos indivíduos com mais escolaridade, o que sugere que os indivíduos com mais escolaridade negam menos, evitam menos, têm menos vergonha e menos medo dos seus sentimentos homoeróticos do que os indivíduos com menor escolaridade;

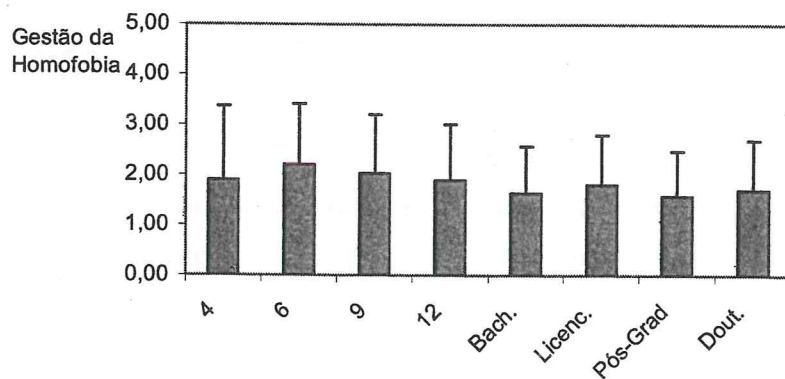


Figura 31 – Valores médios (+/- D.P.) de Gestão da Homofobia para os diferentes grupos de escolaridade ($F(7, 992) = 4,04; p < 0,001$)

Estado Civil

A figura 32 apresenta os *scores* médios para os grupos dos indivíduos solteiros, casados, viúvos, divorciados, unidos de factos, com compromisso afectivo e outros. As diferenças entre os estados civis são estatisticamente significativas ($F(7, 992) = 11,65; p < 0,001$), tendo-se observado *scores* mais baixos para todos os itens da dimensão no grupo dos indivíduos solteiros e com relacionamentos de mesmo sexo do que no grupo dos indivíduos casados e com relacionamentos de sexo oposto, indicando que os indivíduos solteiros e que têm relacionamentos de mesmo sexo negam menos, evitam menos, têm menos vergonha e menos medo dos seus sentimentos homoeróticos do que os indivíduos com relacionamentos de sexo oposto;

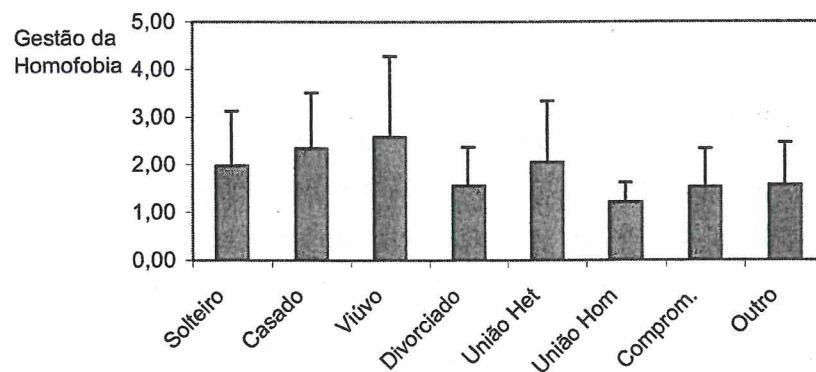


Figura 32 – Valores médios (+/- D. P.) de Gestão da Homofobia de acordo com o Estado Civil ($F(7,992) = 11,65; p < 0,001$).

Orientação Sexual

A figura 33 apresenta os *scores* médios para o grupo dos indivíduos que se auto-identificam como homo, bissexuais, indefinidos, curiosos ou outros. As diferenças entre distintas orientações sexuais são estatisticamente significativas ($F(4, 995) = 44,19; p < 0,001$), tendo-se observado *scores* mais baixos no grupos dos indivíduos que se auto-identificaram como homossexuais do que no grupo dos indivíduos que se auto-identificaram como bissexuais, indicando que os indivíduos homossexuais negam menos, evitam menos, têm menos vergonha e menos medo dos seus sentimentos homoeróticos do que os indivíduos bissexuais.

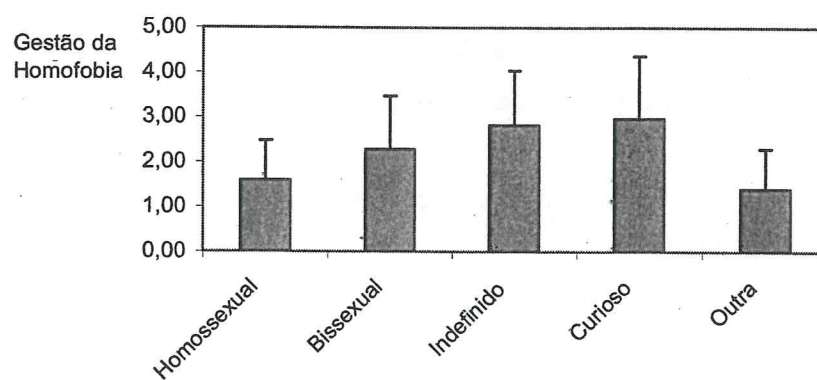


Figura 33 – Valores médios (+/- D. P.) para a Gestão da Homofobia para a auto-identificação face à Orientação Sexual ($F(4, 995) = 44,19; p < 0,001$).

Para a DIMENSÃO 3 – TRAJECTÓRIA DE ACEITAÇÃO DA IDENTIDADE (tolerância e aceitação):

Verificaram-se diferenças significativas para as seguintes variáveis (Anexo VIII):

Idade

A figura 34 apresenta os *scores* médios para o grupo dos indivíduos mais novos e para o grupo dos indivíduos mais velhos. As diferenças entre as idades são estatisticamente significativas ($t(998) = 4,41$; $p < 0,001$), tendo-se observado *scores* mais baixos para os dois itens da dimensão no grupo dos indivíduos mais novos do que no grupo dos indivíduos mais velhos, indicando que os indivíduos mais jovens toleram e aceitam menos os seus sentimentos homoeróticos do que os indivíduos mais velhos;

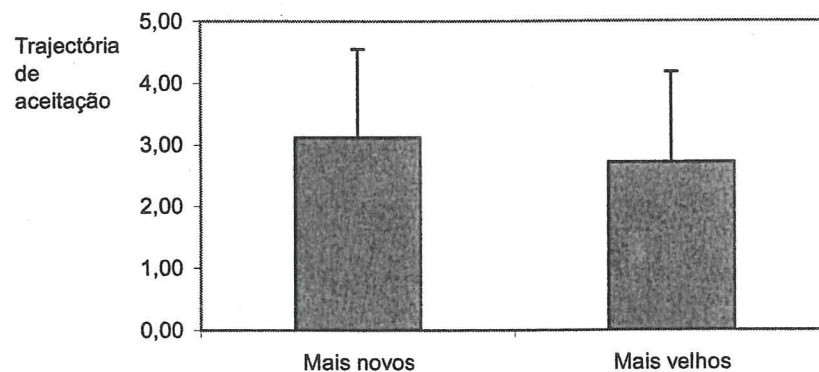


Figura 34 – Valores médios (+/- D. P.) para a Trajectória de aceitação para indivíduos mais novos e mais velhos ($t(998) = 4,41$; $p < 0,001$);

Proveniência Geográfica

A figura 35 apresenta os *scores* médios para os indivíduos provenientes da Grande Lisboa, do Grande Porto, do resto de Portugal, do Grande Rio de Janeiro, da Grande São Paulo e outros. As diferenças entre proveniências geográficas são estatisticamente significativas ($F(6, 993) = 9,09$; $p < 0,001$), tendo-se observado *scores* mais elevados para os dois itens da dimensão no grupo dos indivíduos provenientes de meios urbanos do que no grupo dos

indivíduos provenientes de meios não-urbanos, indicando que os indivíduos de meio urbano toleram e aceitam mais os seus sentimentos homoeróticos;

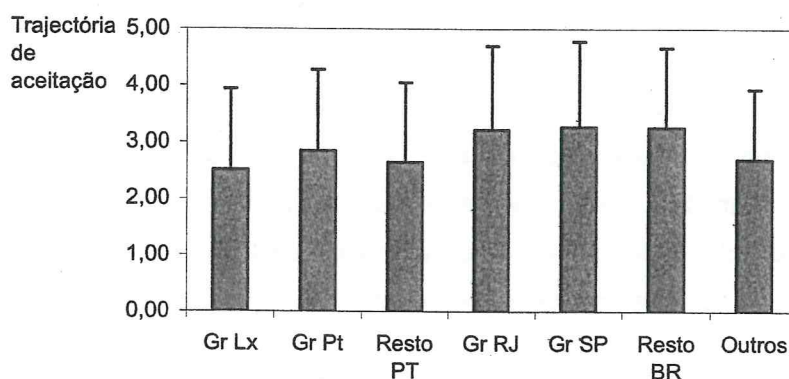


Figura 35 – Valores médios (+/- D. P.) de Trajectória de aceitação para a proveniência geográfica ($F(6, 993) = 9,09; p < 0,001$).

Estatuto Sócio-Económico

A figura 36 apresenta os *scores* médios para os grupos dos indivíduos de acordo com os diversos graus de escolaridade. As diferenças entre grupos são estatisticamente significativas ($F(4, 995) = 2,86; p = 0,023$), tendo-se observado *scores* mais baixos no grupo dos indivíduos de estatuto médio para o item “tolerância” do que os indivíduos de outros estatutos, mas *scores* mais altos para o item “aceitação”, sugerindo que os indivíduos de estatuto médio toleram menos e aceitam mais os seus sentimentos homoeróticos do que os indivíduos de outros estatutos;

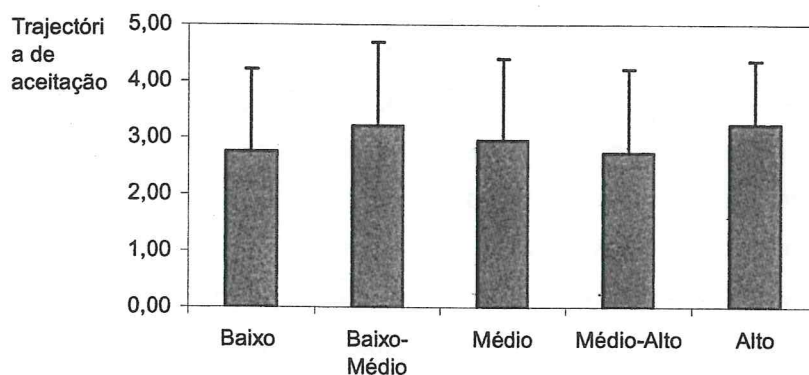


Figura 36 – Valores médios (+/- D. P.) de Trajectória de aceitação de acordo com o Estatuto Sócio-Económico ($F(4, 995) = 2,86; p = 0,023$).

Escolaridade

A figura 37 apresenta os *scores* médios para os grupos de acordo com os níveis de escolaridade. As diferenças entre escolaridades foram estatisticamente significativas ($F(7, 992) = 4,45; p < 0,001$), tendo-se verificado *scores* mais elevados para os dois itens da dimensão no grupo dos indivíduos com formação escolar até 12 anos do que o grupo dos indivíduos com formação superior, indicando que os indivíduos com formação até 12 anos de escolaridade toleram e aceitam mais os seus sentimentos homoeróticos do que aqueles que têm formação superior;

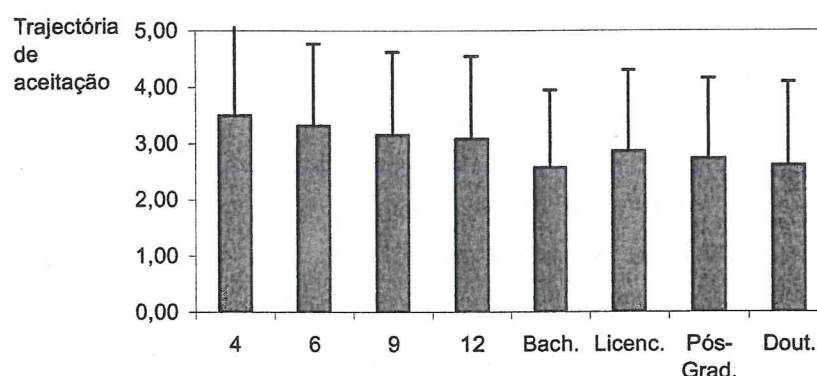


Figura 37 – Valores médios (+/- D. P.) de Trajectória de aceitação de acordo com a Escolaridade ($F(7, 992) = 4,45; p < 0,001$).

Estado Civil

A figura 38 apresenta os *scores* médios para os grupos dos indivíduos solteiros, casados, viúvos, divorciados, unidos de facto, com compromisso afectivo e outros. As diferenças entre os estados civis são estatisticamente significativas ($F(7, 992) = 3,13; p < 0,001$), tendo-se observado *scores* mais baixos para o item “tolerância” no grupo dos indivíduos solteiros e com relacionamentos de mesmo sexo do que no grupo dos indivíduos com relacionamentos de sexo oposto; por outro lado, observaram-se *scores* mais altos para o item “aceitação” no grupo dos indivíduos solteiros e com relacionamentos de mesmo sexo do que no grupo dos indivíduos com relacionamentos de sexo oposto, o que sugere que os indivíduos solteiros e com relacionamentos de mesmo sexo toleram menos e aceitam mais os seus

sentimentos homoeróticos do que os indivíduos que têm relacionamentos de sexo oposto;

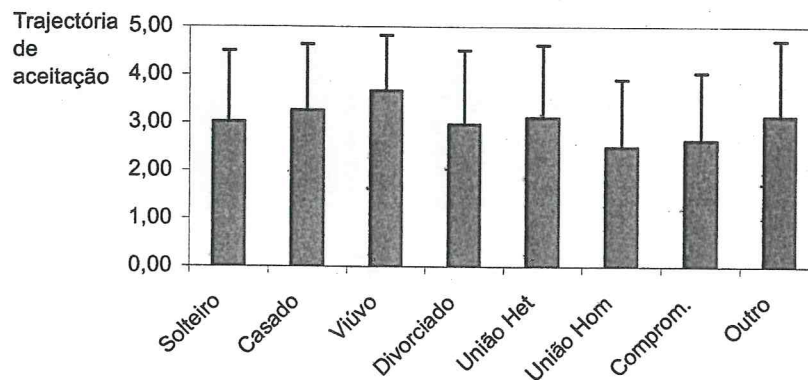


Figura 38 – Valores médios (+/- D. P.) para a Trajectória de aceitação entre Estados Cívicos ($F(7, 992) = 3,13; p < 0,001$).

Orientação Sexual

A figura 39 apresenta os *scores* médios para os grupos dos indivíduos que se auto-identificam como homo, bissexuais, indefinidos, curiosos ou outros. As diferenças entre auto-identificação face à orientação sexual são estatisticamente significativas ($F(4, 995) = 9,44; p < 0,001$), tendo-se observado *scores* mais baixos para o item “tolerância” no grupo dos indivíduos que se auto-identificam como homossexuais do que no grupo dos indivíduos que se auto-identificam como bissexuais; por outro lado, observaram-se *scores* mais elevados de “aceitação” no grupo dos indivíduos que se auto-identificam como homossexuais do que no grupo daqueles que se identificam como bissexuais. Isto indica que os indivíduos homossexuais toleram menos e aceitam mais os seus sentimentos homoeróticos do que os indivíduos bissexuais.

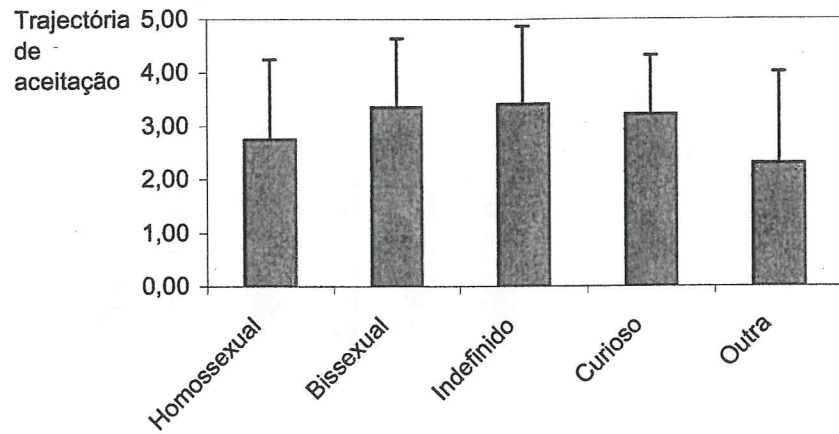


Figura 39 – Valores médios (+/- D. P.) para a Trajectória de aceitação de acordo com a Orientação Sexual ($F(4, 995) = 9,44; p < 0,001$);

Para a DIMENSÃO 4 – ESTRATÉGIAS DE *COPING* FACE AO PRECONCEITO (estratégias):

Verificaram-se diferenças significativas para as seguintes variáveis (Anexo VIII):

Proveniência Geográfica

A figura 40 apresenta os *scores* médios para os grupos de indivíduos provenientes da Grande Lisboa, do Grande Porto, do resto de Portugal, do Grande Rio de Janeiro, da Grande São Paulo, do resto do Brasil e de outros países. As diferenças entre as proveniências geográficas são estatisticamente significativas ($F(6, 993) = 4,05; p = 0,001$), tendo-se observado *scores* mais altos para esta dimensão para o grupo dos indivíduos provenientes de meios urbanos portugueses do que o grupo de indivíduos provenientes de meios urbanos brasileiros; no entanto, observaram-se *scores* mais baixos para o grupo dos indivíduos provenientes de meios não-urbanos portugueses do que para o grupo dos indivíduos provenientes de meios não-urbanos brasileiros. Estes resultados sugerem que os indivíduos dos meios urbanos portugueses utilizam mais estratégias de *coping* face ao preconceito do que os indivíduos brasileiros, mas aqueles provenientes de meios não-urbanos portugueses utilizam menos estratégias de *coping* do que os provenientes de meios não-urbanos brasileiros;

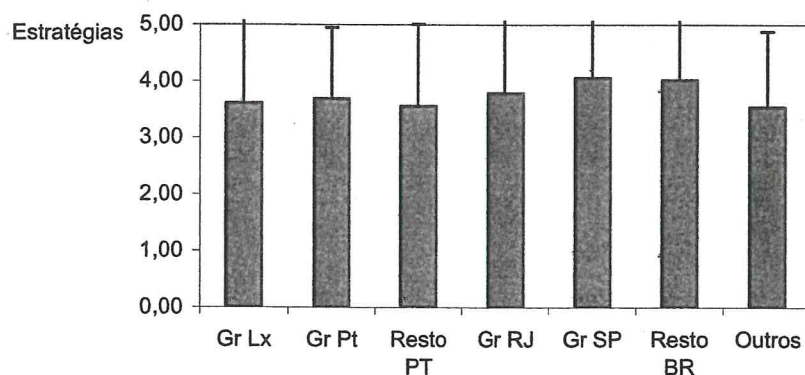


Figura 40 – Valores médios (+/- D. P.) para as Estratégias de *Coping* entre Proveniências Geográficas distintas ($F(6,993) = 4,05; p = 0,001$).

Orientação Sexual

A figura 41 apresenta os *scores* médios para os grupos de indivíduos que se auto-identificaram como homo, bissexuais, indefinidos, curiosos, ou outros face à sua orientação sexual. As diferenças entre estes grupos são estatisticamente significativas ($F(4, 995) = 7,17; p < 0,001$), tendo observado *scores* mais elevados no grupo de indivíduos que se auto-identificaram como homossexuais do que no grupo de indivíduos que se identificaram como bissexuais, o que indica que os indivíduos que se identificam como homossexuais utilizam mais estratégias para lidar com o preconceito do que aqueles que se identificam como bissexuais.

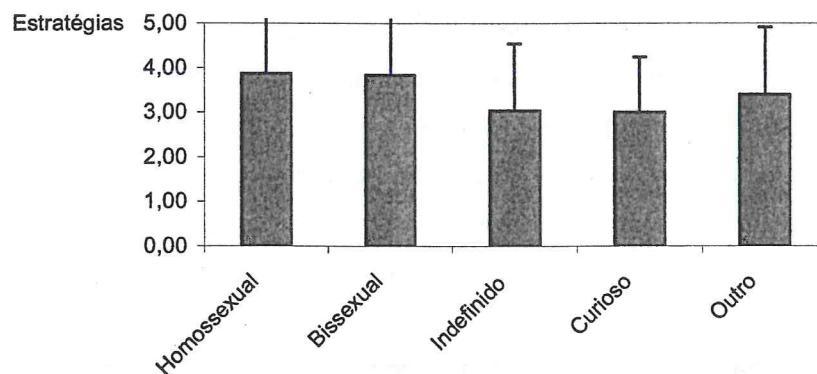


Figura 41 – Valores médios (+/- D. P.) para as Estratégias de *Coping* para a Orientação Sexual ($F(4, 995) = 7,17; p < 0,001$).

Para a DIMENSÃO 5 – GESTÃO DA ACEITAÇÃO DA IDENTIDADE (clivagem e omissão):

Verificaram-se diferenças significativas para as seguintes variáveis (Anexo VIII):

Sexo

Na figura 42 apresentam-se os *scores* médios para o grupo dos homens e para o grupo das mulheres. As diferenças entre sexos são estatisticamente significativas ($t(998) = 3,36$; $p < 0,001$), tendo-se observado *scores* mais elevados no grupo dos homens do que no grupo das mulheres para o item “clivagem”, mas *scores* mais baixos para o item “omissão”, indicando que os homens vivem mais em dois mundos separados (um homossexual outro heterossexual) do que as mulheres, mas, por outro lado, são menos omissos sobre a sua homossexualidade do que as mulheres;

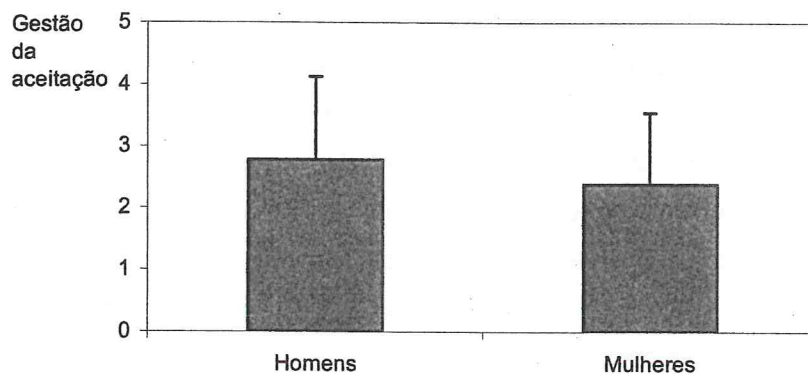


Figura 42 – Valores médios (+/- D. P.) para a Gestão da aceitação entre homens e mulheres ($t(998) = 3,36$; $p < 0,001$).

Idade

Na figura 43 apresentam-se os *scores* médios para o grupo dos indivíduos mais novos e para o grupo dos indivíduos mais velhos. As diferenças entre as idades são estatisticamente significativas ($t(998) = 3,04$; $p = 0,003$), tendo-se observado *scores* mais elevado para os dois itens da dimensão no grupo dos indivíduos mais jovens, indicando que os indivíduos mais novos vivem mais em dois mundos separados (um homossexual outro

heterossexual) do que os mais velhos e são mais omissos sobre a sua homossexualidade do que os indivíduos mais velhos;

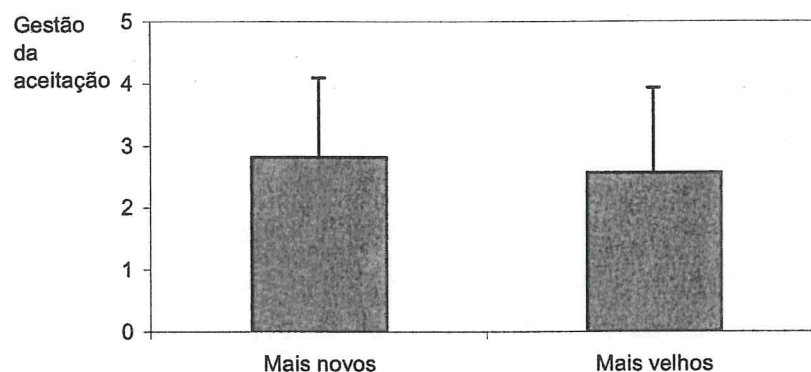


Figura 43 – Valores médios (+/- D. P.) para a Gestão da aceitação entre indivíduos mais novos e mais velhos ($t(998) = 3,04$; $p = 0,003$).

Escolaridade

Na figura 44 apresentam-se os *scores* médios para os grupos constituídos em função da escolaridade. As diferenças entre a escolaridade são estatisticamente significativas ($F(8, 991) = 2,17$; $p = 0,028$), tendo-se observado *scores* mais elevados para os dois itens no grupo dos indivíduos com até 12 anos de escolaridade do que no grupo dos indivíduos com formação superior, o que indica que os indivíduos com até 12 anos de escolaridade vivem mais em dois mundos separados (um homossexual outro heterossexual) e são mais omissos sobre a sua homossexualidade do que os indivíduos com formação superior;

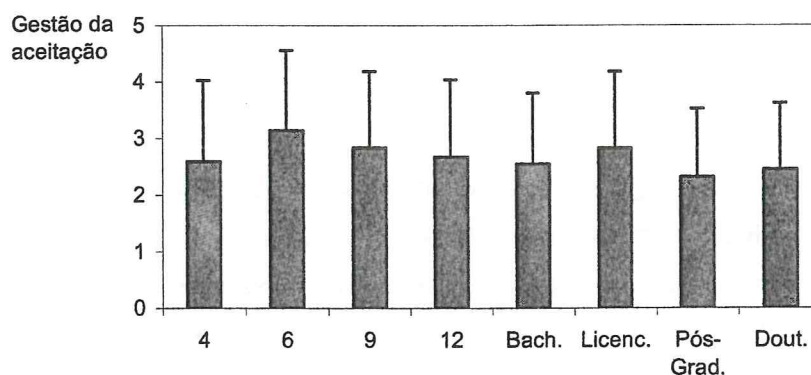


Figura 44 – Valores médios (+/- D. P.) para a Gestão da aceitação consoante o grau de Escolaridade ($F(8, 991) = 2,17$; $p = 0,028$).

Estado Civil

Na figura 45 apresentam-se os *scores* médios para os grupos dos indivíduos solteiros, casados, viúvos, divorciados, unidos de facto hetero ou homossexualmente, com compromisso afectivo ou outro. As diferenças entre estados civis são estatisticamente significativas ($F(8, 991) = 5,29; p < 0,001$), tendo-se observado *scores* mais elevados para os dois itens da dimensão no grupo dos indivíduos solteiros e casados do que no grupo dos indivíduos com relacionamentos de mesmo sexo, o que indica que os indivíduos solteiros e os casados vivem mais em dois mundos separados (um homossexual outro heterossexual) e são mais omissos sobre a sua homossexualidade do que os indivíduos com relacionamentos de mesmo sexo (união de facto homossexual ou compromisso afectivo);

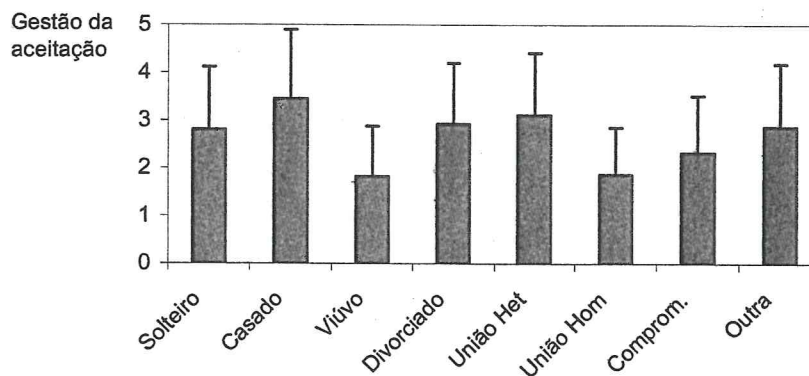


Figura 45 – Valores médios (+/- D. P.) para a Gestão da aceitação entre Estados Cívicos ($F(8, 991) = 5,29; p < 0,001$).

Orientação Sexual

Na figura 46 apresentam-se os *scores* médios para os grupos de indivíduos que se auto-identificaram como homo, bissexuais, indefinidos, curiosos ou outra, relativamente à sua orientação sexual. As diferenças para esta auto-identificação são estatisticamente significativas ($F(8, 991) = 15,53; p < 0,001$), tendo-se observado *scores* mais baixos para os dois itens da dimensão no grupo dos indivíduos que se auto-identificam como homossexuais do que no grupo dos indivíduos que se auto-identificam como bissexuais, o que sugere que os indivíduos homossexuais vivem menos em dois mundos

separados (um homossexual outro heterossexual) do que os bissexuais e são menos omissos sobre a sua homossexualidade do que os bissexuais;

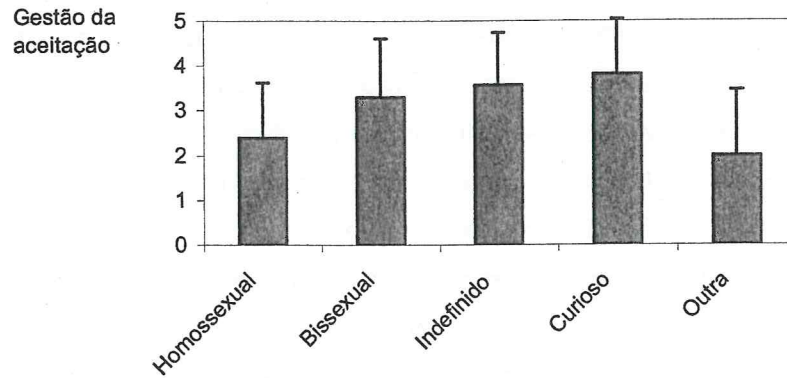


Figura 46 – Valores médios (+/- D. P.) para a Gestão da Aceitação entre diferentes Orientações Sexuais ($F(8, 991) = 15,53; p < 0,001$).

Para a DIMENSÃO 6 – RELATIVIZAÇÃO DA IDENTIDADE (relativização):

Verificaram-se diferenças significativas para as seguintes variáveis (Anexo VIII):

Estatuto Sócio-Económico

Na figura 47 apresentam-se os *scores* médios para diversos grupos relativamente ao estatuto sócio-económico. As diferenças entre os estatutos foram estatisticamente significativas ($F(4, 995) = 4,35; p = 0,002$), tendo-se verificado *scores* mais elevados no grupo dos indivíduos de estatutos médio e médio-alto do que no grupo dos indivíduos de outros estatutos, o que sugere que os indivíduos de estatutos médio e médio-alto relativizam mais a sua identidade do que aqueles de outros estatutos;

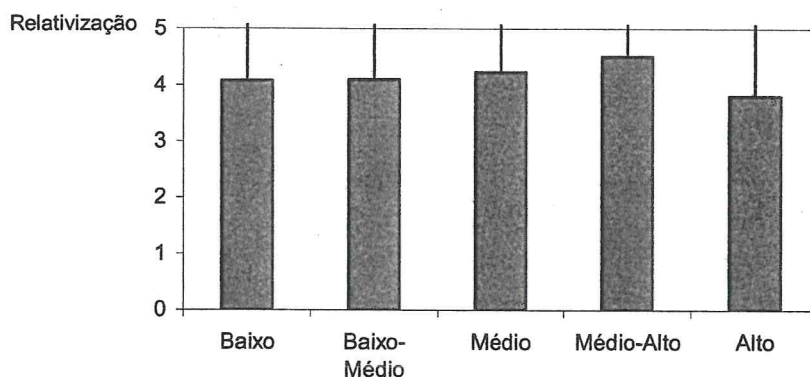


Figura 47 – Valores médios (+/- D. P.) da Relativização entre Estatutos Sócio-Económicos ($F(4, 995) = 4,35; p = 0,002$).

Orientação Sexual

Na figura 48 apresentam-se os *scores* médios para o grupos dos indivíduos que se auto-identificam como homo, bissexuais, indefinidos, curiosos ou outros face à orientação sexual. As diferenças entre a orientação sexual são estatisticamente significativas ($F(4, 995) = 4,22; p = 0,002$), tendo-se verificado *scores* mais elevados no grupo dos indivíduos que se auto-identificam como homossexuais do que no grupo dos indivíduos que se

identificam como bissexuais, o que sugere que os indivíduos homossexuais relativizam mais a sua identidade do que aqueles bissexuais;

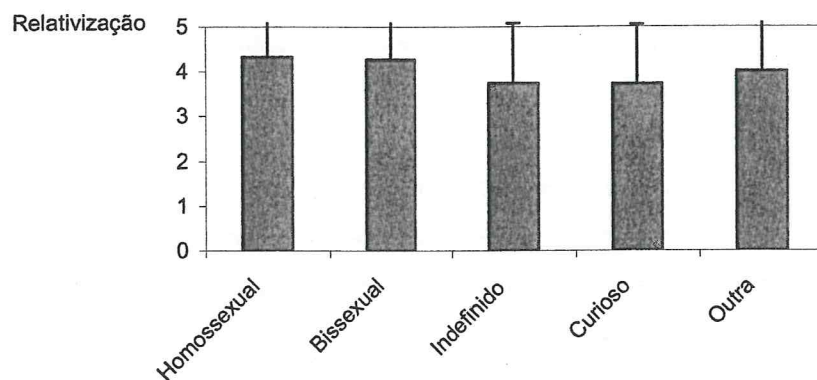


Figura 48 – Valores médios (+/- D. P.) para a Relativização para diferentes auto-identificações face à Orientação Sexual ($F(4, 995) = 4,22; p = 0,002$).

Da Grelha de Orientação Sexual de Klein

Da análise de frequências dos itens da Grelha de Orientação Sexual de Klein (cujo cálculo foi obtido através da média dos *scores* dos itens), observa-se que a maior parte dos participantes refere exclusividade homoerótica em todas as variáveis (excepto as variáveis “preferência social” e “estilo de vida”). No entanto, observam-se também discrepâncias importantes quando se comparam as frequências de resposta entre o momento presente, passado e ideal (quadro 25).

ITEM	MÉDIA	MEDIANA	MODA	Desvio Padrão
Item 1 – Atracção Sexual PRESENTE	1,8	1	1	1,3
Item 2 – Atracção Sexual PASSADO	2,7	2	1	1,9
Item 3 – Atracção Sexual IDEAL	2,2	1	1	1,7
Item 4 – Comportamento Sexual PRESENTE	1,8	1	1	1,6
Item 5 – Comportamento Sexual PASSADO	2,9	2	1	2,1
Item 6 – Comportamento Sexual IDEAL	2,3	1	1	1,8
Item 7 – Fantasia Sexual PRESENTE	1,7	1	1	1,3
Item 8 – Fantasia Sexual PASSADO	2,4	2	1	1,7
Item 9 – Fantasia Sexual IDEAL	2,2	1	1	1,7
Item 10 – Preferência Social PRESENTE	1,9	1	1	1,7
Item 11 – Preferência Social PASSADO	2,8	2	1	2,0
Item 12 – Preferência Social IDEAL	2,3	1	1	1,9
Item 13 – Preferência Emocional PRESENTE	3,4	4	4	1,5
Item 14 – Preferência Emocional PASSADO	3,8	4	4	1,6
Item 15 – Preferência Emocional IDEAL	3,4	4	4	1,4
Item 16 – Estilo de Vida Homo ou Hetero PRESENTE	3,6	4	4	1,7
Item 17 – Estilo de Vida Homo ou Hetero PASSADO	4,4	4	4	1,8
Item 18 – Estilo de Vida Homo ou Hetero IDEAL	3,4	4	4	1,6
Item 19 – Auto-Identificação PRESENTE	2,3	1	1	1,6
Item 20 – Auto-Identificação PASSADO	3,3	3	1	2,0
Item 21 – Auto-Identificação IDEAL	2,7	2	1	1,9

Quadro 25 – Análise de Frequências para os itens da Grelha de Orientação Sexual de Klein.

Da análise de frequências, observa-se que a maior parte dos participantes refere exclusividade homoerótica em todas as variáveis (excepto as variáveis “preferência social” e “estilo de vida”). No entanto, observam-se também discrepâncias importantes quando se comparam as frequências de resposta entre o momento presente, passado e ideal. De referir que as diferenças entre todas as variáveis são significativas ($p=0.05$), tais como foram testadas pela MANOVA (Anexo IX) e que scores de 1 representam exclusividade homossexual, ao passo que scores de 7 representam exclusividade heterossexual.

Na figura 49 apresentam-se os *scores* médios da dimensão “atração sexual” para os momentos presente, passado e ideal. As diferenças entre os três momentos são estatisticamente significativas (Traço de Pillai = 0,535; $F(12,000; 1986,000) = 60,468$; $p < 0,001$), o que indica que no passado os indivíduos tiveram menos atracção exclusivamente homossexual do que no presente e que, idealmente, teriam menos atracção exclusivamente homossexual do que no presente.

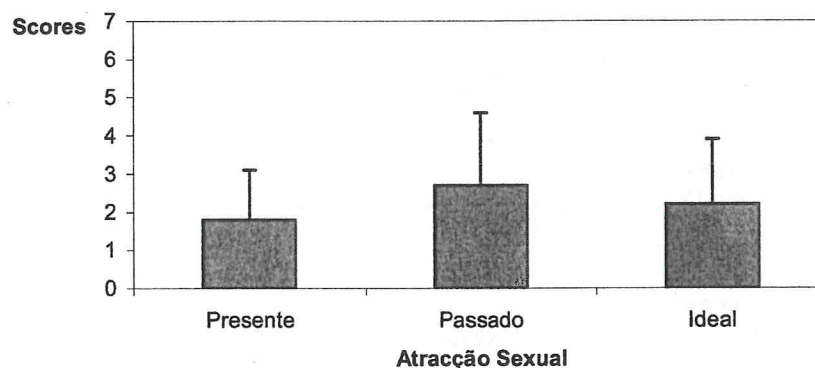


Figura 49 – Valores médios dos *scores* da dimensão “atração sexual” nos momentos presente, passado e ideal após MANOVA significativa (Traço de Pillai = 0,535; $F(12,000; 1986,000) = 60,468$; $p < 0,001$).

Na figura 50 apresentam-se os *scores* médios da dimensão “comportamento sexual” para os momentos presente, passado e ideal. As diferenças entre os três momentos são estatisticamente significativas (Traço de Pillai = 0,451; $F(12,000; 1986,000) = 48,157$; $p < 0,001$), o que indica que no

passado os indivíduos tiveram menos comportamentos exclusivamente homossexuais do que no presente e que, idealmente, teriam menos comportamento exclusivamente homossexuais do que no presente.

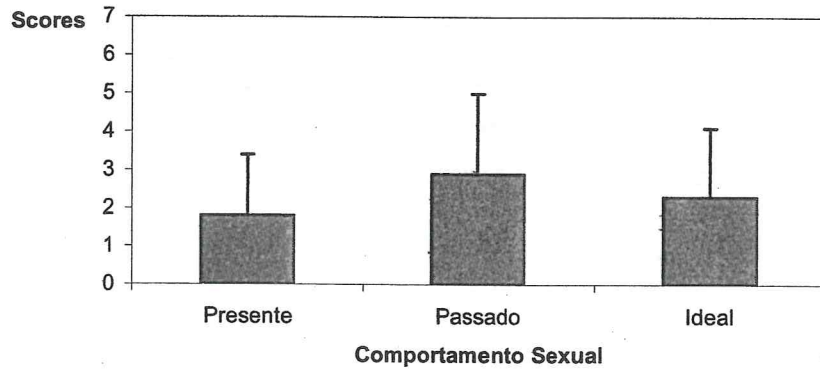


Figura 50 – Valores médios dos *scores* da dimensão “comportamento sexual” nos momentos presente, passado e ideal após MANOVA significativa (Traço de Pillai = 0,451; $F(12,000; 1986,000) = 48,157$; $p < 0,001$).

Na figura 51 apresentam-se os *scores* médios da dimensão “fantasia sexual” para os momentos presente, passado e ideal. As diferenças entre os três momentos são estatisticamente significativas (Traço de Pillai = 0,439; $F(12,000; 1986,000) = 46,546$; $p < 0,001$), o que indica que no passado os indivíduos tiveram menos fantasias exclusivamente homossexuais do que no presente e que, idealmente, teriam menos fantasias exclusivamente homossexuais do que no presente.

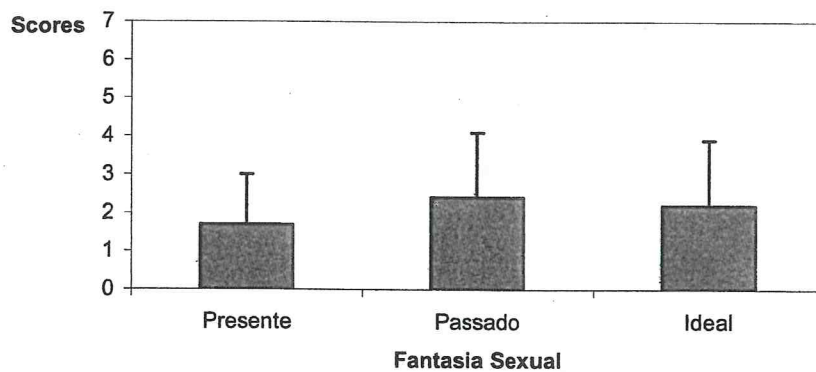


Figura 51 – Valores médios dos *scores* da dimensão “fantasia sexual” nos momentos presente, passado e ideal após MANOVA significativa (Traço de Pillai = 0,439; $F(12,000; 1986,000) = 46,546$; $p < 0,001$).

Na figura 52 apresentam-se os *scores* médios da dimensão “preferência social” para os momentos presente, passado e ideal. As diferenças entre os três momentos são estatisticamente significativas (Traço de Pillai = 0,618; $F(12,000; 1986,000) = 74,058$; $p < 0,001$), o que indica que no passado os indivíduos tiveram menos preferência social exclusivamente por pessoas do mesmo sexo do que no presente e que, idealmente, teriam menos preferências sociais exclusivamente por pessoas do mesmo sexo do que no presente.

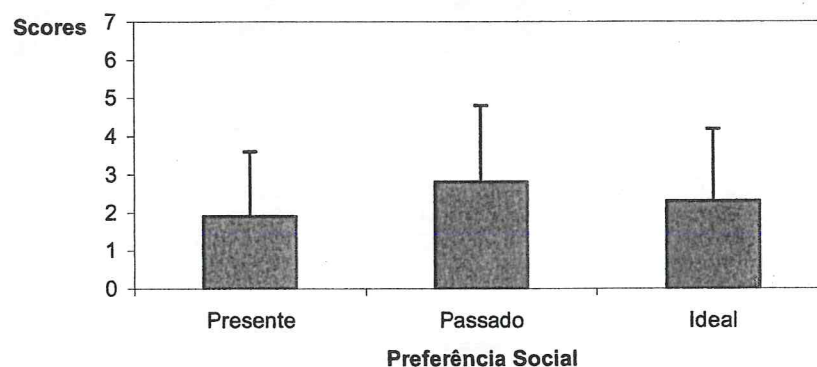


Figura 52 – Valores médios dos *scores* da dimensão “preferência social” nos momentos presente, passado e ideal após MANOVA significativa (Traço de Pillai = 0,618; $F(12,000; 1986,000) = 74,058$; $p < 0,001$).

Na figura 53 apresentam-se os *scores* médios da dimensão “preferência emocional” para os momentos presente, passado e ideal. As diferenças entre os três momentos são estatisticamente significativas (Traço de Pillai = 0,594; $F(12,000; 1986,000) = 69,853$; $p < 0,001$), o que indica que no passado os indivíduos tiveram mais preferência emocional por pessoas de ambos os sexos que no presente e que, idealmente, teriam mais preferências emocionais por pessoas de ambos os sexos do que no presente.

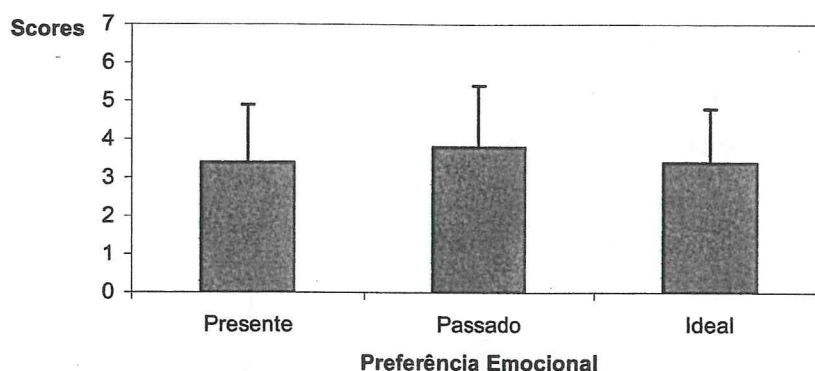


Figura 53 – Valores médios dos *scores* da dimensão “preferência social” nos momentos presente, passado e ideal após MANOVA significativa (Traço de Pillai = 0,594; $F(12,000; 1986,000) = 69,853$; $p < 0,001$).

Na figura 54 apresentam-se os *scores* médios da dimensão “estilo de vida” para os momentos presente, passado e ideal. As diferenças entre os três momentos são estatisticamente significativas (Traço de Pillai = 0,506; $F(12,000; 1986,000) = 55,996$; $p < 0,001$), o que indica que no passado os indivíduos tiveram um estilo de vida mais bissexual que no presente e que, idealmente, teriam um estilo de vida mais homossexual.

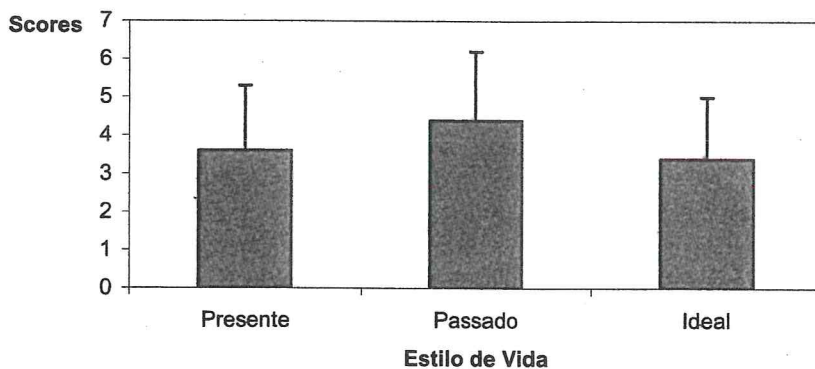


Figura 54 – Valores médios dos *scores* da dimensão “estilo de vida” nos momentos presente, passado e ideal após MANOVA significativa (Traço de Pillai = 0,506; $F(12,000; 1986,000) = 55,996$; $p < 0,001$).

Na figura 55 apresentam-se os *scores* médios da dimensão “auto-identificação” para os momentos presente, passado e ideal. As diferenças entre os três momentos são estatisticamente significativas (Traço de Pillai = 0,614; F

(12,000; 1986,000) = 73,346; $p < 0,001$), o que indica que no passado os indivíduos auto-identificaram-se menos como homossexuais do que no presente e que, idealmente, identificar-se-íam menos como homossexuais do que do que no presente.

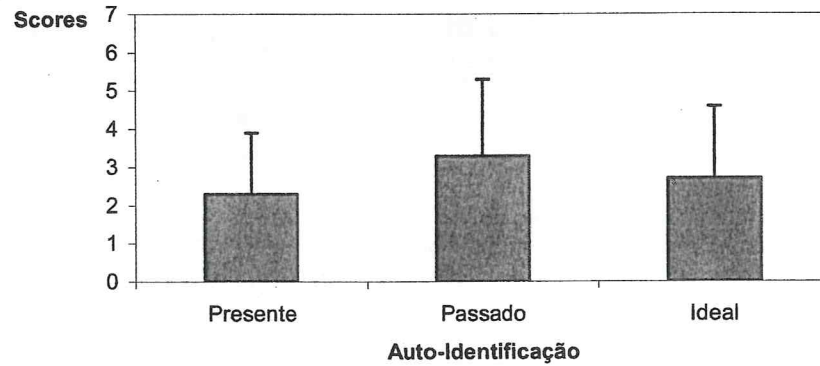


Figura 55 – Valores médios dos *scores* da dimensão “auto-identificação” nos momentos presente, passado e ideal após MANOVA significativa (Traço de Pillai = 0,614; $F(12,000; 1986,000) = 73,346$; $p < 0,001$).

Definição do Modelo Inicial

As Análises Factoriais exploratórias elaboradas anteriormente possibilitaram a constituição das seguintes variáveis latentes: alienação face à identidade, gestão da homofobia, trajectória de aceitação da identidade, estratégias de *coping*, gestão da aceitação da identidade, relativização da identidade, apoio/força interior, experiências de discriminação, papéis sexuais sociais, variáveis demográficas 1, variáveis demográficas 2, orientação sexual e relações sexuais.

Importa esclarecer, ainda, quais os pressupostos teóricos sob os quais o Modelo inicial assenta (McDoughall, 2000; McDoughall, Modell & Meadow, 2000; Isay, 1989; Eribon, 2000; Guash, 2000; Ryan & Futterman, 2001; Remafedi, Resnick, Blum & Harris, 1998; Martin & Hetrick, 1987; Parish & McCluskey, 1992; Savin-Williams, 1990; Cramer & Roach, 1988; Newman & Muzzonigro, 1993; Elizur & Ziv, 2001; Rosario, Hunter, Maguen, Gwadz & Smith, 2001; Pereira & Leal, 2001; Dube, 2000):

- A Identidade Homossexual (IH) é directamente influenciada pelos sentimentos de alienação face a essa mesma identidade;
- A IH é directamente influenciada pelo modo como os indivíduos gerem a homofobia face ao preconceito;
- A IH é directamente influenciada pelo modo como os indivíduos se posicionam face à trajectória de aceitação dessa mesma identidade;
- A IH é directamente influenciada pelas estratégias de *coping* face ao preconceito;
- A IH é directamente influenciada pelo modo como os indivíduos gerem a aceitação dessa mesma identidade;
- A IH é directamente influenciada pelo modo como essa mesma identidade é relativizada;
- A IH é directamente influenciada pela existência de apoio e força interior;
- A IH é directamente influenciada pela vivência de experiências de discriminação directa e indirecta;

- A IH é directamente influenciada pelos papéis sexuais sociais disponíveis;
- A IH é directamente influenciada orientação sexual;
- A IH é directamente influenciada pela ocorrência de experiências de natureza sexual;
- A IH é directamente influenciada por variáveis sócio-demográficas específicas;
- A orientação sexual é directamente influenciada pela gestão da aceitação da IH;
- O apoio familiar é directamente influenciado pela gestão da homofobia, pela gestão da aceitação da IH e pelos sentimentos de alienação face à IH;
- O apoio dos amigos é directamente influenciado pelo apoio familiar, pelos níveis de abertura e pela gestão da aceitação da IH;
- A força do *self* é directamente influenciada pela modo como se gere a homofobia;
- O modo como se gere a aceitação da IH influencia directamente a tolerância face à IH;
- Os sentimentos de alienação face à IH estão correlacionados com o apoio/força interior, com as experiências de discriminação, com a gestão da homofobia e com a gestão da aceitação
- A gestão da homofobia está correlacionada com os sentimentos de alienação face à IH, com a trajectória de aceitação da IH e com a gestão da aceitação da IH;
- As variáveis sócio-demográficas (estado civil e sexo) estão correlacionadas com os relacionamentos de natureza sexual;
- Existe uma correlação entre o erro de medida presente na negação dos sentimentos homoeróticos e o erro de medida presente no evitamento dos mesmos sentimentos;
- Existe uma correlação entre o erro de medida na aceitação dos sentimentos homoeróticos e o erro de medida das estratégias de *coping* utilizadas para lidar com o preconceito;
- Existe uma correlação entre o erro de medida da escolaridade e o erro de medida da idade.

O Modelo Inicial pode ser observado na figura 56.

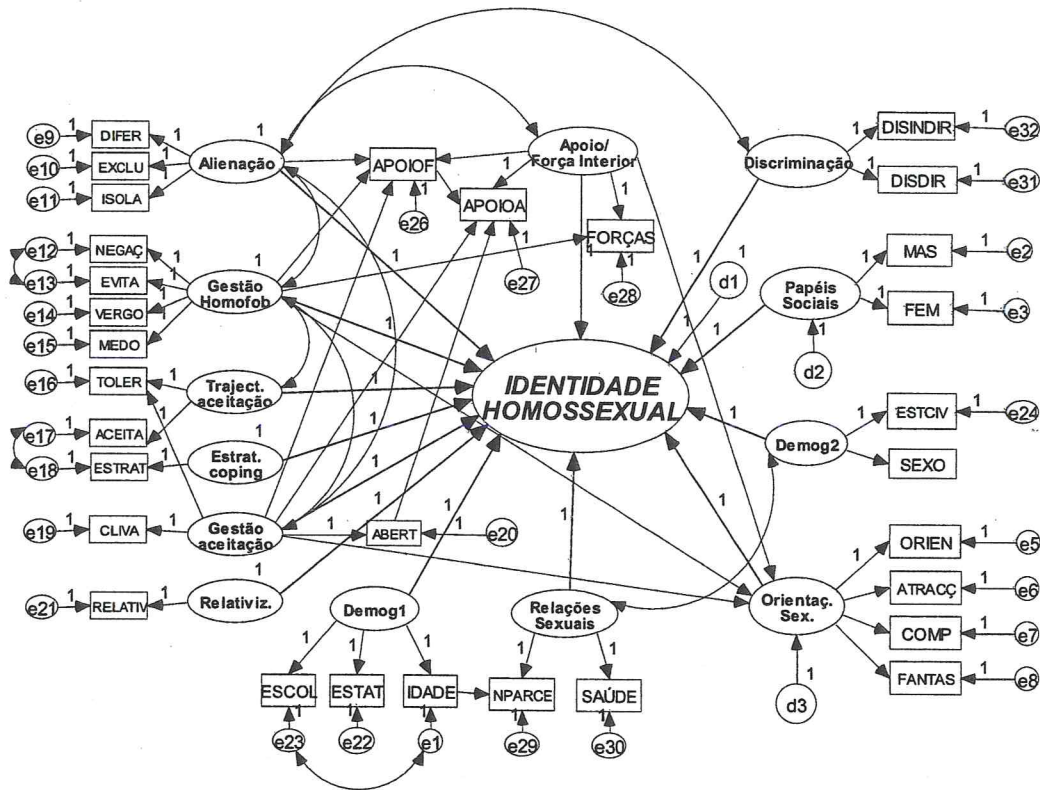


Figura 56 – Modelo Inicial – As variáveis latentes (factores) são representadas dentro de círculos, enquanto que as variáveis manifestas são representadas dentro de rectângulos.

Partindo da constatação que existem diferenças na expressão da orientação sexual de acordo com as dimensões passado, presente e ideal, tal como se verificou através da MANOVA (Anexo IX), produziram-se três modelos iniciais distintos, consoante as variáveis observadas que eram medida da variável latente orientação sexual no presente, no passado ou idealmente.

De notar que as trajetórias entre os factores foram fixadas com valores iguais à unidade, uma vez que se assume a “Identidade Homossexual” como um factor latente que não é definido explicitamente por nenhuma variável manifesta, mas apenas a partir de outras variáveis latentes. Assim, não é possível testar a significância estatística entre os mesmos, pelo que se

apresentam apenas os coeficientes estandardizados que nos indicam a grandeza do efeito directo entre esses mesmos factores.

Dimensão "presente"

Para a dimensão "presente" os valores revelam boas relações para cada um dos fluxos, indicando que o modelo teórico explica uma razoável proporção da variância-covariância observada nos itens medidos pelos instrumentos ($\chi^2 = 1621,20$; $gl = 430$; $p < 0,01$; $RMSEA = 0,053$; $P(RMSEA < 0,05) = 0,053$; $CFI = 0,884$; $PCFI = 0,818$; $AIC = 1753,204$; $GFI = 0,900$) (Anexo X).

Interpretando as estimativas dos parâmetros para os coeficientes estandardizados do diagrama estrutural, verificaram-se os seguintes coeficientes de regressão estandardizada associados a cada relação, traduzidos nas setas de fluxo causal (quadros 26 e 27):

		Estimativa
IDADE	<--- Variáveis Demográficas 1	0,05
APOIO FAMILIAR	<--- Apoio/Força Interior	-0,05
Orientação Sexual	<--- d3	0,00
Orientação Sexual.	<--- Gestão da Homofobia	-0,00
APOIO FAMILIAR	<--- Gestão da aceitação	-0,51
APOIO FAMILIAR	<--- Gestão da Homofobia	0,03
APOIO FAMILIAR	<--- Alienação	-0,09
Orientação Sexual	<--- Gestão da aceitação	0,50
ABERTURA	<--- Gestão da aceitação	0,73
Orientação Sexual	<--- Apoio/Força Interior	-0,87
ISOLAMENTO	<--- Alienação	0,72
EXCLUSÃO	<--- Alienação	0,72
DIFERENÇA	<--- Alienação	0,71
VERGONHA	<--- Gestão da Homofobia	0,81
EVITAMENTO	<--- Gestão da Homofobia	0,74
NEGAÇÃO	<--- Gestão da Homofobia	0,73
MEDO	<--- Gestão da Homofobia	0,79
TOLERÂNCIA	<--- Trajectória de aceitação	0,68
CLIVAGEM	<--- Gestão da aceitação	0,66
ESTRATÉGIAS DE COPING	<--- Estratégias de coping	0,73
RELATIVIZAÇÃO	<--- Relativização	0,81
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<--- Orientação Sexual	0,08
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<--- Papéis Sociais	0,12
NÚMERO DE PARCEIROS	<--- Relações Sexuais	0,38
PREOCUPAÇÕES DE SAÚDE	<--- Relações Sexuais	0,41
DISCRIMINAÇÃO DIRECTA	<--- Discriminação	0,79

Quadro 26 – Coeficientes estandardizados de trajectória para os coeficientes de trajectória do Modelo inicial para a dimensão "presente".

		Estimativa	
DISCRIMINAÇÃO INDIRECTA	<---	Discriminação	0,85
ESTATUTO SÓCIO-ECONÓMICO	<---	Variáveis Demográficas 1	0,71
ESCOLARIDADE	<---	Variáveis Demográficas 1	0,36
ESTADO CIVIL	<---	Variáveis Demográficas 2	0,16
APOIO AMIGOS	<---	Apoio/Força Interior	0,04
FORÇA SELF	<---	Apoio/Força Interior	0,04
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<---	Variáveis Demográficas 1	0,14
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<---	Variáveis Demográficas 2	0,10
MASCULINIDADE	<---	Papéis Sociais	0,48
FEMINILIDADE	<---	Papéis Sociais	0,38
ATRACÇÃO SEXUAL	<---	Orientação Sexual	0,93
COMPORTAMENTO SEXUAL	<---	Orientação Sexual	0,87
FANTASIA SEXUAL	<---	Orientação Sexual	0,77
ORIENTAÇÃO SEXUAL	<---	Orientação Sexual	0,71
SEXO	<---	Variáveis Demográficas 2	1,00
APOIO AMIGOS	<---	APOIO FAMILIAR	0,27
NÚMERO PARCEIROS	<---	IDADE	0,26
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<---	Relações Sexuais	0,15
ACEITAÇÃO	<---	Trajectória de aceitação	0,67
TOLERÂNCIA	<---	Gestão da aceitação	0,34
FORÇA SELF	<---	Gestão da Homofobia	-0,51
APOIO AMIGOS	<---	ABERTURA	-0,04
APOIO AMIGOS	<---	Gestão da aceitação	-0,56
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<---	Apoio/Força Interior	0,01
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<---	Relativização	0,25
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<---	Gestão da aceitação	0,27
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<---	Alienação	0,25
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<---	Gestão da Homofobia	0,25
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<---	Trajectória de aceitação	0,28
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<---	Estratégias de <i>coping</i>	0,25
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<---	Discriminação	0,31

Quadro 27 – Coeficientes estandardizados de trajectória para os coeficientes de trajectória do Modelo inicial para a dimensão “presente” (continuação).

No que diz respeito às covariâncias, verificaram-se as seguintes associações (quadro 28):

			Estimativa
Gestão da Homofobia	<-->	Trajectória de aceitação	0,12
Alienação	<-->	Gestão da Homofobia	0,72
Alienação	<-->	Gestão da aceitação	0,59
Gestão da Homofobia	<-->	Gestão da aceitação	0,76
Relações Sexuais	<-->	Variáveis Demográficas 2	-0,52
Alienação	<-->	Apoio/Força Interior	0,20
Alienação	<-->	Discriminação	0,36
e13	<-->	e12	0,38
e23	<-->	e1	0,31
e17	<-->	e18	0,40

Quadro 28 – Correlações do Modelo Inicial para a dimensão “presente”.

As trajectórias retidas (i. e., com coeficientes $\geq |0,4|$) exploradas apresentam-se na figura 57, onde se podem observar as estimativas estandardizadas com valor absoluto igual ou superior a 0,4 ($\geq |0,4|$).

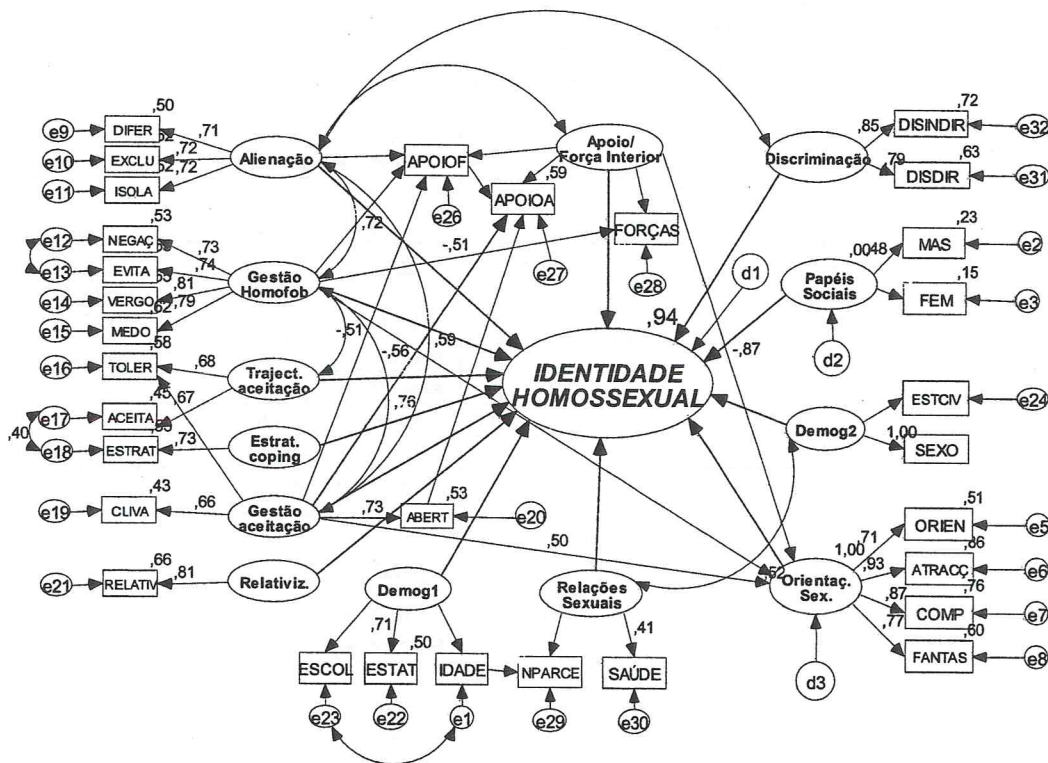


Figura 57 – Modelo inicial de Equações Estruturais da Identidade Homossexual (estimativas estandardizadas para os coeficientes de trajectória $\geq |0,4|$) para a dimensão “presente”, ($\chi^2 = 1621,20$; gl = 430; $p < 0,01$; RMSEA = 0,053; $P(\text{RMSEA} < 0,05) = 0,053$; CFI = 0,862; PCFI = 0,801; AIC = 1947,575; GFI = 0,900).

Dimensão “passado”

Para a dimensão “passado” os valores revelam boas relações para cada um dos fluxos, indicando que o modelo teórico explica uma larga proporção da variância-covariância observada nos itens medidos pelos instrumentos ($\chi^2 = 1819,60$; gl = 432; $p < 0,01$; RMSEA = 0,057; $P(\text{RMSEA} < 0,05) = 0,000$; CFI = 0,862, PCFI = 0,801; AIC = 1947,575; GFI = 0,886) (Anexo XI).

Interpretando as estimativas dos parâmetros para os coeficientes estandardizados do diagrama estrutural, verificaram-se os seguintes coeficientes de regressão estandardizada associados a cada relação, traduzidos nas setas de fluxo causal (quadros 29 e 30):

		Estimativa
IDADE	<--- Variáveis Demográficas 1	0,05
APOIO FAMILIAR	<--- Apoio/Força Interior	0,18
Orientação Sexual	<--- d3	0,87
Orientação Sexual	<--- Gestão da Homofobia	-0,09
APOIO FAMILIAR	<--- Gestão da aceitação	-0,52
APOIO FAMILIAR	<--- Gestão da Homofobia	0,18
APOIO FAMILIAR	<--- Alienação	-0,30
Orientação Sexual	<--- Gestão da aceitação	0,50
ABERTURA	<--- Gestão da aceitação	0,72
Orientação Sexual	<--- Apoio/Força Interior	-0,23
ISOLAMENTO	<--- Alienação	0,72
EXCLUSÃO	<--- Alienação	0,72
DIFERENÇA	<--- Alienação	0,71
VERGONHA	<--- Gestão da Homofobia	0,80
EVITAMENTO	<--- Gestão da Homofobia	0,77
NEGAÇÃO	<--- Gestão da Homofobia	0,76
MEDO	<--- Gestão da Homofobia	0,79
TOLERÂNCIA	<--- Trajectória de aceitação	0,70
CLIVAGEM	<--- Gestão da aceitação	0,65
ESTRATÉGIAS DE COPING	<--- Estratégias de coping	0,73
RELATIVIZAÇÃO	<--- Relativização	0,81
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<--- Orientação Sexual	0,07
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<--- Papéis Sociais	0,12

Quadro 29 – Coeficientes estandardizados de trajectória para os coeficientes de trajectória do Modelo inicial para a dimensão “passado”.

NÚMERO DE PARCEIROS	<---	Relações Sexuais	0,38
PREOCUPAÇÕES DE SAÚDE	<---	Relações Sexuais	0,41
DISCRIMINAÇÃO DIRECTA	<---	Discriminação	0,79
DISCRIMINAÇÃO INDIRECTA	<---	Discriminação	0,85
ESTATUTO SÓCIO-ECONÓMICO	<---	Variáveis Demográficas 1	0,71
ESCOLARIDADE	<---	Variáveis Demográficas 1	0,36
ESTADO CIVIL	<---	Variáveis Demográficas 2	0,16
APOIO AMIGOS	<---	Apoio/Força Interior	0,00
FORÇA SELF	<---	Apoio/Força Interior	0,00
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<---	Variáveis Demográficas 1	0,14
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<---	Variáveis Demográficas 2	0,10
MASCULINIDADE	<---	Papéis Sociais	0,48
FEMINILIDADE	<---	Papéis Sociais	0,38
ATRACÇÃO SEXUAL	<---	Orientação Sexual	0,93
COMPORTAMENTO SEXUAL	<---	Orientação Sexual	0,83
FANTASIA SEXUAL	<---	Orientação Sexual	0,84
ORIENTAÇÃO SEXUAL	<---	Orientação Sexual	0,62
SEXO	<---	Variáveis Demográficas 2	1,00
APOIO AMIGOS	<---	APOIO FAMILIAR	0,27
NÚMERO DE PARCEIROS	<---	IDADE	0,26
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<---	Relações Sexuais	0,15
ACEITAÇÃO	<---	Trajectória de aceitação	0,68
TOLERÂNCIA	<---	Gestão da aceitação	0,33
FORÇA SELF	<---	Gestão da Homofobia	-0,50
APOIO AMIGOS	<---	ABERTURA	-0,08
APOIO AMIGOS	<---	Gestão da aceitação	-0,51
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<---	Apoio/Força Interior	0,00
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<---	Relativização	0,25
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<---	Gestão da aceitação	0,26
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<---	Alienação	0,25
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<---	Gestão da Homofobia	0,25
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<---	Trajectória de aceitação	0,29
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<---	Estratégias de <i>coping</i>	0,25
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<---	Discriminação	0,31

Quadro 30 – Coeficientes estandardizados de trajectória para os coeficientes de trajectória do Modelo inicial para a dimensão “passado” (continuação).

No que diz respeito às covariâncias, verificaram-se as seguintes associações (quadro 31):

		Estimativa
Gestão da Homofobia	<--> Trajectória de aceitação	0,10
Alienação	<--> Gestão da Homofobia	0,69
Alienação	<--> Gestão da aceitação	0,60
Gestão da Homofobia	<--> Gestão da aceitação	0,76
Relações Sexuais	<--> Variáveis Demográficas 2	-0,52
Alienação	<--> Apoio/Força Interior	0,63
Alienação	<--> Discriminação	0,38
e23	<--> e1	0,31

Quadro 31 – Correlações do Modelo inicial para a dimensão “passado”.

As trajectórias retidas (i. e., com coeficientes $\geq |0,4|$) exploradas apresentam-se na figura 58, onde se podem observar as estimativas estandardizadas com coeficientes de trajectória com valor absoluto igual ou superior a 0,4 ($\geq |0,4|$).

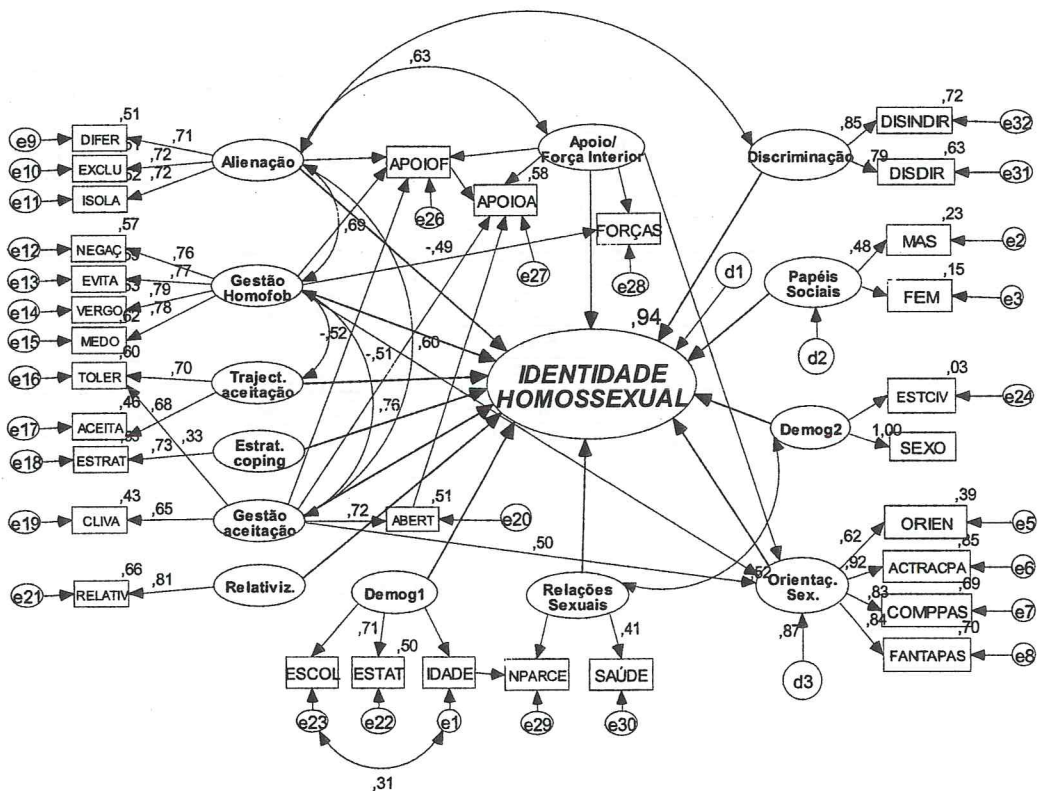


Figura 58 – Modelo inicial de Equações Estruturais da Identidade Homossexual (estimativas estandardizadas para os coeficientes de trajectória $\geq |0,4|$) para a dimensão “passado”, ($\chi^2 = 1819,60$; gl = 432; $p < 0,01$; RMSEA = 0,057; $P(\text{RMSEA} < 0,05) = 0,000$; CFI = 0,862; PCFI = 0,801; AIC = 1947,575; GFI = 0,886).

Dimensão “ideal”

Para a dimensão “ideal” os valores revelam boas relações para cada um dos fluxos, indicando que o modelo teórico explica uma larga proporção da variância-covariância observada nos itens medidos pelos instrumentos ($\chi^2 = 1762,70$; $gl = 432$; $p < 0,01$; $RMSEA = 0,056$; $P(RMSEA < 0,05) = 0,000$; $CFI = 0,882$, $PCFI = 0,819$; $AIC = 1890,657$; $GFI = 0,889$) (Anexo XII).

Interpretando as estimativas dos parâmetros para os coeficientes estandardizados do diagrama estrutural, verificaram-se os seguintes coeficientes de regressão estandardizada associados a cada relação, traduzidos nas setas de fluxo causal (quadros 32 e 33):

		Estimativa
IDADE	<--- Variáveis Demográficas 1	0,05
APOIO FAMILIAR	<--- Apoio/Força Interior	0,29
Orientação Sexual	<--- d3	0,88
Orientação Sexual	<--- Gestão da Homofobia	0,25
APOIO FAMILIAR	<--- Gestão da aceitação	-0,53
APOIO FAMILIAR	<--- Gestão da Homofobia	0,09
APOIO FAMILIAR	<--- Alienação	-0,13
Orientação Sexual	<--- Gestão da aceitação	0,25
ABERTURA	<--- Gestão da aceitação	0,72
Orientação Sexual	<--- Apoio/Força Interior	-0,11
ISOLAMENTO	<--- Alienação	0,72
EXCLUSÃO	<--- Alienação	0,72
DIFERENÇA	<--- Alienação	0,71
VERGONHA	<--- Gestão da Homofobia	0,80
EVITAMENTO	<--- Gestão da Homofobia	0,77
NEGAÇÃO	<--- Gestão da Homofobia	0,76
MEDO	<--- Gestão da Homofobia	0,78
TOLERÂNCIA	<--- Trajectória de aceitação	0,71
CLIVAGEM	<--- Gestão da aceitação	0,66
ESTRATÉGIAS DE <i>COPING</i>	<--- Estratégias de <i> coping </i>	0,73
RELATIVIZAÇÃO	<--- Relativização	0,81
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<--- Orientação Sexual	0,07
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<--- Papéis Sociais	0,12
NÚMERO DE PARCEIROS	<--- Relações Sexuais	0,38
PREOCUPAÇÕES DE SAÚDE	<--- Relações Sexuais	0,41

Quadro 32 – Coeficientes estandardizados de trajectória para os coeficientes de trajectória do Modelo inicial para a dimensão “ideal”.

			Estimativa
DISCRIMINAÇÃO DIRECTA	<---	Discriminação	0,79
DISCRIMINAÇÃO INDIRECTA	<---	Discriminação	0,85
ESTATUTO SÓCIO-ECONÓMICO	<---	Variáveis Demográficas 1	0,71
ESCOLARIDADE	<---	Variáveis Demográficas 1	0,36
ESTADO CIVIL	<---	Variáveis Demográficas 2	0,16
APOIO AMIGOS	<---	Apoio/Força Interior	0,24
FORÇA SELF	<---	Apoio/Força Interior	0,27
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<---	Variáveis Demográficas 1	0,14
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<---	Variáveis Demográficas 2	0,10
MASCULINIDADE	<---	Papéis Sociais	0,48
FEMINILIDADE	<---	Papéis Sociais	0,38
ATRACÇÃO SEXUAL	<---	Orientação Sexual	0,93
COMPORTAMENTO SEXUAL	<---	Orientação Sexual	0,96
FANTASIA SEXUAL	<---	Orientação Sexual	0,90
ORIENTAÇÃO SEXUAL	<---	Orientação Sexual	0,61
SEXO	<---	Variáveis Demográficas 2	1,00
APOIO AMIGOS	<---	APOIO FAMILIAR	0,18
NÚMERO DE PARCEIROS	<---	IDADE	0,26
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<---	Relações Sexuais	0,15
ACEITAÇÃO	<---	Trajectória de aceitação	0,68
TOLERÂNCIA	<---	Gestão da aceitação	0,32
FORÇA SELF	<---	Gestão da Homofobia	-0,49
APOIO AMIGOS	<---	ABERTURA	-0,06
APOIO AMIGOS	<---	Gestão da aceitação	-0,58
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<---	Apoio/Força Interior	0,08
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<---	Relativização	0,25
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<---	Gestão da aceitação	0,26
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<---	Alienação	0,25
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<---	Gestão da Homofobia	0,25
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<---	Trajectória de aceitação	0,29
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<---	Estratégias de coping	0,25
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<---	Discriminação	0,31

Quadro 33 – Coeficientes estandardizados de trajectória para os coeficientes de trajectória do Modelo inicial para a dimensão "ideal" (continuação).

No que diz respeito às covariâncias, verificaram-se as seguintes associações (quadro 34):

		Estimativa
Gestão da Homofobia	<--> Trajectória de aceitação	0,115
Alienação	<--> Gestão da Homofobia	0,680
Alienação	<--> Gestão da aceitação	0,582
Gestão da Homofobia	<--> Gestão da aceitação	0,756
Relações Sexuais	<--> Variáveis Demográficas 2	-0,517
Alienação	<--> Apoio/Força Interior	0,010
Alienação	<--> Discriminação	0,403
e23	<--> e1	0,314

Quadro 34 – Correlações do Modelo inicial para a dimensão "ideal".

As trajectórias retidas (i. e., com coeficientes $\geq |0,4|$) apresentam-se na figura 59, onde se podem observar as estimativas estandardizadas com coeficientes de trajectória com valor absoluto igual ou superior a 0,4 ($\geq |0,4|$).

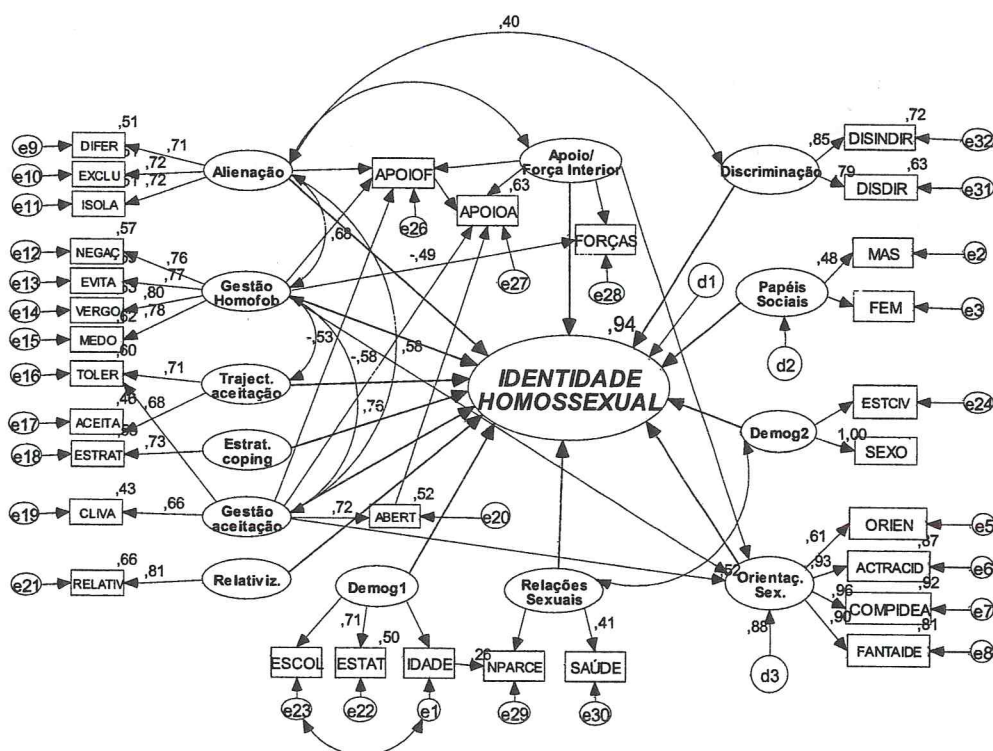


Figura 59 – Modelo inicial de Equações Estruturais da Identidade Homossexual (estimativas estandardizadas para os coeficientes de trajectória $\geq |0,4|$) para a dimensão "ideal", ($\chi^2 = 1762,70$; gl = 432; $p < 0,01$; RMSEA = 0,056; $P(\text{RMSEA} < 0,05) = 0,000$; CFI = 0,882; PCFI = 0,819; AIC = 1890,657; GFI = 0,889).

Como se pode constatar, apesar de na generalidade o Modelo revelar boa adequação aos dados, nenhuma relação a com variável latente “Identidade Homossexual” se revelou $\geq |0,4|$ (igual ou superior a 0,4 em número absoluto). Quer isto dizer que as variáveis manifestas que foram medidas e que influenciam directamente as variáveis latentes que, por sua vez, são mediadoras do constructo principal que se pretendia explicar (a Identidade Homossexual), contribuem pouco para a explicação desse mesmo constructo.

Isto significa que o modelo original de medida não se apresenta como um bom modelo de Construção da Identidade Homossexual.

Por outro lado, coloca-se também outro problema metodológico estrutural: a proposta de mensuração de um constructo latente através da influência de variáveis igualmente latentes leva à infinita irresolução deste modelo, o que torna impossível a tarefa de testar a significância dos coeficientes estruturais.

Por todas estas razões, fomos levados a construir um Modelo Alternativo que se apresenta a seguir.

Modelo Alternativo

Para a construção do Modelo Alternativo procedeu-se a uma nova organização de todas as variáveis observadas submetendo-as a uma Análise Factorial global (com extração dos componentes principais), ou seja, com todas as variáveis de todos os instrumentos de medida presentes, nomeadamente, as do Questionário Sócio-demográfico, as do Questionário de Identidade Homossexual, as da Grelha de Orientação Sexual de Klein, as da Grelha Classificatória dos Papéis Sexuais Sociais e as variáveis de auto-resposta.

Baseados no facto de o teste de Kaiser-Meyer-Olkin ter revelado uma boa validade para a análise factorial ($KMO=0,86$) procedeu-se à referida análise com as rotações Varimax, Quartimax, Equamax, Direct Oblimin e Promax. Para todas as rotações resultaram doze dimensões diferentes. No entanto, escolheu-se a ordenação dos itens obtidos pela rotação Varimax, uma vez que se apresentava semelhante a todas as outras e era a solução com melhor consistência teórica.

A variância explicada das quatro últimas dimensões revelou não ser significativa. Deste modo, procedeu-se à eliminação dos itens respectivos, mantendo os oito dimensões iniciais, cuja variância explicada foi de 52% (ver quadro 35).

Por outro lado, decidiu-se eliminar a variável "sexo" (que representava uma dimensão isolada), uma vez que a sua presença no modelo alternativo que se propõe a seguir, não beneficiava uma boa adequação aos dados.

Tornou-se igualmente necessária a eliminação, pela mesma razão, da variável "qualidade de relacionamentos", substituindo-a pela variável "preocupações de saúde por causa da sexualidade". Este procedimento justifica-se na medida em que a Análise Factorial é um passo exploratório que nos permite ter uma ideia das dimensões que necessitamos ter, mas o modelo factorial confirmativo, como se verifica a seguir, revela maior adequação aos dados quando a variável "preocupações de saúde por causa da sexualidade" se integra na dimensão "Relacionamentos" (Anexo XIII).

A organização final, bem como a nomeação das novas dimensões, pode ser observada no quadro 35:

Dimensão	Nova Organização das Dimensões	Variáveis (Loadings)	Eigenvalue	% Variância Explicada	α de Cronbach
1	Gestão da Homofobia	Diferença (0,64) Negação (0,74) Isolamento (0,65) Evitamento (0,77) Vergonha (0,77) Medo (0,77)	6,77	18,30	0,86
2	Orientação Sexual	Auto-Classificação face à Orientação Sexual (0,75) Atracção Sexual (0,90) Comportamento Sexual (0,87) Fantasias Sexuais (0,86)	3,19	8,62	0,87
3	Suporte Social	Clivagem (0,56) Abertura (0,52) Apoio Familiar (0,77) Apoio dos Amigos (0,69)	1,90	5,13	0,78
4	Discriminação	Exclusão (0,55) Discriminação Directa (0,80) Discriminação Indirecta (0,84)	1,79	4,85	0,71
5	Relacionamentos	Idade (0,70) Número de Parceiros Sexuais (0,56) Qualidade relacionamentos (0,62)	1,59	4,30	0,21
6	Trajectória de Aceitação	Tolerância (0,67) Aceitação (0,82) Estratégias de <i>Coping</i> para lidar com o preconceito (0,64)	1,39	3,76	0,58
7	Determinantes Demográficos	Sexo (0,67) Preocupações de saúde (0,66)	1,31	3,56	0,23

Quadro 35 – Organização final dos itens e das categorias do Questionário de Identidade Homossexual após Análise Factorial, (KMO =0,86), método de extracção por componentes principais com rotação Varimax

A operacionalização do modelo de medida para o Modelo Alternativo assenta nas seguintes variáveis latentes: gestão da homofobia, orientação sexual, suporte social, experiências de discriminação, relacionamentos, trajectória de aceitação e determinantes demográficos (ver figura 60).

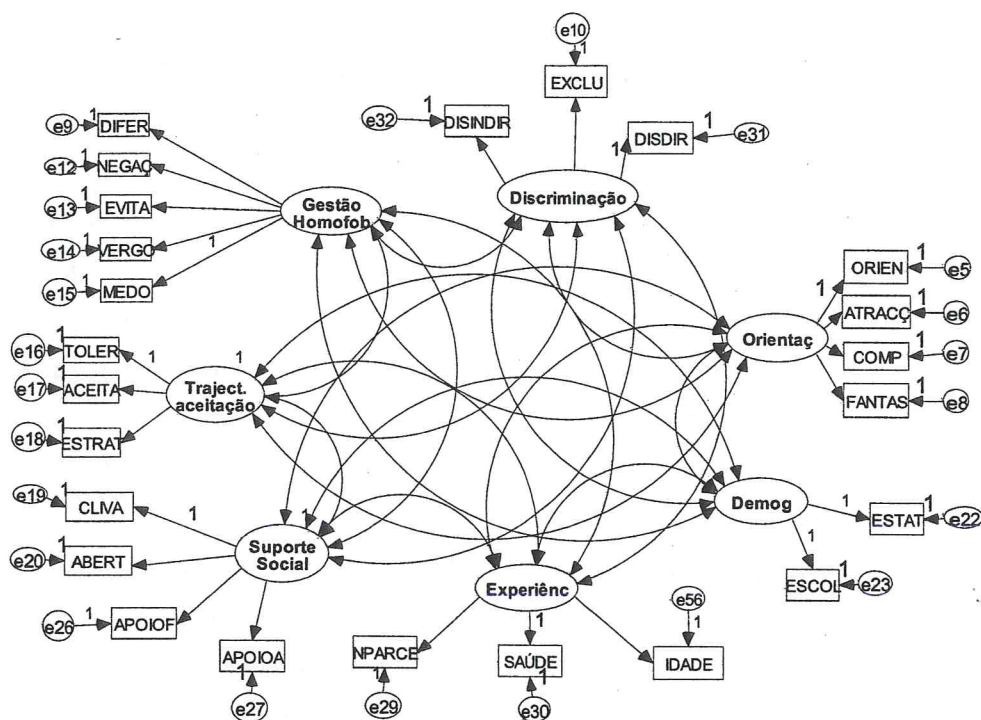


Figura 60 – Modelo de Medida – As variáveis latentes (factores) são representadas dentro de círculos, enquanto que as variáveis manifestas são representadas dentro de rectângulos.

Os pressupostos teóricos hipotéticos sob os quais o Modelo Alternativo assenta são os seguintes:

- A Identidade Homossexual (IH) é directamente influenciada pela vivência de experiências de discriminação;
- A IH é directamente influenciada pelo modo como os indivíduos gerem a homofobia;
- A IH é directamente influenciada pelo modo como os indivíduos se posicionam face à trajectória de aceitação dessa mesma identidade;
- A IH é directamente influenciada pelo suporte social;
- A IH é directamente influenciada pela ocorrência de experiências significativas;
- A IH é directamente influenciada por variáveis demográficas;
- A IH é directamente influenciada pela orientação sexual;

- O modo como os indivíduos gerem a homofobia influencia directamente os sentimentos de exclusão;
- O suporte social influencia directamente a orientação sexual;
- As experiências de discriminação influenciam directamente a orientação sexual;
- O modo como os indivíduos gerem a homofobia influencia directamente o número de parceiros com quem se relacionam;
- As experiências de discriminação influenciam directamente as estratégias de *coping* que os indivíduos adequam para lidarem com o preconceito;
- As experiências de discriminação indirecta influenciam os níveis de abertura face à sexualidade;
- O número de parceiros que os indivíduos tiveram influencia directamente a experiência de discriminação indirecta;
- O medo dos sentimentos homoeróticos influencia directamente a auto-identificação face à orientação sexual;
- O medo dos sentimentos homoeróticos influencia directamente a tolerância desses mesmos sentimentos;
- Existe uma correlação entre o modo como os indivíduos gerem a homofobia e o suporte social que obtenham;
- Existe uma correlação entre o erro da medida do sentimento de diferença e o erro da medida do sentimento de exclusão;
- Existe uma correlação entre o erro da medida do sentimento de negação e o erro da medida do sentimento de evitamento;
- Existe uma correlação entre o erro da medida da aceitação e o erro da medida das estratégias de *coping* face ao preconceito;
- Existe uma correlação entre o erro da medida das estratégias de *coping* face ao preconceito e o erro da medida da clivagem;
- Existe uma correlação entre o erro da medida do apoio familiar e o erro da medida do apoio dos amigos.

As correlações que se estabeleceram entre os erros de medida decorrem do facto de os indivíduos poderem percepcionar uma inter-relação entre variáveis observadas a que correspondem esses mesmos erros.

Dimensão “presente”

Para a dimensão “presente” os valores revelam boas relações para cada um dos fluxos, indicando que o modelo teórico explica uma larga proporção da variância-covariância observada nos itens medidos pelos instrumentos ($\chi^2 = 758,70$; gl = 238; $p < 0,01$; RMSEA = 0,047; $P(\text{RMSEA} < 0,05) = 0,919$; CFI = 0,942; PCFI = 0,812; AIC = 882,695; GFI = 0,939) (Anexo XIV).

Interpretando as estimativas dos parâmetros para os coeficientes estandardizados do diagrama estrutural, verificaram-se os seguintes coeficientes de regressão estandardizada associados a cada relação, traduzidos nas setas de fluxo causal (quadros 36 e 37):

		Estimativa
NÚMERO DE PARCEIROS	<--- Experiências Significativas	0,70
NÚMERO DE PARCEIROS	<--- Gestão da Homofobia	-0,20
MEDO	<--- Gestão da Homofobia	0,83
DISCRIMINAÇÃO INDIRECTA	<--- Discriminação	0,84
IDADE	<--- Experiências Significativas	0,36
Orientação	<--- Discriminação	-0,25
DISCRIMINAÇÃO INDIRECTA	<--- NÚMERO DE PARCEIROS	-0,07
Orientação	<--- d3	0,86
Orientação	<--- Suporte Social	0,44
VERGONHA	<--- Gestão da Homofobia	0,76
EVITAMENTO	<--- Gestão da Homofobia	0,74
ACEITAÇÃO	<--- Trajectória de aceitação	0,78
TOLERÂNCIA	<--- Trajectória de aceitação	0,61
ABERTURA	<--- Suporte Social	0,74
CLIVAGEM	<--- Suporte Social	0,63
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<--- Suporte Social	0,35
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<--- Orientação Sexual	0,11
DISCRIMINAÇÃO DIRECTA	<--- Discriminação	0,81
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<--- Experiências Significativas	0,14
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<--- Discriminação	0,44
ATRACÇÃO SEXUAL	<--- Orientação Sexual	0,93
COMPORTAMENTO SEXUAL	<--- Orientação Sexual	0,87
FANTASIA SEXUAL	<--- Orientação Sexual	0,77
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<--- Gestão da Homofobia	0,38
APOIO AMIGOS	<--- Suporte Social	-0,73

Quadro 36 – Coeficientes de trajectória para todas as relações do Modelo alternativo para a dimensão “presente”.

		Estimativa
APOIO FAMILIAR	<--- Suporte Social	-0,54
DIFERENÇA	<--- Gestão da Homofobia	0,53
ESTRATÉGIAS DE <i>COPING</i>	<--- Trajectória de aceitação	0,21
EXCLUSÃO	<--- Discriminação	0,41
NEGAÇÃO	<--- Gestão da Homofobia	0,71
EXCLUSÃO	<--- Gestão da Homofobia	0,39
TOLERÂNCIA	<--- MEDO	0,29
ABERTURA	<--- DISCRIMINAÇÃO INDIRECTA	-0,19
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<--- Trajectória de aceitação	0,35
ESTRATÉGIAS DE <i>COPING</i>	<--- Discriminação	0,24
ESCOLARIDADE	<--- IDADE	0,31
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<--- Variáveis Demográficas	0,18
ESCOLARIDADE	<--- Variáveis Demográficas	0,35
ESTATUTO SÓCIO-ECONÓMICO	<--- Variáveis Demográficas	0,67
ORIENTAÇÃO SEXUAL	<--- MEDO	0,16
DIFERENÇA	<--- Discriminação	0,19
PREOCUPAÇÕES DE SAÚDE	<--- Experiências Significativas	0,27
ORIENTAÇÃO SEXUAL	<--- Orientação Sexual	0,66

Quadro 37 – Coeficientes de trajectória para todas as relações do Modelo alternativo para a dimensão “presente” (continuação).

No que diz respeito às covariâncias, verificaram-se as seguintes associações (quadro 38):

		Estimativa
Gestão da Homofobia	<--> Suporte Social	0,74
e12	<--> e13	0,38
e17	<--> e18	0,12
e27	<--> e26	0,33
e19	<--> e18	0,20
e9	<--> e10	0,33

Quadro 38 – Correlações do Modelo alternativo para a dimensão “presente”.

As trajectórias retidas (i. e., com coeficientes $\geq |0,4|$) exploradas podem melhor ser compreendidas na figura 61, onde se podem observar os valores resultantes das estimativas estandardizadas com coeficientes de trajectória com valor absoluto igual ou superior a 0,4 ($\geq |0,4|$):

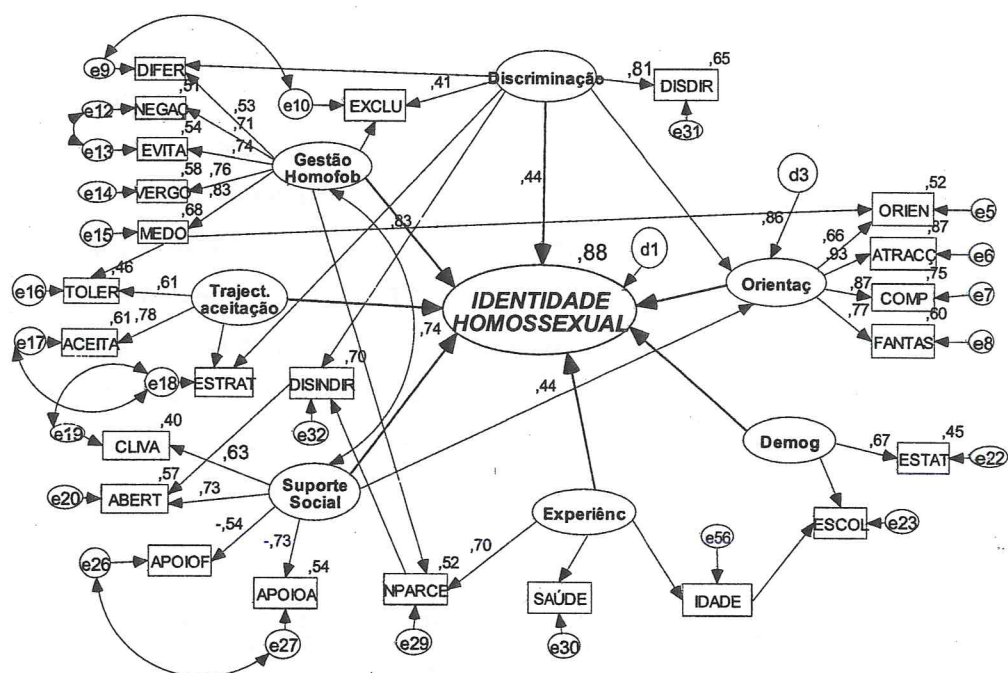


Figura 61 – Modelo alternativo de Equações Estruturais da Identidade Homossexual (estimativas estandardizadas para os coeficientes de trajectória $\geq |0,4|$) para a dimensão “presente”, ($\chi^2 = 758,70$; gl = 238; $p < 0,01$; RMSEA = 0,047; $P(\text{RMSEA} < 0,05) = 0,919$; CFI = 0,942; PCFI = 0,812; AIC = 882,695; GFI = 0,939).

Dimensão “passado”

Para a dimensão “passado” os valores revelam boas relações para cada um dos fluxos, indicando que o modelo teórico explica uma larga proporção da variância-covariância observada nos itens medidos pelos instrumentos ($\chi^2 = 727,30$; gl = 238; p < 0,01; RMSEA = 0,045; P(RMSEA < 0,05) = 0,979; CFI = 0,944; PCFI = 0,814; AIC = 851,254; GFI = 0,941) (Anexo XV).

Interpretando as estimativas dos parâmetros para os coeficientes estandardizados do diagrama estrutural, verificaram-se os seguintes coeficientes de regressão estandardizada associados a cada relação, traduzidos nas setas de fluxo causal (quadros 39 e 40):

		Estimativas
NÚMERO DE PARCEIROS	<--- Experiências Significativas	0,67
NÚMERO DE PARCEIROS	<--- Gestão da Homofobia	-0,20
MEDO	<--- Gestão da Homofobia	0,83
DISCRIMINAÇÃO INDIRECTA	<--- Discriminação	0,84
IDADE	<--- Experiências Significativas	0,36
Orientação	<--- Discriminação	-0,26
DISCRIMINAÇÃO INDIRECTA	<--- NÚMERO DE PARCEIROS	-0,07
Orientação	<--- d3	0,90
Orientação	<--- Suporte Social	0,35
VERGONHA	<--- Gestão da Homofobia	0,76
EVITAMENTO	<--- Gestão da Homofobia	0,73
ACEITAÇÃO	<--- Trajectória de aceitação	0,78
TOLERÂNCIA	<--- Trajectória de aceitação	0,61
ABERTURA	<--- Suporte Social	0,73
CLIVAGEM	<--- Suporte Social	0,64
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<--- Suporte Social	0,35
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<--- Orientação Sexual	0,09
DISCRIMINAÇÃO DIRECTA	<--- Discriminação	0,80
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<--- Experiências Significativas	0,14
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<--- Discriminação	0,44
ATRACÇÃO SEXUAL	<--- Orientação Sexual	0,93
COMPORTAMENTO SEXUAL	<--- Orientação Sexual	0,83
FANTASIA SEXUAL	<--- Orientação Sexual	0,83

Quadro 39 – Coeficientes de trajectória para todas as relações do Modelo alternativo para a dimensão “passado”.

IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<---	Gestão da Homofobia	0,38
APOIO AMIGOS	<---	Suporte Social	-0,73
APOIO FAMILIAR	<---	Suporte Social	-0,54
DIFERENÇA	<---	Gestão da Homofobia	0,53
ESTRATÉGIAS DE COPING	<---	Trajectória de aceitação	0,21
EXCLUSÃO	<---	Discriminação	0,41
NEGAÇÃO	<---	Gestão da Homofobia	0,71
EXCLUSÃO	<---	Gestão da Homofobia	0,39
TOLERÂNCIA	<---	MEDO	0,29
ABERTURA	<---	DISCRIMINAÇÃO INDIRECTA	-0,19
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<---	Trajectória de aceitação	0,35
ESTRATÉGIAS DE COPING	<---	Discriminação	0,24
ESCOLARIDADE	<---	IDADE	0,31
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<---	Variáveis Demográficas	0,18
ESCOLARIDADE	<---	Variáveis Demográficas	0,35
ESTATUTO SÓCIO-ECONÓMICO	<---	Variáveis Demográficas	0,67
ORIENTAÇÃO SEXUAL	<---	MEDO	0,21
DIFERENÇA	<---	Discriminação	0,19
PREOCUPAÇÕES DE SAÚDE	<---	Experiências Significativas	0,27
ORIENTAÇÃO SEXUAL	<---	Orientação Sexual	0,57

Quadro 40 – Coeficientes de trajectória para todas as relações do Modelo alternativo para a dimensão “passado” (continuação).

No que diz respeito às covariâncias, verificaram-se as seguintes associações (quadro 41):

			Estimativa
Gestão da Homofobia	<-->	Clivagem	0,74
e12	<-->	e13	0,38
e17	<-->	e18	0,12
e27	<-->	e26	0,32
e19	<-->	e18	0,20
e9	<-->	e10	0,33

Quadro 41 – Correlações do Modelo alternativo para a dimensão “passado”.

As trajectórias retidas (i. e., com coeficientes $\geq |0,4|$) podem melhor ser compreendidas na figura 62, onde se podem observar os valores resultantes das estimativas estandardizadas com coeficientes de trajectória com valor absoluto igual ou superior a 0,4 ($\geq |0,4|$):

Dimensão “ideal”

Para a dimensão “ideal” os valores revelam boas relações para cada um dos fluxos, indicando que o modelo teórico explica uma larga proporção da variância-covariância observada nos itens medidos pelos instrumentos ($\chi^2 = 778,50$; gl = 238; $p < 0,01$; RMSEA = 0,048; $P(\text{RMSEA} < 0,05) = 0,884$; CFI = 0,946; PCFI = 0,816; AIC = 902,535; GFI = 0,936) (Anexo XVI).

Interpretando as estimativas dos parâmetros para os coeficientes estandardizados do diagrama estrutural, verificaram-se os seguintes coeficientes de regressão estandardizada associados a cada relação, traduzidos nas setas de fluxo causal (quadros 42 e 43):

		Estimativa
NÚMERO DE PARCEIROS	<--- Experiências Significativas	0,70
NÚMERO DE PARCEIROS	<--- Gestão da Homofobia	-0,20
MEDO	<--- Gestão da Homofobia	0,83
DISCRIMINAÇÃO INDIRECTA	<--- Discriminação	0,84
IDADE	<--- Experiências Significativas	0,36
Orientação	<--- Discriminação	-0,17
DISCRIMINAÇÃO INDIRECTA	<--- NÚMERO DE PARCEIROS	-0,07
Orientação	<--- d3	0,87
Orientação	<--- Suporte Social	0,47
VERGONHA	<--- Gestão da Homofobia	0,76
EVITAMENTO	<--- Gestão da Homofobia	0,74
ACEITAÇÃO	<--- Trajectória de aceitação	0,78
TOLERÂNCIA	<--- Trajectória de aceitação	0,61
ABERTURA	<--- Suporte Social	0,72
CLIVAGEM	<--- Suporte Social	0,63
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<--- Suporte Social	0,35
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<--- Orientação Sexual	0,09
DISCRIMINAÇÃO DIRECTA	<--- Discriminação	0,81
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<--- Experiências Significativas	0,14
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<--- Discriminação	0,44
ATRACÇÃO SEXUAL	<--- Orientação Sexual	0,93
COMPORTAMENTO SEXUAL	<--- Orientação Sexual	0,96
FANTASIA SEXUAL	<--- Orientação Sexual	0,90
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<--- Gestão da Homofobia	0,38
APOIO AMIGOS	<--- Suporte Social	-0,73

Quadro 42 – Coeficientes de trajectória para todas as relações do Modelo alternativo para a dimensão “ideal”.

APOIO FAMILIAR	<--- Suporte Social	-0,54
DIFERENÇA	<--- Gestão da Homofobia	0,53
ESTRATÉGIAS DE <i>COPING</i>	<--- Trajectória de aceitação	0,21
EXCLUSÃO	<--- Discriminação	0,40
NEGAÇÃO	<--- Gestão da Homofobia	0,71
EXCLUSÃO	<--- Gestão da Homofobia	0,39
TOLERÂNCIA	<--- MEDO	0,29
ABERTURA	<--- DISCRIMINAÇÃO INDIRECTA	-0,19
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<--- Trajectória de aceitação	0,35
ESTRATÉGIAS DE <i>COPING</i>	<--- Discriminação	0,24
ESCOLARIDADE	<--- IDADE	0,31
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<--- Variáveis Demográficas	0,18
ESCOLARIDADE	<--- Variáveis Demográficas	0,35
ESTATUTO SÓCIO-ECONÓMICO	<--- Variáveis Demográficas	0,67
ORIENTAÇÃO SEXUAL	<--- MEDO	0,15
DIFERENÇA	<--- Discriminação	0,18
PREOCUPAÇÕES DE SAÚDE	<--- Experiências Significativas	0,27
ORIENTAÇÃO SEXUAL	<--- Orientação Sexual	0,56

Quadro 43 – Coeficientes de trajectória para todas as relações do Modelo alternativo para a dimensão “ideal” (continuação).

No que diz respeito às covariâncias, verificaram-se as seguintes associações (quadro 44):

		Estimativa
Gestão da Homofobia	<---> Suporte Social	0,77
e12	<---> e13	0,38
e17	<---> e18	0,13
e27	<---> e26	0,33
e19	<---> e18	0,20
e9	<---> e10	0,33

Quadro 44 – Correlações do Modelo alternativo para a dimensão “ideal”.

As trajectórias retidas (i. e., com coeficientes $\geq |0,4|$) podem melhor ser compreendidas na figura 63, onde se podem observar os valores resultantes das estimativas estandardizadas com coeficientes de trajectória com valor absoluto igual ou superior a 0,4 ($\geq |0,4|$):

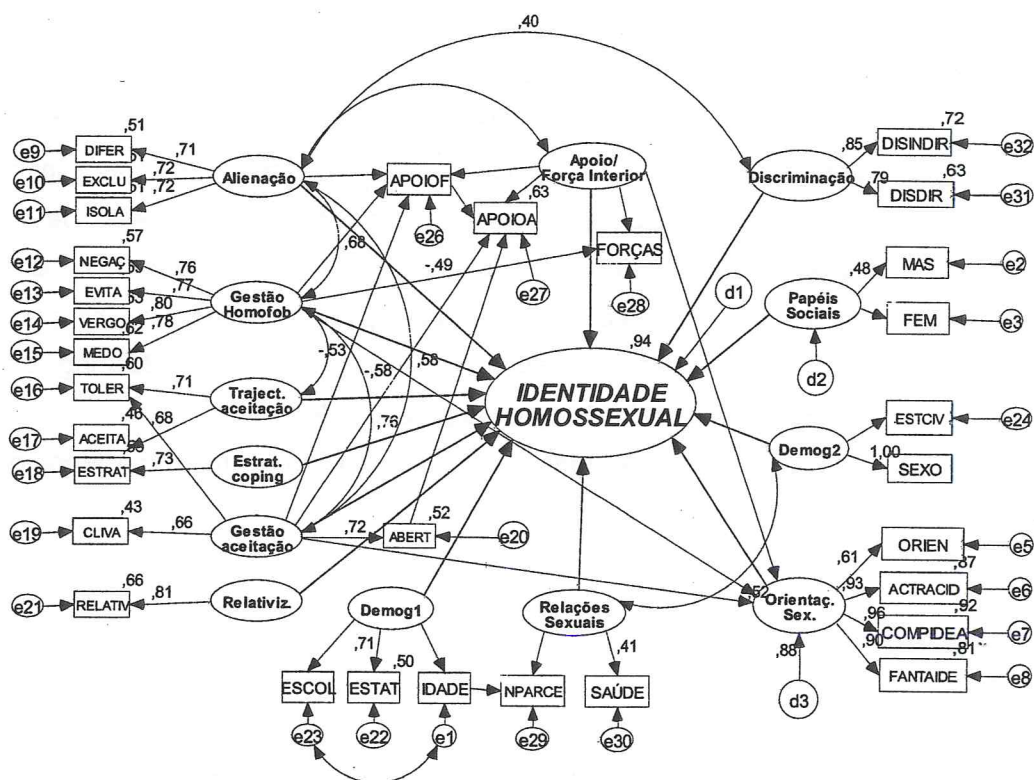


Figura 63 – Modelo alternativo de Equações Estruturais da Identidade Homossexual (estimativas estandardizadas para os coeficientes de trajectória $\geq |0,4|$) para a dimensão “ideal” ($\chi^2 = 778,50$; gl = 238; $p < 0,01$; RMSEA = 0,048; $P(\text{RMSEA} < 0,05) = 0,884$; CFI = 0,946; PCFI = 0,816; AIC = 902,535; GFI = 0,936).

Apesar de se terem obtido valores para o Modelo alternativo (nas dimensões “presente”, “passado” e “ideal”) ajustados aos dados, não ficou resolvido o problema da proposta de mensuração de um constructo latente através da influência de variáveis igualmente latentes, o que resulta na impossibilidade de testar a significância estatística dos coeficientes de trajectória.

Como já foi dito anteriormente, estimar um constructo latente definido por outros constructos latentes coloca também um problema de indefinição, pelo que se torna necessária a imposição de informação teórica sobre o Modelo. Assim, colocou-se o desafio de avaliar o ajustamento do Modelo com medidas directamente observadas, nomeadamente aquelas da orientação sexual. A decisão de substituir a variável latente “orientação sexual” pela

variável “identidade homossexual” deve-se ao facto de, uma das variáveis medidas ser a “auto-identificação face à orientação sexual”, o que pode ser interpretado como uma medida de identidade. Por outro lado, como vimos anteriormente, 70% dos indivíduos respondeu a este item identificando-se como homossexuais. Finalmente, o facto de a estimativa estandardizada para a variância Identidade Homossexual \leftarrow Orientação Sexual não ser significativa para cada uma das dimensões contempladas (presente = 0,11, passado = 0,09 e ideal = 0,09) faz-nos supor que, tal como nos indicam Narring *et al.* (2003), a orientação sexual traduz grande parte da identidade.

Deste modo, fomos levados a construir um último Modelo, o Modelo Final, que se apresenta a seguir.

Modelo Final

Antes de passar à consideração do Modelo Final, foi importante garantir nesta última etapa um bom ajustamento de todas as partes de medida. Assim, apresenta-se seguidamente o Modelo de Medida operacionalizado para a dimensão “presente” e que assenta nas seguintes variáveis latentes: identidade homossexual, gestão da homofobia, suporte social, experiências de discriminação, relacionamentos, trajectória de aceitação e determinantes demográficos (figura 64, Anexo XVII).

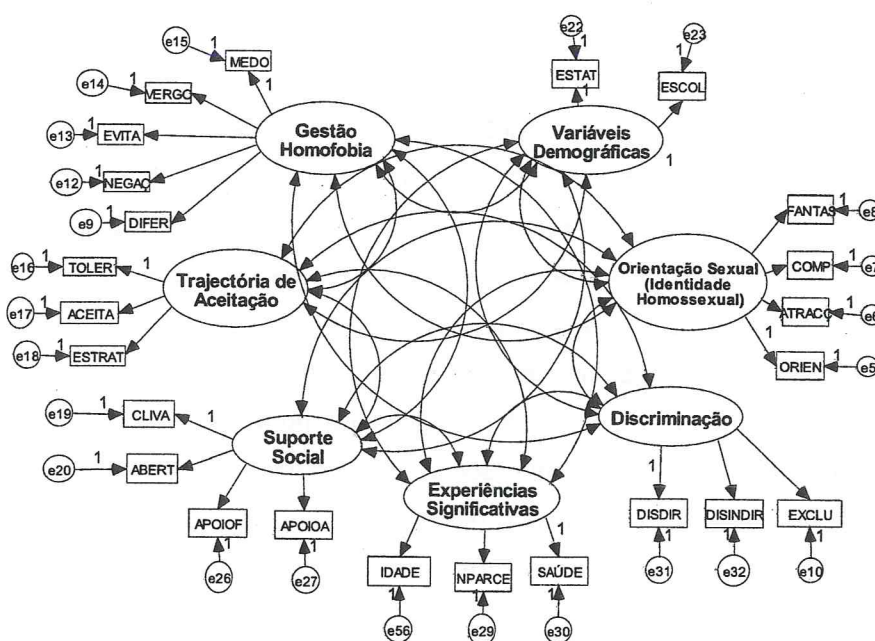


Figura 64 – Modelo de Medida final para a dimensão “presente” ($\chi^2 = 1464,00$; $gl = 232$; $p < 0,01$; $RMSEA = 0,073$; $P(RMSEA < 0,05) = 0,000$; $CFI = 0,862$; $PCFI = 0,725$; $AIC = 1599,967$; $GFI = 0,888$).

O Modelo de Medida apresenta um ajustamento razoável para a dimensão “presente” ($\chi^2 = 1464,00$; $gl = 232$; $p < 0,01$; $RMSEA = 0,073$;

P(RMSEA<0,05) = 0,000; CFI = 0,862; PCFI = 0,725; AIC = 1599,967; GFI = 0,888), para a dimensão “passado” ($\chi^2 = 1444,00$; gl = 232; p <0,01; RMSEA = 0,072; P(RMSEA<0,05) = 0,000; CFI = 0,861; PCFI = 0,724; AIC = 1580,036; GFI = 0,889) e “ideal” ($\chi^2 = 1457,70$; gl = 232; p <0,01; RMSEA = 0,073; P(RMSEA<0,05) = 0,000; CFI = 0,877; PCFI = 0,737; AIC = 1593,656; GFI = 0,888).

No entanto, para se resolver o problema da variável latente “Identidade Homossexual” como medida de outras variáveis latentes, tornou-se necessário criar uma ligação entre a “Identidade Homossexual” e as variáveis observadas. Sem essa ligação, a “Identidade Homossexual” não teria variância nem covariância com qualquer outra variável, sendo assim impossível testar a significância dos coeficientes estruturais que relacionam a identidade com as outras variáveis latentes.

Assim sendo, e para resolver este problema, decidiu-se transformar a variável latente “Orientação Sexual” em medida da variável “Identidade Homossexual”. Esta transformação assenta igualmente na proposta teórica de Narring *et al.* (2003) que nos diz que “*as fantasias sexuais, a atracção sexual, o comportamento sexual e a auto-identificação são consideradas dimensões da identidade homossexual*” (p. 233).

Assim, as bases do modelo de medida ficam constituídas pelas seguintes variáveis latentes: identidade homossexual, gestão da homofobia, discriminação, suporte social, trajectória de aceitação, experiências significativas e variáveis demográficas. Importa, igualmente, clarificar os pressupostos teóricos nos quais assentam o Modelo Final.

Ao longo da fundamentação teórica, assumiu-se uma postura social construtivista, advogando o forte carácter interaccionista no processo de construção identitária. Se a identidade homossexual existe como categoria social independente, é de esperar que ela seja influenciada pelos determinantes que constituem as variáveis latentes definidas no Modelo Final, mas também que esses mesmos determinantes exerçam uma influência sobre a identidade. Por esta razão, o Modelo Final reveste-se de um forte carácter correlacional. As correlações e as relações causais são as seguintes:

- Existe uma correlação entre a Identidade Homossexual (IH) e o modo como os indivíduos gerem a homofobia;
- Existe uma correlação entre a IH e as experiências de discriminação vivenciadas pelos indivíduos;
- Existe uma correlação entre a IH e a qualidade do suporte social que os indivíduos possuem;
- Existe uma correlação entre a IH e o posicionamento face à trajetória de aceitação dessa mesma identidade;
- Existe uma correlação entre as experiências significativas e o posicionamento face à trajetória de aceitação da IH;
- Existe uma correlação entre as experiências significativas e o modo como os indivíduos gerem a homofobia;
- As experiências de discriminação influenciam directamente as estratégias de *coping* que os indivíduos utilizam para lidar com o preconceito;
- As experiências de discriminação influenciam directamente os níveis de abertura face à sexualidade;
- O modo como os indivíduos gerem a homofobia influencia directamente a sua auto-identificação face à orientação sexual;
- Existe uma correlação entre os erros da medida das variáveis “evitamento” e “negação”, na medida em que os indivíduos as podem ter percebido como inter-relacionadas;
- Existe uma correlação entre os erros da medida das variáveis “diferença” e “exclusão”, na medida em que os indivíduos as podem ter percebido como inter-relacionadas;
- Existe uma correlação entre os erros da medida das variáveis “clivagem” e “estratégias de *coping*”, na medida em que os indivíduos as podem ter percebido como inter-relacionadas;
- Existe uma correlação entre os erros da medida das variáveis “apoio familiar” e “apoio dos amigos”, na medida em que os indivíduos as podem ter percebido como inter-relacionadas;
- Existe uma correlação entre os erros da medida das variáveis “aceitação” e “estratégias de *coping*”, na medida em que os indivíduos as podem ter percebido como inter-relacionadas;

- Existe uma correlação entre os erros da medida das variáveis “idade” e “escolaridade”, na medida em que os indivíduos as podem ter percebido como inter-relacionadas;

O Modelo Final pode ser melhor observado na figura 65.

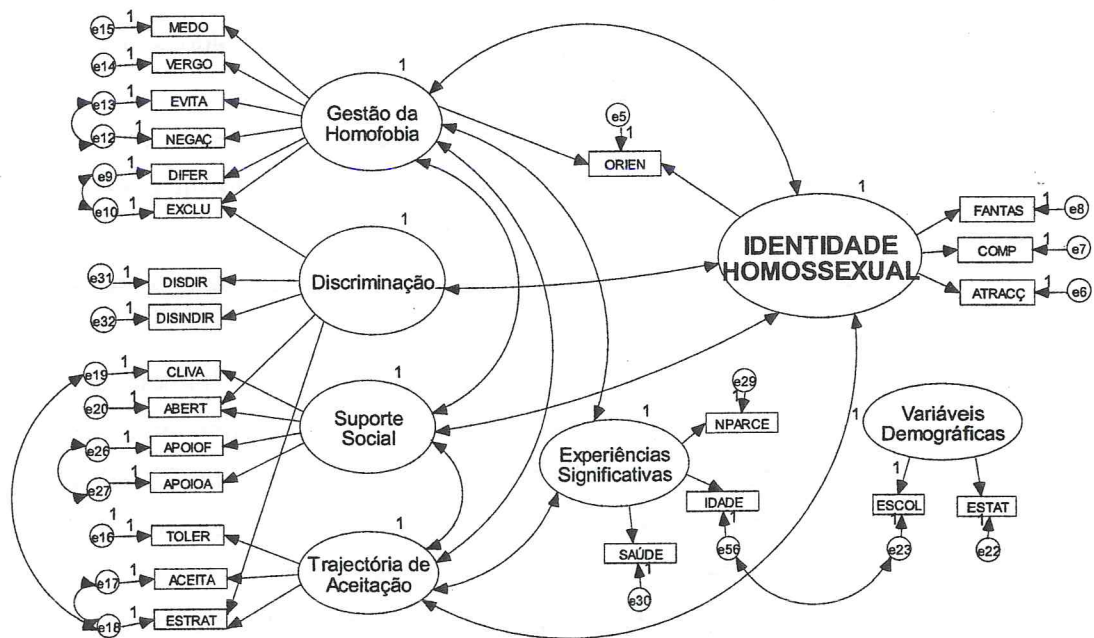


Figura 65 – Modelo Final – As variáveis latentes (factores) são representadas dentro de círculos, enquanto que as variáveis manifestas são representadas dentro de rectângulos.

Dimensão “presente”

Para a dimensão “presente” os valores revelam uma boa adequação do modelo aos dados ($\chi^2 = 769,10$; $gl = 235$; $p < 0,01$; $RMSEA = 0,048$; $P(RMSEA < 0,05) = 0,840$; $CFI = 0,940$; $PCFI = 0,801$; $AIC = 899,097$; $GFI = 0,937$) (Anexo XVIII).

Interpretando as estimativas dos parâmetros para os coeficientes estandardizados do diagrama estrutural, verificaram-se os seguintes coeficientes de regressão estandardizada associados a cada relação, traduzidos nas setas de fluxo causal (quadro 45):

			Estimativas	p-value
VERGONHA	<---	Gestão da Homofobia	0,76	p < 0,001
EVITAMENTO	<---	Gestão da Homofobia	0,73	p < 0,001
MEDO	<---	Gestão da Homofobia	0,83	p < 0,001
ACEITAÇÃO	<---	Trajectória de Aceitação	0,61	p < 0,001
TOLERÂNCIA	<---	Trajectória de Aceitação	0,80	p < 0,001
CLIVAGEM	<---	Suporte Social	0,64	p < 0,001
ATRACÇÃO SEXUAL	<---	IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	0,93	p < 0,001
COMPORTAMENTO SEXUAL	<---	IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	0,87	p < 0,001
FANTASIA SEXUAL	<---	IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	0,77	p < 0,001
NEGAÇÃO	<---	Gestão da Homofobia	0,70	p < 0,001
ESCOLARIDADE	<---	Variáveis Demográficas	0,66	p < 0,001
ESTATUTO SÓCIO-ECONÓMICO	<---	Variáveis Demográficas	0,36	p < 0,001
APOIO FAMILIAR	<---	Suporte Social	-0,54	p < 0,001
APOIO AMIGOS	<---	Suporte Social	-0,74	p < 0,001
IDADE	<---	Experiências Significativas	0,42	p < 0,001
PREOCUPAÇÕES DE SAÚDE	<---	Experiências Significativas	0,27	p < 0,001
ABERTURA	<---	Discriminação	-0,20	p < 0,001
EXCLUSÃO	<---	Discriminação	0,35	p < 0,001
DISCRIMINAÇÃO INDIRECTA	<---	Discriminação	0,85	p < 0,001
DISCRIMINAÇÃO DIRECTA	<---	Discriminação	0,79	p < 0,001
EXCLUSÃO	<---	Gestão da Homofobia	0,39	p < 0,001
DIFERENÇA	<---	Gestão da Homofobia	0,52	p < 0,001
NÚMERO DE PARCEIROS	<---	Experiências Significativas	0,61	p < 0,001
ABERTURA	<---	Suporte Social	0,73	p < 0,001
ORIENTAÇÃO SEXUAL	<---	Gestão da Homofobia	0,17	p < 0,001
ORIENTAÇÃO SEXUAL	<---	IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	0,65	p < 0,001
ESTRATÉGIAS DE COPING	<---	Trajectória de Aceitação	0,15	p < 0,001
ESTRATÉGIAS DE COPING	<---	Discriminação	0,24	p < 0,001

Quadro 45 – Coeficientes de trajectória para as trajectórias significativas do Modelo Final para a dimensão “presente”.

No que diz respeito às correlações, verificaram-se as seguintes relações (quadro 46):

			Estimativas	p-value
Gestão da Homofobia	<-->	IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	0,32	p <0,001
Suporte Social	<-->	IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	0,44	p <0,001
Trajectória de Aceitação	<-->	Suporte Social	0,43	p <0,001
Gestão da Homofobia	<-->	Suporte Social	0,73	p <0,001
Gestão da Homofobia	<-->	Trajectória de Aceitação	0,48	p <0,001
Trajectória de Aceitação	<-->	IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	0,24	p <0,001
Trajectória de Aceitação	<-->	Experiências Significativas	-0,18	p <0,001
Gestão da Homofobia	<-->	Experiências Significativas	-0,20	p <0,001
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<-->	Discriminação	-0,24	p <0,001
e12	<-->	e13	0,39	p <0,001
e26	<-->	e27	0,32	p <0,001
e19	<-->	e18	0,19	p <0,001
e17	<-->	e18	0,20	p <0,001
e10	<-->	e9	0,36	p <0,001
e56	<-->	e23	0,40	P <0,001

Quadro 46 – Coeficientes de trajectória para as correlações do Modelo Final para a dimensão “presente”.

As trajectórias retidas (i. e., com coeficientes $\geq |0,4|$) podem melhor ser compreendidas na figura 66, onde se podem observar os valores resultantes das estimativas estandardizadas com coeficientes de trajectória com valor absoluto igual ou superior a 0,4 ($\geq |0,4|$):

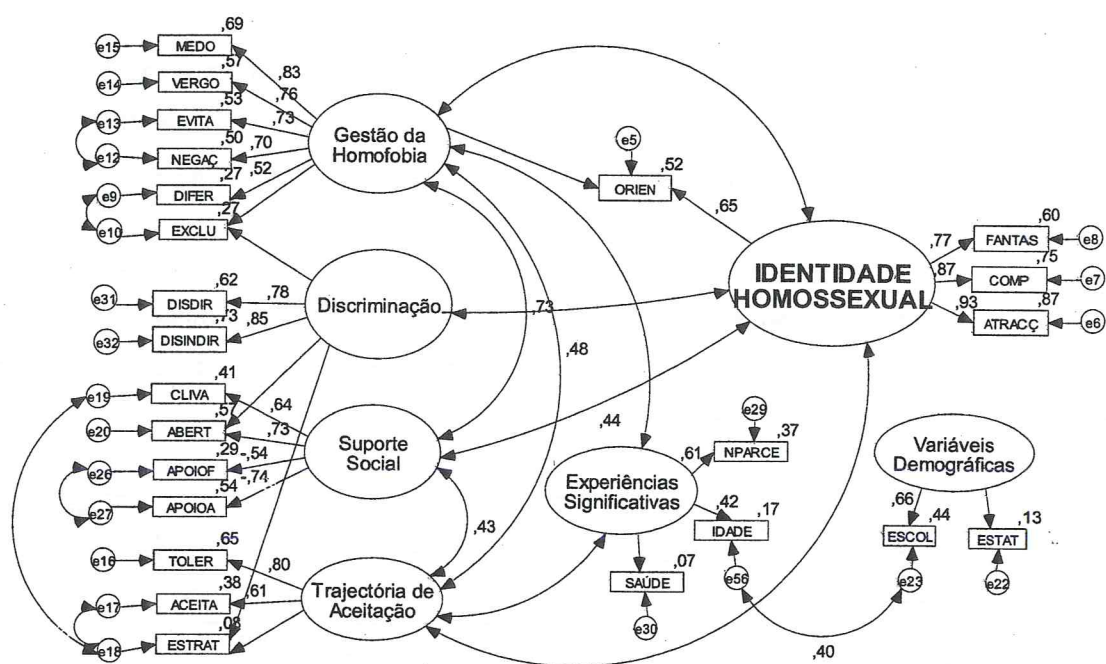


Figura 66 – Modelo Final de Equações Estruturais da Identidade Homossexual (estimativas estandardizadas para os coeficientes de trajectória $\geq |0,4|$) para a dimensão "presente" ($\chi^2 = 778,50$; gl = 238; $p < 0,01$; RMSEA = 0,048; $P(\text{RMSEA} < 0,05) = 0,840$; CFI = 0,946; PCFI = 0,801; AIC = 899,097; GFI = 0,937).

Dimensão “passado”

Para a dimensão “presente” os valores revelam uma boa adequação do modelo aos dados ($\chi^2 = 717,00$; gl = 235; p < 0,01; RMSEA = 0,045; P(RMSEA < 0,05) = 0,979; CFI = 0,945; PCFI = 0,804; AIC = 846,964, GFI = 0,941) (Anexo XIX).

Interpretando as estimativas dos parâmetros para os coeficientes estandardizados do diagrama estrutural, verificaram-se os seguintes coeficientes de regressão estandardizada associados a cada relação, traduzidos nas setas de fluxo causal (quadro 47):

			Estimativas	p-value
VERGONHA	<---	Gestão da Homofobia	0,76	p < 0,001
EVITAMENTO	<---	Gestão da Homofobia	0,73	p < 0,001
MEDO	<---	Gestão da Homofobia	0,83	p < 0,001
ACEITAÇÃO	<---	Trajectória de Aceitação	0,61	p < 0,001
TOLERÂNCIA	<---	Trajectória de Aceitação	0,80	p < 0,001
CLIVAGEM	<---	Suporte Social	0,65	p < 0,001
ATRACÇÃO SEXUAL	<---	IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	0,93	p < 0,001
COMPORTAMENTO SEXUAL	<---	IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	0,83	p < 0,001
FANTASIA SEXUAL	<---	IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	0,83	p < 0,001
NEGAÇÃO	<---	Gestão da Homofobia	0,71	p < 0,001
ESCOLARIDADE	<---	Variáveis Demográficas	0,66	p < 0,001
ESTATUTO SÓCIO-ECONÓMICO	<---	Variáveis Demográficas	0,36	p < 0,001
APOIO FAMILIAR	<---	Suporte Social	-0,55	p < 0,001
APOIO AMIGOS	<---	Suporte Social	-0,73	p < 0,001
IDADE	<---	Experiências Significativas	0,41	p < 0,001
PREOCUPAÇÕES DE SAÚDE	<---	Experiências Significativas	0,27	p < 0,001
ABERTURA	<---	Discriminação	-0,20	p < 0,001
EXCLUSÃO	<---	Discriminação	0,35	p < 0,001
DISCRIMINAÇÃO INDIRECTA	<---	Discriminação	0,86	p < 0,001
DISCRIMINAÇÃO DIRECTA	<---	Discriminação	0,78	p < 0,001
EXCLUSÃO	<---	Gestão da Homofobia	0,38	p < 0,001
DIFERENÇA	<---	Gestão da Homofobia	0,52	p < 0,001
NÚMERO DE PARCEIROS	<---	Experiências Significativas	0,61	p < 0,001
ABERTURA	<---	Suporte Social	0,73	p < 0,001
ORIENTAÇÃO SEXUAL	<---	Gestão da Homofobia	0,25	p < 0,001
ORIENTAÇÃO SEXUAL	<---	IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	0,55	p < 0,001
ESTRATÉGIAS DE COPING	<---	Trajectória de Aceitação	0,15	p < 0,001
ESTRATÉGIAS DE COPING	<---	Discriminação	0,24	p < 0,001

Quadro 47 – Coeficientes de trajectória para as relações do Modelo Final para a dimensão “passado”.

No que diz respeito às correlações, verificaram-se as seguintes relações (quadro 48):

			Estimativa	p-value
Gestão da Homofobia	<-->	IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	0,23	p <0,001
Suporte Social	<-->	IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	0,35	p <0,001
Trajectória de Aceitação	<-->	Suporte Social	0,43	p <0,001
Gestão da Homofobia	<-->	Suporte Social	0,74	p <0,001
Gestão da Homofobia	<-->	Trajectória de Aceitação	0,48	p <0,001
Trajectória de Aceitação	<-->	IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	0,24	p <0,001
Trajectória de Aceitação	<-->	Experiências Significativas	-0,17	p =0,001
Gestão da Homofobia	<-->	Experiências Significativas	-0,20	p <0,001
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<-->	Discriminação	-0,25	p <0,001
e12	<-->	e13	0,38	p <0,001
e26	<-->	e27	0,32	p <0,001
e19	<-->	e18	0,19	p <0,001
e17	<-->	e18	0,20	p <0,001
e10	<-->	e9	0,36	p <0,001
e56	<-->	e23	0,40	p <0,001

Quadro 48 – Coeficientes de trajectória para as correlações do Modelo Final para a dimensão "passado".

As trajectórias retidas (i. e., com coeficientes $\geq |0,4|$) podem melhor ser compreendidas na figura 67, onde se podem observar os valores resultantes das estimativas estandardizadas com coeficientes de trajectória com valor absoluto igual ou superior a 0,4 ($\geq |0,4|$):

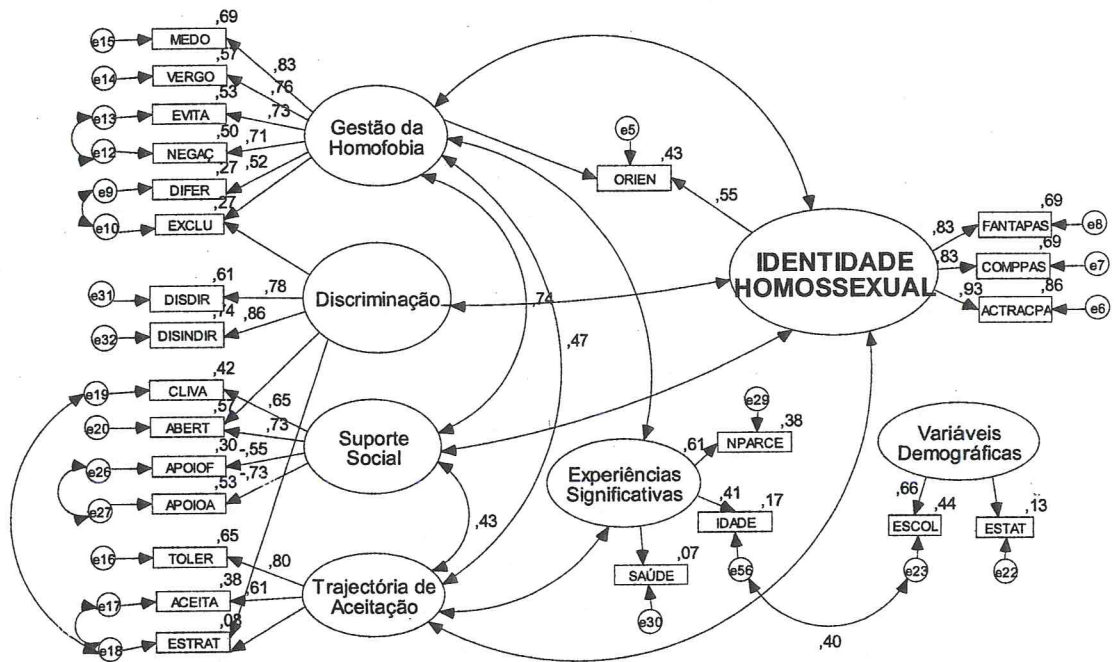


Figura 67 – Modelo Final de Equações Estruturais da Identidade Homossexual (estimativas estandardizadas para os coeficientes de trajectória $\geq |0,4|$) para a dimensão "passado" ($\chi^2 = 717,00$; gl = 235; $p < 0,01$; RMSEA = 0,045; $P(\text{RMSEA} < 0,05) = 0,979$; CFI = 0,945; PCFI = 0,804; AIC = 846,964; GFI = 0,941).

Dimensão “ideal”

Para a dimensão “ideal” os valores revelam uma boa adequação do modelo aos dados ($\chi^2 = 776,50$; $gl = 235$; $p < 0,01$; $RMSEA = 0,048$; $P(RMSEA < 0,05) = 0,802$; $CFI = 0,946$; $PCFI = 0,805$; $AIC = 906,527$; $GFI = 0,936$) (Anexo XX).

Interpretando as estimativas dos parâmetros para os coeficientes estandardizados do diagrama estrutural, verificaram-se os seguintes coeficientes de regressão estandardizada associados a cada relação, traduzidos nas setas de fluxo causal (quadro 49):

			Estimativas	p-value
VERGONHA	<---	Gestão da Homofobia	0,76	p < 0,001
EVITAMENTO	<---	Gestão da Homofobia	0,73	p < 0,001
MEDO	<---	Gestão da Homofobia	0,83	p < 0,001
ACEITAÇÃO	<---	Trajectória de Aceitação	0,62	p < 0,001
TOLERÂNCIA	<---	Trajectória de Aceitação	0,80	p < 0,001
CLIVAGEM	<---	Suporte Social	0,64	p < 0,001
ATRACÇÃO SEXUAL	<---	IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	0,93	p < 0,001
COMPORTAMENTO SEXUAL	<---	IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	0,96	p < 0,001
FANTASIA SEXUAL	<---	IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	0,90	p < 0,001
NEGAÇÃO	<---	Gestão da Homofobia	0,70	p < 0,001
ESCOLARIDADE	<---	Variáveis Demográficas	0,66	p < 0,001
ESTATUTO SÓCIO-ECONÓMICO	<---	Variáveis Demográficas	0,36	p < 0,001
APOIO FAMILIAR	<---	Suporte Social	-0,55	p < 0,001
APOIO AMIGOS	<---	Suporte Social	-0,73	p < 0,001
IDADE	<---	Experiências Significativas	0,41	p < 0,001
PREOCUPAÇÕES DE SAÚDE	<---	Experiências Significativas	0,27	p < 0,001
ABERTURA	<---	Discriminação	-0,20	p < 0,001
EXCLUSÃO	<---	Discriminação	0,35	p < 0,001
DISCRIMINAÇÃO INDIRECTA	<---	Discriminação	0,86	p < 0,001
DISCRIMINAÇÃO DIRECTA	<---	Discriminação	0,78	p < 0,001
EXCLUSÃO	<---	Gestão da Homofobia	0,38	p < 0,001
DIFERENÇA	<---	Gestão da Homofobia	0,52	p < 0,001
NÚMERO DE PARCEIROS	<---	Experiências Significativas	0,62	p < 0,001
ABERTURA	<---	Suporte Social	0,73	p < 0,001
ORIENTAÇÃO SEXUAL	<---	Gestão da Homofobia	0,15	p < 0,001
ORIENTAÇÃO SEXUAL	<---	IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	0,55	p < 0,001
ESTRATÉGIAS DE COPING	<---	Trajectória de Aceitação	0,15	p < 0,001
ESTRATÉGIAS DE COPING	<---	Discriminação	0,24	p < 0,001

Quadro 49 – Coeficientes de trajectória para as relações do Modelo Final para a dimensão “ideal”.

No que diz respeito às correlações, verificaram-se as seguintes relações (quadro 50):

			Estimativa	p-value
Gestão da Homofobia	<-->	IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	0,44	p <0,001
Trajectória de Aceitação	<-->	Suporte Social	0,43	p <0,001
Gestão da Homofobia	<-->	Suporte Social	0,74	p <0,001
Gestão da Homofobia	<-->	Trajectória de Aceitação	0,48	p <0,001
Trajectória de Aceitação	<-->	IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	0,22	p <0,001
Trajectória de Aceitação	<-->	Experiências Significativas	-0,17	p <0,001
Gestão da Homofobia	<-->	Experiências Significativas	-0,18	p <0,001
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<-->	Discriminação	-0,18	p <0,001
Suporte Social	<-->	IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	0,42	p <0,001
e12	<-->	e13	0,39	p <0,001
e26	<-->	e27	0,32	p <0,001
e19	<-->	e18	0,19	p <0,001
e17	<-->	e18	0,20	p <0,001
e10	<-->	e9	0,36	p <0,001
e56	<-->	e23	0,40	p <0,001
				p <0,001

Quadro 50 – Coeficientes de trajectória para as correlações do Modelo Final para a dimensão "ideal".

As trajectórias retidas (i. e., com coeficientes $\geq |0,4|$) podem melhor ser compreendidas na figura 68, onde se podem observar os valores resultantes das estimativas estandardizadas com coeficientes de trajectória com valor absoluto igual ou superior a 0,4 ($\geq |0,4|$):

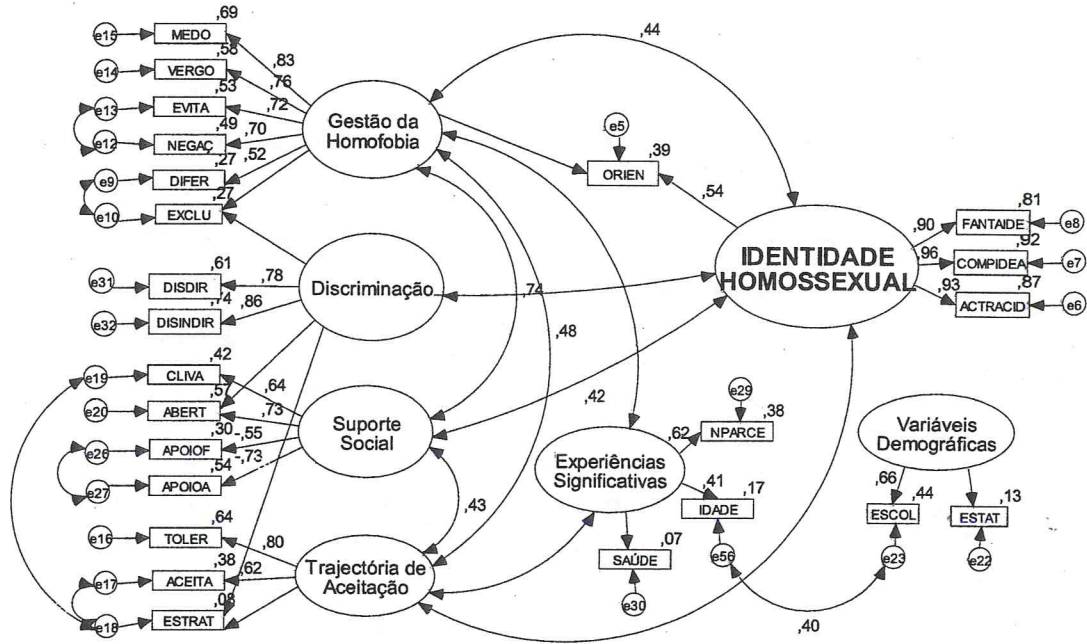


Figura 68 – Modelo Final de Equações Estruturais da Identidade Homossexual (estimativas estandardizadas os coeficientes de trajectória $\geq |0,4|$) para a dimensão “ideal” ($\chi^2 = 776,50$; gl = 235; $p < 0,01$; RMSEA = 0,048; $P(\text{RMSEA} < 0,05) = 0,802$; CFI = 0,946; PCFI = 0,805; AIC = 906,527; GFI = 0,936).

Da comparação entre os Modelos Finais para as dimensões “presente”, “passado” e “ideal”

Para proceder à comparação entre os três Modelos Finais para as dimensões “presente”, “passado” e “ideal”, utilizou-se o AIC (*Akaike Information Criterion*) e o BIC (*Bayes Information Criterion*) de modo a estimar qual deles é o mais ajustado. Nesta comparação, o modelo que se ajusta melhor é o que tiver um AIC e um BIC menores (Burnham & Anderson, 2002). Assim, como se pode ver no quadro 51, o modelo mais adequado é aquele da dimensão “passado”.

Modelo Final	χ^2	gl	CMIN/DF	RMSEA	P(RMSEA <0,05)	CFI	PCFI	AIC	BIC
Dimensão “presente”	778,50	238	3,271	0,048	0,840	0,946	0,801	899,097	1218,102
Dimensão “passado”	717,00	235	3,051	0,045	0,979	0,945	0,804	846,964	1165,968
Dimensão “ideal”	776,50	235	3,304	0,048	0,802	0,946	0,806	906,527	1225,531

Quadro 51 – Comparação do ajustamento entre os Modelos Finais

CAPÍTULO 6 – DISCUSSÃO

Discussão

No presente estudo, procurou-se desenvolver procedimentos metodológicos para explicar o modo como os indivíduos que se identificam como homo ou bissexuais constroem a sua identidade homossexual. Os resultados obtidos corroboram a ideia de que a dinâmica sócio-cultural desempenha um papel muito importante na formação da identidade homossexual.

Contou-se com a participação de uma amostra bastante heterogénea relativamente à caracterização sócio-demográfica (nomeadamente com a participação de indivíduos de proveniências geográficas diversas, estatutos sócio-económicos, idades e escolaridades distintos, com uma variância considerável entre grupos). Este facto permitiu a construção de um modelo generalizável.

Nesta discussão dá-se forma à interpretação de cada um dos modelos obtidos, nomeadamente o Modelo Inicial, o Modelo Alternativo e o Modelo Final, que, como já foi dito, apresentam todos bons ajustamentos aos dados. Porém, daremos particular ênfase ao Modelo Final para a dimensão “passado” já que é aquele que melhor ajustamento revela, indicando que são as experiências confirmadas pelas vivências passadas que mais peso exercem no processo de construção identitária.

Assim sendo, esta discussão de resultados incidirá sobre a interpretação dos Modelos, à luz do objectivo central da presente investigação, i.e., explicar o modo como os indivíduos constroem a sua identidade homossexual.

Do Modelo Inicial

A base teórica do modelo inicial decorreu da fundamentação teórica explorada no presente trabalho. Como tal, assumia que a Identidade Homossexual era influenciada por um conjunto de dimensões psicossociais, nomeadamente, pelos sentimentos de alienação face à identidade, pelo modo como os indivíduos gerem a homofobia, pelo seu posicionamento face à trajectória de aceitação da identidade, pelas estratégias de *coping* face ao preconceito, o modo como gerem a aceitação da identidade e o modo como relativizam essa mesma identidade.

Por outro lado, seria também influenciada pela presença de apoio e força interior, pelas experiências de discriminação, pelos papéis sexuais sociais, pela vivência de experiências de natureza sexual, pela orientação sexual e, finalmente, pela influência de um conjunto de variáveis sócio-demográficas.

Os resultados obtidos no Modelo Inicial fornecem suporte empírico que nos permite dizer que a Identidade Homossexual é pouco explicada pelo conjunto de variáveis latentes que se estabeleceram. Por exemplo, a identidade está fracamente associada às “Relações Sexuais” (medidas pelas variáveis manifestas “número de parceiros” e “preocupações de saúde por causa da sexualidade”), pela “Orientação Sexual” (medida pela “auto-identificação face à identidade”, pela “Atração Sexual”, pelo “Comportamento Sexual” e pelas “Fantasias Sexuais”), pelos “Papéis Sexuais Sociais” (medidos pela “Masculinidade” e pela “Feminilidade”), pelo “Apoio/Força Interior” (medidos pelo “Apoio dos Amigos”, “Apoio Familiar” e “Força do *Self*”), pelas variáveis demográficas (“Sexo”, “Estado civil”, “Idade”, “Estatuto sócio-económico” e “Escolaridade”) e por todas as medidas operacionalizadas através do Questionário de Identidade Homossexual, nomeadamente a “Alienação face à Identidade”, a “Gestão da Homofobia”, a “Trajectória de Aceitação da Identidade”, as “Estratégias de *Coping* face ao preconceito”, a “Gestão da Aceitação da Identidade” e a “Relativização da Identidade”.

No entanto, importa determo-nos sobre o único coeficiente de trajectória que se revelou significativo na explicação da Identidade Homossexual neste

Modelo Inicial: “As Experiências de Discriminação”, tal como foram medidas pelas variáveis “Experiências de Discriminação Directa” e “Experiências de Discriminação Indirecta”.

Os dados recolhidos sugerem que, no confronto com todos os determinantes da construção identitária, são as experiências de discriminação que mais influência exercem, o que corrobora a ideia de Ryan & Futterman (2001) que, hoje em dia, os indivíduos têm mais oportunidades de se identificarem com várias dimensões, mas isto acarreta igualmente maior pressão social negativa, traduzida sob a forma de discriminação.

Por outro lado, ao contrário do que nos sugerem Elizur & Ziv (2001), quanto melhor os indivíduos gerem a aceitação da sua identidade homossexual, menor apoio familiar dizem possuir, enfatizando o facto de as duas dimensões serem incompatíveis. Isto pode ter a ver com a antecipação da rejeição ou devido ao *stress* acrescido que a identidade homossexual coloca na relação entre pais e filhos (Cramer & Roach, 1988; D’Augelli, Hershberger & Pilkington, 1998).

Assim, o Modelo Inicial corrobora a ideia da família de escolha (Weston, 1991) que se traduz pela relação negativa entre a “Gestão da Aceitação” e o “Apoio dos Amigos”, ou seja, quanto menos abertura e mais clivagem na vivência da sexualidade os indivíduos tiverem, mais necessidade de apoio familiar e dos amigos também têm.

Finalmente, a correlação obtida entre as “Experiências de Discriminação” e a “Alienação” e a correlação obtida entre a “Gestão da Aceitação” e a “Alienação”, permite-nos compreender que, tal como nos dizem Renzetti (1992) e Lettelier (1996), quanto mais diferentes, excluídos e isolados os indivíduos se sentirem, mais hipóteses têm de se sentirem discriminados e vice-versa, ao passo que quanto pior gerirem a aceitação da sua identidade homossexual, mais alienados se sentirão e vice-versa.

Do Modelo Alternativo

Procedeu-se à construção do Modelo Alternativo devido ao facto de o modelo inicial de medida não apresentar uma boa adequação dos dados, tal como estava previsto pelas trajectórias delineadas.

Assim, no Modelo Alternativo assumiu-se que a Identidade Homossexual era influenciada pelo modo como os indivíduos geriam a homofobia, pelo modo como se posicionavam face à trajectória de aceitação dessa identidade, pelo suporte social, pela qualidade de experiências significativas, pelas experiências de discriminação, pela orientação sexual e, finalmente, pela presença de variáveis sócio-demográficas.

Os resultados obtidos no Modelo Alternativo fornecem suporte empírico que nos permite afirmar que a “Identidade Homossexual” é, efectivamente, influenciada pela “Discriminação”, pelo “Suporte Social”, pela “Gestão da Homofobia” e pela “Trajectória de Aceitação”, tal como se verificou através do facto de os coeficientes de trajectória serem $\geq |0,4|$ (maiores ou iguais a 0,4 em valor absoluto).

Uma vez que o Modelo Alternativo resulta da Análise Factorial de todas as variáveis em jogo, apenas aquelas que se apresentaram fortemente correlacionadas foram incluídas no modelo. Deste modo, ficaram outras variáveis de fora que, apesar de terem suporte teórico, não se apresentavam aferidas em nenhum dos factores latentes constituídos com a análise factorial exploratória.

Uma das primeiras noções com que o Modelo Alternativo nos confronta é com o facto de a presença da variável “Sexo” não facilitar um bom ajustamento, ou seja, relativamente ao processo de construção identitária, parece não ser importante se se é homem ou mulher, o que contraria as noções de Brown (1995) para a especificidade das mulheres neste processo.

As influências das “Experiências de Discriminação” neste processo já foram descritas para o Modelo Inicial, mas importa referir que esta variável passou a ser medida também pela “Exclusão”, para além das “Experiências de Discriminação Directa” e “Experiências de Discriminação Indirecta”. Este é um facto importante, na medida em que se contempla aqui uma abordagem à

questão da homofobia internalizada, na medida em que se trata de uma auto-exclusão por causa da sexualidade, o que reforça a ideia auto-estigmatização (Thoits, 1985), da animosidade social face à vivência da negatividade (Isay, 1989) e o impacto do preconceito sentido numa sociedade heterossexista (Williamson, 2000).

Verifica-se que a necessidade de “Suporte Social” também influencia a “Identidade Homossexual” (coeficiente de trajectória $\geq |0,4|$), na medida em que, não tendo o apoio dos amigos nem o apoio da família, maiores probabilidades de má adaptação psicológica os indivíduos teriam (Armesto & Weisman, 2001; Newman & Muzzonigro, 1993; Elizur & Ziv, 2001). No entanto, o facto de os indivíduos terem abertura (não escondendo a sua identidade) e o facto de separarem dois mundos na vivência da sua sexualidade (um mundo homossexual e um mundo heterossexual) são também preditores de uma boa integração identitária. Ou seja, a combinação da vivência homoerótica com algum sentido de pertença grupal resulta numa identidade homossexual comunitária (McCarn & Fassinger, 1996).

Verifica-se também que o “Suporte Social” influencia também a própria expressão da “Orientação Homossexual”. Uma vez que, neste Modelo Alternativo, esta é medida pela “Auto-classificação face à orientação sexual”, e também pela “Atracção Sexual”, pelo “Comportamento Sexual” e pelas “Fantasias Sexuais” (Klein, 1990;1993), estes resultados confirmam as observações de Green (1987) e de Bailey & Zucker (1995) que indicam existir uma forte correlação entre o desenvolvimento de uma orientação homossexual e a presença de suporte social.

Por outro lado, o facto de a “Trajectória de Aceitação da Identidade” ter um peso significativo na “Identidade Homossexual” (coeficiente de trajectória $\geq |0,4|$) sugere que quantas mais estratégias para lidar com o preconceito os indivíduos utilizarem, quanto menos tolerarem a sua identidade e quanto mais a aceitarem, mais se contribui para a consolidação da identidade homossexual. Estes resultados corroboram as ideias de aceitação identitária de vários modelos de identidade homossexual (Coleman, 1981;1982; Newman & Muzzonigro, 1993; Minton & MacDonald, 1983; Troiden, 1989; Nonn, 1997; Nicholas, 1995; Parker, 1994; Rubio, 1999; Alderson, 2003).

Finalmente, fica clara a relação directa entre a eficaz “Gestão da Homofobia” e a “Identidade Homossexual”. O coeficiente de trajectória negativo sugere que quanto menos os indivíduos se sentirem diferentes por causa da sua sexualidade, quanto menos negarem, evitarem, tiverem vergonha e medo, melhor é a integração identitária. Tal como propõe Troiden (1989), as pessoas escolhem estratégias para lidarem com a homofobia; uma boa integração identitária dependerá do modo como o indivíduo gere o possível confronto com ameaças externas e internas, também do qual dependerá o seu bem-estar emocional (Mondimore, 1998).

O Modelo também corrobora a associação causal entre a “Gestão da Homofobia” e o “Suporte Social” e o coeficiente de trajectória positivo sugere que quanto mais suporte social tiverem, mais eficazmente serão capazes de gerir a homofobia vivenciada na expressão da sua sexualidade (Castañeda, 1999).

O facto de a “Orientação Sexual” não mostrar qualquer relação significativa com a “Identidade Homossexual” (coeficiente de trajectória $< |0,4|$), ao contrário do sustentado teoricamente de que a orientação sexual seria a base da construção da identidade homossexual (Shively & DeCecco, 1977; Bronski, 1998) fez-nos considerar a possibilidade de a identidade homossexual ser uma medida directa da orientação sexual ou, ainda, o resultado de uma assimilação da mesma. De referir que a presença da variável manifesta “auto-identificação quanto à orientação sexual”, juntamente com as variáveis manifestas “atracção sexual”, “comportamento sexual” e “fantasia sexual” como medida da variável latente “Identidade Homossexual” é concomitante com a visão de Narring *et al.* (2003) que nos sugerem que “*as fantasias sexuais, a atracção sexual, o comportamento sexual e a auto-identificação são consideradas dimensões da identidade homossexual*” (p. 233).

Para explorar este pressuposto, discute-se o ajustamento do Modelo Final.

Do Modelo Final

Os resultados obtidos no Modelo Final fornecem um suporte empírico que nos permite afirmar que a “Identidade Homossexual” é o resultado da assimilação da “Orientação Sexual”.

Se, por um lado, este facto resolveu a incapacidade para testar a significância dos coeficientes de trajectória resultante da “Identidade Homossexual” ser medida através de outras variáveis latentes (dado que passou a ser medida directamente através das variáveis manifestas), por outro lado confrontou-nos com a necessidade de redefinir a problemática da Identidade Homossexual, desde um ponto de vista teórico.

Arriscamo-nos a dizer que a Identidade Homossexual é medida pela auto-classificação dos indivíduos face aos rótulos disponíveis (“Auto-identificação”), pela “Atracção Sexual”, pelo “Comportamento Sexual” e pelas “Fantasias Sexuais”. Ou seja, provavelmente, o próprio conceito de Identidade Homossexual não existe, mas os efeitos conservadores das classificações de identidade jazem na habilidade de se naturalizarem como categorias descritivas auto-evidentes (Butler, 1993).

Como vimos anteriormente, é o Modelo Final respeitante à dimensão “passado” que melhor ajustamento apresenta. Isto indica que, provavelmente, os indivíduos necessitam de algum tempo para acomodarem a um nível identitário as confirmações experienciadas pela atracção, pelo comportamento e pela fantasia sexuais passadas. Por outras palavras, se as atracções, os comportamentos e as atracções homoeróticas são mais estáveis e uniformes do que a identidade ao longo do tempo (Laumann *et al.*, 1994) provavelmente os indivíduos tomarão como referência actual no processo de construção da sua identidade homossexual, as experiências passadas.

Relativamente a este Modelo, verifica-se que a Identidade Homossexual está correlacionada com a “Gestão da Homofobia”, i.e., quanto mais eficazmente os indivíduos gerirem a homofobia, melhor se identificarão e vice-versa; e também com a “Discriminação”, i.e., quanto menos discriminados se sentirem, melhor se identificarão e vice-versa; o mesmo acontece com o “Suporte Social”, i.e., quanto mais suporte social tiverem, melhor se

identificação e vice-versa; acontecendo o mesmo para a “Trajectória de Aceitação”, ou seja, quanto melhor os indivíduos lidarem com o preconceito, e quanto mais aceitação tiverem, melhor se identificarão e vice-versa.

Os resultados aqui obtidos corroboram a ideia de que, ao contrário do proposto pelos modelos de identidade homossexual mais utilizados na literatura (Cass, 1979;1990; Coleman, 1980;1981; Troiden, 1989;1998), os indivíduos parecem mostrar categorias mais flexíveis face à identidade, e significados e importâncias diversas (Lehtonen, 1998; Horowitz & Newcomb, 2001), face à identificação homossexual.

Tal como foi suportado pela significância dos coeficientes estruturais produzidos por este modelo, a identidade homossexual é mais do que uma auto-identificação perante a tomada de consciência face aos comportamentos, às atracções e às fantasias homoeróticas; é também o modo como os indivíduos lidam com a discriminação e a homofobia; o modo como se dão a revelar aos outros; consoante as experiências significativas que vão tendo; e, finalmente, consoante o suporte social que possuem.

As constatações suportadas empiricamente neste modelo final são congruentes com a proposta social-construtivista, que defende que os indivíduos constroem activamente as suas identidades, utilizando o seu contexto social para o fazerem. Afinal tornar-se homossexual é uma questão de o indivíduo aprender a ver-se como tal (Hart & Richardson, 1981).

A sexualidade não é uma construção necessária, na medida em que as relações entre as pessoas, quer sejam de género idêntico ou oposto, sempre ocorreram. Contudo, o espaço onde essas relações acontecem, traz implicações importantes para a identidade sexual, consoante o modo como são valorizadas individuais, social ou politicamente.

Propor um modelo explicativo para a construção da identidade homossexual tornou-se uma necessidade, na medida em que os modelos existentes na literatura se revelavam lineares, simplistas e impregnados de um carácter essencialista que nos era difícil aceitar, dada a parca consideração da importância do contexto social.

Embebidos da crença que a construção da identidade homossexual se faz por recurso a um conjunto de interacções moldadas pelo contexto social, procurou-se uma abordagem ao seu estudo intrincada na complexidade, na

variabilidade e na dinâmica próprias desse mesmo contexto, considerando várias influências e contemplando diversos modos de gestão da própria sexualidade, conferindo um carácter integracionista de todos os componentes da identidade sexual.

Por ser um trabalho novo, deparámo-nos com uma total ausência de estudos sobre as variáveis em questão em Portugal. Este facto apresenta-se como uma limitação uma vez que a construção das variáveis está intrincada em factores culturais.

Por outro lado, a obtenção dos participantes ficou restringida ao universo de utilizadores da Internet. Apesar de sabermos que os elementos da população homossexual e bissexual são utilizadores ávidos das novas tecnologias de informação e de ter-se reunido participantes com características sócio-demográficas heterogéneas que contribuíssem para uma grande variabilidade e, logo, facilitassem a representatividade da amostra, ficaram de fora os participantes que não podiam ou não queriam aceder à Internet onde estavam disponíveis os instrumentos.

No entanto, este trabalho permitiu uma avaliação dos determinantes da construção da identidade homossexual, corroborando de novo o carácter social construtivista deste processo. Na figura 69, encontra-se o Modelo Empírico de Identidade Homossexual desenvolvido neste trabalho.

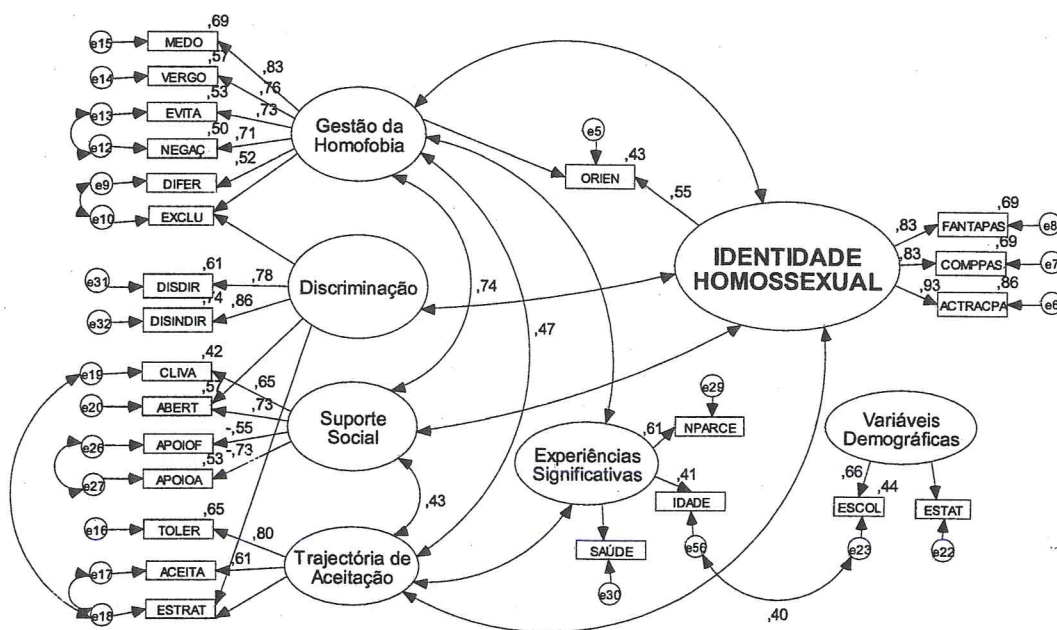


Figura 69 – Modelo Empírico de Identidade Homossexual (estimativas estandardizadas) para a dimensão “passado” ($\chi^2 = 717,00$; gl = 235; $p < 0,01$; RMSEA = 0,045; $P(RMSEA < 0,05) = 0,979$; CFI = 0,945; PCFI = 0,804; AIC = 846,964; GFI = 0,941).

A proposta de um modelo explicativo da identidade homossexual não se esgota aqui. A sexualidade humana e, particularmente, o conceito de identidade sexual são constructos que continuarão a sofrer mudanças, tais são os condicionalismos de ordem cultural que determinam interacções diferentes e, logo, influenciarão o modo como as pessoas constroem a sua identidade.

O modelo que se apresenta como tese procura responder às limitações avaliadas desde um ponto de vista social construtivista dentro da Psicologia e da prática clínica. Assume-se, portanto, o objectivo de servir como um agente de mudança social e de integração científica. Afinal, o papel da psicologia como ciência deverá ser também o de compreender e aceitar as pessoas que se identificam como não-heterossexuais e trabalhar para uma sociedade que lhes possibilite uma expressão identitária em liberdade.

O plano de construção de uma identidade homossexual faz-se porque existe uma categoria (homossexualidade) no contexto sócio-cultural e as componentes identitárias das quais decorre, são, em boa parte, fruto da experiência inter-relacional e social.

É fácil constatar que só depois da segunda guerra mundial é que a dicotomia hetero/homossexual se tornou o grande *pivot* da organização da vida erótica das pessoas. Antes disso, um homem masculino, por exemplo, poderia ter relações sexuais com outros homens sem que isso pusesse em causa a sua masculinidade, a sua virilidade ou a sua identidade. No entanto, depois disso, observou-se uma organização diferente entre estas pessoas, na medida em que se estabeleceram novos critérios definidores do sentido de pertença à categoria “homossexual”. Neste pequeno exemplo, adivinha-se a importância da influência das dimensões “identidade de género”, “papéis sexuais sociais” e “orientação sexual” na definição identitária de cada um.

A construção de uma identidade sexual constitui uma tarefa fundamental para o sentido integrado de uma identidade global, um sentido de EU verdadeiro. Assim, a explicação identitária para as pessoas não-heterossexuais passa pela compreensão de um conjunto de etapas relativamente às crenças psicossociais sobre as várias categorias sexuais face às etiquetas disponíveis que essas pessoas podem aceitar ou não como suas.

A maioria das sociedades mundiais sempre constatou a existência de comportamentos de natureza homossexual. No entanto, apenas a nossa sociedade ocidental racionalizou esse facto, “inventando” uma identidade de carácter específico, mais ou menos permanente. Se por um lado isto pode ser libertador, por outro pode ser uma visão redutora da própria sexualidade humana.

A visão construtivista proposta no presente trabalho, convida ao reconhecimento das diferentes possibilidades de afirmação sexual de qualquer pessoa num universo complexo. Nunca houve, há ou haverá uma clara definição das fronteiras entre homem/mulher, masculino/feminino, homossexual/heterossexual. A ambiguidade, a pluralidade e mesmo a fusão entre as várias dimensões têm sido uma constante histórica. Ou seja, a nossa identidade encontra-se mais na organização psíquica e na relação que

estabelecemos com os outros e com o mundo do que no genes ou nos órgãos genitais.

As categorias actualmente em vigor sobre o que é ser homem/mulher, masculino/feminino ou homossexual/heterossexual criam estereótipos socialmente rígidos, tão rígidos que nos atrevemos a dizer, tal como o disse Simone de Beauvoir, não se nasce nem se é homem ou mulher, masculino ou feminino, homossexual ou heterossexual; torna-se!

A identidade é o resultado da construção social que fazemos da realidade; é uma ficção rendida à necessidade de confirmação constante. Quando alguém se identifica como homossexual, por exemplo, não está a fazer mais do que colocar uma etiqueta de que é homem, é masculino e tem sentimentos homoeróticos ou de que é mulher, é feminina e tem sentimentos homoeróticos.

As dicotomias operacionalizadas pelo pensamento binário sobre o que é ser macho / fêmea, homem / mulher, masculino / feminino, homossexual / heterossexual colocam questões importantes, nomeadamente a existência de um certo *apartheid* sexual e um certo fundamentalismo identitário nas nossas sociedades, observado pela intolerância face à diversidade sexual.

Não basta que uma sociedade tolere ou proteja a diversidade sexual; é também fundamental que desencadeie mecanismos de integração positiva, ao nível pessoal, social, ideológico, científico e político. Tal como nos diz Almeida (2004, p. 97-98):

“em Portugal as noções de comunidade, cultura e política, precisariam de avaliar os três estádios do movimento (homofilia, gay e queer) e proceder ao bricolage conceptual e estratégico que a situação portuguesa de semi-periferia e atraso estrutural permitem, em vez de subscrever um modelo desenvolvimentista, em que supostamente se teria que passar pelas fases por que se passou noutros contextos”.

A partir do momento em que a sociedade permitir que a homossexualidade desapareça como um critério de classificação das pessoas e esta se diluir no mundo social como mais uma característica dos indivíduos, o próprio conceito de identidade homossexual deixará se fazer sentido.

BIBLIOGRAFIA

- Abraham, G. & Passini, W. (1980). *Introducción a la sexología médica*. Barcelona: Crítica
- Abrams, D. & Hogg, M. (1990). *Social Identity theory: Constructive and critical advances*. London: Harvester-Wheatsheaf.
- Abrams, D. (1994). Social self regulation. Special issue: the self and the collective. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 20, 473-483.
- Adam, B. D. (2000). Love and Sex in Constructing Identity Among Men Who Have Sex with Men. *International Journal of Sexuality and Gender Studies*, 5 (4), 325-339.
- Alderson, K. G. (2003). The Ecological model of gay male identity. *The Canadian Journal of Human Sexuality*, 12 (2), 75-85.
- Alferes, V. (1997). *Encenações e Comportamentos Sexuais. Para uma Psicologia Social da Sexualidade*. Porto: Edições Afrontamento.
- Allen, L. S., Hines, M., Shryne, J. E. & Gorsky, R. (1989). Two sexually dimorphic cell groups in the human brain. *Journal of Neuroscience*, 9, 497-506.
- Allport, G.W. (1954). *The Nature of Prejudice*. Reading, MA: Addison-Wesley.
- Almeida, M. V. (2004). A teoria queer e a contestação da categoria 'género'. In António Fernando Cascais (Ed.), *Indisciplinar a teoria. Estudos Gays, Lésbicos e Queer* (pp. 91-98). Lisboa: Fenda.
- Amâncio, L. (1994). *Masculino e Feminino. A Construção social da diferença*. Porto: Edições Afrontamento.
- Amaral, A. L. & Moita, M. G. (2004). Como se faz (e se desfaz?) o armário: algumas representações da homossexualidade no Portugal de hoje. In António Fernando Cascais (Ed.), *Indisciplinar a teoria. Estudos Gays, Lésbicos e Queer* (pp. 99-115). Lisboa: Fenda.
- American Heritage (2000). *Dictionary of the English Language*. Houghton Mifflin.
- American Psychiatric Association (2000). Commission on Psychotherapy by Psychiatrists: Position Statements on therapies focused on attempts to change sexual orientation. *American Journal of Psychiatry*, 157, 1719-1721.

- American Psychological Association (1992). *Ethical Principles of Psychologists and Code of Conduct*. Retirado em 20 de Abril de 2004 de: <http://www.apa.org/ethics/code1992.html>
- American Psychological Association (1997). *Policy Statements on Lesbian, Gay, and Bisexual Concerns*. Retirado em 20 de Abril de 2004 de: <http://www.apa.org/pi/lgbpolicy/orient.html>
- American Psychological Association (2000). *Public Affairs*. Retirado em 5 de Abril de 2003 de: <http://www.apa.org/about/division/cmpubint4.html#27>
- Arbuckle, J. L. & Wothke, W. (1999). *Amos 4.0 user's guide*. Chicago: SPSS.
- Arbuckle, J. L. (2003). AMOS (Versão 5.0) [Software de computador]. Chigaco: SmallWaters Corporation.
- Armesto, J. & Weisman, A. (2001). Attributions and emotional reactions to the identity disclosure ("coming out") of a homosexual child. *Family Process*, 40 (2), 145-162.
- Ashmore, R.D. (1990). Sex, Gender and the Individual. In L.A. Pervin (Ed.), *Handbook of Personality* (pp. 486-526). New York: Plenum Press.
- Association of Internet Researchers Ethics Working Committee (2001). Retirado a 6 outubro de 2003 de: <http://aoir.org/reports/ethics.html>
- Atkinson, J. H., Grant, I. & Kennedy, C. J. (1998). Prevalence of psychiatric disorders among men infected with HIV. *Archives of General Psychiatry*, 45, 859-864.
- Ayala, J. & Coleman, H. (2000). Predictors of depression among lesbian women. *Journal of Lesbian Studies*, 4, 71-86.
- Badinter, E. (1993) *Um é o outro*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Bailey, J. M., & Pillard, (1991). A genetic study of male sexual orientation. *Archives of General Psychiatry*, 48, 1089-1096.
- Bailey, J. M. & Bell, A. P. (1993). Familiarity of female and male homosexuality. *Behavior Genetics*, 23, 313-322.
- Bailey, J. M., & Zucker, K. J. (1995). Childhood sex-typed behavior and sexual orientation: A conceptual analysis and quantitative review. *Developmental Psychology*, 31, 43-55.
- Bandura, A. (1977). *Social Learning Theory*. Englewood Cliffs: Prentice Hall.
- Barash, D. P. (1982). *Sociobiology and behaviour*. Londres: Heinemann.

- Barber, T. (2001). Implications of computer mediated arousal: SM and the introduction of cyberfetishism. Comunicação apresentada no *World Congress of Sexology*, Paris.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Baumeister, R. F. (1986). *Identity, cultural change and the struggle for self*. New York: Oxford University Press.
- Beach, F. A. (1977). *Human Sexuality in four perspectives*. Baltimore: Johns Hopkins Press.
- Beatty, J. (2001). *The Human Brain: Essentials of behavioral neuroscience*. Thousand Oakes: Sage Publications.
- Bell, A. P., Weinberg, M. S. & Hammersmith, S. K. (1981). *Sexual preference, its development in men and women*. Bloomington: Indiana University Press.
- Bem, S.L. (1981). Gender Schema Theory: A Cognitive account of sex typing, *Psychological Review*, 88, 354-364.
- Bem, S. L. (1993). *The Lenses of Gender: transforming the debate on sexual inequality*. Binghamton, New York: Vail-Ballou Press.
- Benotsch, E.G., Kalichman, S. & Cage, M. (2002). Men who have sex partners via the internet: prevalence, predictors, and implications for HIV prevention. *Arch. of Sexual Behavior*, 31 (2), 177-183.
- Berger, J. S. & Luckman, T. (1966). *The social construction of reality: A treatise in the sociology of knowledge*. Garden City, NY: Doubleday
- Bergler, E. (1956). *Homosexuality: Disease or Way of Life?* New York: Hill & Wang.
- Bhattacharyya, G. (2002). *Sexuality and Society. An introduction*. Londres: Routledge.
- Bieber, I. (1962). *Homosexuality*. New York: Basic Books.
- Blackwood, E. (1993). Breaking the mirror: The construction of lesbianism and the anthropological discourse on homosexuality. In D. N. Suggs & A. W. Miracle (Eds.), *Culture and human sexuality* (pp. 328-340). Pacific Grove: Brooks/Cole.
- Blackwood, E. (1986). *Anthropology and homosexual behavior*. New York: Haworth Press.
- Blanchard, R. & Bogaert, A. (1996). Homosexuality in men and number of older brothers. *American Journal of Psychiatry*, 153, 27-34.

- Blustein, D.L. & Noumair, D.A. (1996). Self and identity in career development: Implications for theory and practice. *Journal of Counseling Development*, 74, 433-441.
- Bohan, J. S. (1997). Regarding Gender. Essentialism, Constructionism, and Feminist Psychology. In Gergen, M. & Davis, S. (Eds.). *Toward a New Psychology of Gender* (pp. 31-48). New York: Routledge.
- Bonsall, R. W. & Michael, R. P. (1989). Pretreatments with 5 α dihydrotestosterone and the uptake of testosterone by cell nuclei in the brains of male rhesus monkeys. *Journal Steroid Biochemistry*, 33 (3), 405.
- Bosma, H. A. & Kunnen, E. S. (2001). *Identity and emotion: A self-organisational process*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss: Separation, anxiety and anger*. New York: Basic Books.
- Bozon, M. (2001). Sexuality, gender, and the couple: a sociohistorical perspective. *Annual review of sex research*, 12, 1-32.
- Brannon, L. (2002). *Gender: psychological perspectives*. Boston: Allyn & Bacon.
- Breger, L. (1974). *From instinct to identity: The development of personality*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall.
- Brettell, C. & Sargent, C. (1997). *Gender in Cross-Cultural Perspective*. New Jersey: Prentice Hall.
- Bronski, M. (1998). *The pleasure principle*. New York: St. Martin's Press.
- Brooks II, J. & DuBois, D. (1995). Individual and Environmental predictors of adjustment during the first year of college. *Journal of College Students Development*, 36 (4), 347-360.
- Brown, L. S. (1995). Lesbian identities: concepts and issues. In A. D'Augelli and C. Patterson (Eds.), *Lesbian, gay, and bisexual identities over the lifespan: psychological perspectives* (pp. 3-21). New York: Oxford University Press.
- Browne, M. W., & Cudeck, R. (1993). Alternative ways of assessing model fit. In K. A. Bollen & J. S. Long (Orgs.), *Testing structural equation models* (pp. 136-162). Thousand Oaks, California: Sage.
- Brown, R. J. & Deschamps, J. C. (1980). Discrimination entre individus et entre groupes. *Bulletin de Psychologie*, 34, 185-195.
- Brownmiller, S. (1984). *Femininity*. New York: Linden Press.

- Burke, P. (1991). Identity processes and social stress. *American Sociological Review*, 56 (6), 836-849.
- Burke, P. & Cast, A. (1997). Stability and change in the gender identities of newly married couples. *Social Psychology Quarterly*, 60, 277-290.
- Burke, P. & Reitzes, D. (1981). The link between identity and role performance. *Social Psychology Quarterly*, 44, 83-92.
- Burnham, K.P. & Anderson, D.R. (2002). *Model selection and multimodel inference: A practical information-theoretic approach*. New York: Springer-Verlag.
- Butler, J. (1993). *Bodies that Matter: On the Discursive Limits of "Sex"*. San Francisco: Routledge.
- Byrne, B. M. (2001). *Structural equation modeling with Amos: Basic concepts, applications, and programming*. Mahwah: Erlbaum.
- Cabaj, R. P. (1988). Homosexuality and neurosis: Considerations for psychotherapy. In M. W. Ross (Ed.), *The treatment of homosexuals with mental health disorders* (pp. 12-23). New York: Harrington Park Press.
- Caplan, P. (1995). *The Sexual Construction of Sexuality*. New York: Routledge.
- Carballo-Diéguez, A., Balan, I., Dolezal, C., Remien, R. & Shedlin, M. (2003). Internet use and sexual risk behavior among MSN in New York City. *Research Project submitted to the NIH*.
- Carballo-Diéguez, A., Dolezal, C., Nieves Rosa, L. & Diaz, F. (2000). Similarities in the sexual behavior and HIV risk factors of Colombian, Dominican, Mexican and Puerto Rican MSN residing in New York City. *Journal of Psychology and Human Sexuality*, 12 (4), 49-67.
- Carvalho, A. & Gomes, F.A. (2003). Cybersex in Portuguese chatrooms: a Study of sexual behaviors related to online sex. *Journal of Sex and Marital Therapy*, 29, 345-360.
- Cass, V. (1979). Homosexual Identity formation; a theoretical model. *Journal of Homosexuality*, 4, 219-235.
- Cass, V. (1990). The implications of homosexual identity formation for the Kinsey model and scale of sexual preference. In D. P. McWhirter, S. A. Sanders & Reinish (Eds.), *Homosexuality/Heterosexuality: concepts of sexual orientation*. New York: Oxford University Press.
- Castañeda, M. (1999). *La Experiencia Homosexual – Para comprender la homosexualidad desde dentro y desde fuera*. Barcelona: Paidós.

- Cavanagh, A. (1999, August). Research Methodology Online. *Cybersociology* (6), Retirado a 6 de outubro de 2003 de: <http://www.socio.demon.co.uk/magazine/6/cavanagh.html>
- Chaudey, D. (2002). Actif? Passif? *Têtu*, 69, 68-70.
- Chiland, C. (1995). La naissance de l'identité sexuée. In S. Lebovici, R. Diatkine & M. Soulé (Eds.), *Traité de psychiatrie de l'enfance et de l'adolescent*. Paris : PUF.
- Chodorow, N. (1978). *The reproduction of mothering: Psychoanalysis and the sociology of gender*. Berkeley, CA: University of California Press.
- Chodorow, N. (1989). *Feminism and psychoanalytic theory*. New Haven, CT: Yale University Press.
- Clark, A.S., McLusky, N. J., Goldman-Rakic, P. S. (1988). Androgen binding and metabolism in the cerebral cortex of the developing rhesus monkey. *Endocrinology*, 123 (2), 932.
- Clark, D. (1988). *As we are*. Boston: Alyson Publishers.
- Colapinto, J. (2000). *Sexo Trocado – a história real do menino criado como menina*. Rio de Janeiro: Ediouro.
- Coleman, E. (1981/1982). Development stages of the coming out process. *Journal of Homosexuality*, 7, 31-43.
- Cooper, A., Scherer, C. & Marthy, R. (2001). Overcoming methodological concerns in the investigation of online sexual activities. *CyberPsychology and Behavior*, 4 (4), 437-447.
- Cooper, A.; Scherer, C.R.; Bois, S.C.; & Gordon, B.L. (1999). Sexuality on the internet: from sexual exploration to pathological expression. *Professional Psychology: Research and Practice*, 30 (2), 154-164.
- Coursaud, J-B. (2002). *L'homosexualité entre préjugés et réalités*. Toulouse: Editions Milan
- Cox, S. & Gallois, C. (1996). Gay and Lesbian Identity: a social identity perspective. *Journal of Homosexuality*, 30, 1-30.
- Coyle, A. (1993). A study of psychological well-being among gay men using the GHQ-30. *British Journal of Clinical Psychology*, 32, 218-220.
- Cramer, D. & Roach, A. (1988). Coming out to mom and dad: a study of gay males and their relationships with their parents. *Journal of Homosexuality*, 15, 79-91.

- Crawford, M., Herrman, D. J., Holdsworth, M., Randall, E. & Robbins, D. (1989). Gender and beliefs about memory. *British Journal of Psychology*, 80, 391-401.
- Crocker, J. & Luhtanen, R. (1990). Collective self-esteem and ingroup bias. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58, 60-67.
- Cruz, J. F. (1997). Prevenção do VIH/SIDA nos adolescentes e jovens adultos: Investigação do conhecimento, atitudes e comportamento sexual. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 2, 279-304.
- D'Augelli, A., Hershberger, S. & Pilkington, N. (1998) Lesbian, Gay and Bisexual youth and their families: Disclosure of sexual orientation and its consequences. *American Journal of Orthopsychiatry*, 68, 361-371.
- Damásio, A. (1994). *O erro de Descartes*. Mem-Martins: Europa-América.
- Damásio, A. (1999). *O Sentimento de Si*. Mem-Martins: Europa-América.
- Dane, L. (2003). *The Complete Illustrated Kama Sutra*. Rochester (Vermont): Inner Traditions International.
- Dannefer, D. & Perlmutter, M. (1990). Development as a multidimensional process: Individual and social constraints. *Human Development*, 33, 108-137.
- Davenport, W. H. (1992). Adult-child sexual relations in cross-cultural perspective. In O'Donohue, W. & Geer, J. H. (Eds.), *The Sexual Abuse of Children: Theory and Research* (pp. 73-80). New Jersey: Hillsdale.
- Davidson, J. (1979). *Los Determinantes Biológicos del sexo*. México: Fondo de Cultura Económica.
- Davies, D. & Neal, C. (1996). An Historical overview and homosexuality and therapy. In Dominic Davies & Charles Neal (Eds.), *Pink Therapy – A Guide for counsellors and Therapists working with lesbian, gay and bisexual clients* (pp. 11-23). Buckingham: Open University Press.
- Davies, D. (1996). Homophobia and Heterosexism. In Dominic Davies & Charles Neal (Eds.), *Pink Therapy - A Guide for Counsellors and Therapists working with lesbian, gay and bisexual clients* (pp. 41-65). Buckingham: Open University Press.
- Deaux, K. & Lewis, L. (1984). Structure of gender stereotypes: Interrelationships among components and gender label. *Journal of Personal and Social Psychology*, 46, 991-1004.
- Deaux, K. (1992). Focusing on the self: Challenges to self-definitons and their consequences for mental health. In D. Ruble, P. Costanzo & M. Oliverly

- (Eds), *The social psychology of mental health: Basic mechanisms and applications*. New York: Guilford.
- DeCecco, J. P. & Elia, J. P. (1993). A critique and synthesis of biological essentialist and social constructionist views of sexuality and gender. *Journal of Homosexuality*, 24 (2-3), 1-26.
- DeLamater, J. (1987). A Social Approach. In J. H. Geer & W. T. O'Donohue (Eds.), *Theories of Human Sexuality* (pp. 237-255). New York: Plenum Press.
- DeLamater, J. & Hyde, J. S. (1998). Essentialism vs. Social Constructionism in the study of human sexuality. *The Journal of Sex Research*, 35 (1), 10-18.
- DeMonteflores, C. & Schultz, S. J. (1978). Coming out: Similarities and differences for lesbians and gay men. *Journal of Social Issues*, 34, 59-72.
- DeMonteflores, C. (1986). Notes on the management of difference. In T. S. Stein and C. J. Cohen (Eds.), *Contemporary Perspectives on Psychotherapy with lesbians and gay men* (pp. 95-105). New York: Plenum.
- DeVellis, R. F. (1991). *Scale development: Theory and applications*. Newbury Park, CA: Sage
- Diamond, M. (1996). Prenatal predisposition and the clinical management of some pediatric conditions. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 22 (3), 139-147.
- Dicionário de Língua Portuguesa (2003). Porto: Porto Editora.
- DiNicola, V. (1997). *A stranger in the family: Culture, families, and therapy*. New York: W. W. Norton.
- DiPlacido, J. (1998). Minority Stress among Lesbians, Gay men and Bisexuals: a consequence of Heterosexism, Homophobia, and Stigmatization. In G. Herek (Ed.), *Stigma and Sexual Orientation* (pp. 138-159). Thousand Oaks: Sage.
- Doise, W. (1976). *Articulação Psicossociológica e Relações entre grupos*. Lisboa: Moraes Editores.
- Donovan B. & Ross, M. W. (2000). Preventing HIV: determinants of sexual behaviour. *Lancet*, 355 (9218), 1897-1901.
- Dorait, M. (1999). *Éloge de la Diversité Sexuelle*. Montréal: VLB éditeur.
- Doustaly, T. (2002). Arrêt sur Images. *Têtu*, 69, 72.

- Dube, E. (2000). The role of sexual behavior in the process of gay and bisexual males. *The Journal of Sex Research*, 37 (2), 123-133.
- Duberman, M., Vicinus, M. & Chauncey, G. (1989). *Hidden from history: Reclaiming the gay and lesbian past*. New York: Penguin.
- Dulac, S., Quirion, A., Brisson, G. & Decarufel, D. (1986). Sex differences in serum testosterone response to long-distance swimming. *Hormone and Metabolic Research*, 18, 420-421.
- Dunker, B. (1987). *Lesbian Psychologies: Explorations and Challenges*. Chicago: University Illinois Press
- Duret, P. (1999). *Les Jeunes et L'Identité Masculine*. Paris: PUF.
- Durkheim, E. ([1893]1984). *The division of labour*. New York: Free Press.
- Eder, F. X., Hall, L. & Hekma, G. (1999). *Sexual Cultures in Europe*. New York: Manchester University Press.
- Egan, J. (2000). *Lonely Gay Teen Seeking Same*. Retirado em 5 de Dezembro de 2003 de: <http://www.nytimes.com/library/magazine/home/20001210mag->
- Eisenberg, N. & Mussen, P. (1989). *The roots of prosocial behavior in children*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Elford, J., Bolding, G. & Sherr, L. (2001). Seeking sex on the internet and sexual risk behaviour among gay men using London Gyms. *AIDS*, 15 (11), 1409-1415.
- Eliason, M. J. (1996). Identity formation for lesbian, bisexual and gay persons beyond a "minoritizing" view. *Journal of Homosexuality*, 30 (3), 1-58.
- Elizur, Y. & Mintzer, A. (2001). A framework for the formation of gay male identity: processes associated with adult attachment style and support from family and friends. *Archives of Sexual Behavior*, 30 (2), 143-167.
- Elizur, Y., & Ziv, M. (2001). Family support and acceptance, gay male identity formation, and psychological adjustment: A path model. *Family Process*, 40 (2), 125-145.
- Ellis, Havelock, 1897. *Sexual Inversion*. London: Wilson and Macmillan. Reprinted 1994, Salem, NH: Ayer.
- Epstein, S. (2003). An Incitement to Discourse: Sociology and The History of Sexuality. *Sociological Forum*, 18, (3), 485-502.

- Eribon, D. (2000). *Identidades – Reflexiones sobre la Question Gay*. Barcelona: Bellaterra.
- Erikson, E. (1950). *Childhood and society*. New York: Norton.
- Erikson, E. (1956). The problem of Ego Identity. *Journal American Psycho-Analytical Association*, IV.
- Erikson, E. (1959). Identity and the life-cycle. *Psychological Issues*, 1 (1), 1-171.
- Erikson, E. (1968). *Identity: Youth and crisis*. New York: Norton.
- Eysenbach, G. & Wyatt, J. (2002). Using the Internet for Surveys and Health Research. *Journal of Medical Internet Research*, 4 (2), 13. Retirado a 8 de outubro de 2003 de <http://www.jmir.org/2002/2/e13/>
- Faderman, L. (1982). *Surpassing the love of men: Romantic friendship and love between women from the Renaissance to the present*. New York: William Morrow.
- Farrel, M. & Rosenberg, S. (1981). *Men at midlife*. Boston: Auburn House Publishing.
- Fay, R., Turner, C., Klassen, A. & Gagnon, J. (1989). Prevalence and patterns of same-gender sexual contact among men. *Science*, 243, 338-348.
- Felner, R. & Felner, T. (1989) Primary prevention programs in the educational context: A transactional-ecological framework and analysis. In L. Bond & B. Compas (Eds.), *Primary Prevention and promotion in the schools*. Newbury Park, CA: Sage.
- Fergusson, D. M., Horwood, L. J. & Beautrais, A. L. (1999). Is Sexual Orientation related to mental health problems and suicidality in young people? *Archives of Sexual Behavior*, 56, 876-880.
- Fernandez, J. (1996). *Varones y Mujeres*. Madrid: Ediciones Piramide.
- Fisher, W. A. (1986). *A Psychological approach to Human Sexuality*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates.
- Fisher, H. (1994). The Nature of Romantic Love. *The Journal of NIH Research*, 6, (4), 59-64.
- Foucault, M. (1980). *The History of Sexuality, Vol. 1: An Introduction*. New York: Vintage Books.
- Fox, R. (1995). Bisexual Identities. In A. D'Augelli and C. Patterson (Eds.), *Lesbian, gay, and bisexual identities over the lifespan: psychological perspectives* (pp. 24-47). New York: Oxford University Press.

- Freitas, M. C. (1998). *Meu Sexo Real: a origem inata, somática e neurobiológica da transexualidade*. Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- Freeman, S. (1993). Speaking of gender identity: Theoretical approaches. *Information Analysis*, 70, 1-22.
- Freud, S. (1920). *Psychogenesis of a case of fhomosexuality in a woman*. In *Standard Edition*, 18. London: Hogarth Press.
- Freud, S. (1975). *Psychanalyse. Textes choisis*. Paris, P.U.F.
- Freud, S. (1989). *Teoria da Sexualidade*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- Gagnon, J. H. (1990). The explicit and implicit use of scripting perspective in sex research. *Annual Review of Sex Research*, 1, 1-43.
- Gecas, V. (2000). Value identity, self-motives, and social movement. In S. Stryker, T. Ows & R. White (Eds.), *Self, Identity and Social Movements* (pp. 93-109). Minneapolis: University Press.
- Gergen, K. J. (1985). The social constructionist movement in modern psychology. *American Psychologist*, 40, 266-275.
- Goffman, E. (1963). *Stigma: Notes on the Management of Spoiled Identity*. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice Hall.
- Golden, C. (1987). Diversity and variability in woman's sexual identities. In Boston Lesbian Psychologies Collective (Eds.), *Lesbian Psychologies: Explorations and challenges* (pp.19-34). Urbana, IL: University of Illinois Press.
- Golden, C. (1990). *Our politics and our choices: The feminist movement and sexual orientation*. Boston: APA.
- Gonsiorek, J. C. (1988). Mental health issues of gay and lesbian adolescents. *Journal of Adolescent Health Care*, 9, 112-122.
- Gonsiorek, J. C. (1995). Gay Male Identities: Concepts and Issues. In A. D'Augelli and C. Patterson (Eds.), *Lesbian, gay, and bisexual identities over the lifespan: psychological perspectives* (pp. 24-47). New York: Oxford University Press.
- Gonsiorek, J.C. & Rudolph, J. R (1991). Homosexual Identity: coming out and other development events. In J. C. Gonsiorek and J. D. Weinrich (Eds.), *Homosexuality: Research implications for the public policy* (pp. 161-176). Newbury Park, CA: Sage Publications.
- Gorusch, R. (1983). *Factor Analysis*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum.

- Gove, J. & Watt, S. (2000). Identity and Gender. In Woodward, K. (Ed), *Questioning Identity* (pp. 44-77). New York: The Open University.
- Goy, R., Bercovitch, F. & McBair, M. (1988), Behavioral masculinization is independent of genital masculinization in prenatally androgenized rhesus macaques. *Hormones and Behavior*, 22, 552-571.
- Green, R. (1974). *Sexual Identity conflict in children and adults*. New York: Basic Books.
- Green, R. (1987). *The "sissy boy syndrome" and the development of homosexuality*. New Haven: Yale University Press.
- Greenacre (1958). Early Physical determinants in the development of the sense of Identity. *Journal American Psycho-Analytical Association*, VI.
- Greenberg, F. (1988). *The construction of homosexuality*. Chicago: University Press.
- Greenson, R. (1968). Dis-identifying from Mother. *International Journal of Psycho-Analysis*, 49, 370-374.
- Gregerson, E. (1982). *Sexual Practices: the story of Human Sexuality*. New York: Franklin Watts.
- Grinberg, L. & Grinberg. R. (1998). *Identidade e Mudança*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Grinberg. L. (1971). *Culpa y Depresión. Estudio psicanalítico*. Buenos Aires: Paidós.
- Guasch, O. (1991). *La Sociedad Rosa*. Barcelona: Anagrama.
- Guasch, O. (2000). Prologo. In D. Eribon (Ed.), *Identidades, reflexiones sobre la cuestion gay* (pp. 9-12). Barcelona: Bellaterra.
- Guidelines for Internet Research with Human Subjects. (n.d.). Retirado em 8 de outubro de 2003 de <http://www.rfcuny.org/ResCompliance/inetresearch.html>
- Habermas, J. (1979). *Communication and the evolution of society*. Boston: Beacon Press.
- Hall, J. & Kimura, D. (1994). Dermatoglyphic asymmetry and sexual orientation in men. *Behavioral Neuroscience*, 103, 1203-1206.
- Halperin, D. (1989). Is there a history of sexuality? *History and Theory*, 28 (3), 257-275.

- Halperin, D. (1995). *Saint Foucault: Toward a Gay Hagiography*. Oxford: Oxford University Press.
- Hamer, D., Hu, S., Magnuson, N. & Pattatucci, A. (1993). A linkage between DNA markers on the X chromosome and male sexual orientation. *Science*, 261, 21-27.
- Harris, R. (1997, November). Evaluating Internet Research Sources. Retirado em 19 de setembro de 2003 de <http://www.virtualsalt.com/evalu8it.htm>
- Hart, J. & Richardson, D. (1981). *The theory and practice of Homosexuality*. London: Routledge & Kegan Paul.
- Hatfield, E. & Rapson, R. L. (1996). *Love and Sex: Cross-cultural perspectives*. Needham Heights: Allyn and Bacon.
- Haviland, J. M., & Kahlbaugh, P. (1993). Emotion and identity. In M. Lewis & J. M. Haviland (Eds.), *Handbook of emotions* (pp. 247–259). New York: Guilford.
- Hedges, W. (1997). *Queer Theory Explained*. In SOU English Department, Retirado em 11 de Janeiro de 2003 de www.sou.edu/English/Hedges/Sodashop/RCenter/Theory/Explained/queer.htm
- Herd, G. (1984). *Ritualized homosexual behavior in the male cults of Melanesia*. Berkeley: University of California Press.
- Herd, G. (1987). *Guardians of the Flutes, Idioms of Masculinity*. New York: Columbia University Press.
- Herd, G. & Boxer, A. (1996). *Children of Horizons*. Boston: Beacon Press
- Herek, G. M. (1991). Stigma, prejudice and violence against lesbians and gay men. In J. C. Weinrich (Eds.), *Homosexuality: Research implications for public policy* (pp. 60-80). Newbury Park, CA: Sage.
- Hewitt, J. P. (1989). *Dilemmas of the American self*. Filadélfia: Temple University Press.
- Hewitt, J. P. (1997). *Self and Society: A symbolic interactionist social psychology*. Boston: Allyn & Bacon.
- Hirschfeld, M. (1991). *Transvestites. The Erotic Drive to Cross-Dress*. Buffalo, NY: Prometheus.
- Hitlin, S. (2003). Values as the core of personal identity: Drawing links between two theories of self. *Social Psychology Quarterly*, 66 (2), 118-130.

- Hogg, M. & Abrams, D. (1988). *Social Identifications: A social psychology of intergroup relations and group processes*. London: Routledge.
- Hogg, M., Terry, D. & White, K. (1995). A tale of two theories: a critical comparison of identity theory with social identity theory. *Social Psychology Quarterly*, 58, 255-269.
- Hooker, E. (1958). Male homosexuality in the Rorschach. *Journal of Projective Techniques*, 22, 33-54.
- Horowitz, J. L. & Newcomb, M. D. (2001). A Multidimensional Approach to Homosexual Identity. *Journal of Homosexuality*, 42 (2), 1-19.
- Huston, A. C. (1983). Sex Typing. In P.H. Mussen & E.M. Hetherington (Ed.), *Handbook of Child Psychology Socialization, personality, and social development* (pp. 387-467). New York: Wiley.
- Hutt, C. (1978). Sex-role differentiation in social development. In H. McGurek (Ed.), *Issues in Childhood Social Development* (pp. 171-202). Londres: Methuen.
- Hyde, J. & Linn, M. (1988). Gender differences in verbal ability: a meta-analysis. *Psychological Bulletin*, 104, 53-69.
- Hyde, J., Fenneman, E. & Lamon, S. (1990). Gender differences in mathematics performance: a meta-analysis. *Psychological Bulletin*, 107, 139-155.
- Hu, L. T. & Bentler, P. M. (1995). Evaluating model fit. In R. H. Hoyle (Ed.), *Structural equation modeling: Concepts, issues and implications*. Thousand Oakes: Sage.
- Imperato-McGinley, J., Peterson, R. E., Gautier, T. & Sturla, E. (1979). Androgens and the evolution of male-gender identity among male pseudohermaphrodites with 5-alfa-Reductase deficiency. *The New England Journal of Medicine*, 300 (22), 1233-1237.
- Information Technology Services at the University of Texas at Austin (2001). *Structural Equation Modeling using Amos: An introduction*. Retirado em 29 de Agosto de 2004 de: <http://www.utexas.edu/its/rc/tutorials/stats/amos>.
- Isay, R. (1989). *Being Homosexual: Gay men and their Development*. New York: Avon Books.
- Jagose, A. (1996). *Queer Theory*. Melbourne: University Press.
- Josselson, R. (1987). *Finding herself: Pathways to identity development in women*. San Francisco: Jossey-Bass.

- Kadushin, G. (1996). Gay men with AIDS and their families of origin: An analysis of social support. *Health and Social Work, 21*, 141-149.
- Kahn, M. J. (1991). Factors affecting the coming out process for lesbians. *Journal of Homosexuality, 21*, 47-70.
- Kaplan, H. S. (1983). *The evaluation of sexual disorders*. New York: Brunner/Mazel.
- Katchadourian, H. A. (1979). *La sexualidad humana. Un estudio comparativo de su evolución*. México: Fondo de Cultura Económica.
- Kelloway, E. K. (1998). *Using LISREL for structural equation modeling*. Thousand Oakes: Sage.
- Kelly, D. D. (1991). Sexual differentiation of the nervous system. In E. R. Kandel, J. H. Schwartz & T. M. Jessel (Eds.), *Principals of neural science* (pp. 959-973). New York: Elsevier.
- Kinsey, A. C., Pomeroy, W. B. & Martin, C. E. (1948). *Sexual behavior in the human male*. Filadélfia: Saunders.
- Kinsey, A. C., Pomeroy, W., Martin, C. & Gebhard, P. (1953). *Sexual Behavior in the human female*. Filadélfia: Saunders.
- Kinzer, S. 1994 (November 25). \$650 a Baby: Germany to Pay to Stem Decline in Births. *The New York Times*.
- Kirkpatrick, R. (2000). The evolution of human homosexual behaviour. *Current Anthropology, 41* (3), 385, 429.
- Klausner, J.D., Wolf, W., Fisher-Ponce, L. & Katz, M.H. (2000). Tracing a syphilis outbreak through cyberspace. *Journal of the American Medical Association, 284*, 447-449.
- Klein, F. (1990). The need to view sexual orientation as a multivariable dynamic process: A theoretical perspective. In McWirther, D.P., Sanders, S.A. & Reinisch, J.M. (Eds.), *Homosexuality/heterosexuality: Concepts of sexual orientation*. New York: Oxford University Press.
- Klein, F. (1993). *The bisexual option*. New York: Haworth Press.
- Kohlberg, L. (1966). A Cognitive-Developmental analysis of children's sex role concepts and attitudes. In Maccoby, E. (Ed.), *The Development of Sex Differences* (pp. 82-173). Stanford, CA: Stanford University Press.
- Kohut, H. (1977). *The restoration of the self*. Madison, CT: International Universities Press, Inc.

- Krafft-Ebing, R. (1928). *Psychopathia Sexualis with Especial Reference to the Antipathic Sexual Instinct: A Medico-Forensic Study, Revised Edition*. Philadelphia: Physicians and Surgeons.
- Kramer, P. (1958). Problems of Identity. *Journal American Psycho-Analytical Association, IV*.
- Krantz, D. & Manuck, S. (1984). Acute psychophysiological reactivity and risk cardiovascular disease: a review and a methodologic critique. *Psychological Bulletin, 96*, 435-464.
- Kruijver, F. P. M., Zhou, J. N., Pool, C. W., Hofman, M. A., Gooren, L. J. G. & Swaab, D. F. (2000). Male to female transsexuals have female neuron numbers in a limbic nucleus. *The Journal of Clinical Endocrinology and Metabolism, 85* (5), 2034-2041.
- Kroger, J. (2002). Introduction: Identity development through adulthood. *Identity: An International Journal of Theory and Research, 2*, 1-5.
- Kroger, J. (2003). What transits in an identity status transition? *Identity: An International Journal of Theory and Research, 3*, 197-220.
- Kunnen, E. S. & Bosma, H. A. (2000). Development of meaning making: A dynamic system conceptualization. *New ideas in psychology, 18*, 57-82.
- Kunnen, E. S., & Bosma, H. A. (2003). Fischer's Skill Theory applied to identity development: A response to Kroger. *Identity: An International Journal of Theory and Research, 3*, 247-270.
- Kunnen, E. S. & Wassink, M. E. K. (2003). An Analysis of Identity Change in Adulthood. *Identity: An International Journal of Theory and Research, 3* (4) 347-366.
- Kurdek, L. (1988). Perceived social support in gays and lesbians in cohabitation relationships. *Journal of Personality and Social Psychology, 54*, 504-509.
- Lago, M. C. S. (1999). Identidade: a fragmentação do conceito. In A.Silva, M.C.S. Lago & T. Ramos (Eds.), *Falas de Gênero: Teorias, Análises, Leituras* (pp. 119-129). Florianópolis: Editora Mulheres.
- Lamas, M. (1995). *Cuerpo e identidad*. Bogotá: TM Editores.
- Laplanche, J. S. & Pontalis, J. (1990). *Vocabulário da Psicanálise*. Lisboa: Editorial Presença.
- LaTorre, R. (1979). *Sexual Identity*. Chicago: Nelson-Hall Inc.
- Lau, J.T.F., Kim, J.H., Lau, M. & Tsui, H.Y. (2003). Prevalence and risk behaviors of Chinese men who seek same-sex partners via the internet in Hong Kong. *AIDS Education and Prevention, 15* (6), 516-528.

- Laumann, E., Gagnon, J.H., Michael, R.T., & Michaels, S. (1994). *The Social Organization of Sexuality: Sexual Practices in the United States*. Chicago: University of Chicago Press
- Laws, J. L. & Schwartz, P. (1977). *Social scripts: The social construction of female sexuality*. Hinsdale: Dryden.
- Leal, I. (2004). Parentalidades. Questões de género e orientação sexual. In António Fernando Cascais (Ed.), *Indisciplinar a teoria. Estudos Gays, Lésbicos e Queer* (pp. 215-244). Lisboa: Fenda.
- Le Maner-Idrissi, G. (1997). *L'Identité Sexuée*. Paris: Dunod.
- Lejeune, C. (2002). Le point de vu du Psy. *Têtu*, 69, 75.
- Lettelier, P. (1996). Twin epidemics: Domestic violence and HIV infection among gay and bisexual men. In C. M. Renzetti & C. H. Harvey (Eds.), *Violence in gay and lesbian partnerships*. New York: Harrington Park Press.
- LeVay, S. (1991). A difference in hypothalamic structure between heterosexual and homosexual men. *Science*, 253, 1034-1037.
- LeVay, S. (1993). *Queer Science: The use and abuse of research into homosexuality*. Cambridge: MIT Press.
- Levi-Strauss, C. (1986). Prologo. In A. Burguiere, C. H. Kaplisch-Zuber, M. Segalen & F. Zonabend (Eds.), *Histoire de la Famille*. Paris: PUF.
- Lewes, K. (1988). *Psychoanalytic Theory of Male Homosexuality*. New York: Simon and Schuster.
- Lewis, M. D., & Ferrari, M. (2001). Cognitive-emotional self-organization in personality development and personal identity. In H. A. Bosma & E. S. Kunnen (Eds.), *Identity and emotion: a self-organisational process* (pp. 177-198). Cambridge, England: Cambridge University Press.
- Link, B. G. (1987). Understanding labelling effects in the area of mental disorders: An assessment of the effects of peer rejection. *American Sociological Review*, 52, 96-112.
- Linn, M. C. & Peterson, A. C. (1985). Emergence and characterization of sex differences in spatial ability: a meta-analysis. *Child Development*, 56, 1479- 1498.
- Locke, J. (1998). Treatment of homophobia in a gay male adolescent. *American Journal of Psychotherapy*, 31, 31-53.

- Loelhin, J. C. (1998). *Latent variable models: An introduction to factor, path and structural analysis*. Mahwah: Lawrence Erlbaum.
- Lucas, J. S. (1993). *SIDA – A Sexualidade desprevénida dos Portugueses*. Lisboa: McGraw-Hill.
- Lunneborg, P. W. (1982). Sex differences in self-assessed everyday spatial abilities. *Perceptual and Motor Skills*, 55, 200-202.
- Maccoby, E. & Jacklin, C. (1974). *The Psychology of sex differences*. Stanford: Stanford University Press.
- Macke, J., Hu, N., Bailey, M., King, V., Brown, T., Hamer, D. & Nathans, J. (1993). Sequence variation in the androgen receptor gene is not a common determinant of male sexual orientation. *American Journal of Human Genetics*, 53, 565-577.
- Malinowsky, B. (1929). *The Sexual Life of Savages*. London: Routledge and Kegan Paul.
- Manis, J. & Meltzer, B. (1978). *Symbolic Interaction: A Reader in Social Psychology*. Boston: Allyn and Bacon.
- Marcia, J. (1966). Development and validation of ego-identity status. *Journal of Personality and Social Psychology*, 3, 551-558.
- Marcia, J. E. (2002). Identity and psychosocial development in adulthood. *Identity: An International Journal of Theory and Research*, 2, 7-28.
- Margolis, L., Becker, M. & Jackson-Brewer, K. (1987). Internalized Homophobia: identifying and treating the oppressor within. In Boston Lesbian Psychologies Collective (Eds.), *Lesbian Psychologies – Explorations and challenges*. Chicago: University Illinois Press.
- Maroco, J. (2003). *Análise estatística com utilização do SPSS*. Lisboa: Sílabo.
- Martin, A. D. & Hetrick, E. S. (1987). Designing and AIDS risk reduction program for gay teenagers: Problems and proposed solutions. In D. Ostrow (Ed.), *Biobehavioral Control of AIDS*. New York: Irvington Publishers.
- Martín, A. F. & Sánchez, F. L. (1997). *Aproximaciones al estudio de la sexualidad*. Salamanca: Amarú Ediciones.
- Martin, C. L. (1991). The role of cognition in understanding gender effects. *Advances in Child Development and Behavior*, 23, 113-149.
- Martin, C.L. & Halverson, C.F. (1981). A Schematic processing model for sex-typing and stereotyping in children. *Child Development*, 52, 1119-1132.

- Masters, W. H. & Johnson, V. E. (1979). *Homosexuality in Perspective*. Boston: Little, Brown.
- Mays, V. M. & Cochran, S. D. (2000). Mental health correlates of perceived discrimination among lesbian, gay, and bisexual adults in the United States. *American Journal of Public Health, 91*, 1869-1976.
- McAndrew, S. & Warne, T. (2004). Ignoring the evidence dictating the practice: Sexual orientation, suicidality and dichotomy of the mental health nurse. *Journal of Psychiatric & Mental Health Nursing, 11* (4), 428-435.
- McCarn, S. R. & Fassinger, R. E. (1996). Revisioning sexual minority identity formation: A new model of lesbian identity and its implications for counseling and research. *The Counseling Psychologist, 24*, 508-534.
- McConaghy, R. J. (1987). Heterosexuality/homosexuality: Dichotomy or continuum. *Archives of Sexual Behaviour, 16*, 411-424.
- McCreary, D. R. (1990). Multidimensionality and the measurement of gender roles attributes: A comment on Archer. *British Journal of Social Psychology, 29* (3), 265-272.
- McDoughall, J. (2000). Sexuality and the neosexual. *Modern Psychoanalysis, 25* (2), 155-166.
- McDoughall, J., Modell, A. & Meadow, P. W. (2000). Sexuality reconsidered: A panel discussion. *Modern Psychoanalysis, 25* (2), 181-189.
- McFarlane, M., Bull, S.S. & Rietmeijer, C.A. (2000). The internet as a newly emerging risk environment for sexually transmitted diseases. *Journal of the American Medical Association, 284*, 443-446.
- McGrath, E., Keita, G. P., Strickland, B. R. & Russo, N. F. (1990). *Women and depression: risk factors and treatment issues*. Washington DC: APA
- McIntosh, M. (1968). The homosexual role. *Social Problems, 16* (2), 182-192.
- McNaron, T. (1993). Mirrors and Likenesses: A Lesbian Aesthetic in the Making. In Susan J. Wolfe and Julia Penelope (Eds.), *Sexual Practice/Textual Theory: Lesbian Cultural Criticism* (pp. 291-306). Cambridge, MA: Blackwell.
- Mead, G. H. (1934). *Mind, Self and Society*. Chicago: University of Chicago Press.
- Mead, M. (1935). *Sex and Temperament in three Primitive Societies*. New York: William Morrow & Co.

- Meece, J. L. (1987). The influence of school experiences on the development of gender schemata. In L. S. Liben & M. L. Signorella (Eds.), *Children's gender schemata*. San Francisco, CA: Jossey-Bass.
- Menezes, I. (1990). O Desenvolvimento Psicosexual. In B.P. Campos (Ed.), *Psicologia do Desenvolvimento e Educação de Jovens* (pp. 139-185). Lisboa: Universidade Aberta.
- Meyer, I. H. & Dean, L. (1998). Internalized Homophobia, Intimacy, and Sexual Behavior among Gay and Bisexual Men. In Herek, G. (Ed.), *Stigma and Sexual Orientation* (pp. 213-219). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Meyer, I. H. (1995). Minority stress and mental health in gay men. *The journal of health and Social Behavior*, 36, 38-56.
- Miguel, N. & Vilar, D. (1987). *Afectividade e Sexualidade no novo contexto social e cultural*. Lisboa: Instituto de Estudos para o Desenvolvimento.
- Minton, H. L. & McDonald, G. J. (1983). Homosexual Identity formation as a Developmental Process. *Journal of Homosexuality*, 9(2-3), 91-104.
- Minton, H. L. & McDonald, G. J. (1985). Homosexual Identity formation as a Developmental Process. In J. P. DeCecco & M. G. Shively (Eds.), *Origins of Sexuality and Homosexuality* (pp. 91-104). New York: Harrington Press.
- Mischel, W. (1966). A Social learning view of sex differences in behaviour. In Naccoby, E. (Ed), *The development of sex differences* (pp. 56-81). CA: Stanford University Press.
- Moita, M. G. (2001). *Discursos sobre a homossexualidade no contexto clínico: A homossexualidade dos dois lados do espelho*. Tese de Doutoramento, Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar, Universidade do Porto.
- Mondimore, F. M. (1998). *Una Historia Natural de la Homosexualidad*. Barcelona: Paidós.
- Money, J. & Ehrhardt, A. (1972). *Man and woman, boy and girl*. Baltimore: John Hopkins University Press.
- Moniz, E. (1913). *A Vida Sexual – Physiologia e Pathologia*. Lisboa: Ferreira Editores.
- Montecinos, S. & Rebolledo, L. (1995). *Mujer y Género. Nuevos Saberes en las Universidades Chilenas*. Santiago do Chile: Bravo y Allende Editores.
- Moon, L. (1996). Working with single people. In Dominic Davies & Charles Neal (Eds.), *Pink Therapy - A Guide for Counsellors and Therapists*

working with lesbian, gay and bisexual clients (pp. 89-100). Buckingham: Open University Press.

Morris, J. F. (1997). Lesbian coming-out as a multidimensional process. *Journal of Homosexuality*, 33 (2), 1-22.

Murdock, G. P. (1967). *Ethnographic Atlas*. Pittsburg: University Pittsburg Press.

Narring, F., Stronski-Huwiler, S. M. & Michaud, P. A. (2003). Prevalence and dimensions of sexual orientation in Swiss adolescents: a cross-sectional survey of 16 to 20-year-old students. *Acta Paediatrica*, 92, 233-239.

Nelson, M. L. (1996). Separation versus connection: the gender controversy: Implications for counseling women. *Journal of Counseling and Development*, 74, 339-344.

Neuendorf, K. A. (2002). *The content analysis guidebook online: An accompaniment to the content analysis guidebook*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.

Núcleo de Estatísticas da Unidade de Missão Inovação e Conhecimento (2002). Principais resultados do inquérito à utilização das tecnologias de informação e da comunicação pela população portuguesa. Retirado a 18 de Abril, 2004 de <http://si.mct.pt/site/file?src=1&mid=1934&bid=1590>

Newman, B. & Muzzonigro, P. (1993). The effects of traditional family values on the coming out process of gay male adolescents. *Adolescence*, 28 (109), 213-226.

Newman, S. W. (2000). The medial extended amygdala in male reproductive behavior: A node in the mammalian social behavior network. *Annals of the New York Academy of Sciences*, 242-257.

Nicholas, S. K. (1995). *Identity formation in gay and lesbian adolescents*. Tese de Doutoramento, The Fielding Institute, DAI, Vol. 56-07B.

Nielsen, H. & Rudberg, M. (1994). *Psychological Gender and Modernity*. Oslo: Scandinavian University Press.

Nieto, J. A. (2004). Children and adolescents as sexual beings: cross-cultural perspectives. *Child and adolescent psychiatric clinics of North America*, 13 (3), 461-477.

Nonn, E. (1997). Dimensions identitaires, appartenance à la communauté gaie et prévention contre le virus du sida. *Journal Canadien des maladies infectieuses*, 8 (Supplement A), 9A, 104.

- Olkkonen, R. & Saastamoinen, K. (2000). *SPSS Basic Guide for Market Researchers*. Turku: School of Economics and Business Administration.
- Ortner, S. & Whitehead, H. (1989). *The Cultural Construction of Gender and Sexuality*. New York: Cambridge University Press.
- Palladino, D. & Stephenson, Y. (1990). Perceptions of the sexual self: Their impact on relationships between lesbian and heterosexual women. In L. S. Brown & M. P. P. Root (Eds.), *Diversity and complexity in feminist theory* (pp. 231-254). New York: Haworth.
- Parish, T. & McCluskey, J. (1992). The relationship between parenting styles and young adults' self-concept and evaluations of parents. *Adolescence*, 27(109), 915-018.
- Parker, W. E. (1994). *A Study of Life transitions, family relationships and special issues of gay men*. Tese de Doutorado, Universidade de Chicago.
- Pattatucci, A. & Hamer, D. (1995). Development and familiarity of sexual orientation in females. *Behavior Genetics*, 25, 407-420.
- Peacock, J. R. (2000). Gay male adult development: some stage issues of an older cohort. *Journal of Homosexuality*, 40 (2), 13-29.
- Peichel, C., Ross, J., Matson, C., Dickson, M., Grimwood, J., Schmutz, J., Myers, R., Mori, S., Schluter, D. & Kingsley, D. (2004). The Master Sex-Determination Locus in Threespine Sticklebacks Is on a Nascent Y Chromosome. *Current Biology*, 14 (16), 1416-1425.
- Penelope, J. (1992). *Call me lesbian: Lesbian lives, lesbian theory*. Freedom, CA: The Crossing Press
- Pereira, H. & Leal, I. (2002). A Homofobia Internalizada e os comportamentos para a Saúde numa amostra de homens homossexuais. *Análise Psicológica*, 1(XX), 107-113.
- Pereira, H. (2001). *Ser Gay – Passos para uma Nova intimidade*. Lisboa: Hmp Edições.
- Perry, D. G. & Bussey, K. (1984). *Social Development*. Englewood Cliffs: Prentice Hall.
- Pett, A. J. (1995). *Changing from Heterosexual to Lesbian identity: a theory of fluid sexuality*. Tese de Doutorado, City University of New York.
- Phoenix, C. H., Goy, R. W., Gerall, A. A. & Young, W. C. (1959). Organizing action of prenatally administered testosterone propionate on the tissues

- mediating mating behavior in the female guinea pig. *Endocrinology*, 65, 600-667.
- Pillard, R. (1996). Homosexuality from familial and genetic perspective. In R. P. Cabaj & T. S. Stein (Eds.), *Textbook of homosexuality and mental health* (pp. 115-128). Washington: American Psychiatric Press.
- Pillard, R. (1998). Sexual orientation and mental disorder. *Psychiatric Annals*, 18 (1), 52-56.
- Plummer, K. (1975). *Sexual stigma: An interaccionist account*. London: Routledge.
- Plummer, K. (1995). *Telling sexual stories*. London: Routledge.
- Pollack, M. (1983). L'homosexualité masculine ou: le bonheur dans le ghetto?. *Communications*, 35, 37-53.
- Powell, K. C. (2004). Developmental psychology of adolescent girls: conflicts and identity issues. *Education*, 125 (1), 131-172.
- Queiroz, A. (2004). *A análise de conteúdo*. Retirado em 10 de Abril de 2004 de: http://www.anaqueiros.com/article.php3?id_article=11
- Reimer, K. & Wade-Stein, D. (2004). Moral identity in adolescence: Self and other in semantic space. *Identity*, 4 (3), 229-250.
- Rejesky, W., Parker, P., Gagne, M. & Koritnik, D. (1990). Cardiovascular and testosterone responses to contested dominance in women. *Health Psychology*, 9 (1), 213-278.
- Remafedi, G., Resnick, M., Blum, R. & Harris, L. (1998). Demography of Sexual Orientation in Adolescents. *Pediatrics*, 89 (4), 714-721.
- Renzetti, C. (1992). *Violent betrayal: Partner abuse in lesbian relationships*. Newbury Park: Sage
- Resko, J., Connolly, P. B. & Roselli, C. E. (1988). Testosterone 5-alfa-reductase activity in neural tissue of fetal rhesus macaques. *Journal Steroid Biochemistry*, 29 (4), 429-434.
- Rheingold, H. L., & Cook, K. V. (1975). The content of boys' and girls' rooms as an index of parent behavior. *Child Development*, 46, 459-463.
- Rhodes, S.D., DiClemente, R.J., Cecil, H., Hergenrather, K.C. & Yee, L.J. (2002). Risk among men who have sex with men in the United States: a comparison of an internet sample and a conventional outreach sample. *AIDS Education and Prevention*, 14 (1), 41-50.

- Ricciardelli, L. & William, R. (1995). Desirable and underdesirable gender traits in three behavioral domains. *Sex Roles*, 33, 637-655.
- Rice, G. (1999). Male homosexuality: absence of linkage to microsatellite markers at Xq28. *Science*, 284, 665-667.
- Rich, A. (1993). *Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence*. New York: Routledge.
- Robinson, V. (1996). *Theorizing heterosexuality*. Buckingham: Open University Press.
- Roiphe, H. & Galeson, E. (1981). *La naissance de l'identité sexuelle*. Paris: PUF.
- Roof, J. (1991). *A Lure of Knowledge: Lesbian Sexuality and Theory*. New York: Columbia UP.
- Rosario, M., Hunter, J., Maguen, S., Gwadz, M. & Smith, R. (2001). The coming-out process and its adaptational and health-related associations among gay, lesbian, and bisexual youths: Stipulation and exploration of a model. *American Journal of Community Psychology*, 29 (1), 133-161.
- Rosario, M., Schrimshaw, E. W. & Hunter, J. (2004). Predictors of substance use over time among gay, lesbian, and bisexual youths: An examination of three hypothesis. *Addictive Behaviors*, 29 (8), 1623-1632.
- Rosario, M., Schrimshaw, E. W. & Hunter, J. (2004). Ethnic/racial differences in the coming-out process of lesbian, gay, and bisexual youths: a comparison of sexual identity development over time. *Cultural diversity & ethnic minority psychology*, 10 (3), 215-228.
- Roscoe, W. (2000). *Changing Ones: Third and Fourth Genders in Native North America*. New York: St. Martin's Press
- Rosenberg, M. (1979). *Conceiving the Self*. New York: Basic Books.
- Rosenkrantz, P., Vogel, S., Bee, H., Broverman, I., & Broverman, D. M. (1968). Sex-role stereotypes and self-concepts in college students. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 32, 287-295.
- Ross, M. W. (1991). A Taxonomy of global behavior. In R. A. P. Tielman, M. Carballo & A. C. Hendricks (Eds.), *Bisexuality and HIV/AIDS: A global perspective* (pp. 21-26). New York: Prometheus Books.
- Ross, M. W., Essien, E. J., Williams, M. L. & Fernández-Esquer, M. E. (2003). Concordance between sexual behavior and sexual identity in street outreach samples of four racial groups. *Sexually Transmitted Diseases*, 30 (2), 110-114.

- Rubio, S. (1999). *Como se vive la homosexualidad y el lesbianismo*. Salamanca: Amaru Ediciones.
- Russel, S. T. & Joyner, K. (2001). Adolescent Sexual Orientation and Suicide Risk: Evidence from a National Study. *American Journal of Public Health*, 91 (8), 1276-1281.
- Russell, S. T., Truong, N. L., & Driscoll, A. K. (2002). Adolescent same-sex romantic attractions and relationships: Implications for substance use and abuse. *American Journal of Public Health*, 92, 198-202.
- Rust, P. C. R. (1995). *Bisexuality and the Challenge to Lesbian Politics. Sex, Loyalty and Revolution*. New York: New York University Press.
- Rust, P. C. R. (2004). Young Adults creating sexual identity in a world of shifting sexual meanings. *Programs and Abstracts of the 30th Annual Meeting of the International Academy of Sex Research*, Helsinki, June 16-19.
- Ryan, C. & Futterman, D. (2001). Lesbian and Gay Adolescents: Identity development. *The Prevention Researcher*, 8 (1).
- Rybicki, W. N. (1994). *The Gay Identity in the age of AIDS*. Tese de Doutorado, Universidade da Califórnia, São Francisco.
- Sanders, G. & Wright, M. (1997). Sexual orientation differences in cerebral asymmetry and the performance of sexually dimorphic cognitive and motor tasks. *Archives of Sexual Behavior*, 26, 463-470.
- Sanders, S.A., Reinich, J.M. & McWhirter, D. P. (1990). *Homosexuality/Heterosexuality – an overview: concepts of sexual orientation*. New York: Oxford University Press.
- Sandfort, T. G. M. (2003). Studying sexual orientation change: a methodological review of the Spitzer study, "Can some gay men and lesbians change their sexual orientation?". *Journal of Gay and Lesbian Psychotherapy*, 7 (3), 15-29.
- Sarben, T.R. & Allen, V. L. (1969). *Handbook of Social Psychology*. Massachusetts: Addison-Wesley.
- Savin-Williams, R. C. (1990). *Gay and Lesbian Youth: Expressions of Identity*. New York: Hemisphere Publishing Corporation.
- Savin-Williams, R. C. (1992). Coming out to parents and self-esteem among gay and lesbian youths. *Journal of Homosexuality*, 18, 1-35.
- Savin-Williams, R. C. & Ream, Who is Gay? Prevalence and Stability of same-sex sexuality. *Programs and Abstracts of the 30th Annual Meeting of the International Academy of Sex Research*, Helsinki, June 16-19.

- Secord, P. F. & Backman, C. W. (1961). Personality Theory and the problem of stability and change in individual behaviour: an interpersonal approach. *Psychological Review*, 68, 21-32.
- Sell, R. L., Wells, J. A., Valleron, A-J., Will, A., Cohen, M. & Umbel, K. (1990). *Homosexual and bisexual behavior in the United States, the United Kingdom and France*. Apresentação da Sexta Conferência Internacional sobre SIDA, São Francisco.
- Shanan, J. (1985). *Personality types and culture in later adulthood: Contributions to human development*. Basileia: Karger.
- Sharma, S. (1996). *Applied Multivariate Techniques*. New York: John Wiley & Sons.
- Schein, H. (1957). Reaction patterns to severe, chronic stress in American army prisoners of war. *Journal of Social Issues*, 13, 21-30.
- Sheridan, M. K., Radlinsky, S. S. & Kennedy, M. D. (1990). Developmental outcome in 49, xxxxy klinefelter syndrome. *Developmental Medicine and Child Neurology*, 32, 528-546.
- Shively, M.G. & DeCecco, J.P. (1977). Components of Sexual Identity. *Journal of Homosexuality*, 3 (1), 41-48.
- Shively, M.G. & DeCecco, J.P. (1993). Components of Sexual Identity. In L.D. Garnets & D.C. Kimmel (Eds.), *Psychological perspectives on lesbian and gay male experiences* (pp. 80-88). Chichester, New York: Columbia University Press.
- Schlegel, P. (2002). The Y chromosome. *Reproductive BioMedicine*, 5 (1), 22-26.
- Schmitt, D. P., Alcalay, L., Allik, J., Angleitner, A., Ault, L., Austers, I., Bennett, K. L., Bianchi, G., Boholst, F., Borg, Cunen, M. A., Braeckman, J., Brainerd, E. G., Caral, L. G., Caron, G., Casullo, M. M., Cunningham, M., Daibo, I., De Backer, C., De Souza, E., Diaz-Loving, R., Diniz, G., Durkin, K., Echeagaray, M., Eremsoy, E., Euler, H. A., Falzon, R., Fisher, M. L., Foley, D., Fry, D. P., Fry, S., Ghayur, M. A., Golden, D. L., Grammer, K., Grimaldi, L., Halberstadt, J., Haque, S., Herrera, D., Hertel, J., Hoffmann, H., Hooper, D., Hradilekova, Z., Hudek-Keneevi, J., Jaafar, J., Jankauskaite, M., Kabangu-Stahel, H., Kardum, I., Khoury, B., Kwon, H., Laidra, K., Laireiter, A. R., Lakerveld, D., Lampert, A., Lauri, M., Lavallée, M., Lee, S. J., Leung, L. C., Locke, K. D., Locke, V., Luksik, I., Magaisa, I., Marcinkeviciene, D., Mata, A., Mata, R., McCarthy, B., Mills, M. E., Mkhize, N. J., Moreira, J., Moreira, S., Moya, M., Munyae, M., Noller, P., Opre, A., Panayiotou, A., Petrovic, N., Poels, K., Popper, M., Poulimenou, M., P'yatokha, V., Raymond, M., Reips, U. D., Reneau, S. E., Rivera-Aragon, S., Rowatt, W. C., Ruch, W., Rus, V. S., Safir, M. P., Salas, S., Sambataro, F., Sandnabba, K. N., Schulmeyer, M. K., Schütz,

A., Scrimali, T., Shackelford, T. K., Shaver, P. R., Sichona, F., Simonetti, F., Sineshaw, T., Sookdew, R., Speelman, T., Spyrou, S., Sümer, H. C., Sümer, N., Supekova, M., Szlendak, T., Timmermans, B., Tooke, W., Tsaousis, I., Tungaraza, F. S., van Overwalle, F., Vandermassen, G., Vanhoomissen, T., Vanwesenbeeck, I., Vasey, P. L., Verissimo, J., Voracek, M., Wan, W. W., Wang, T. W., Weiss, P., Wijaya, A., Woertman, L., Youn, G. & Zupanè, A. (2004). Patterns and universals of mate poaching across 53 nations: the effects of sex, culture, and personality on romantically attracting another person's partner. *Journal of personality and social psychology*, 86 (4), 560-584.

Schumacker, R. E. & Lomax, R. G. (1996). *A beginner's guide to structural equations modeling*. Mahwah: Lawrence Erlbaum.

Schwartz, S. (1992). Universals in the content and structure of values: Theoretical advances and empirical tests in 20 countries. In Mark Zanna (Ed.), *Advances in Experimental Social Psychology* (pp. 1-65). San Diego: Academic Press.

Sigmon, ST., Stanton, AL., & Snyder, CR. (1995). Gender differences in coping: a further test of socialization and role constraint theories. *Sex Roles*, 33, 565-587.

Slaby, R. G. & Frey, K. S. (1975). Development of gender constancy and selective attention to same-sex models. *Child Development*, 46, 849-856.

Slater, C. (2001). *Entangled Edens: Visions of the Amazon*. San Francisco: University of California Press.

Smith, A., Rissel, C., Richters, J., Grulich, A. & Visser, R. (2003). Sex in Australia: Sexual identity, sexual attraction and sexual experience among a representative sample of adults. *Australian and New Zealand Journal of Public Health*, 27 (2), 138-145.

Spitzer, R. L. (2003). Can some gay men and lesbians change their sexual orientation? 200 subjects reporting a change from homosexual to heterosexual orientation. *Archives of Sexual Behavior*, 32 (5), 403-417.

Socarides, C. (1957). *Homosexuality: Disease or Way of Life?* New York: Hill & Wang.

Sokal, L. (2002). Temporal Issues in Gender Schema Inventories. *Canadian Journal of Infancy & Early Childhood*, 9, (2), 91-96.

Sophie J. (1987). Internalized homophobia and lesbian identity. *Journal of Homosexuality*, 14 (1-2), 53-65.

SPSS 12.0 [Software de computador] (2003). Chicago: SPSS Inc.

Stekel, W. (1922). *Bi-sexual Love*. New York: Emerson.

- Stets, J. E. & Burke, P. J. (2000). Identity theory and social identity theory. *Social Psychology Quarterly*, 63 (3), 224-237.
- Stokes, J. P., Damon, W. & McKirnan, D. J. (1997). Predictors of movement toward homosexuality: A longitudinal study of bisexual Men. *The Journal of Sex Research*, 34 (3), 304-312.
- Stoller, R. (1975) *A Experiência Transsexual*. Rio de Janeiro: Imago.
- Stoller, R. (1993). *Masculinidade e Feminilidade: apresentações do gênero*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Storm, M. D. (1980). Theories of Sexual Orientation. *Journal of Personality and Social Psychology*, 38, 783-792.
- Strayer, J. (2002). The dynamics of emotions and life cycle identity. *Identity: An International Journal of Theory and Research*, 2, 47-80.
- Swaab, D. F. & Fliers, E. (1985). A sexually dimorphic nucleus in the human brain. *Science*, 228, 1112.
- Tabachnick, B. G. & Fidell, L. S. (1996). *Using multivariate statistics*. Harper Collins: New York, NY.
- Tajfel, H. (1972). La Categorization Sociale. In S. Moscovici (Ed.), *Introduction à la Psychologie Sociale* (pp. 30-37), Vol. I. Paris: Larousse.
- Tatchell, P. (1998) *Future Sex - More Gay Desire, but Fewer Gay People?* Retirado em 11 de Janeiro de 2002 de www.tatchellgayarchive.freemove.co.uk/queer%20theory
- Tatchell, P. (1998). Just Cases of Mistaken Identity. *Tribune*, 7 (14), 123-145.
- Tatchell, P. (1997). Goodbye to Gay?. *Gay and Lesbian Humanist*, 16 (4), 77-89.
- Taylor, G. (2002). Psychopathology and the social and historical construction of gay male identities. In A. Coyle & C. Kitzinger (Eds.), *Lesbian and Gay Psychology* (pp. 135-153). Oxford: Backwell.
- Tejero, A. (1996). Los cambios biológicos durante la adolescencia, in J. Fernández (Ed.), *Varones y Mujeres: Desarrollo de la doble realidad del sexo y del género*. Madrid: Pirámide.
- Tenenbaum, H. R. & Leaper, C. (2002). Are Parents' Gender Schemas Related to Their Children's Gender-Related Cognitions? *A Meta-Analysis*. *Developmental Psychology*, 38, (4), 615-630.

- Thoits, P. (1985). Self-labeling processes in mental illness: The role of emotional deviance. *American Journal of Sociology*, 91, 221-249.
- Thoits, P. A. & Virshup, L. K. (1997). Me's and we's: Forms and functions of social identities. In R. D. Ashmore & L. Jussim (Eds.), *Self and Identity: fundamental issues* (pp. 106-133). New York: Oxford University Press.
- Thomson, S. K., (1975) Gender Labels and early sex role development. *Child Development*, 46, 339-347.
- Tikkanen, R.; & Ross, M.W. (2003). Technological tearoom trade: characteristics of Swedish men visiting gay internet chat rooms. *AIDS ducation and Prevention*, 15 (2), 122-132.
- Torres, W. F. & Jurberg, P. (2000). Ser homem ou ser mulher: a identidade neuro-psíquica de gênero como fator determinante. *Scientia Sexualis*, 6 (3).
- Trexler, R. C. (1995). *Sex and Conquest: Gendered Violence, Political Order, and the European Conquest of the Americas*. New York: Cornell University Press.
- Troiden, R. (1988). Gay and Lesbian Identity: a sociological analysis. Dix Hills, New York: *Psychiatry*, 42, 362-373.
- Troiden, R. (1989). The Formation of Homosexual Identities. *Journal of Homosexuality*, 17 (1-2), 43-73.
- Troiden, R. (1998). Homosexual Identity Development. *Journal of Adolescent Health*, 9 (105), 2-9.
- Tross, S., Hirsch, D. & Rabkin, B. (1987). Determinants of current psychiatric disorders in AIDS spectrum patients. Programs and Abstracts of the Third International Conference on AIDS, Washington DC, June 1-5.
- Turner, J., Hogg, M., Oakes, P., Reicher, S. & Wetherell, M. (1987). *Rediscovering the social group: A self-categorization theory*. New York: Basil Blackwell.
- Turner, R. H. (1978). The role and the person. *American Journal of Sociology*, 84, 1-23.
- Twining, A. (1983). Bisexual women: Identity in adult development. *Dissertation Abstracts International*, 44 (5), 1340A.
- Tyson, P. & Tyson, R.M. (1990). *Psychoanalytic theories of development: an integration*. New Haven, CT: Yale University Press.
- Udry, J. R. (2000). Biological limits of gender construction. *American Sociological Review*, 65 (3), 443-457.

- Ulrichs, K. H. (1994). *The Riddle of Man-Manly Love: The Pioneering Work on Male Homosexuality*. Buffalo: Prometheus.
- Unwin, J. D. (1943). *Sex and Culture*. Oxford: University Press.
- Vala, J. & Monteiro, M. B. (1993). *Psicologia Social*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Vasconcelos, P. (1998). Práticas e Discursos da Conjugalidade e de Sexualidade dos Jovens Portugueses. In M.V. Cabral & J. M. Pais (Eds.), *Jovens Portugueses de Hoje*. Oeiras: Celta.
- Vera-Gamboa, L. (1998). Historia de la Sexualidad. *Revista Biomed*, 9 (2), 116-121.
- Weeks, J. (1985). *Sexuality and its discontents*. London: Routledge & Kegan Paul.
- Weidman, J. (1989). Undergraduate socialization: A conceptual approach. In J. Smart (Ed.), *Higher Education: Handbook of theory and research*. New York: Agathon.
- Weinberg, G. (1977). *La homosexualidad: Un revolucionario enfoque psicologico*. Barcelona: Granica.
- Weinberg, M. S., Williams, C. J. & Pryor, D. W. (1994). *Dual attraction: Understanding bisexuality*. New York: Oxford University Press.
- Weinrich, J. D. & Williams, W. L. (1991). Strange customs, familiar lives: homosexualities in other cultures. In J. C. Gonsiorek & J. D. Weinrich (Eds.), *Homosexuality: Research Implications for Public Policy*. Newbury Park, CA: Sage Publications.
- Weinrich, J. D., Snyder, P. J., Pillard, R. C., Grant, I., Jacobson, D. L., Robinson, S. R. & McCutchan, J. A. (1993). A factor analysis of the Klein sexual orientation grid in two disparate samples. *Archives of Sexual Behavior*, 22 (2), 157-168.
- Werner, D. (1998). Sobre a evolução e variação cultural na homossexualidade masculina. In Joana Pedro & Miriam Grossi (Eds.), *Masculino, Feminino Plural* (pp. 99-129). Florianópolis: Editora Mulheres.
- Weston, K. (1991). *Families we choose: lesbians, gays, kinship*. New York: Columbia University Press.
- Whitbourne, S. K., Sneed, J. R., & Skultety, K.M. (2002). Identity processes in adulthood: Theoretical and methodological challenges. *Identity: An International Journal of Theory and Research*, 2, 29-46.

- Whitman, F., Diamond, M. & Martin, J. (1993). Homosexual orientation in twins: A report on 61 pairs and three triplets sets. *Archives of Sexual Behavior*, 22, 187-206.
- Wichstrom, L. & Hegna, K. (2003). Sexual orientation and suicide attempt: A longitudinal study of the general Norwegian adolescence. *Journal of Abnormal Psychology*, 112 (1), 144-152.
- Williams, W. L. (1992). *The Spirit and the Flesh: Sexual Diversity in American Indian Culture*. Boston: Beacon Press.
- Williams, J., Rabkin, J. & Remien, R. (1991). Multidisciplinary baseline assessment of homosexual men with or without human immunodeficiency virus infection: II Standardised clinical assessment of current and lifetime psychopathology. *Archives of General Psychiatry*, 48, 124-130.
- Williamson, I. R. (2000). Internalized Homophobia and health issues affecting lesbians and gay men. *Health Education Research –Theory and Practice*, 15 (1), 97-107.
- Wilson, E. (1978). *On human nature*. Cambridge: Harvard University Press.
- Wilson, E. (1986). *Hidden Agendas: Theory, Politics, and Experience in the Women's Movement*. London: Tavistock.
- Wilson, J. D. (1999). The role of androgens in male gender role behaviour. *Endocrine Reviews*, 20 (5), 726-737.
- Wilson, J. D., Griffin, J. E. & George, F. W. (1980). Sexual differentiation: early hormone synthesis and action. *Biology of Reproduction*, 22, 9-17.
- Winykamen, F. (1990). *Apprendre en imitant ?* Paris: PUF.
- Woodman, N. J. & Lenna, H. R. (1980). *Counseling with Gay men and Women: A Guide for facilitating Positive Lifestyles*. San Francisco: Jossey Bass.
- Woods, G. (1998). *A History of Gay Literature*. London: Yale University Press.
- Yang, C. C. (n.d.) The Internet as a Liberating Technology: The Use of the Internet among Gay Communities in Taiwan. Retirado em 8 de outubro de 2003 de http://www.isoc.org/inet96/proceedings/e6/e6_3.htm
- Zhou, J. N., Hofman, M. A., Gooren, L. J. G. & Swaab, D. F. (1995). A sex difference in the human brain and its relation to transsexuality. *Nature*, 378, 68-70.
- Zucker, T. (1990). Psychosocial and erotic development in cross-gender identified children. *Canadian Journal of Psychiatry*, 35, 487-495.

ANEXOS

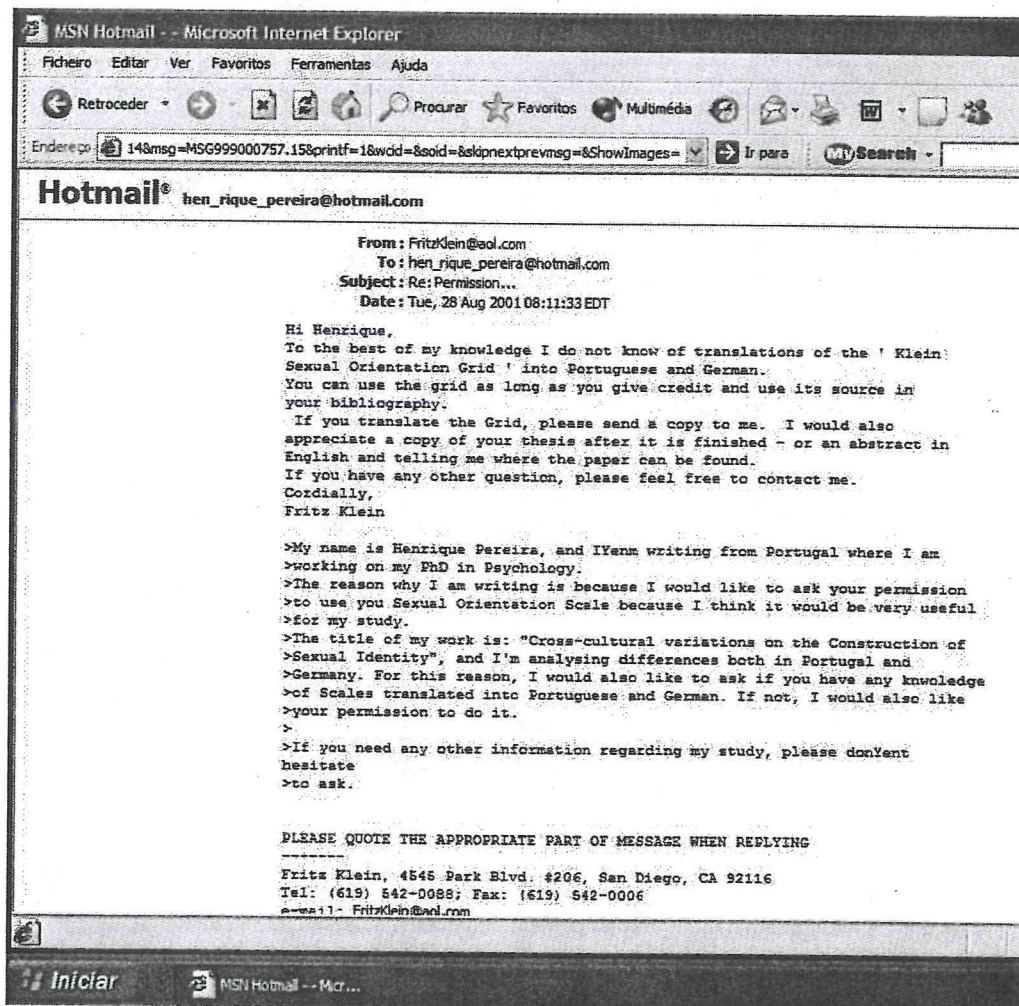
Anexo I

Guião de Entrevista para as entrevistas exploratórias.

Com que idade é que se apercebeu pela primeira vez dos seus sentimentos homoeróticos?
O que é sentiu nessa altura?
Poder-se-ia dizer que sentiu alguma incompatibilidade relativamente ao que é ser masculino ou feminino? Afinal, é suposto serem as raparigas a gostarem de rapazes... será que isso causou alguma confusão a este nível?
Como é que lidou com o facto de “ser diferente” caso se aplicasse...?
Poder-se-ia dizer que sentiu alguma confusão em relação à sua identidade homossexual ou tolerou/aceitou sem problemas a sua identidade? Porquê?
Como é que vive hoje a sua sexualidade? Como é que as coisas mudaram desde o início até hoje?
Poder-se-ia dizer que vive a sexualidade sem qualquer homonegatividade? De que modo? Que factores é que considera mais marcantes para ser assim?
Quem à sua volta sabe da sua identidade?
Neste momento da sua vida, em qual das seguintes categorias se encaixaria? (1) Tolerar a sua identidade, mas ainda tem assuntos por resolver em relação a ela, o que condiciona as suas relações com os outros; (2) Aceita a sua identidade, mas apenas privadamente – relacionando-se com pessoas anonimamente - por medo de represálias sociais; (3) Aceita a sua identidade privada e publicamente – dando a conhecer a quem o rodeia a sua identidade.

Anexo II

Carta de autorização de Fritz Klein para a tradução e utilização da Grelha de Orientação de Klein:



Anexo III

		VAR1	VAR2	VAR3	VAR4	VAR5	VAR6	VAR7
N	Valid	1000	1000	1000	1000	1000	1000	1000
	Missing	0	0	0	0	0	0	0
Mean		1,5300	1,3880	2,2270	2,4500	2,2690	1,9340	1,9290
Median		1,0000	1,0000	2,0000	2,0000	2,0000	1,0000	1,0000
Mode		1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00
Std. Deviation		1,06876	,95203	1,38831	1,35179	1,45215	1,33470	1,32125
Skewness		2,096	2,603	,682	,368	,661	1,187	1,164
Std. Error of Skewness		,077	,077	,077	,077	,077	,077	,077
Kurtosis		3,428	5,880	-1,027	-1,276	-1,118	-,025	-,064
Std. Error of Kurtosis		,155	,155	,155	,155	,155	,155	,155
Minimum		1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00
Maximum		5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00

		VAR8	VAR9	VAR10	VAR11	VAR12	VAR13	VAR14
N	Valid	1000	1000	1000	1000	1000	1000	1000
	Missing	0	0	0	0	0	0	0
Mean		1,4550	1,6580	1,8770	2,5730	3,2870	3,7960	4,5080
Median		1,0000	1,0000	1,0000	2,0000	4,0000	4,0000	5,0000
Mode		1,00	1,00	1,00	1,00	5,00	5,00	5,00
Std. Deviation		,98027	1,14732	1,32198	1,67256	1,67853	1,37633	1,07475
Skewness		2,209	1,628	1,217	,386	-,328	-,899	-2,217
Std. Error of Skewness		,077	,077	,077	,077	,077	,077	,077
Kurtosis		3,871	1,376	-,016	-1,537	-1,552	-,528	3,791
Std. Error of Kurtosis		,155	,155	,155	,155	,155	,155	,155
Minimum		1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00
Maximum		5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00

		VAR15	VAR16	VAR17	VAR18	VAR19	VAR20	VAR21
N	Valid	1000	1000	1000	1000	1000	1000	1000
	Missing	0	0	0	0	0	0	0
Mean		3,1450	2,2550	3,2250	4,2650	4,3690	4,3540	2,9850
Median		4,0000	2,0000	4,0000	5,0000	5,0000	5,0000	3,0000
Mode		5,00	1,00	5,00	5,00	5,00	5,00	1,00
Std. Deviation		1,59390	1,44847	1,65986	1,23544	1,02757	1,09539	1,51363
Skewness		-,207	,736	-,283	-1,634	-1,800	-1,756	-,020
Std. Error of Skewness		,077	,077	,077	,077	,077	,077	,077
Kurtosis		-1,556	-,974	-1,612	1,459	2,588	2,199	-1,494
Std. Error of Kurtosis		,155	,155	,155	,155	,155	,155	,155
Minimum		1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00
Maximum		5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00

Avaliação da sensibilidade do Questionário de Identidade Homossexual

Anexo IV

Total Variance Explained

Component	Initial Eigenvalues			Extraction Sums of Squared Loadings			Rotation Sums of Squared Loadings		
	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %
1	4,658	35,833	35,833	4,658	35,833	35,833	3,161	24,318	24,318
2	1,515	11,658	47,490	1,515	11,658	47,490	2,446	18,819	43,137
3	1,289	9,917	57,407	1,289	9,917	57,407	1,634	12,569	55,705
4	1,067	8,204	65,611	1,067	8,204	65,611	1,288	9,906	65,611
5	,845	6,500	72,111						
6	,711	5,468	77,579						
7	,546	4,202	81,781						
8	,464	3,572	85,353						
9	,448	3,446	88,799						
10	,432	3,324	92,122						
11	,418	3,216	95,339						
12	,328	2,526	97,865						
13	,278	2,135	100,000						

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Rotated Component Matrix(a)

	Component			
	1	2	3	4
Diferença	0,208	0,778	0,092	-0,018
Exclusão	0,035	0,831	0,048	0,135
Isolamento	0,361	0,713	0,092	0,025
Negação	0,765	0,201	0,123	-0,220
Evitamento	0,707	0,324	0,104	-0,228
Vergonha	0,543	0,515	0,139	-0,222
Medo	0,669	0,376	0,202	-0,199
Tolerância	0,299	0,066	0,796	-0,071
Aceitação	0,051	0,110	0,860	0,110
<i>Coping</i>	-0,093	0,177	0,375	0,605
Clivagem	0,663	0,194	0,046	0,400
Abertura	0,785	-0,025	0,073	0,173
Relativização	-0,028	-0,056	-0,092	0,711

Extraction Method: Principal Component Analysis. Rotation Method: Varimax with Kaiser Normalization. a. Rotation converged in 6 iterations.

Total Variance Explained

Component	Initial Eigenvalues			Extraction Sums of Squared Loadings			Rotation Sums of Squared Loadings		
	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %
1	4,658	35,833	35,833	4,658	35,833	35,833	2,787	21,435	21,435
2	1,515	11,658	47,490	1,515	11,658	47,490	2,187	16,821	38,256
3	1,289	9,917	57,407	1,289	9,917	57,407	1,550	11,925	50,181
4	1,067	8,204	65,611	1,067	8,204	65,611	1,523	11,718	61,898
5	,845	6,500	72,111	,845	6,500	72,111	1,026	7,891	69,789
6	,711	5,468	77,579	,711	5,468	77,579	1,013	7,790	77,579
7	,546	4,202	81,781						
8	,464	3,572	85,353						
9	,448	3,446	88,799						
10	,432	3,324	92,122						
11	,418	3,216	95,339						
12	,328	2,526	97,865						
13	,278	2,135	100,000						

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Rotated Component Matrix(a)

	Component					
	1	2	3	4	5	6
Diferença	,233	,783	,120	,093	-,055	-,006
Exclusão	,064	,842	,041	,051	,115	,020
Isolamento	,388	,674	,068	,171	,099	-,026
Negação	,841	,083	,103	,216	-,056	-,004
Evitamento	,848	,186	,055	,145	,023	-,044
Vergonha	,598	,454	,146	,169	-,109	-,098
Medo	,761	,267	,168	,183	,010	-,064
Tolerância	,255	,065	,824	,140	-,004	-,045
Aceitação	,034	,125	,865	,034	,161	,046
Coping	-,048	,086	,144	,059	,966	,068
Clivagem	,187	,253	,064	,816	,136	,051
Abertura	,318	,023	,120	,814	-,056	-,044
Relativização	-,090	-,010	,006	,007	,066	,991

Extraction Method: Principal Component Analysis. Rotation Method: Varimax with Kaiser Normalization.
a. Rotation converged in 6 iterations.

Anexo V

Total Variance Explained

Component	Initial Eigenvalues			Extraction Sums of Squared Loadings			Rotation Sums of Squared Loadings		
	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %
1	4,658	35,833	35,833	4,658	35,833	35,833	2,787	21,435	21,435
2	1,515	11,658	47,490	1,515	11,658	47,490	2,187	16,821	38,256
3	1,289	9,917	57,407	1,289	9,917	57,407	1,550	11,925	50,181
4	1,067	8,204	65,611	1,067	8,204	65,611	1,523	11,718	61,898
5	,845	6,500	72,111	,845	6,500	72,111	1,026	7,891	69,789
6	,711	5,468	77,579	,711	5,468	77,579	1,013	7,790	77,579
7	,546	4,202	81,781						
8	,464	3,572	85,353						
9	,448	3,446	88,799						
10	,432	3,324	92,122						
11	,418	3,216	95,339						
12	,328	2,526	97,865						
13	,278	2,135	100,000						

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Anexo VI

Component	Initial Eigenvalues			Extraction Sums of Squared Loadings			Rotation Sums of Squared Loadings		
	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %
1	8,829	42,045	42,045	8,829	42,045	42,045	4,112	19,583	19,583
2	2,223	10,586	52,630	2,223	10,586	52,630	3,555	16,926	36,509
3	2,019	9,615	62,245	2,019	9,615	62,245	2,678	12,751	49,260
4	1,422	6,771	69,016	1,422	6,771	69,016	2,219	10,566	59,826
5	1,214	5,782	74,798	1,214	5,782	74,798	2,215	10,547	70,373
6	,915	4,356	79,155	,915	4,356	79,155	1,721	8,195	78,567
7	,657	3,127	82,281	,657	3,127	82,281	,780	3,714	82,281
8	,504	2,400	84,682						
9	,429	2,041	86,723						
10	,407	1,937	88,660						
11	,345	1,641	90,301						
12	,318	1,514	91,815						
13	,285	1,357	93,172						
14	,264	1,257	94,429						
15	,227	1,082	95,512						
16	,202	,960	96,472						
17	,197	,937	97,409						
18	,170	,808	98,216						
19	,143	,680	98,896						
20	,138	,656	99,552						
21	9,407E-02	,448	100,000						

Variância Total Explicada da Análise dos Componentes Principais da Grelha de Orientação Sexual de Klein

Anexo VII

	Componente						
	1	2	3	4	5	6	7
Klein 1	0,29	0,29	0,77	7,314E-02	7,451E-02	0,19	9,305E-02
Klein 2	0,20	0,82	0,22	9,141E-02	0,15	0,11	1,437E-02
Klein 3	0,87	0,19	0,23	7,878E-02	0,10	7,199E-02	1,297E-02
Klein 4	0,16	0,20	0,81	6,014E-02	9,818E-02	0,13	0,16
Klein 5	0,13	0,81	0,21	8,337E-02	8,684E-02	8,171E-02	7,771E-02
Klein 6	0,90	0,19	0,20	6,907E-02	0,11	0,12	3,983E-02
Klein 7	0,32	0,31	0,74	6,077E-02	4,286E-02	8,719E-02	-0,22
Klein 8	0,19	0,79	0,28	8,593E-02	9,438E-02	9,215E-02	-0,18
Klein 9	0,88	0,17	0,20	8,106E-02	9,808E-02	0,10	-6,413E-02
Klein 10	0,34	0,22	0,57	0,15	9,974E-02	0,11	0,58
Klein 11	0,24	0,76	0,16	0,13	0,18	6,745E-02	0,36
Klein 12	0,83	0,17	0,18	0,13	0,13	0,13	0,28
Klein 13	6,462E-02	-1,192E-02	0,18	0,82	0,14	-5,037E-03	-7,680E-02
Klein 14	8,603E-02	0,22	-6,155E-02	0,79	0,12	6,294E-02	0,24
Klein 15	0,13	0,10	5,159E-02	0,83	0,16	9,626E-02	-2,892E-02
Klein 16	7,685E-02	5,032E-02	0,17	0,16	0,88	0,13	1,474E-02
Klein 17	5,071E-02	0,38	-5,285E-03	0,17	0,78	0,11	0,16
Klein 18	0,34	8,409E-02	4,162E-02	0,19	0,72	0,17	-8,853E-02
Klein 19	0,18	0,15	0,35	7,604E-02	0,20	0,82	2,937E-02
Klein 20	9,167E-02	0,62	1,979E-02	6,649E-02	0,21	0,63	5,625E-02
Klein 21	0,60	0,11	0,12	0,12	0,12	0,65	2,136E-02

Matriz dos Componentes da Grelha de Orientação Sexual de Klein após rotação, método de extracção: Análise dos Componentes Principais.

Anexo VIII

Para a variável SEXO
Independent Samples Test

		Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means						
		F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
									Lower	Upper
DIMENSÃO 1 - ALIENAÇÃO	Equal variances assumed	2,111	,147	2,035	998	,042	,1644697	,08080925	,00589415	,32304523
	Equal variances not assumed			2,144	298,112	,033	,1644697	,07672252	,01348335	,31545604
DIMENSÃO 2 - GESTÃO DA HOMOFOBIA	Equal variances assumed	26,381	,000	4,494	998	,000	,3603028	,08016958	,20298248	,51762304
	Equal variances not assumed			5,276	348,959	,000	,3603028	,06828686	,22599716	,49460836
DIMENSÃO 3 - TRAJETÓRIA	Equal variances assumed	,042	,838	-,146	998	,884	-,0118034	,08097592	-,17070596	,14709925
	Equal variances not assumed			-,146	280,589	,884	-,0118034	,08086432	-,17098109	,14737438
DIMENSÃO 4 - ESTRATÉGIA	Equal variances assumed	2,061	,151	2,041	998	,042	,2270	,11122	,00872	,44522
	Equal variances not assumed			1,990	272,601	,048	,2270	,11403	,00247	,45147
DIMENSÃO 5 - GESTÃO DA ACEITAÇÃO	Equal variances assumed	14,127	,000	3,768	998	,000	,3030042	,08040674	,14521853	,46078989
	Equal variances not assumed			4,156	317,077	,000	,3030042	,07291588	,15954413	,44646429
DIMENSÃO 6 - RELATIVIZAÇÃO	Equal variances assumed	,186	,667	,578	998	,564	,0578	,10002	-,13851	,25406
	Equal variances not assumed			,573	277,479	,567	,0578	,10089	-,14083	,25638

Para a variável IDADE
Independent Samples Test

		Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means						
		F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
									Lower	Upper
DIMENSÃO 1 - ALIENAÇÃO	Equal variances assumed	,132	,717	4,267	998	,000	,2681038	,06282862	,14481247	,39139517
	Equal variances not assumed			4,268	983,419	,000	,2681038	,06281847	,14483016	,39137747
DIMENSÃO 2 - GESTÃO DA HOMOFOBIA	Equal variances assumed	17,724	,000	3,549	998	,000	,2235746	,06300296	,09994113	,34720808
	Equal variances not assumed			3,582	997,311	,000	,2235746	,06242095	,10108313	,34606608
DIMENSÃO 3 - TRAJETÓRIA	Equal variances assumed	,756	,385	4,408	998	,000	,2768123	,06279077	,15359523	,40002937
	Equal variances not assumed			4,404	978,605	,000	,2768123	,06285496	,15346628	,40015832
DIMENSÃO 4 - ESTRATÉGIA	Equal variances assumed	5,358	,021	,751	998	,453	,0655	,08723	-,10563	,23673
	Equal variances not assumed			,748	958,736	,455	,0655	,08766	-,10648	,23757
DIMENSÃO 5 - GESTÃO DA ACEITAÇÃO	Equal variances assumed	5,347	,021	2,985	998	,003	,1884015	,06311808	,06454207	,31226084
	Equal variances not assumed			2,973	963,736	,003	,1884015	,06337154	,06403933	,31276358
DIMENSÃO 6 - RELATIVIZAÇÃO	Equal variances assumed	1,356	,244	-1,680	998	,093	-,1314	,07822	-,28485	,02212
	Equal variances not assumed			-1,681	986,542	,093	-,1314	,07813	-,28469	,02196

Para a variável PROVENIÊNCIA GEOGRÁFICA
ANOVA

		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
DIMENSÃO 1 – ALIENAÇÃO	Between Groups	2,722	6	,454	,452	,844
	Within Groups	996,278	993	1,003		
	Total	999,000	999			
DIMENSÃO 2 – GESTÃO DA HOMOFOBIA	Between Groups	15,232	6	2,539	2,562	,018
	Within Groups	983,768	993	,991		
	Total	999,000	999			
DIMENSÃO 3 – TRAJECTÓRIA	Between Groups	52,025	6	8,671	9,092	,000
	Within Groups	946,975	993	,954		
	Total	999,000	999			
DIMENSÃO 4 – ESTRATÉGIAS	Between Groups	45,233	6	7,539	4,053	,001
	Within Groups	1847,151	993	1,860		
	Total	1892,384	999			
DIMENSÃO 5 – GESTÃO DA ACEITAÇÃO	Between Groups	10,731	6	1,788	1,797	,097
	Within Groups	988,269	993	,995		
	Total	999,000	999			
DIMENSÃO 6 – RELATIVIZAÇÃO	Between Groups	9,751	6	1,625	1,065	,382
	Within Groups	1515,024	993	1,526		
	Total	1524,775	999			

Para a variável ESTATUTO SÓCIO-ECONÓMICO
ANOVA

		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
DIMENSÃO 1 – ALIENAÇÃO	Between Groups	10,123	4	2,531	2,547	,038
	Within Groups	988,877	995	,994		
	Total	999,000	999			
DIMENSÃO 2 – GESTÃO DA HOMOFOBIA	Between Groups	3,646	4	,911	,911	,457
	Within Groups	995,354	995	1,000		
	Total	999,000	999			
DIMENSÃO 3 – TRAJECTÓRIA	Between Groups	11,331	4	2,833	2,854	,023
	Within Groups	987,669	995	,993		
	Total	999,000	999			
DIMENSÃO 4 – ESTRATÉGIAS	Between Groups	3,374	4	,843	,444	,777
	Within Groups	1889,010	995	1,899		
	Total	1892,384	999			
DIMENSÃO 5 – GESTÃO DA ACEITAÇÃO	Between Groups	3,221	4	,805	,805	,522
	Within Groups	995,779	995	1,001		
	Total	999,000	999			
DIMENSÃO 6 – RELATIVIZAÇÃO	Between Groups	26,232	4	6,558	4,354	,002
	Within Groups	1498,543	995	1,506		
	Total	1524,775	999			

Para a variável NÍVEL DE ESCOLARIDADE
ANOVA

		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
DIMENSÃO 1 - ALIENAÇÃO	Between Groups	7,431	7	1,062	1,062	,386
	Within Groups	991,569	992	1,000		
	Total	999,000	999			
DIMENSÃO 2 - GESTÃO DA HOMOFOBIA	Between Groups	27,385	7	3,912	3,994	,000
	Within Groups	971,615	992	,979		
	Total	999,000	999			
DIMENSÃO 3 - TRAJECTÓRIA	Between Groups	30,456	7	4,351	4,456	,000
	Within Groups	968,544	992	,976		
	Total	999,000	999			
DIMENSÃO 4 - ESTRATÉGIAS	Between Groups	8,855	7	1,265	,666	,701
	Within Groups	1883,529	992	1,899		
	Total	1892,384	999			
DIMENSÃO 5 - GESTÃO DA ACEITAÇÃO	Between Groups	20,808	7	2,973	3,014	,004
	Within Groups	978,192	992	,986		
	Total	999,000	999			
DIMENSÃO 6 - RELATIVIZAÇÃO	Between Groups	13,215	7	1,888	1,239	,278
	Within Groups	1511,560	992	1,524		
	Total	1524,775	999			

Para a variável ORIENTAÇÃO SEXUAL
ANOVA

		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
DIMENSÃO 1 - ALIENAÇÃO	Between Groups	33,696	7	4,814	4,947	,000
	Within Groups	965,304	992	,973		
	Total	999,000	999			
DIMENSÃO 2 - GESTÃO DA HOMOFOBIA	Between Groups	75,311	7	10,759	11,554	,000
	Within Groups	923,689	992	,931		
	Total	999,000	999			
DIMENSÃO 3 - TRAJECTÓRIA	Between Groups	21,575	7	3,082	3,128	,003
	Within Groups	977,425	992	,985		
	Total	999,000	999			
DIMENSÃO 4 - ESTRATÉGIAS	Between Groups	6,514	7	,931	,489	,843
	Within Groups	1885,870	992	1,901		
	Total	1892,384	999			
DIMENSÃO 5 - GESTÃO DA ACEITAÇÃO	Between Groups	79,931	7	11,419	12,325	,000
	Within Groups	919,069	992	,926		
	Total	999,000	999			
DIMENSÃO 6 - RELATIVIZAÇÃO	Between Groups	17,059	7	2,437	1,603	,131
	Within Groups	1507,716	992	1,520		
	Total	1524,775	999			

Anexo IX

Multivariate Tests(d)

Effect		Value	F	Hypothesis df	Error df	Sig.	Noncent. Parameter	Observed Power(a)
Intercept	Pillai's Trace	,738	1397,196(b)	2,000	992,000	,000	2794,393	1,000
	Wilks' Lambda	,262	1397,196(b)	2,000	992,000	,000	2794,393	1,000
	Hotelling's Trace	2,817	1397,196(b)	2,000	992,000	,000	2794,393	1,000
	Roy's Largest Root	2,817	1397,196(b)	2,000	992,000	,000	2794,393	1,000
klein1	Pillai's Trace	,535	60,468	12,000	1986,000	,000	725,612	1,000
	Wilks' Lambda	,469	76,213(b)	12,000	1984,000	,000	914,557	1,000
	Hotelling's Trace	1,127	93,032	12,000	1982,000	,000	1116,387	1,000
	Roy's Largest Root	1,119	185,273(c)	6,000	993,000	,000	1111,636	1,000

a Computed using alpha = ,05

b Exact statistic

c The statistic is an upper bound on F that yields a lower bound on the significance level.

d Design: Intercept+klein1

Tests of Between-Subjects Effects

Source	Dependent Variable	Type III Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.	Noncent. Parameter	Observed Power(a)
Corrected Model	klein2	1292,346(b)	6	215,391	96,830	,000	580,982	1,000
	klein3	1240,404(c)	6	206,734	113,449	,000	680,694	1,000
Intercept	klein2	3547,280	1	3547,280	1594,702	,000	1594,702	1,000
	klein3	2854,035	1	2854,035	1566,203	,000	1566,203	1,000
klein1	klein2	1292,346	6	215,391	96,830	,000	580,982	1,000
	klein3	1240,404	6	206,734	113,449	,000	680,694	1,000
Error	klein2	2208,845	993	2,224				
	klein3	1809,507	993	1,822				
Total	klein2	10775,000	1000					
	klein3	7965,000	1000					
Corrected Total	klein2	3501,191	999					
	klein3	3049,911	999					

a Computed using alpha = ,05

b R Squared = ,369 (Adjusted R Squared = ,365)

c R Squared = ,407 (Adjusted R Squared = ,403)

Multivariate Tests(d)

Effect		Value	F	Hypothesis df	Error df	Sig.	Noncent. Parameter	Observed Power(a)
Intercept	Pillai's Trace	,759	1565,122(b)	2,000	992,000	,000	3130,244	1,000
	Wilks' Lambda	,241	1565,122(b)	2,000	992,000	,000	3130,244	1,000
	Hotelling's Trace	3,155	1565,122(b)	2,000	992,000	,000	3130,244	1,000
	Roy's Largest Root	3,155	1565,122(b)	2,000	992,000	,000	3130,244	1,000
klein4	Pillai's Trace	,451	48,157	12,000	1986,000	,000	577,884	1,000
	Wilks' Lambda	,551	57,414(b)	12,000	1984,000	,000	688,972	1,000
	Hotelling's Trace	,812	67,058	12,000	1982,000	,000	804,698	1,000
	Roy's Largest Root	,808	133,749(c)	6,000	993,000	,000	802,496	1,000

a Computed using alpha = ,05

b Exact statistic

c The statistic is an upper bound on F that yields a lower bound on the significance level.

d Design: Intercept+klein4

Tests of Between-Subjects Effects

Source	Dependent Variable	Type III Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.	Noncent. Parameter	Observed Power(a)
Corrected Model	klein5	1295,947(b)	6	215,991	66,593	,000	399,560	1,000
	klein6	1185,696(c)	6	197,616	90,343	,000	542,059	1,000
Intercept	klein5	5744,690	1	5744,690	1771,174	,000	1771,174	1,000
	klein6	4159,275	1	4159,275	1901,477	,000	1901,477	1,000
klein4	klein5	1295,947	6	215,991	66,593	,000	399,560	1,000
	klein6	1185,696	6	197,616	90,343	,000	542,059	1,000
Error	klein5	3220,732	993	3,243				
	klein6	2172,079	993	2,187				
Total	klein5	12863,000	1000					
	klein6	8579,000	1000					
Corrected Total	klein5	4516,679	999					
	klein6	3357,775	999					

a Computed using alpha = ,05

b R Squared = ,287 (Adjusted R Squared = ,283)

c R Squared = ,353 (Adjusted R Squared = ,349)

Multivariate Tests(d)

Effect		Value	F	Hypothesis df	Error df	Sig.	Noncent. Parameter	Observed Power(a)
Intercept	Pillai's Trace	,659	957,671(b)	2,000	992,000	,000	1915,342	1,000
	Wilks' Lambda	,341	957,671(b)	2,000	992,000	,000	1915,342	1,000
	Hotelling's Trace	1,931	957,671(b)	2,000	992,000	,000	1915,342	1,000
	Roy's Largest Root	1,931	957,671(b)	2,000	992,000	,000	1915,342	1,000
klein7	Pillai's Trace	,439	46,546	12,000	1986,000	,000	558,547	1,000
	Wilks' Lambda	,563	54,983(b)	12,000	1984,000	,000	659,791	1,000
	Hotelling's Trace	,772	63,742	12,000	1982,000	,000	764,903	1,000
	Roy's Largest Root	,767	126,909(c)	6,000	993,000	,000	761,453	1,000

a Computed using alpha = ,05

b Exact statistic

c The statistic is an upper bound on F that yields a lower bound on the significance level.

d Design: Intercept+klein7

Tests of Between-Subjects Effects

Source	Dependent Variable	Type III Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.	Noncent. Parameter	Observed Power(a)
Corrected Model	klein8	992,103(b)	6	165,351	82,390	,000	494,341	1,000
	klein9	956,944(c)	6	159,491	77,360	,000	464,161	1,000
Intercept	klein8	2676,309	1	2676,309	1333,540	,000	1333,540	1,000
	klein9	2197,351	1	2197,351	1065,814	,000	1065,814	1,000
klein7	klein8	992,103	6	165,351	82,390	,000	494,341	1,000
	klein9	956,944	6	159,491	77,360	,000	464,161	1,000
Error	klein8	1992,872	993	2,007				
	klein9	2047,232	993	2,062				
Total	klein8	8769,000	1000					
	klein9	7986,000	1000					
Corrected Total	klein8	2984,975	999					
	klein9	3004,176	999					

a Computed using alpha = ,05

b R Squared = ,332 (Adjusted R Squared = ,328)

c R Squared = ,319 (Adjusted R Squared = ,314)

Multivariate Tests(d)

Effect		Value	F	Hypothesis df	Error df	Sig.	Noncent. Parameter	Observed Power(a)
Intercept	Pillai's Trace	,828	2393,409(b)	2,000	992,000	,000	4786,818	1,000
	Wilks' Lambda	,172	2393,409(b)	2,000	992,000	,000	4786,818	1,000
	Hotelling's Trace	4,825	2393,409(b)	2,000	992,000	,000	4786,818	1,000
	Roy's Largest Root	4,825	2393,409(b)	2,000	992,000	,000	4786,818	1,000
klein10	Pillai's Trace	,618	74,058	12,000	1986,000	,000	888,700	1,000
	Wilks' Lambda	,385	101,143(b)	12,000	1984,000	,000	1213,711	1,000
	Hotelling's Trace	1,589	131,251	12,000	1982,000	,000	1575,013	1,000
	Roy's Largest Root	1,584	262,152(c)	6,000	993,000	,000	1572,914	1,000

a Computed using alpha = ,05

b Exact statistic

c The statistic is an upper bound on F that yields a lower bound on the significance level.

d Design: Intercept+klein10

Tests of Between-Subjects Effects

Source	Dependent Variable	Type III Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.	Noncent. Parameter	Observed Power(a)
Corrected Model	klein11	1698,267(b)	6	283,045	118,979	,000	713,874	1,000
	klein12	1931,723(c)	6	321,954	188,990	,000	1133,937	1,000
Intercept	klein11	6209,460	1	6209,460	2610,175	,000	2610,175	1,000
	klein12	5169,413	1	5169,413	3034,489	,000	3034,489	1,000
klein10	klein11	1698,267	6	283,045	118,979	,000	713,874	1,000
	klein12	1931,723	6	321,954	188,990	,000	1133,937	1,000
Error	klein11	2362,292	993	2,379				
	klein12	1691,628	993	1,704				
Total	klein11	11739,000	1000					
	klein12	9113,000	1000					
Corrected Total	klein11	4060,559	999					
	klein12	3623,351	999					

a Computed using alpha = ,05

b R Squared = ,418 (Adjusted R Squared = ,415)

c R Squared = ,533 (Adjusted R Squared = ,530)

Multivariate Tests(d)

Effect		Value	F	Hypothesis df	Error df	Sig.	Noncent. Parameter	Observed Power(a)
Intercept	Pillai's Trace	,906	4781,023(b)	2,000	992,000	,000	9562,045	1,000
	Wilks' Lambda	,094	4781,023(b)	2,000	992,000	,000	9562,045	1,000
	Hotelling's Trace	9,639	4781,023(b)	2,000	992,000	,000	9562,045	1,000
	Roy's Largest Root	9,639	4781,023(b)	2,000	992,000	,000	9562,045	1,000
klein13	Pillai's Trace	,594	69,853	12,000	1986,000	,000	838,233	1,000
	Wilks' Lambda	,428	87,477(b)	12,000	1984,000	,000	1049,724	1,000
	Hotelling's Trace	1,288	106,396	12,000	1982,000	,000	1276,751	1,000
	Roy's Largest Root	1,248	206,622(c)	6,000	993,000	,000	1239,731	1,000

a Computed using alpha = ,05

b Exact statistic

c The statistic is an upper bound on F that yields a lower bound on the significance level.

d Design: Intercept+klein13

Tests of Between-Subjects Effects

Source	Dependent Variable	Type III Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.	Noncent. Parameter	Observed Power(a)
Corrected Model	klein14	1115,457(b)	6	185,910	140,761	,000	844,565	1,000
	klein15	890,141(c)	6	148,357	126,986	,000	761,915	1,000
Intercept	klein14	8735,719	1	8735,719	6614,225	,000	6614,225	1,000
	klein15	6491,098	1	6491,098	5556,051	,000	5556,051	1,000
klein13	klein14	1115,457	6	185,910	140,761	,000	844,565	1,000
	klein15	890,141	6	148,357	126,986	,000	761,915	1,000
Error	klein14	1311,502	993	1,321				
	klein15	1160,115	993	1,168				
Total	klein14	17027,000	1000					
	klein15	13692,000	1000					
Corrected Total	klein14	2426,959	999					
	klein15	2050,256	999					

a Computed using alpha = ,05

b R Squared = ,460 (Adjusted R Squared = ,456)

c R Squared = ,434 (Adjusted R Squared = ,431)

Multivariate Tests(d)

Effect		Value	F	Hypothesis df	Error df	Sig.	Noncent. Parameter	Observed Power(a)
Intercept	Pillai's Trace	,914	5264,368(b)	2,000	992,000	,000	10528,737	1,000
	Wilks' Lambda	,086	5264,368(b)	2,000	992,000	,000	10528,737	1,000
	Hotelling's Trace	10,614	5264,368(b)	2,000	992,000	,000	10528,737	1,000
	Roy's Largest Root	10,614	5264,368(b)	2,000	992,000	,000	10528,737	1,000
klein16	Pillai's Trace	,506	55,996	12,000	1986,000	,000	671,956	1,000
	Wilks' Lambda	,506	67,053(b)	12,000	1984,000	,000	804,641	1,000
	Hotelling's Trace	,952	78,646	12,000	1982,000	,000	943,747	1,000
	Roy's Largest Root	,927	153,451(c)	6,000	993,000	,000	920,705	1,000

a Computed using alpha = ,05

b Exact statistic

c The statistic is an upper bound on F that yields a lower bound on the significance level.

d Design: Intercept+klein16

Tests of Between-Subjects Effects

Source	Dependent Variable	Type III Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.	Noncent. Parameter	Observed Power(a)
Corrected Model	klein17	1311,812(b)	6	218,635	107,629	,000	645,773	1,000
	klein18	826,546(c)	6	137,758	86,776	,000	520,655	1,000
Intercept	klein17	15054,717	1	15054,717	7411,068	,000	7411,068	1,000
	klein18	9075,695	1	9075,695	5716,934	,000	5716,934	1,000
klein16	klein17	1311,812	6	218,635	107,629	,000	645,773	1,000
	klein18	826,546	6	137,758	86,776	,000	520,655	1,000
Error	klein17	2017,163	993	2,031				
	klein18	1576,398	993	1,588				
Total	klein17	22733,000	1000					
	klein18	14072,000	1000					
Corrected Total	klein17	3328,975	999					
	klein18	2402,944	999					

a Computed using alpha = ,05

b R Squared = ,394 (Adjusted R Squared = ,390)

c R Squared = ,344 (Adjusted R Squared = ,340)

Multivariate Tests(d)

Effect		Value	F	Hypothesis df	Error df	Sig.	Noncent. Parameter	Observed Power(a)
Intercept	Pillai's Trace	,868	3263,194(b)	2,000	992,000	,000	6526,388	1,000
	Wilks' Lambda	,132	3263,194(b)	2,000	992,000	,000	6526,388	1,000
	Hotelling's Trace	6,579	3263,194(b)	2,000	992,000	,000	6526,388	1,000
	Roy's Largest Root	6,579	3263,194(b)	2,000	992,000	,000	6526,388	1,000
klein19	Pillai's Trace	,614	73,346	12,000	1986,000	,000	880,150	1,000
	Wilks' Lambda	,388	100,113(b)	12,000	1984,000	,000	1201,361	1,000
	Hotelling's Trace	1,572	129,843	12,000	1982,000	,000	1558,120	1,000
	Roy's Largest Root	1,569	259,637(c)	6,000	993,000	,000	1557,822	1,000

a Computed using alpha = ,05

b Exact statistic

c The statistic is an upper bound on F that yields a lower bound on the significance level.

d Design: Intercept+klein19

Tests of Between-Subjects Effects

Source	Dependent Variable	Type III Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.	Noncent. Parameter	Observed Power(a)
Corrected Model	klein20	1485,721(b)	6	247,620	98,644	,000	591,865	1,000
	klein21	1957,793(c)	6	326,299	186,769	,000	1120,616	1,000
Intercept	klein20	8310,136	1	8310,136	3310,501	,000	3310,501	1,000
	klein21	6806,671	1	6806,671	3896,055	,000	3896,055	1,000
klein19	klein20	1485,721	6	247,620	98,644	,000	591,865	1,000
	klein21	1957,793	6	326,299	186,769	,000	1120,616	1,000
Error	klein20	2492,663	993	2,510				
	klein21	1734,838	993	1,747				
Total	klein20	14842,000	1000					
	klein21	11053,000	1000					
Corrected Total	klein20	3978,384	999					
	klein21	3692,631	999					

a Computed using alpha = ,05

b R Squared = ,373 (Adjusted R Squared = ,370)

c R Squared = ,530 (Adjusted R Squared = ,527)

Anexo X

Modelo Inicial Presente

Scalar Estimates (Group number 1 - Default model)

Maximum Likelihood Estimates

Regression Weights: (Group number 1 - Default model)

		Estimate	S.E.	C.R.	P	Label
IDADE	<--- Demog1	1,000				
APOIOF	<--- Apoio/ Força Interior	-1,440	1,393	-1,033	,301	par_1
Orientaç. Sex.	<--- d3	,000	301592136874,029	,000	1,000	par_2
Orientaç. Sex.	<--- Gestão Homofob	-,001	,022	-,047	,963	par_15
APOIOF	<--- Gestão aceitação	-,699	,101	-6,904	***	par_18
APOIOF	<--- Gestão Homofob	,042	,113	,374	,708	par_19
APOIOF	<--- Alienação	-,132	,094	-1,412	,158	par_20
Orientaç. Sex.	<--- Gestão aceitação	,155	,024	6,562	***	par_22
Orientaç. Sex.	<--- Apoio/ Força Interior	-5,858	9,757	-,600	,548	par_25
ABERT	<--- Gestão aceitação	1,000				
ISOLA	<--- Alienação	1,000				
EXCLU	<--- Alienação	1,000				
DIFER	<--- Alienação	1,000				
VERGO	<--- Gestão Homofob	1,000				
EVITA	<--- Gestão Homofob	1,000				
NEGAÇ	<--- Gestão Homofob	1,000				
MEDO	<--- Gestão Homofob	1,000				
TOLER	<--- Traject. aceitação	1,000				
CLIVA	<--- Gestão aceitação	1,000				
ESTRAT	<--- Estrat. coping	1,000				
RELATIV	<--- Relativiz.	1,000				
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<--- Alienação	1,000				
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<--- Traject. aceitação	1,000				
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<--- Estrat. coping	1,000				
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<--- Gestão aceitação	1,000				
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<--- Relativiz.	1,000				
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<--- Orientaç. Sex.	1,000				
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<--- Papéis Sociais	1,000				
NPARCE	<--- Relações Sexuais	1,000				
SAÚDE	<--- Relações Sexuais	1,000				
DISDIR	<--- Discriminação	1,000				
DISINDIR	<--- Discriminação	1,000				
ESTAT	<--- Demog1	1,000				
ESCOL	<--- Demog1	1,000				
ESTCIV	<--- Demog2	1,000				
APOIOA	<--- Apoio/ Força Interior	1,000				
FORÇAS	<--- Apoio/ Força Interior	1,000				
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<--- Discriminação	1,000				
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<--- Demog1	1,000				

		Estimate	S.E.	C.R.	P	Label
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<--- Demog2	1,000				
MAS	<--- Papéis_Sociais	1,000				
FEM	<--- Papéis_Sociais	1,000				
ATRACÇ	<--- Orientaç._Sex.	3,738	,135	27,732	***	par_3
COMP	<--- Orientaç._Sex.	4,364	,164	26,535	***	par_4
FANTAS	<--- Orientaç._Sex.	2,941	,125	23,555	***	par_5
ORIEN	<--- Orientaç._Sex.	1,000				
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<--- Gestão_Homofob	1,000				
SEXO	<--- Demog2	,960	,186	5,164	***	par_6
APOIOA	<--- APOIOF	,250	,028	8,795	***	par_16
NPARCE	<--- IDADE	,039	,004	8,659	***	par_21
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<--- Relações_Sexuais	1,000				
ACEITA	<--- Traject._aceitação	1,000				
TOLER	<--- Gestão_aceitação	,515	,047	11,027	***	par_24
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<--- Apoio/_Força Interior	1,000				
FORÇAS	<--- Gestão_Homofob	-,590	,035	-16,916	***	par_26
APOIOA	<--- ABERT	-,037	,040	-,926	,354	par_27
APOIOA	<--- Gestão_aceitação	-,699	,069	-10,194	***	par_28

Standardized Regression Weights: (Group number 1 - Default model)

		Estimate
IDADE	<--- Demog1	,054
APOIOF	<--- Apoio/_Força Interior	-,048
Orientaç._Sex.	<--- d3	,000
Orientaç._Sex.	<--- Gestão_Homofob	-,003
APOIOF	<--- Gestão_aceitação	-,510
APOIOF	<--- Gestão_Homofob	,029
APOIOF	<--- Alienação	-,091
Orientaç._Sex.	<--- Gestão_aceitação	,498
Orientaç._Sex.	<--- Apoio/_Força Interior	-,868
ABERT	<--- Gestão_aceitação	,729
ISOLA	<--- Alienação	,718
EXCLU	<--- Alienação	,718
DIFER	<--- Alienação	,710
VERGO	<--- Gestão_Homofob	,808
EVITA	<--- Gestão_Homofob	,744
NEGAÇ	<--- Gestão_Homofob	,731
MEDO	<--- Gestão_Homofob	,786
TOLER	<--- Traject._aceitação	,683
CLIVA	<--- Gestão_aceitação	,658
ESTRAT	<--- Estrat._coping	,727
RELATIV	<--- Relativiz.	,810
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<--- Alienação	,251
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<--- Traject._aceitação	,279
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<--- Estrat._coping	,251
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<--- Gestão_aceitação	,266
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<--- Relativiz.	,251
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<--- Orientaç._Sex.	,083
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<--- Papéis_Sociais	,115
NPARCE	<--- Relações_Sexuais	,380
SAÚDE	<--- Relações_Sexuais	,413

			Estimate
DISDIR	<---	Discriminação	,793
DISINDIR	<---	Discriminação	,848
ESTAT	<---	Demog1	,707
ESCOL	<---	Demog1	,360
ESTCIV	<---	Demog2	,161
APOIOA	<---	Apoio/ Força Interior	,037
FORÇAS	<---	Apoio/ Força Interior	,042
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<---	Discriminação	,311
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<---	Demog1	,137
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<---	Demog2	,102
MAS	<---	Papéis Sociais	,475
FEM	<---	Papéis Sociais	,384
ATRACÇ	<---	Orientaç. Sex.	,929
COMP	<---	Orientaç. Sex.	,874
FANTAS	<---	Orientaç. Sex.	,773
ORIEN	<---	Orientaç. Sex.	,714
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<---	Gestão Homofob	,251
SEXO	<---	Demog2	1,000
APOIOA	<---	APOIOF	,274
NPARCE	<---	IDADE	,257
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<---	Relações Sexuais	,147
ACEITA	<---	Traject. aceitação	,668
TOLER	<---	Gestão aceitação	,335
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<---	Apoio/ Força Interior	,012
FORÇAS	<---	Gestão Homofob	-,508
APOIOA	<---	ABERT	-,040
APOIOA	<---	Gestão aceitação	-,558

Covariances: (Group number 1 - Default model)

			Estimate	S.E.	C.R.	P	Label
Gestão_Homofob	<-->	Traject. aceitação	,133	,034	3,951	***	par_7
Alienação	<-->	Apoio/ Força Interior	,010	,017	,596	,551	par_8
Alienação	<-->	Gestão_Homofob	,717	,023	31,705	***	par_9
Alienação	<-->	Gestão aceitação	,630	,038	16,392	***	par_10
Gestão_Homofob	<-->	Gestão aceitação	,807	,036	22,324	***	par_11
Alienação	<-->	Discriminação	,446	,040	11,143	***	par_13
Relações_Sexuais	<-->	Demog2	-,123	,028	-4,390	***	par_23
E13	<-->	e12	,318	,035	9,060	***	par_12
E23	<-->	e1	4,524	,495	9,144	***	par_14
E17	<-->	e18	,465	,065	7,122	***	par_17

Correlations: (Group number 1 - Default model)

		Estimate	
Gestão_Homofob	<-->	Traject. aceitação	,119
Alienação	<-->	Apoio/ Força Interior	,204
Alienação	<-->	Gestão_Homofob	,717
Alienação	<-->	Gestão aceitação	,594
Gestão_Homofob	<-->	Gestão aceitação	,761
Alienação	<-->	Discriminação	,360
Relações_Sexuais	<-->	Demog2	-,517
e13	<-->	e12	,379
e23	<-->	e1	,314
e17	<-->	e18	,397

Variances: (Group number 1 - Default model)

	Estimate	S.E.	C.R.	P	Label
Alienação	1,000				
Gestão_Homofob	1,000				
Estrat_coping	1,000				
Relativiz.	1,000				
d3	1,000				
Traject_aceitação	1,238	,089	13,873	***	par_29
Gestão_aceitação	1,126	,075	15,000	***	par_30
Relações_Sexuais	,341	,067	5,065	***	par_31
Discriminação	1,535	,087	17,718	***	par_32
Demog1	,297	,038	7,905	***	par_33
Demog2	,166	,065	2,565	,010	par_34
Apoio/_Força Interior	,002	,004	,538	,590	par_35
e1	103,513	4,638	22,317	***	par_36
d2	,212	,037	5,667	***	par_37
e26	1,478	,081	18,309	***	par_38
e20	,995	,063	15,744	***	par_39
d1	1,000				
e11	,938	,052	17,889	***	par_40
e10	,938	,052	17,891	***	par_41
e9	,982	,054	18,099	***	par_42
e14	,532	,031	17,016	***	par_43
e13	,807	,043	18,648	***	par_44
e15	,620	,035	17,799	***	par_45
e17	1,535	,099	15,468	***	par_46
e16	1,120	,087	12,884	***	par_47
e19	1,474	,078	18,862	***	par_48
e18	,892	,085	10,539	***	par_49
e21	,525	,068	7,692	***	par_50
e3	1,230	,066	18,671	***	par_51
e6	,242	,024	10,091	***	par_52
e7	,640	,042	15,350	***	par_53
e8	,632	,032	19,458	***	par_54
e2	,727	,049	14,938	***	par_55
e5	,105	,005	20,378	***	par_56
e32	,598	,057	10,547	***	par_57
e31	,908	,064	14,092	***	par_58
e30	1,663	,098	17,038	***	par_59
e29	1,866	,105	17,823	***	par_60
e27	,716	,045	16,089	***	par_61
e22	,297	,038	7,896	***	par_62
e23	1,999	,096	20,753	***	par_63
e24	6,202	,277	22,349	***	par_64
e12	,869	,046	18,877	***	par_65
e28	,998	,047	21,054	***	par_66

Squared Multiple Correlations: (Group number 1 - Default model)

	Estimate
ABERT	,531
APOIOF	,302
IDADE	,003

	Estimate
Papéis_Sociais	,000
Orientaç._Sex.	1,000
FORÇAS	,260
APOIOA	,595
ESTCIV	,026
ESCOL	,130
ESTAT	,500
DISINDIR	,720
DISDIR	,628
SAÚDE	,170
NPARCE	,211
ORIEN	,509
MAS	,226
FANTAS	,598
COMP	,764
ATRACÇ	,863
FEM	,147
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	,937
RELATIV	,656
ESTRAT	,528
CLIVA	,433
TOLER	,578
ACEITA	,446
MEDO	,617
NEGAÇ	,535
EVITA	,553
VERGO	,653
DIFER	,505
EXCLU	,516
ISOLA	,516

Model Fit Summary

CMIN

Model	NPAR	CMIN	DF	P	CMIN/DF
Default model	66	1621,204	430	,000	3,770
Saturated model	496	,000	0		
Independence model	31	10746,963	465	,000	23,112

RMR, GFI

Model	RMR	GFI	AGFI	PGFI
Default model	,412	,900	,885	,780
Saturated model	,000	1,000		
Independence model	,617	,426	,387	,399

Baseline Comparisons

Model	NFI Delta1	RFI rho1	IFI Delta2	TLI rho2	CFI
Default model	,849	,837	,885	,875	,884
Saturated model	1,000		1,000		1,000
Independence model	,000	,000	,000	,000	,000

Parsimony-Adjusted Measures

Model	PRATIO	PNFI	PCFI
Default model	,925	,785	,818

Model	PRATIO	PNFI	PCFI
Saturated model	,000	,000	,000
Independence model	1,000	,000	,000

NCP

Model	NCP	LO 90	HI 90
Default model	1191,204	1071,573	1318,375
Saturated model	,000	,000	,000
Independence model	10281,963	9947,831	10622,468

FMIN

Model	FMIN	F0	LO 90	HI 90
Default model	1,623	1,192	1,073	1,320
Saturated model	,000	,000	,000	,000
Independence model	10,758	10,292	9,958	10,633

RMSEA

Model	RMSEA	LO 90	HI 90	PCLOSE
Default model	,053	,050	,055	,053
Independence model	,149	,146	,151	,000

AIC

Model	AIC	BCC	BIC	CAIC
Default model	1753,204	1757,572	2077,115	2143,115
Saturated model	992,000	1024,827	3426,247	3922,247
Independence model	10808,963	10811,015	10961,104	10992,104

ECVI

Model	ECVI	LO 90	HI 90	MECVI
Default model	1,755	1,635	1,882	1,759
Saturated model	,993	,993	,993	1,026
Independence model	10,820	10,485	11,161	10,822

HOELTER

Model	HOELTER .05	HOELTER .01
Default model	296	309
Independence model	48	51

Anexo XI

Modelo Inicial Passado

Scalar Estimates (Group number 1 - Default model)

Maximum Likelihood Estimates

Regression Weights: (Group number 1 - Default model)

		Estimate	S.E.	C.R.	P	Label
IDADE	<--- Demog1	1,000				
APOIOF	<--- Apoio/ Força Interior	14395,500	24297171,923	,001	1,000	par_1
Orientaç._Sex.	<--- d3	,251	,013	18,750	***	par_2
Orientaç._Sex.	<--- Gestão_Homofob	-,026	,020	-1,274	,203	par_12
APOIOF	<--- Gestão_aceitação	-,731	,109	-6,699	***	par_14
APOIOF	<--- Gestão_Homofob	,267	,119	2,234	,025	par_15
APOIOF	<--- Alienação	-,435	,119	-3,662	***	par_16
Orientaç._Sex.	<--- Gestão_aceitação	,137	,022	6,195	***	par_23
ABERT	<--- Gestão_aceitação	1,000				
Orientaç._Sex.	<--- Apoio/ Força Interior	-3510,500	5925152,358	-,001	1,000	par_24
ISOLA	<--- Alienação	1,000				
EXCLU	<--- Alienação	1,000				
DIFER	<--- Alienação	1,000				
VERGO	<--- Gestão_Homofob	1,000				
EVITA	<--- Gestão_Homofob	1,000				
NEGAÇ	<--- Gestão_Homofob	1,000				
MEDO	<--- Gestão_Homofob	1,000				
TOLER	<--- Traject._aceitação	1,000				
CLIVA	<--- Gestão_aceitação	1,000				
ESTRAT	<--- Estrat._coping	1,000				
RELATIV	<--- Relativiz.	1,000				
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<--- Orientaç._Sex.	1,000				
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<--- Papéis_Sociais	1,000				
NPARCE	<--- Relações_Sexuais	1,000				
SAÚDE	<--- Relações_Sexuais	1,000				
DISDIR	<--- Discriminação	1,000				
DISINDIR	<--- Discriminação	1,000				
ESTAT	<--- Demog1	1,000				
ESCOL	<--- Demog1	1,000				
ESTCIV	<--- Demog2	1,000				
APOIOA	<--- Apoio/ Força Interior	1,000				
FORÇAS	<--- Apoio/ Força Interior	1,000				
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<--- Demog1	1,000				
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<--- Demog2	1,000				
MAS	<--- Papéis_Sociais	1,000				
FEM	<--- Papéis_Sociais	1,000				
ACTRACPA	<--- Orientaç._Sex.	6,036	,271	22,300	***	par_3
COMPPAS	<--- Orientaç._Sex.	6,156	,292	21,051	***	par_4
FANTAPAS	<--- Orientaç._Sex.	5,045	,238	21,164	***	par_5
ORIEN	<--- Orientaç._Sex.	1,000				
SEXO	<--- Demog2	,960	,186	5,164	***	par_6

		Estimate	S.E.	C.R.	P	Label
APOIOA	<---APOIOF	,247	,029	8,647	***	par_13
NPARCE	<---IDADE	,039	,004	8,659	***	par_17
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<---Relações_Sexuais	1,000				
ACEITA	<---Traject._aceitação	1,000				
TOLER	<---Gestão_aceitação	,517	,047	10,937	***	par_18
FORÇAS	<---Gestão_Homofob	-,572	,035	-16,507	***	par_19
APOIOA	<---ABERT	-,073	,038	-1,933	,053	par_20
APOIOA	<---Gestão_aceitação	-,651	,068	-9,644	***	par_21
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<---Apoio/_Força Interior	1,000				
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<---Relativiz.	1,000				
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<---Gestão_aceitação	1,000				
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<---Alienação	1,000				
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<---Gestão_Homofob	1,000				
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<---Traject._aceitação	1,000				
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<---Estrat._coping	1,000				
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<---Discriminação	1,000				

Standardized Regression Weights: (Group number 1 - Default model)

		Estimate
IDADE	<--- Demog1	,054
APOIOF	<--- Apoio/_Força Interior	,183
Orientaç._Sex.	<--- d3	,873
Orientaç._Sex.	<--- Gestão_Homofob	-,091
APOIOF	<--- Gestão_aceitação	-,522
APOIOF	<--- Gestão_Homofob	,183
APOIOF	<--- Alienação	-,298
Orientaç._Sex.	<--- Gestão_aceitação	,497
ABERT	<--- Gestão_aceitação	,716
Orientaç._Sex.	<--- Apoio/_Força Interior	-,227
ISOLA	<--- Alienação	,720
EXCLU	<--- Alienação	,717
DIFER	<--- Alienação	,711
VERGO	<--- Gestão_Homofob	,795
EVITA	<--- Gestão_Homofob	,769
NEGAÇ	<--- Gestão_Homofob	,757
MEDO	<--- Gestão_Homofob	,785
TOLER	<--- Traject._aceitação	,703
CLIVA	<--- Gestão_aceitação	,654
ESTRAT	<--- Estrat._coping	,727
RELATIV	<--- Relativiz.	,810
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<--- Orientaç._Sex.	,073
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<--- Papéis_Sociais	,117
NPARCE	<--- Relações_Sexuais	,380
SAÚDE	<--- Relações_Sexuais	,413
DISDIR	<--- Discriminação	,793
DISINDIR	<--- Discriminação	,848
ESTAT	<--- Demog1	,707
ESCOL	<--- Demog1	,360
ESTCIV	<--- Demog2	,161
APOIOA	<--- Apoio/_Força Interior	,000
FORÇAS	<--- Apoio/_Força Interior	,000

		Estimate
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<--- Demog1	,138
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<--- Demog2	,103
MAS	<--- Papéis Sociais	,475
FEM	<--- Papéis Sociais	,384
ACTRACPA	<--- Orientaç. Sex.	,925
COMPPAS	<--- Orientaç. Sex.	,830
FANTAPAS	<--- Orientaç. Sex.	,837
ORIEN	<--- Orientaç. Sex.	,623
SEXO	<--- Demog2	1,000
APOIOA	<--- APOIOF	,272
NPARCE	<--- IDADE	,257
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<--- Relações Sexuais	,148
ACEITA	<--- Traject. aceitação	,677
TOLER	<--- Gestão aceitação	,332
FORÇAS	<--- Gestão Homofob	-,495
APOIOA	<--- ABERT	-,081
APOIOA	<--- Gestão aceitação	-,512
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<--- Apoio/ Força Interior	,000
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<--- Relativiz.	,253
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<--- Gestão aceitação	,264
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<--- Alienação	,253
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<--- Gestão Homofob	,253
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<--- Traject. aceitação	,289
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<--- Estrat. coping	,253
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<--- Discriminação	,314

Covariances: (Group number 1 - Default model)

		Estimate	S.E.	C.R.	P	Label
Gestão Homofob	<--> Traject. aceitação	,111	,033	3,323	***	par_7
Alienação	<--> Gestão Homofob	,686	,023	29,809	***	par_8
Alienação	<--> Gestão aceitação	,624	,039	16,177	***	par_9
Gestão Homofob	<--> Gestão aceitação	,794	,035	22,362	***	par_10
Relações Sexuais	<--> Demog2	-,123	,028	-4,390	***	par_22
Alienação	<--> Apoio/ Força Interior	,000	,020	,001	1,000	par_25
Alienação	<--> Discriminação	,469	,041	11,535	***	par_26
e23	<--> e1	4,524	,495	9,144	***	par_11

Correlations: (Group number 1 - Default model)

		Estimate
Gestão Homofob	<--> Traject. aceitação	,097
Alienação	<--> Gestão Homofob	,686
Alienação	<--> Gestão aceitação	,598
Gestão Homofob	<--> Gestão aceitação	,761
Relações Sexuais	<--> Demog2	-,517
Alienação	<--> Apoio/ Força Interior	,625
Alienação	<--> Discriminação	,378
e23	<--> e1	,314

Variances: (Group number 1 - Default model)

	Estimate	S.E.	C.R.	P	Label
Alienação	1,000				
Gestão Homofob	1,000				
Estrat. coping	1,000				
Relativiz.	1,000				

	Estimate	S.E.	C.R.	P	Label
d3	1,000				
Traject._aceitação	1,301	,092	14,097	***	par_27
Gestão_aceitação	1,088	,074	14,733	***	par_28
Relações_Sexuais	,341	,067	5,065	***	par_29
Discriminação	1,535	,087	17,733	***	par_30
Demog1	,297	,038	7,905	***	par_31
Demog2	,166	,065	2,565	,010	par_32
Apoio/_Força Interior	,000	,000	,000	1,000	par_33
e1	103,513	4,638	22,317	***	par_34
d2	,212	,037	5,667	***	par_35
e26	1,439	,084	17,053	***	par_36
e20	1,036	,065	16,067	***	par_37
d1	1,000				
e11	,929	,052	17,738	***	par_38
e10	,946	,053	17,824	***	par_39
e9	,976	,054	17,971	***	par_40
e14	,584	,033	17,894	***	par_41
e13	,689	,037	18,587	***	par_42
e15	,625	,034	18,189	***	par_43
e17	1,540	,099	15,509	***	par_44
e16	1,043	,087	12,050	***	par_45
e19	1,453	,077	18,803	***	par_46
e18	,892	,085	10,539	***	par_47
e21	,525	,068	7,692	***	par_48
e3	1,230	,066	18,671	***	par_49
e6	,510	,052	9,856	***	par_50
e7	1,405	,081	17,282	***	par_51
e8	,896	,053	16,961	***	par_52
e5	,130	,006	21,050	***	par_53
e32	,598	,056	10,612	***	par_54
e31	,908	,064	14,164	***	par_55
e30	1,663	,098	17,038	***	par_56
e29	1,866	,105	17,823	***	par_57
e27	,748	,043	17,341	***	par_58
e22	,297	,038	7,896	***	par_59
e23	1,999	,096	20,753	***	par_60
e24	6,202	,277	22,349	***	par_61
e12	,746	,040	18,879	***	par_62
e28	1,010	,047	21,387	***	par_63
e2	,727	,049	14,938	***	par_64

Squared Multiple Correlations: (Group number 1 - Default model)

	Estimate
ABERT	,512
APOIOF	,326
IDADE	,003
Papéis_Sociais	,000
Orientaç._Sex.	,238
MAS	,226
FORÇAS	,245
APOIOA	,576

		Estimate
ESTCIV		,026
ESCOL		,130
ESTAT		,500
DISINDIR		,720
DISDIR		,628
SAÚDE		,170
NPARCE		,211
ORIE		,388
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL		,936
FANTAPAS		,701
COMPPAS		,690
ACTRACPA		,855
FEM		,147
RELATIV		,656
ESTRAT		,528
CLIVA		,428
TOLER		,604
ACEITA		,458
MEDO		,616
NEGAÇ		,573
EVITA		,592
VERGO		,631
DIFER		,506
EXCLU		,514
ISOLA		,518

Model Fit Summary

CMIN

Model	NPAR	CMIN	DF	P	CMIN/DF
Default model	64	1819,575	432	,000	4,212
Saturated model	496	,000	0		
Independence model	31	10526,222	465	,000	22,637

RMR, GFI

Model	RMR	GFI	AGFI	PGFI
Default model	,416	,886	,869	,772
Saturated model	,000	1,000		
Independence model	,646	,433	,396	,406

Baseline Comparisons

Model	NFI Delta1	RFI rho1	IFI Delta2	TLI rho2	CFI
Default model	,827	,814	,863	,852	,862
Saturated model	1,000		1,000		1,000
Independence model	,000	,000	,000	,000	,000

Parsimony-Adjusted Measures

Model	PRATIO	PNFI	PCFI
Default model	,929	,768	,801
Saturated model	,000	,000	,000
Independence model	1,000	,000	,000

NCP

Model	NCP	LO 90	HI 90
Default model	1387,575	1259,556	1523,107

Model	NCP	LO 90	HI 90
Saturated model	,000	,000	,000
Independence model	10061,222	9730,651	10398,168

FMIN

Model	FMIN	F0	LO 90	HI 90
Default model	1,821	1,389	1,261	1,525
Saturated model	,000	,000	,000	,000
Independence model	10,537	10,071	9,740	10,409

RMSEA

Model	RMSEA	LO 90	HI 90	PCLOSE
Default model	,057	,054	,059	,000
Independence model	,147	,145	,150	,000

AIC

Model	AIC	BCC	BIC	CAIC
Default model	1947,575	1951,811	2261,671	2325,671
Saturated model	992,000	1024,827	3426,247	3922,247
Independence model	10588,222	10590,274	10740,362	10771,362

ECVI

Model	ECVI	LO 90	HI 90	MECVI
Default model	1,950	1,821	2,085	1,954
Saturated model	,993	,993	,993	1,026
Independence model	10,599	10,268	10,936	10,601

HOELTER

Model	HOELTER .05	HOELTER .01
Default model	265	277
Independence model	49	52

Anexo XII

Modelo Inicial Ideal

Scalar Estimates (Group number 1 - Default model)

Maximum Likelihood Estimates

Regression Weights: (Group number 1 - Default model)

			Estimate	S.E.	C.R.	PLabel
IDADE	<---	Demog1	1,000			
APOIOF	<---	Apoio/ Força Interior	1,367	,479	2,855	,004 par 1
Orientaç. Sex.	<---	d3	,247	,012	20,763	*** par 2
Orientaç. Sex.	<---	Gestão Homofob	,071	,018	4,029	*** par 12
APOIOF	<---	Gestão aceitação	-,732	,099	-7,369	*** par 14
APOIOF	<---	Gestão Homofob	,127	,101	1,259	,208 par 15
APOIOF	<---	Alienação	-,185	,074	-2,506	,012 par 16
Orientaç. Sex.	<---	Gestão aceitação	,067	,018	3,721	*** par 23
ABERT	<---	Gestão aceitação	1,000			
Orientaç. Sex.	<---	Apoio/ Força Interior	-,098	,061	-1,618	,106 par 24
ISOLA	<---	Alienação	1,000			
EXCLU	<---	Alienação	1,000			
DIFER	<---	Alienação	1,000			
VERGO	<---	Gestão Homofob	1,000			
EVITA	<---	Gestão Homofob	1,000			
NEGAÇ	<---	Gestão Homofob	1,000			
MEDO	<---	Gestão Homofob	1,000			
TOLER	<---	Traject. aceitação	1,000			
CLIVA	<---	Gestão aceitação	1,000			
ESTRAT	<---	Estrat. coping	1,000			
RELATIV	<---	Relativiz.	1,000			
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<---	Orientaç. Sex.	1,000			
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<---	Papéis Sociais	1,000			
NPARCE	<---	Relações Sexuais	1,000			
SAÚDE	<---	Relações Sexuais	1,000			
DISDIR	<---	Discriminação	1,000			
DISINDIR	<---	Discriminação	1,000			
ESTAT	<---	Demog1	1,000			
ESCOL	<---	Demog1	1,000			
ESTCIV	<---	Demog2	1,000			
APOIOA	<---	Apoio/ Força Interior	1,000			
FORÇAS	<---	Apoio/ Força Interior	1,000			
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<---	Demog1	1,000			
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<---	Demog2	1,000			
MAS	<---	Papéis Sociais	1,000			
FEM	<---	Papéis Sociais	1,000			
ACTRACID	<---	Orientaç. Sex.	5,769	,253	22,845	*** par 3
COMPIDEA	<---	Orientaç. Sex.	6,219	,268	23,175	*** par 4
FANTAIDE	<---	Orientaç. Sex.	5,538	,247	22,382	*** par 5
ORIEN	<---	Orientaç. Sex.	1,000			
SEXO	<---	Demog2	,960	,186	5,164	*** par 6
APOIOA	<---	APOIOF	,165	,038	4,369	*** par 13
NPARCE	<---	IDADE	,039	,004	8,659	*** par 17

IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<---	Relações Sexuais	1,000				
ACEITA	<---	Traject. aceitação	1,000				
TOLER	<---	Gestão aceitação	,495	,047	10,484	***	par 18
FORÇAS	<---	Gestão Homofob	-,560	,035	-16,119	***	par 19
APOIOA	<---	ABERT	-,054	,040	-1,344	,179	par 20
APOIOA	<---	Gestão aceitação	-,730	,073	-9,970	***	par 21
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<---	Apoio/ Força Interior	1,000				
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<---	Relativiz.	1,000				
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<---	Gestão aceitação	1,000				
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<---	Alienação	1,000				
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<---	Gestão Homofob	1,000				
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<---	Traject. aceitação	1,000				
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<---	Estrat. coping	1,000				
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<---	Discriminação	1,000				

Standardized Regression Weights: (Group number 1 - Default model)

			Estimate
IDADE	<---	Demog1	,054
APOIOF	<---	Apoio/ Força Interior	,294
Orientaç. Sex.	<---	d3	,876
Orientaç. Sex.	<---	Gestão Homofob	,251
APOIOF	<---	Gestão aceitação	-,531
APOIOF	<---	Gestão Homofob	,088
APOIOF	<---	Alienação	-,127
Orientaç. Sex.	<---	Gestão aceitação	,250
ABERT	<---	Gestão aceitação	,724
Orientaç. Sex.	<---	Apoio/ Força Interior	-,108
ISOLA	<---	Alienação	,717
EXCLU	<---	Alienação	,717
DIFER	<---	Alienação	,712
VERGO	<---	Gestão Homofob	,797
EVITA	<---	Gestão Homofob	,769
NEGAÇ	<---	Gestão Homofob	,756
MEDO	<---	Gestão Homofob	,784
TOLER	<---	Traject. aceitação	,706
CLIVA	<---	Gestão aceitação	,657
ESTRAT	<---	Estrat. coping	,727
RELATIV	<---	Relativiz.	,810
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<---	Orientaç. Sex.	,070
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<---	Papéis Sociais	,115
NPARCE	<---	Relações Sexuais	,380
SAÚDE	<---	Relações Sexuais	,413
DISDIR	<---	Discriminação	,793
DISINDIR	<---	Discriminação	,847
ESTAT	<---	Demog1	,707
ESCOL	<---	Demog1	,360
ESTCIV	<---	Demog2	,161
APOIOA	<---	Apoio/ Força Interior	,236
FORÇAS	<---	Apoio/ Força Interior	,270

IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<---	Demog1	,136
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<---	Demog2	,102
MAS	<---	Papéis Sociais	,475
FEM	<---	Papéis Sociais	,384
ACTRACID	<---	Orientaç. Sex.	,932
COMPIDEA	<---	Orientaç. Sex.	,957
FANTAIDE	<---	Orientaç. Sex.	,901
ORIEN	<---	Orientaç. Sex.	,612
SEXO	<---	Demog2	1,000
APOIOA	<---	APOIOF	,181
NPARCE	<---	IDADE	,257
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<---	Relações Sexuais	,146
ACEITA	<---	Traject. aceitação	,680
TOLER	<---	Gestão aceitação	,321
FORÇAS	<---	Gestão Homofob	-,486
APOIOA	<---	ABERT	-,059
APOIOA	<---	Gestão aceitação	-,581
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<---	Apoio/ Força Interior	,078
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<---	Relativiz.	,250
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<---	Gestão aceitação	,263
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<---	Alienação	,250
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<---	Gestão Homofob	,250
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<---	Traject. aceitação	,287
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<---	Estrat. coping	,250
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<---	Discriminação	,309

Covariances: (Group number 1 - Default model)

			Estimate	S.E.	C.R.	P	Label
Gestão Homofob	<-->	Traject. aceitação	,131	,035	3,782	***	par 7
Alienação	<-->	Gestão Homofob	,680	,023	29,443	***	par 8
Alienação	<-->	Gestão aceitação	,612	,038	15,914	***	par 9
Gestão Homofob	<-->	Gestão aceitação	,795	,036	22,361	***	par 10
Relações Sexuais	<-->	Demog2	-,123	,028	-4,390	***	par 22
Alienação	<-->	Apoio/ Força Interior	,003	,020	,162	,871	par 25
Alienação	<-->	Discriminação	,499	,041	12,167	***	par 26
e23	<-->	e1	4,524	,495	9,144	***	par 11

Correlations: (Group number 1 - Default model)

			Estimate
Gestão Homofob	<-->	Traject. aceitação	,115
Alienação	<-->	Gestão Homofob	,680
Alienação	<-->	Gestão aceitação	,582
Gestão Homofob	<-->	Gestão aceitação	,756
Relações Sexuais	<-->	Demog2	-,517
Alienação	<-->	Apoio/ Força Interior	,010
Alienação	<-->	Discriminação	,403
e23	<-->	e1	,314

Variances: (Group number 1 - Default model)

	Estimate	S.E.	C.R.	P	Label
Alienação	1,000				
Gestão Homofob	1,000				
Estrat. coping	1,000				
Relativiz.	1,000				
d3	1,000				
Traject. aceitação	1,316	,093	14,149	***	par 27
Gestão aceitação	1,106	,074	14,881	***	par 28
Relações Sexuais	,341	,067	5,065	***	par 29

Discriminação	1,531	,086	17,742	***	par 30
Demog1	,297	,038	7,905	***	par 31
Demog2	,166	,065	2,565	,010	par 32
Apoio/ Força Interior	,097	,032	3,080	,002	par 33
e1	103,513	4,638	22,317	***	par 34
d2	,212	,037	5,667	***	par 35
e26	1,297	,120	10,763	***	par 36
e20	1,006	,064	15,626	***	par 37
d1	1,000				
e11	,946	,053	17,795	***	par 38
e10	,945	,053	17,792	***	par 39
e9	,972	,054	17,924	***	par 40
e14	,576	,032	17,853	***	par 41
e13	,691	,037	18,613	***	par 42
e15	,625	,034	18,213	***	par 43
e17	1,532	,099	15,431	***	par 44
e16	1,054	,087	12,137	***	par 45
e19	1,454	,078	18,631	***	par 46
e18	,892	,085	10,539	***	par 47
e21	,525	,068	7,692	***	par 48
e3	1,230	,066	18,671	***	par 49
e6	,403	,027	14,674	***	par 50
e7	,283	,027	10,520	***	par 51
e8	,566	,032	17,647	***	par 52
e5	,133	,006	21,751	***	par 53
e32	,602	,056	10,713	***	par 54
e31	,904	,064	14,168	***	par 55
e30	1,663	,098	17,038	***	par 56
e29	1,866	,105	17,823	***	par 57
e27	,655	,050	13,097	***	par 58
e22	,297	,038	7,896	***	par 59
e23	1,999	,096	20,753	***	par 60
e24	6,202	,277	22,349	***	par 61
e12	,748	,040	18,903	***	par 62
e28	,919	,052	17,793	***	par 63
e2	,727	,049	14,938	***	par 64

Squared Multiple Correlations: (Group number 1 - Default model)

	Estimate
ABERT	,523
APOIOF	,384
IDADE	,003
Papéis Sociais	,000
Orientaç. Sex.	,232
MAS	,226
FORÇAS	,309
APOIOA	,625
ESTCIV	,026
ESCOL	,130
ESTAT	,500
DISINDIR	,718
DISDIR	,629
SAÚDE	,170
NPARCE	,211
ORIEN	,375
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	,938
FANTAIDE	,812
COMPIDEA	,916

Model	AIC	BCC	BIC	CAIC
Saturated model	992,000	1024,827	3426,247	3922,247
Independence model	11794,270	11796,322	11946,410	11977,410

ECVI

Model	ECVI	LO 90	HI 90	MECVI
Default model	1,893	1,767	2,026	1,897
Saturated model	,993	,993	,993	1,026
Independence model	11,806	11,456	12,162	11,808

HOELTER

Model	HOELTER .05	HOELTER .01
Default model	273	286
Independence model	44	46

Anexo XIII

**Análise Factorial
Total Variance Explained**

Component	Initial Eigenvalues			Extraction Sums of Squared Loadings			Rotation Sums of Squared Loadings		
	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %
1	6,771	18,300	18,300	6,771	18,300	18,300	4,490	12,135	12,135
2	3,191	8,623	26,923	3,191	8,623	26,923	3,283	8,873	21,008
3	1,899	5,134	32,057	1,899	5,134	32,057	2,261	6,112	27,120
4	1,793	4,845	36,901	1,793	4,845	36,901	2,194	5,930	33,050
5	1,592	4,304	41,205	1,592	4,304	41,205	1,712	4,626	37,676
6	1,393	3,764	44,969	1,393	3,764	44,969	1,703	4,604	42,280
7	1,318	3,561	48,530	1,318	3,561	48,530	1,550	4,190	46,470
8	1,269	3,429	51,959	1,269	3,429	51,959	1,379	3,727	50,197
9	1,134	3,065	55,024	1,134	3,065	55,024	1,361	3,679	53,877
10	1,042	2,817	57,840	1,042	2,817	57,840	1,268	3,426	57,303
11	1,036	2,800	60,640	1,036	2,800	60,640	1,162	3,140	60,443
12	1,025	2,770	63,410	1,025	2,770	63,410	1,098	2,966	63,410
13	,963	2,602	66,012						
14	,885	2,391	68,403						
15	,839	2,268	70,671						
16	,813	2,196	72,868						
17	,783	2,116	74,984						
18	,746	2,016	77,000						
19	,709	1,916	78,916						
20	,679	1,836	80,751						
21	,672	1,815	82,566						
22	,614	1,660	84,226						
23	,574	1,551	85,778						
24	,530	1,432	87,210						
25	,519	1,403	88,613						
26	,466	1,260	89,873						
27	,445	1,203	91,076						
28	,438	1,184	92,260						
29	,418	1,131	93,391						
30	,398	1,074	94,465						
31	,390	1,054	95,520						
32	,339	,915	96,435						
33	,328	,887	97,322						
34	,292	,789	98,111						
35	,277	,750	98,861						
36	,254	,687	99,548						
37	,167	,452	100,000						

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Rotated Component Matrix(a)

	Component											
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
sexo	-,179	,170	-,035	,108	-,048	,020	-,698	-,068	-,020	,071	,066	,032
idade	-,039	-,053	-,028	-,134	,695	-,090	,062	,267	,088	,040	,118	-,044
proven	,011	,054	,005	,140	,138	,280	-,038	,099	,671	-,085	-,036	-,154
estat	-,020	,022	-,059	-,097	,004	-,006	,022	,764	-,113	-,044	-,113	,101
escol	-,055	-,060	,069	,040	,323	-,129	-,111	,661	,119	,121	,167	-,128
estciv	-,148	-,149	-,054	,033	,380	,004	-,462	,061	-,168	-,142	-,034	,338
orien	,194	,746	,182	-,132	-,004	,046	-,010	-,045	-,042	-,042	-,027	,011
difer	,636	-,021	,093	,289	-,087	,088	-,088	,071	-,034	,096	,127	,016
exclu	,436	-,128	,189	,550	-,186	,069	-,040	,083	-,071	,085	,064	,041
isola	,651	-,062	,217	,284	-,154	,105	,050	,041	-,055	,107	,058	-,055
negaç	,742	,201	,123	-,149	-,061	,056	,154	-,041	,042	-,061	-,040	-,038
evita	,769	,160	,111	-,066	-,089	,036	,133	-,075	-,038	-,022	-,045	-,033
vergo	,767	,116	,154	,079	-,024	,059	-,027	-,006	,003	-,025	-,076	,063
medo	,765	,188	,162	-,024	-,088	,114	,044	-,055	,020	-,050	-,018	,040
toler	,334	,163	,087	-,079	-,070	,673	-,052	-,137	,136	-,038	-,084	,009
aceita	,169	,009	,017	-,010	-,072	,824	-,063	-,013	,063	,000	-,011	-,014
estrat	-,137	-,109	,215	,296	-,003	,538	,133	,031	-,091	,054	,234	,002
cliva	,312	,125	,560	-,017	-,166	,172	,129	,022	-,124	,032	,190	,163
abert	,345	,263	,523	-,231	-,083	,110	,225	,026	,080	,008	,036	,140
relativ	-,187	-,002	-,036	,094	-,051	,162	,141	,169	-,299	-,073	,557	,020
apoiof	-,192	-,091	-,765	-,082	,074	-,058	-,011	,008	-,017	,107	,079	,044
apoioa	-,387	-,246	-,685	,040	,022	-,069	-,044	,005	-,088	,087	,081	,061
forças	-,427	-,098	-,404	,031	,081	,117	,225	,245	-,005	-,096	,047	,021
autoes	-,322	,011	-,269	,018	,038	,092	,298	,212	,171	-,304	-,033	,100
nparce	-,167	-,060	-,065	,068	,562	,015	,336	,027	,131	,047	-,064	-,071
qualrel	-,296	-,013	-,218	,130	,617	-,063	-,052	-,053	-,119	-,022	-,004	,105
disdir	,022	-,124	-,089	,807	,130	,004	,042	-,088	,155	-,021	-,048	-,053
disindir	,045	-,101	-,042	,840	-,001	,015	-,022	-,039	,107	-,044	-,024	-,008
saúde	-,014	,050	,144	,172	,259	-,052	,617	-,172	-,153	,080	,100	,116
perten	-,075	-,007	,021	,106	-,044	-,058	,037	-,099	,640	,033	,072	,205
atracc	,103	,899	,118	-,095	-,035	,038	,006	-,001	,052	-,017	,003	-,007
comp	,172	,867	,078	-,081	-,066	-,004	,007	-,007	,042	-,022	-,006	-,008
fantas	,032	,857	,038	-,017	-,024	-,007	-,101	,014	-,017	,065	,014	,043
mas	-,001	,006	-,074	-,005	,098	,101	-,022	-,079	-,230	,668	-,132	-,158
fem	,002	-,011	-,057	-,011	-,041	-,081	,049	,115	,189	,763	,027	,153
neutr	,107	-,003	-,025	-,103	,103	-,074	-,103	-,128	,230	-,048	,775	-,019
out	,032	,046	,027	-,044	-,005	-,008	,001	,021	,088	,011	-,004	,853

Extraction Method: Principal Component Analysis. Rotation Method: Varimax with Kaiser Normalization.
a. Rotation converged in 14 iterations.

Anexo XIV

Modelo Alternativo Presente

Scalar Estimates (Group number 1 - Default model)

Maximum Likelihood Estimates

Regression Weights: (Group number 1 - Default model)

			Estimate	S.E.	C.R.	P	Label
NPARCE	<---	Experiênc	2,733	,876	3,119	,002	par 5
NPARCE	<---	Gestão Homofob	-,275	,045	-6,122	***	par 32
MEDO	<---	Gestão Homofob	1,000				
DISINDIR	<---	Discriminação	,970	,057	16,965	***	par 6
IDADE	<---	Experiênc	9,585	1,874	5,116	***	par 16
Orientaç	<---	Discriminação	-,059	,008	-7,034	***	par 21
DISINDIR	<---	NPARCE	-,065	,022	-2,963	,003	par 25
Orientaç	<---	d3	,262	,011	22,807	***	par 33
Orientaç	<---	Suporte Social	,135	,011	11,878	***	par 34
VERGO	<---	Gestão Homofob	,797	,032	24,953	***	par 1
EVITA	<---	Gestão Homofob	,891	,037	23,844	***	par 2
ACEITA	<---	Traject. aceitação	1,310	,093	14,144	***	par 3
TOLER	<---	Traject. aceitação	1,000				
ABERT	<---	Suporte Social	1,058	,042	25,373	***	par 4
CLIVA	<---	Suporte Social	1,000				
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<---	Suporte_Social	1,000				
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<---	Orientaç	1,000				
DISDIR	<---	Discriminação	1,000				
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<---	Experiênc	1,000				
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<---	Discriminação	1,000				
ATRACC	<---	Orientaç	4,028	,160	25,249	***	par 7
COMP	<---	Orientaç	4,660	,192	24,275	***	par 8
FANTAS	<---	Orientaç	3,162	,144	21,988	***	par 9
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<---	Gestão_Homofob	1,000				
APOIOA	<---	Suporte Social	-,963	,039	-24,707	***	par 11
APOIOF	<---	Suporte Social	-,773	,048	-16,221	***	par 12
DIFER	<---	Gestão Homofob	,672	,040	16,663	***	par 13
ESTRAT	<---	Traject. aceitação	,293	,066	4,463	***	par 14
EXCLU	<---	Discriminação	,440	,035	12,483	***	par 15
NEGAÇ	<---	Gestão Homofob	,871	,038	22,871	***	par 17
EXCLU	<---	Gestão Homofob	,479	,038	12,558	***	par 18
TOLER	<---	MEDO	,354	,032	10,912	***	par 19
ABERT	<---	DISINDIR	-,182	,023	-7,784	***	par 20
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<---	Traject. aceitação	1,000				
ESTRAT	<---	Discriminação	,262	,036	7,219	***	par 23
ESCOL	<---	IDADE	,045	,004	10,501	***	par 27
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<---	Demog	1,000				
ESCOL	<---	Demog	1,000				
ESTAT	<---	Demog	1,000				
ORIEN	<---	MEDO	,054	,008	6,527	***	par 28

DIFER	<---	Discriminação	,206	,034	6,121	***	par 29
SAÚDE	<---	Experiênc	1,000				
ORIEN	<---	Orientaç	1,000				

Standardized Regression Weights: (Group number 1 - Default model)

			Estimate
NPARCE	<---	Experiênc	,696
NPARCE	<---	Gestão Homofob	-,197
MEDO	<---	Gestão Homofob	,827
DISINDIR	<---	Discriminação	,835
IDADE	<---	Experiênc	,364
Orientaç	<---	Discriminação	-,246
DISINDIR	<---	NPARCE	-,067
Orientaç	<---	d3	,862
Orientaç	<---	Suporte Social	,444
VERGO	<---	Gestão Homofob	,759
EVITA	<---	Gestão Homofob	,737
ACEITA	<---	Traject. aceitação	,781
TOLER	<---	Traject. aceitação	,614
ABERT	<---	Suporte Social	,735
CLIVA	<---	Suporte Social	,632
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<---	Suporte Social	,349
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<---	Orientaç	,106
DISDIR	<---	Discriminação	,809
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<---	Experiênc	,135
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<---	Discriminação	,441
ATRACÇ	<---	Orientaç	,931
COMP	<---	Orientaç	,868
FANTAS	<---	Orientaç	,772
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<---	Gestão Homofob	,380
APOIOA	<---	Suporte Social	-,734
APOIOF	<---	Suporte Social	-,535
DIFER	<---	Gestão Homofob	,528
ESTRAT	<---	Traject. aceitação	,214
EXCLU	<---	Discriminação	,410
NEGAÇ	<---	Gestão Homofob	,713
EXCLU	<---	Gestão Homofob	,385
TOLER	<---	MEDO	,286
ABERT	<---	DISINDIR	-,186
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<---	Traject. aceitação	,349
ESTRAT	<---	Discriminação	,241
ESCOL	<---	IDADE	,307
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<---	Demog	,181
ESCOL	<---	Demog	,345
ESTAT	<---	Demog	,674
ORIEN	<---	MEDO	,155
DIFER	<---	Discriminação	,188
SAÚDE	<---	Experiênc	,271
ORIEN	<---	Orientaç	,663

Covariances: (Group number 1 - Default model)

			Estimate	S.E.	C.R.	P	Label
Gestão Homofob	<-->	Suporte Social	,811	,039	20,708	***	par 31
e12	<-->	e13	,313	,037	8,519	***	par 10
e17	<-->	e18	,167	,086	1,947	,052	par 22
e27	<-->	e26	,355	,048	7,466	***	par 24
e19	<-->	e18	,314	,055	5,734	***	par 26
e9	<-->	e10	,432	,048	9,081	***	par 30

Correlations: (Group number 1 - Default model)

			Estimate
Gestão Homofob	<-->	Suporte Social	,743
e12	<-->	e13	,376
e17	<-->	e18	,123
e27	<-->	e26	,326
e19	<-->	e18	,197
e9	<-->	e10	,334

Variances: (Group number 1 - Default model)

		Estimate	S.E.	C.R.	P	Label
Traject. aceitação		1,000				
Suporte Social		1,000				
d3		1,000				
Gestão Homofob		1,191	,078	15,218	***	par 35
Experiênc		,151	,059	2,547	,011	par 36
Discriminação		1,602	,133	12,073	***	par 37
Demog		,270	,036	7,497	***	par 38
e29		1,104	,362	3,050	,002	par 39
e15		,549	,038	14,419	***	par 40
e32		,647	,084	7,700	***	par 41
e56		90,684	5,993	15,133	***	par 42
d1		1,000				
e9		1,327	,064	20,664	***	par 43
e17		1,097	,190	5,773	***	par 44
e16		1,437	,109	13,178	***	par 45
e20		,888	,057	15,544	***	par 46
e19		1,502	,078	19,332	***	par 47
e18		1,688	,082	20,563	***	par 48
e6		,229	,024	9,460	***	par 49
e7		,658	,042	15,513	***	par 50
e8		,628	,032	19,417	***	par 51
e5		,101	,005	20,576	***	par 52
e31		,846	,092	9,183	***	par 53
e30		1,896	,097	19,450	***	par 54
e27		,797	,050	15,933	***	par 55
e26		1,485	,075	19,705	***	par 56
e22		,324	,037	8,784	***	par 57
e23		1,790	,087	20,576	***	par 58
e12		,873	,048	18,217	***	par 59
e13		,794	,045	17,703	***	par 60
e14		,556	,032	17,391	***	par 61
e10		1,258	,062	20,395	***	par 62

Squared Multiple Correlations: (Group number 1 - Default model)

	Estimate
NPARCE	,524
IDADE	,132
DISINDIR	,701
Orientaç	,257
MEDO	,684
EXCLU	,316
NEGAÇ	,508
ESCOL	,213
ESTAT	,454
APOIOF	,287
APOIOA	,538
SAÚDE	,074

Model	AIC	BCC	BIC	CAIC
Saturated model	600,000	615,400	2072,327	2372,327
Independence model	9266,225	9267,457	9384,011	9408,011

ECVI

Model	ECVI	LO 90	HI 90	MECVI
Default model	,884	,804	,971	,887
Saturated model	,601	,601	,601	,616
Independence model	9,276	8,965	9,592	9,277

HOELTER

Model	HOELTER .05	HOELTER .01
Default model	363	385
Independence model	35	37

Anexo XV

Modelo Alternativo Passado

Scalar Estimates (Group number 1 - Default model)

Maximum Likelihood Estimates

Regression Weights: (Group number 1 - Default model)

			Estimate	S.E.	C.R.	PLabel
NPARCE	<---	Experiênc	2,731	,876	3,119	,002 par 5
NPARCE	<---	Gestão Homofob	-,275	,045	-6,114	*** par 32
MEDO	<---	Gestão Homofob	1,000			
DISINDIR	<---	Discriminação	,985	,058	16,938	*** par 6
IDADE	<---	Experiênc	9,587	1,875	5,113	*** par 16
Orientaç	<---	Discriminação	-,053	,008	-6,982	*** par 21
DISINDIR	<---	NPARCE	-,067	,022	-3,088	,002 par 25
Orientaç	<---	d3	,233	,012	19,244	*** par 33
Orientaç	<---	Clivagem	,091	,010	9,207	*** par 34
VERGO	<---	Gestão Homofob	,797	,032	24,916	*** par 1
EVITA	<---	Gestão Homofob	,887	,037	23,693	*** par 2
ACEITA	<---	Traject. aceitação	1,310	,093	14,144	*** par 3
TOLER	<---	Traject. aceitação	1,000			
ABERT	<---	Clivagem	1,047	,042	24,880	*** par 4
CLIVA	<---	Clivagem	1,000			
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<---	Clivagem	1,000			
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<---	Orientaç	1,000			
DISDIR	<---	Discriminação	1,000			
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<---	Experiênc	1,000			
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<---	Discriminação	1,000			
ACTRACPA	<---	Orientaç	6,664	,327	20,404	*** par 7
COMPPAS	<---	Orientaç	6,758	,348	19,414	*** par 8
FANTAPAS	<---	Orientaç	5,536	,284	19,500	*** par 9
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<---	Gestão_Homofob	1,000			
APOIOA	<---	Clivagem	-,950	,039	-24,081	*** par 11
APOIOF	<---	Clivagem	-,784	,048	-16,446	*** par 12
DIFER	<---	Gestão Homofob	,673	,040	16,647	*** par 13
ESTRAT	<---	Traject. aceitação	,294	,066	4,464	*** par 14
EXCLU	<---	Discriminação	,438	,035	12,411	*** par 15
NEGAÇ	<---	Gestão Homofob	,866	,038	22,687	*** par 17
EXCLU	<---	Gestão Homofob	,480	,038	12,563	*** par 18
TOLER	<---	MEDO	,354	,032	10,894	*** par 19
ABERT	<---	DISINDIR	-,181	,023	-7,730	*** par 20
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<---	Traject. aceitação	1,000			
ESTRAT	<---	Discriminação	,261	,036	7,169	*** par 23
ESCOL	<---	IDADE	,045	,004	10,501	*** par 27
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<---	Demog	1,000			
ESCOL	<---	Demog	1,000			
ESTAT	<---	Demog	1,000			
ORIEN	<---	MEDO	,073	,009	8,218	*** par 28
DIFER	<---	Discriminação	,206	,034	6,104	*** par 29
SAÚDE	<---	Experiênc	1,000			

ORIEN	<---	Orientaç	1,000			
-------	------	----------	-------	--	--	--

Standardized Regression Weights: (Group number 1 - Default model)

			Estimate
NPARCE	<---	Experiênc	,696
NPARCE	<---	Gestão Homofob	-,197
MEDO	<---	Gestão Homofob	,827
DISINDIR	<---	Discriminação	,842
IDADE	<---	Experiênc	,364
Orientaç	<---	Discriminação	-,257
DISINDIR	<---	NPARCE	-,070
Orientaç	<---	d3	,900
Orientaç	<---	Clivagem	,352
VERGO	<---	Gestão Homofob	,760
EVITA	<---	Gestão Homofob	,734
ACEITA	<---	Traject. aceitação	,781
TOLER	<---	Traject. aceitação	,614
ABERT	<---	Clivagem	,729
CLIVA	<---	Clivagem	,637
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<---	Clivagem	,353
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<---	Orientaç	,091
DISDIR	<---	Discriminação	,804
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<---	Experiênc	,137
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<---	Discriminação	,444
ACTRACPA	<---	Orientaç	,927
COMPPAS	<---	Orientaç	,827
FANTAPAS	<---	Orientaç	,834
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<---	Gestão Homofob	,384
APOIOA	<---	Clivagem	-,725
APOIOF	<---	Clivagem	-,544
DIFER	<---	Gestão Homofob	,528
ESTRAT	<---	Traject. aceitação	,214
EXCLU	<---	Discriminação	,406
NEGAÇ	<---	Gestão Homofob	,709
EXCLU	<---	Gestão Homofob	,386
TOLER	<---	MEDO	,286
ABERT	<---	DISINDIR	-,186
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<---	Traject. aceitação	,353
ESTRAT	<---	Discriminação	,239
ESCOL	<---	IDADE	,307
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<---	Demog	,183
ESCOL	<---	Demog	,345
ESTAT	<---	Demog	,674
ORIEN	<---	MEDO	,209
DIFER	<---	Discriminação	,187
SAÚDE	<---	Experiênc	,271
ORIEN	<---	Orientaç	,565

Covariances: (Group number 1 - Default model)

			Estimate	S.E.	C.R.	P	Label
Gestão Homofob	<-->	Clivagem	,807	,039	20,513	***	par 31
e12	<-->	e13	,320	,037	8,651	***	par 10
e17	<-->	e18	,169	,086	1,967	,049	par 22
e27	<-->	e26	,348	,048	7,245	***	par 24
e19	<-->	e18	,307	,054	5,649	***	par 26
e9	<-->	e10	,431	,048	9,067	***	par 30

Correlations: (Group number 1 - Default model)

			Estimate
Gestão Homofob	<-->	Clivagem	,741
e12	<-->	e13	,381
e17	<-->	e18	,124
e27	<-->	e26	,318
e19	<-->	e18	,195
e9	<-->	e10	,334

Variances: (Group number 1 - Default model)

			Estimate	S.E.	C.R.	PLabel
Traject. aceitação			1,000			
Clivagem			1,000			
d3			1,000			
Gestão Homofob			1,187	,078	15,201	*** par 35
Experiênc			,150	,059	2,547	,011 par 36
Discriminação			1,584	,132	11,999	*** par 37
Demog			,270	,036	7,497	*** par 38
e29			1,105	,362	3,055	,002 par 39
e15			,547	,038	14,350	*** par 40
e32			,622	,085	7,301	*** par 41
e56			90,681	5,994	15,129	*** par 42
d1			1,000			
e9			1,326	,064	20,659	*** par 43
e17			1,097	,190	5,773	*** par 44
e16			1,437	,109	13,178	*** par 45
e20			,902	,058	15,493	*** par 46
e19			1,465	,077	19,135	*** par 47
e18			1,691	,082	20,569	*** par 48
e6			,485	,052	9,347	*** par 49
e7			1,415	,082	17,331	*** par 50
e8			,903	,053	17,025	*** par 51
e5			,123	,006	21,227	*** par 52
e31			,864	,092	9,421	*** par 53
e30			1,896	,097	19,451	*** par 54
e27			,816	,051	15,950	*** par 55
e26			1,461	,075	19,472	*** par 56
e22			,324	,037	8,784	*** par 57
e23			1,790	,087	20,576	*** par 58
e12			,880	,048	18,281	*** par 59
e13			,800	,045	17,754	*** par 60
e14			,553	,032	17,326	*** par 61
e10			1,261	,062	20,428	*** par 62

Squared Multiple Correlations: (Group number 1 - Default model)

			Estimate
NPARCE			,523
IDADE			,132
DISINDIR			,713
Orientaç			,190
MEDO			,684
EXCLU			,314
NEGAÇ			,503
ESCOL			,213
ESTAT			,454
APOIOF			,296
APOIOA			,525
SAÚDE			,074

DISDIR			,647
ORIEN			,415
FANTAPAS			,695
COMPPAS			,685
ACTRACPA			,860
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL			,876
ESTRAT			,103
CLIVA			,406
ABERT			,563
TOLER			,459
ACEITA			,610
EVITA			,539
VERGO			,577
DIFER			,313

Model Fit Summary

CMIN

Model	NPAR	CMIN	DF	P	CMIN/DF
Default model	62	727,254	238	,000	3,056
Saturated model	300	,000	0		
Independence model	24	8978,384	276	,000	32,530

RMR, GFI

Model	RMR	GFI	AGFI	PGFI
Default model	,418	,941	,926	,747
Saturated model	,000	1,000		
Independence model	,752	,432	,383	,397

Baseline Comparisons

Model	NFI Delta1	RFI rho1	IFI Delta2	TLI rho2	CFI
Default model	,919	,906	,944	,935	,944
Saturated model	1,000		1,000		1,000
Independence model	,000	,000	,000	,000	,000

Parsimony-Adjusted Measures

Model	PRATIO	PNFI	PCFI
Default model	,862	,792	,814
Saturated model	,000	,000	,000
Independence model	1,000	,000	,000

NCP

Model	NCP	LO 90	HI 90
Default model	489,254	411,895	574,233
Saturated model	,000	,000	,000
Independence model	8702,384	8396,256	9014,856

FMIN

Model	FMIN	F0	LO 90	HI 90
Default model	,728	,490	,412	,575
Saturated model	,000	,000	,000	,000
Independence model	8,987	8,711	8,405	9,024

RMSEA

Model	RMSEA	LO 90	HI 90	PCLOSE
-------	-------	-------	-------	--------

Default model	,045	,042	,049	,979
Independence model	,178	,175	,181	,000

AIC

Model	AIC	BCC	BIC	CAIC
Default model	851,254	854,437	1155,535	1217,535
Saturated model	600,000	615,400	2072,327	2372,327
Independence model	9026,384	9027,616	9144,170	9168,170

ECVI

Model	ECVI	LO 90	HI 90	MECVI
Default model	,852	,775	,937	,855
Saturated model	,601	,601	,601	,616
Independence model	9,035	8,729	9,348	9,037

HOELTER

Model	HOELTER .05	HOELTER .01
Default model	378	401
Independence model	36	38

Anexo XVI

Modelo Alternativo Ideal

Scalar Estimates (Group number 1 - Default model)

Maximum Likelihood Estimates

Regression Weights: (Group number 1 - Default model)

			Estimate	S.E.	C.R.	P	Label
NPARCE	<---	Experiênc	2,731	,876	3,119	,002	par 5
NPARCE	<---	Gestão Homofob	-,275	,045	-6,117	***	par 32
MEDO	<---	Gestão Homofob	1,000				
DISINDIR	<---	Discriminação	,972	,060	16,303	***	par 6
IDADE	<---	Experiênc	9,577	1,872	5,116	***	par 16
Orientaç	<---	Discriminação	-,034	,007	-5,031	***	par 21
DISINDIR	<---	NPARCE	-,066	,022	-3,021	,003	par 25
Orientaç	<---	d3	,222	,012	18,653	***	par 33
Orientaç	<---	Suporte Social	,120	,010	11,705	***	par 34
VERGO	<---	Gestão Homofob	,803	,032	25,108	***	par 1
EVITA	<---	Gestão Homofob	,891	,037	23,786	***	par 2
ACEITA	<---	Traject. aceitação	1,311	,093	14,144	***	par 3
TOLER	<---	Traject. aceitação	1,000				
ABERT	<---	Suporte Social	1,032	,042	24,602	***	par 4
CLIVA	<---	Suporte Social	1,000				
IDENTIDADE_HOMOSSEXU AL	<---	Suporte_Social	1,000				
IDENTIDADE_HOMOSSEXU AL	<---	Orientaç	1,000				
DISDIR	<---	Discriminação	1,000				
IDENTIDADE_HOMOSSEXU AL	<---	Experiênc	1,000				
IDENTIDADE_HOMOSSEXU AL	<---	Discriminação	1,000				
ACTRACID	<---	Orientaç	6,329	,313	20,201	***	par 7
COMPIDEA	<---	Orientaç	6,817	,334	20,417	***	par 8
FANTAIDE	<---	Orientaç	6,069	,305	19,866	***	par 9
IDENTIDADE_HOMOSSEXU AL	<---	Gestão_Homofob	1,000				
APOIOA	<---	Suporte Social	-,954	,039	-24,404	***	par 11
APIOF	<---	Suporte Social	-,778	,047	-16,382	***	par 12
DIFER	<---	Gestão Homofob	,679	,040	16,769	***	par 13
ESTRAT	<---	Traject. aceitação	,290	,066	4,421	***	par 14
EXCLU	<---	Discriminação	,432	,035	12,253	***	par 15
NEGAÇ	<---	Gestão Homofob	,869	,038	22,771	***	par 17
EXCLU	<---	Gestão Homofob	,486	,038	12,679	***	par 18
TOLER	<---	MEDO	,354	,032	10,907	***	par 19
ABERT	<---	DISINDIR	-,183	,024	-7,742	***	par 20
IDENTIDADE_HOMOSSEXU AL	<---	Traject. aceitação	1,000				
ESTRAT	<---	Discriminação	,262	,036	7,221	***	par 23
ESCOL	<---	IDADE	,045	,004	10,501	***	par 27
IDENTIDADE_HOMOSSEXU AL	<---	Demog	1,000				
ESCOL	<---	Demog	1,000				
ESTAT	<---	Demog	1,000				
ORIEN	<---	MEDO	,051	,009	5,602	***	par 28
DIFER	<---	Discriminação	,200	,034	5,948	***	par 29
SAÚDE	<---	Experiênc	1,000				

ORIE	<---	Orientaç	1,000			
------	------	----------	-------	--	--	--

Standardized Regression Weights: (Group number 1 - Default model)

			Estimate
NPARCE	<---	Experiênc	,696
NPARCE	<---	Gestão Homofob	-,197
MEDO	<---	Gestão Homofob	,825
DISINDIR	<---	Discriminação	,837
IDADE	<---	Experiênc	,364
Orientaç	<---	Discriminação	-,170
DISINDIR	<---	NPARCE	-,068
Orientaç	<---	d3	,867
Orientaç	<---	Suporte Social	,468
VERGO	<---	Gestão Homofob	,763
EVITA	<---	Gestão Homofob	,735
ACEITA	<---	Traject. aceitação	,781
TOLER	<---	Traject. aceitação	,614
ABERT	<---	Suporte Social	,717
CLIVA	<---	Suporte Social	,632
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<---	Suporte Social	,348
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<---	Orientaç	,089
DISDIR	<---	Discriminação	,810
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<---	Experiênc	,135
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<---	Discriminação	,440
ACTRACID	<---	Orientaç	,931
COMPIDEA	<---	Orientaç	,956
FANTAIDE	<---	Orientaç	,900
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<---	Gestão Homofob	,378
APOIOA	<---	Suporte Social	-,726
APOIOF	<---	Suporte Social	-,539
DIFER	<---	Gestão Homofob	,531
ESTRAT	<---	Traject. aceitação	,212
EXCLU	<---	Discriminação	,403
NEGAÇ	<---	Gestão Homofob	,710
EXCLU	<---	Gestão Homofob	,389
TOLER	<---	MEDO	,286
ABERT	<---	DISINDIR	-,187
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<---	Traject. aceitação	,348
ESTRAT	<---	Discriminação	,241
ESCOL	<---	IDADE	,307
IDENTIDADE_HOMOSSEXUAL	<---	Demog	,181
ESCOL	<---	Demog	,345
ESTAT	<---	Demog	,674
ORIE	<---	MEDO	,148
DIFER	<---	Discriminação	,182
SAÚDE	<---	Experiênc	,271
ORIE	<---	Orientaç	,559

Covariances: (Group number 1 - Default model)

			Estimate	S.E.	C.R.	P	Label
Gestão Homofob	<-->	Suporte Social	,837	,039	21,463	***	par_31
e12	<-->	e13	,320	,037	8,709	***	par_10
e17	<-->	e18	,171	,086	1,999	,046	par_22
e27	<-->	e26	,357	,047	7,521	***	par_24
e19	<-->	e18	,322	,055	5,879	***	par_26
e9	<-->	e10	,433	,048	9,093	***	par_30

Correlations: (Group number 1 - Default model)

			Estimate
Gestão Homofob	<-->	Suporte Social	,770
e12	<-->	e13	,382
e17	<-->	e18	,126
e27	<-->	e26	,325
e19	<-->	e18	,202
e9	<-->	e10	,334

Variances: (Group number 1 - Default model)

			Estimate	S.E.	C.R.	P	Label
Traject. aceitação			1,000				
Suporte Social			1,000				
d3			1,000				
Gestão Homofob			1,183	,078	15,207	***	par 35
Experiênc			,151	,059	2,547	,011	par 36
Discriminação			1,605	,136	11,832	***	par 37
Demog			,270	,036	7,497	***	par 38
e29			1,104	,362	3,052	,002	par 39
e15			,556	,038	14,657	***	par 40
e32			,638	,088	7,227	***	par 41
e56			90,695	5,991	15,140	***	par 42
d1			1,000				
e9			1,325	,064	20,670	***	par 43
e17			1,097	,190	5,772	***	par 44
e16			1,437	,109	13,178	***	par 45
e20			,942	,058	16,268	***	par 46
e19			1,503	,078	19,339	***	par 47
e18			1,691	,082	20,598	***	par 48
e6			,400	,028	14,552	***	par 49
e7			,283	,027	10,472	***	par 50
e8			,568	,032	17,649	***	par 51
e5			,129	,006	21,834	***	par 52
e31			,843	,096	8,760	***	par 53
e30			1,896	,097	19,446	***	par 54
e27			,815	,050	16,214	***	par 55
e26			1,477	,075	19,697	***	par 56
e22			,324	,037	8,784	***	par 57
e23			1,790	,087	20,576	***	par 58
e12			,881	,048	18,358	***	par 59
e13			,800	,045	17,838	***	par 60
e14			,547	,032	17,316	***	par 61
e10			1,263	,062	20,434	***	par 62

Squared Multiple Correlations: (Group number 1 - Default model)

			Estimate
NPARCE			,524
IDADE			,132
DISINDIR			,705
Orientaç			,248
MEDO			,680
EXCLU			,314
NEGAÇ			,503
ESCOL			,213
ESTAT			,454
APOIOF			,290
APOIOA			,528
SAÚDE			,074

Model	AIC	BCC	BIC	CAIC
Saturated model	600,000	615,400	2072,327	2372,327
Independence model	10281,788	10283,020	10399,574	10423,574

ECVI

Model	ECVI	LO 90	HI 90	MECVI
Default model	,903	,823	,992	,907
Saturated model	,601	,601	,601	,616
Independence model	10,292	9,964	10,626	10,293

HOELTER

Model	HOELTER	HOELTER
	.05	.01
Default model	353	375
Independence model	31	33

Anexo XVII

Modelo de Medida Final

Scalar Estimates (Group number 1 - Default model)

Maximum Likelihood Estimates

Regression Weights: (Group number 1 - Default model)

		Estimate	S.E.	C.R.	P	Label
VERGO	<--- Gestão_Homofobia	,779	,032	24,185	***	par_1
EVITA	<--- Gestão_Homofobia	,979	,036	26,870	***	par_2
MEDO	<--- Gestão_Homofobia	1,000				
ACEITA	<--- Trajectória de_Aceitação	,617	,062	9,975	***	par_3
TOLER	<--- Trajectória de_Aceitação	1,000				
CLIVA	<--- Suporte_Social	1,000				
NPARCE	<--- Experiências_Significativas	3,295	,766	4,302	***	par_4
SAÚDE	<--- Experiências_Significativas	1,000				
DISINDIR	<--- Discriminação	,936	,061	15,259	***	par_5
ATRACÇ	<--- Orientação Sexual_(Identidade_Homossexual)	3,728	,135	27,704	***	par_6
COMP	<--- Orientação Sexual_(Identidade_Homossexual)	4,345	,164	26,477	***	par_7
FANTAS	<--- Orientação Sexual_(Identidade_Homossexual)	2,933	,125	23,519	***	par_8
ORIEN	<--- Orientação Sexual_(Identidade_Homossexual)	1,000				
APOIOA	<--- Suporte_Social	-1,070	,058	-18,384	***	par_9
DIFER	<--- Gestão_Homofobia	,651	,041	15,724	***	par_10
EXCLU	<--- Discriminação	,423	,038	11,180	***	par_11
IDADE	<--- Experiências_Significativas	13,095	2,717	4,820	***	par_12
NEGAÇ	<--- Gestão_Homofobia	,964	,037	26,060	***	par_13
ESCOL	<--- Variáveis_Demográficas	,309	,038	8,058	***	par_14
ESTAT	<--- Variáveis_Demográficas	1,000				
ABERT	<--- Suporte_Social	1,056	,061	17,300	***	par_15
APOIOF	<--- Suporte_Social	-,909	,058	-15,580	***	par_16
DISDIR	<--- Discriminação	1,000				
ESTRAT	<--- Trajectória de_Aceitação	,148	,032	4,577	***	par_17

Standardized Regression Weights: (Group number 1 - Default model)

		Estimate
VERGO	<--- Gestão_Homofobia	,729
EVITA	<--- Gestão_Homofobia	,795
MEDO	<--- Gestão_Homofobia	,812
ACEITA	<--- Trajectória de_Aceitação	,566
TOLER	<--- Trajectória de_Aceitação	,921
CLIVA	<--- Suporte_Social	,616
NPARCE	<--- Experiências_Significativas	,701
SAÚDE	<--- Experiências_Significativas	,228
DISINDIR	<--- Discriminação	,820
ATRACÇ	<--- Orientação Sexual_(Identidade_Homossexual)	,928
COMP	<--- Orientação Sexual_(Identidade_Homossexual)	,872
FANTAS	<--- Orientação Sexual_(Identidade_Homossexual)	,772
ORIEN	<--- Orientação Sexual_(Identidade_Homossexual)	,714
APOIOA	<--- Suporte_Social	-,797

		Estimate
DIFER	<--- Gestão_Homofobia	,503
EXCLU	<--- Discriminação	,401
IDADE	<--- Experiências_Significativas	,417
NEGAÇ	<--- Gestão_Homofobia	,775
ESCOL	<--- Variáveis_Demográficas	,203
ESTAT	<--- Variáveis_Demográficas	1,296
ABERT	<--- Suporte_Social	,715
APOIOF	<--- Suporte_Social	-,617
DISDIR	<--- Discriminação	,819
ESTRAT	<--- Trajectória de_Aceitação	,166

Covariances: (Group number 1 - Default model)

		Estimate	S.E.	C.R.	P	Label
Gestão_Homofobia	<--> Trajectória de_Aceitação	,729	,067	10,903	***	par_18
Trajectória de_Aceitação	<--> Suporte_Social	,609	,066	9,206	***	par_19
Suporte_Social	<--> Experiências_Significativas	-,072	,022	-3,342	***	par_20
Experiências_Significativas	<--> Discriminação	,039	,021	1,814	,070	par_21
Discriminação	<--> Orientação Sexual_(Identidade_Homossexual)	-,104	,016	-6,317	***	par_22
Orientação Sexual_(Identidade_Homossexual)	<--> Variáveis_Demográficas	,002	,008	,181	,856	par_23
Gestão_Homofobia	<--> Variáveis_Demográficas	-,032	,028	-1,140	,254	par_24
Suporte_Social	<--> Discriminação	-,128	,050	-2,568	,010	par_25
Discriminação	<--> Variáveis_Demográficas	-,120	,035	-3,433	***	par_26
Trajectória de_Aceitação	<--> Experiências_Significativas	-,108	,032	-3,352	***	par_27
Experiências_Significativas	<--> Orientação Sexual_(Identidade_Homossexual)	-,018	,006	-2,942	,003	par_28
Gestão_Homofobia	<--> Orientação Sexual_(Identidade_Homossexual)	,125	,014	8,975	***	par_29
Suporte_Social	<--> Orientação Sexual_(Identidade_Homossexual)	,148	,015	9,906	***	par_30
Gestão_Homofobia	<--> Experiências_Significativas	-,110	,028	-3,910	***	par_31
Trajectória de_Aceitação	<--> Orientação Sexual_(Identidade_Homossexual)	,128	,019	6,763	***	par_32
Trajectória de_Aceitação	<--> Variáveis_Demográficas	-,072	,040	-1,784	,074	par_33
Experiências_Significativas	<--> Variáveis_Demográficas	,021	,011	1,792	,073	par_34
Gestão_Homofobia	<--> Discriminação	,044	,052	,839	,401	par_35
Trajectória de_Aceitação	<--> Discriminação	,033	,075	,439	,661	par_36
Suporte_Social	<--> Variáveis_Demográficas	-,028	,027	-1,053	,292	par_37
Gestão_Homofobia	<--> Suporte_Social	,750	,058	12,822	***	par_38

Correlations: (Group number 1 - Default model)

		Estimate
Gestão_Homofobia	<--> Trajectória de_Aceitação	,441
Trajectória de_Aceitação	<--> Suporte_Social	,403
Suporte_Social	<--> Experiências_Significativas	-,227
Experiências_Significativas	<--> Discriminação	,093

		Estimate
Discriminação	<--> Orientação Sexual_(Identidade_Homossexual)	-,247
Orientação Sexual_(Identidade_Homossexual)	<--> Variáveis_Demográficas	,005
Gestão_Homofobia	<--> Variáveis_Demográficas	-,030
Suporte_Social	<--> Discriminação	-,102
Discriminação	<--> Variáveis_Demográficas	-,094
Trajectória de_Aceitação	<--> Experiências_Significativas	-,216
Experiências_Significativas	<--> Orientação Sexual_(Identidade_Homossexual)	-,167
Gestão_Homofobia	<--> Orientação Sexual_(Identidade_Homossexual)	,354
Suporte_Social	<--> Orientação Sexual_(Identidade_Homossexual)	,459
Gestão_Homofobia	<--> Experiências_Significativas	-,314
Trajectória de_Aceitação	<--> Orientação Sexual_(Identidade_Homossexual)	,252
Trajectória de_Aceitação	<--> Variáveis_Demográficas	-,047
Experiências_Significativas	<--> Variáveis_Demográficas	,063
Gestão_Homofobia	<--> Discriminação	,032
Trajectória de_Aceitação	<--> Discriminação	,017
Suporte_Social	<--> Variáveis_Demográficas	-,029
Gestão_Homofobia	<--> Suporte_Social	,713

Variâncas: (Group number 1 - Default model)

	Estimate	S.E.	C.R.	P	Label
Variáveis_Demográficas	1,000				
Gestão_Homofobia	1,150	,077	14,854	***	par_39
Trajectória de_Aceitação	2,373	,247	9,619	***	par_40
Suporte_Social	,962	,097	9,912	***	par_41
Experiências_Significativas	,106	,040	2,648	,008	par_42
Discriminação	1,643	,142	11,532	***	par_43
Orientação Sexual_(Identidade_Homossexual)	,108	,009	12,670	***	par_44
e9	1,439	,067	21,340	***	par_45
e15	,596	,036	16,448	***	par_46
e17	1,912	,118	16,175	***	par_47
e16	,422	,214	1,969	,049	par_48
e20	1,024	,058	17,539	***	par_49
e19	1,576	,080	19,596	***	par_50
e18	1,841	,083	22,229	***	par_51
e6	,242	,024	10,064	***	par_52
e7	,646	,042	15,405	***	par_53
e8	,631	,032	19,443	***	par_54
e5	,104	,005	20,346	***	par_55
e32	,701	,091	7,675	***	par_56
e31	,805	,104	7,717	***	par_57
e30	1,940	,091	21,302	***	par_58
e29	1,193	,218	5,472	***	par_59
e27	,633	,044	14,361	***	par_60
e26	1,293	,066	19,578	***	par_61
e22	-,404	,027	-15,179	***	par_62

	Estimate	S.E.	C.R.	P	Label
e23	2,220	,098	22,747	***	par_63
e12	,711	,040	17,768	***	par_64
e56	86,312	5,175	16,677	***	par_65
e13	,642	,038	17,101	***	par_66
e10	1,532	,072	21,352	***	par_67
e14	,617	,033	18,918	***	par_68

Model Fit Summary

CMIN

Model	NPAR	CMIN	DF	P	CMIN/DF
Default model	68	1463,967	232	,000	6,310
Saturated model	300	,000	0		
Independence model	24	9218,225	276	,000	33,399

RMR, GFI

Model	RMR	GFI	AGFI	PGFI
Default model	,408	,888	,855	,687
Saturated model	,000	1,000		
Independence model	,709	,422	,371	,388

Baseline Comparisons

Model	NFI Delta1	RFI rho1	IFI Delta2	TLI rho2	CFI
Default model	,841	,811	,863	,836	,862
Saturated model	1,000		1,000		1,000
Independence model	,000	,000	,000	,000	,000

Parsimony-Adjusted Measures

Model	PRATIO	PNFI	PCFI
Default model	,841	,707	,725
Saturated model	,000	,000	,000
Independence model	1,000	,000	,000

NCP

Model	NCP	LO 90	HI 90
Default model	1231,967	1114,878	1356,520
Saturated model	,000	,000	,000
Independence model	8942,225	8631,928	9258,864

FMIN

Model	FMIN	F0	LO 90	HI 90
Default model	1,465	1,233	1,116	1,358
Saturated model	,000	,000	,000	,000
Independence model	9,227	8,951	8,641	9,268

RMSEA

Model	RMSEA	LO 90	HI 90	PCLOSE
Default model	,073	,069	,077	,000
Independence model	,180	,177	,183	,000

AIC

Model	AIC	BCC	BIC	CAIC
Default model	1599,967	1603,458	1933,694	2001,694
Saturated model	600,000	615,400	2072,327	2372,327
Independence model	9266,225	9267,457	9384,011	9408,011

ECVI

Model	ECVI	LO 90	HI 90	MECVI

Model	ECVI	LO 90	HI 90	MECVI
Default model	1,602	1,484	1,726	1,605
Saturated model	,601	,601	,601	,616
Independence model	9,276	8,965	9,592	9,277

HOELTER

Model	HOELTER .05	HOELTER .01
Default model	184	195
Independence model	35	37

Anexo XVIII

Modelo Final Presente

Scalar Estimates (Group number 1 - Default model)

Maximum Likelihood Estimates

Regression Weights: (Group number 1 - Default model)

			Estimate	S.E.	C.R.	P	Label
VERGO	<---	Gestão da Homofobia	,862	,032	26,606	***	par 1
EVITA	<---	Gestão da Homofobia	,954	,038	25,031	***	par 2
MEDO	<---	Gestão da Homofobia	1,090	,036	30,375	***	par 3
ACEITA	<---	Trajectória de Aceitação	1,028	,057	18,119	***	par 4
TOLER	<---	Trajectória de Aceitação	1,349	,047	28,994	***	par 5
CLIVA	<---	Suporte Social	1,014	,049	20,504	***	par 6
ATRACÇ	<---	IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	1,230	,032	37,927	***	par 7
COMP	<---	IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	1,420	,042	33,720	***	par 8
FANTAS	<---	IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	,964	,034	28,340	***	par 9
NEGAÇ	<---	Gestão da Homofobia	,933	,039	23,899	***	par 10
ESCOL	<---	Variáveis Demográficas	1,000				
ESTAT	<---	Variáveis Demográficas	,276	,036	7,597	***	par 11
APOIOF	<---	Suporte Social	-,780	,048	-16,204	***	par 12
APOIOA	<---	Suporte Social	-,972	,040	-24,295	***	par 13
IDADE	<---	Experiências Significativas	4,214	,547	7,700	***	par 17
SAÚDE	<---	Experiências Significativas	,384	,067	5,717	***	par 18
ABERT	<---	Discriminação	-,287	,038	-7,470	***	par 19
EXCLU	<---	Discriminação	,467	,039	12,039	***	par 21
DISINDIR	<---	Discriminação	1,249	,050	25,187	***	par 22
DISDIR	<---	Discriminação	1,227	,053	23,338	***	par 23
EXCLU	<---	Gestão da Homofobia	,510	,041	12,463	***	par 24
DIFER	<---	Gestão da Homofobia	,719	,044	16,533	***	par 25
NPARCE	<---	Experiências Significativas	,932	,109	8,544	***	par 28
ABERT	<---	Suporte Social	1,054	,043	24,630	***	par 31
ORIEN	<---	Gestão da Homofobia	,076	,012	6,262	***	par 32
ORIEN	<---	IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	,300	,013	22,799	***	par 37
ESTRAT	<---	Trajectória de Aceitação	,206	,051	4,069	***	par 38
ESTRAT	<---	Discriminação	,328	,045	7,267	***	par 39

Standardized Regression Weights: (Group number 1 - Default model)

			Estimate
VERGO	<---	Gestão da Homofobia	,757
EVITA	<---	Gestão da Homofobia	,727
MEDO	<---	Gestão da Homofobia	,832
ACEITA	<---	Trajectória de Aceitação	,614
TOLER	<---	Trajectória de Aceitação	,803
CLIVA	<---	Suporte Social	,637
ATRACÇ	<---	IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	,933
COMP	<---	IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	,868
FANTAS	<---	IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	,772
NEGAÇ	<---	Gestão da Homofobia	,704
ESCOL	<---	Variáveis Demográficas	,662
ESTAT	<---	Variáveis Demográficas	,358
APOIOF	<---	Suporte Social	-,540
APOIOA	<---	Suporte Social	-,738
IDADE	<---	Experiências Significativas	,416
SAÚDE	<---	Experiências Significativas	,269
ABERT	<---	Discriminação	-,199

EXCLU	<---	Discriminação	,353
DISINDIR	<---	Discriminação	,854
DISDIR	<---	Discriminação	,785
EXCLU	<---	Gestão da Homofobia	,385
DIFER	<---	Gestão da Homofobia	,520
NPARCE	<---	Experiências Significativas	,609
ABERT	<---	Suporte Social	,731
ORIEN	<---	Gestão da Homofobia	,165
ORIEN	<---	IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	,653
ESTRAT	<---	Trajectória de Aceitação	,150
ESTRAT	<---	Discriminação	,238

Covariances: (Group number 1 - Default model)

			Estimate	S.E.	C.R.	PLabel
Gestão da Homofobia	<-->	IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	,316	,032	9,955	***par 27
Trajectória de Aceitação	<-->	Suporte Social	,426	,038	11,363	***par 30
Gestão da Homofobia	<-->	Suporte Social	,732	,023	31,368	***par 33
Gestão da Homofobia	<-->	Trajectória de Aceitação	,476	,034	14,002	***par 34
Trajectória de Aceitação	<-->	IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	,239	,036	6,571	***par 35
Trajectória de Aceitação	<-->	Experiências Significativas	-,179	,052	-3,472	***par 36
Gestão da Homofobia	<-->	Experiências Significativas	-,199	,040	-4,933	***par 40
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<-->	Discriminação	-,244	,032	-7,596	***par 41
Suporte Social	<-->	IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	,439	,031	14,086	***par 42
e12	<-->	e13	,329	,037	8,948	***par 14
e26	<-->	e27	,348	,048	7,310	***par 15
e19	<-->	e18	,307	,055	5,582	***par 16
e17	<-->	e18	,347	,064	5,446	***par 20
e10	<-->	e9	,477	,048	9,918	***par 26
e56	<-->	e23	4,161	,471	8,843	***par 29

Correlations: (Group number 1 - Default model)

			Estimate
Gestão da Homofobia	<-->	IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	,316
Trajectória de Aceitação	<-->	Suporte Social	,426
Gestão da Homofobia	<-->	Suporte Social	,732
Gestão da Homofobia	<-->	Trajectória de Aceitação	,476
Trajectória de Aceitação	<-->	IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	,239
Trajectória de Aceitação	<-->	Experiências Significativas	-,179
Gestão da Homofobia	<-->	Experiências Significativas	-,199
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<-->	Discriminação	-,244
Suporte Social	<-->	IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	,439
e12	<-->	e13	,388
e26	<-->	e27	,322
e19	<-->	e18	,190
e17	<-->	e18	,199
e10	<-->	e9	,357
e56	<-->	e23	,400

Variâncias: (Group number 1 - Default model)

	Estimate	S.E.	C.R.	PLabel
Gestão da Homofobia	1,000			
Trajectória de Aceitação	1,000			
Suporte Social	1,000			
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	1,000			
Variáveis Demográficas	1,000			
Experiências Significativas	1,000			
Discriminação	1,000			

e16	1,000				
e15	,530	,037	14,257	***	par 43
e17	1,743	,100	17,349	***	par 44
e20	,885	,057	15,454	***	par 45
e19	1,508	,081	18,732	***	par 46
e18	1,738	,080	21,832	***	par 47
e6	,225	,024	9,277	***	par 48
e7	,662	,043	15,563	***	par 49
e8	,629	,032	19,432	***	par 50
e12	,888	,048	18,516	***	par 51
e13	,811	,045	18,050	***	par 52
e14	,554	,032	17,510	***	par 53
e22	,518	,027	18,939	***	par 54
e26	1,479	,075	19,627	***	par 55
e27	,790	,050	15,739	***	par 56
e56	84,607	5,464	15,485	***	par 57
e32	,579	,087	6,681	***	par 58
e31	,941	,091	10,379	***	par 59
e10	1,278	,061	20,795	***	par 60
e9	1,396	,066	21,043	***	par 61
e23	1,279	,101	12,598	***	par 62
e29	1,477	,198	7,474	***	par 63
e30	1,899	,093	20,336	***	par 64
e5	,101	,005	20,491	***	par 65

Squared Multiple Correlations: (Group number 1 - Default model)

	Estimate
ORIEN	,522
NPARCE	,370
DIFER	,270
DISDIR	,616
DISINDIR	,729
EXCLU	,272
SAÚDE	,072
IDADE	,173
APOIOA	,544
APOIOF	,292
ESTAT	,129
ESCOL	,439
NEGAÇ	,495
FANTAS	,596
COMP	,753
ATRACÇ	,871
ESTRAT	,079
CLIVA	,405
ABERT	,574
TOLER	,645
ACEITA	,378
MEDO	,692
EVITA	,529
VERGO	,573

Model Fit Summary

CMIN

Model	NPAR	CMIN	DF	P	CMIN/DF
Default model	65	769,097	235	,000	3,273
Saturated model	300	,000	0		

Independence model	24	9218,225	276	,000	33,399
--------------------	----	----------	-----	------	--------

RMR, GFI

Model	RMR	GFI	AGFI	PGFI
Default model	,354	,937	,920	,734
Saturated model	,000	1,000		
Independence model	,709	,422	,371	,388

Baseline Comparisons

Model	NFI Delta1	RFI rho1	IFI Delta2	TLI rho2	CFI
Default model	,917	,902	,941	,930	,940
Saturated model	1,000		1,000		1,000
Independence model	,000	,000	,000	,000	,000

Parsimony-Adjusted Measures

Model	PRATIO	PNFI	PCFI
Default model	,851	,780	,801
Saturated model	,000	,000	,000
Independence model	1,000	,000	,000

NCP

Model	NCP	LO 90	HI 90
Default model	534,097	453,887	621,907
Saturated model	,000	,000	,000
Independence model	8942,225	8631,928	9258,864

FMIN

Model	FMIN	F0	LO 90	HI 90
Default model	,770	,535	,454	,623
Saturated model	,000	,000	,000	,000
Independence model	9,227	8,951	8,641	9,268

RMSEA

Model	RMSEA	LO 90	HI 90	PCLOSE
Default model	,048	,044	,051	,840
Independence model	,180	,177	,183	,000

AIC

Model	AIC	BCC	BIC	CAIC
Default model	899,097	902,434	1218,102	1283,102
Saturated model	600,000	615,400	2072,327	2372,327
Independence model	9266,225	9267,457	9384,011	9408,011

ECVI

Model	ECVI	LO 90	HI 90	MECVI
Default model	,900	,820	,988	,903
Saturated model	,601	,601	,601	,616
Independence model	9,276	8,965	9,592	9,277

HOELTER

Model	HOELTER .05	HOELTER .01
Default model	353	375
Independence model	35	37

Anexo XIX

Modelo Final Passado

Scalar Estimates (Group number 1 - Default model)

Maximum Likelihood Estimates

Regression Weights: (Group number 1 - Default model)

			Estimate	S.E.	C.R.	P	Label
VERGO	<---	Gestão da Homofobia	,860	,032	26,530	***	par 1
EVITA	<---	Gestão da Homofobia	,957	,038	25,126	***	par 2
MEDO	<---	Gestão da Homofobia	1,088	,036	30,286	***	par 3
ACEITA	<---	Trajectória de Aceitação	1,026	,057	18,082	***	par 4
TOLER	<---	Trajectória de Aceitação	1,349	,047	28,997	***	par 5
CLIVA	<---	Suporte Social	1,031	,049	20,885	***	par 6
ACTRACPA	<---	IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	1,735	,046	37,402	***	par 7
COMPPAS	<---	IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	1,757	,056	31,253	***	par 8
FANTAPAS	<---	IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	1,437	,046	31,543	***	par 9
NEGAÇ	<---	Gestão da Homofobia	,937	,039	24,037	***	par 10
ESCOL	<---	Variáveis Demográficas	1,000				
ESTAT	<---	Variáveis Demográficas	,276	,036	7,596	***	par 11
APOIOF	<---	Suporte Social	-,793	,048	-16,486	***	par 12
APOIOA	<---	Suporte Social	-,962	,040	-23,914	***	par 13
IDADE	<---	Experiências Significativas	4,184	,550	7,601	***	par 17
SAÚDE	<---	Experiências Significativas	,382	,067	5,682	***	par 18
ABERT	<---	Discriminação	-,285	,038	-7,420	***	par 19
EXCLU	<---	Discriminação	,462	,039	11,914	***	par 21
DISINDIR	<---	Discriminação	1,261	,050	25,372	***	par 22
DISDIR	<---	Discriminação	1,218	,053	23,154	***	par 23
EXCLU	<---	Gestão da Homofobia	,508	,041	12,407	***	par 24
DIFER	<---	Gestão da Homofobia	,718	,044	16,512	***	par 25
NPARCE	<---	Experiências Significativas	,940	,111	8,445	***	par 28
ABERT	<---	Suporte Social	1,049	,043	24,387	***	par 32
ORIEN	<---	Gestão da Homofobia	,113	,013	8,824	***	par 33
ORIEN	<---	IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	,255	,013	19,151	***	par 38
ESTRAT	<---	Trajectória de Aceitação	,209	,051	4,119	***	par 39
ESTRAT	<---	Discriminação	,325	,045	7,210	***	par 40

Standardized Regression Weights: (Group number 1 - Default model)

			Estimate
VERGO	<---	Gestão da Homofobia	,755
EVITA	<---	Gestão da Homofobia	,729
MEDO	<---	Gestão da Homofobia	,830
ACEITA	<---	Trajectória de Aceitação	,613
TOLER	<---	Trajectória de Aceitação	,803
CLIVA	<---	Suporte Social	,648
ACTRACPA	<---	IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	,929
COMPPAS	<---	IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	,828
FANTAPAS	<---	IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	,833
NEGAÇ	<---	Gestão da Homofobia	,707
ESCOL	<---	Variáveis Demográficas	,662
ESTAT	<---	Variáveis Demográficas	,358
APOIOF	<---	Suporte Social	-,549
APOIOA	<---	Suporte Social	-,731
IDADE	<---	Experiências Significativas	,414
SAÚDE	<---	Experiências Significativas	,267
ABERT	<---	Discriminação	-,198

EXCLU	<---	Discriminação	,349
DISINDIR	<---	Discriminação	,862
DISDIR	<---	Discriminação	,779
EXCLU	<---	Gestão da Homofobia	,383
DIFER	<---	Gestão da Homofobia	,519
NPARCE	<---	Experiências Significativas	,614
ABERT	<---	Suporte Social	,727
ORIEN	<---	Gestão da Homofobia	,245
ORIEN	<---	IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	,554
ESTRAT	<---	Trajectória de Aceitação	,152
ESTRAT	<---	Discriminação	,236

Covariances: (Group number 1 - Default model)

			Estimate	S.E.	C.R.	PLabel
Gestão da Homofobia	<-->	IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	,233	,033	7,010	***par 27
Suporte Social	<-->	IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	,352	,033	10,580	***par 30
Trajectória de Aceitação	<-->	Suporte Social	,428	,038	11,386	***par 31
Gestão da Homofobia	<-->	Suporte Social	,736	,023	31,771	***par 34
Gestão da Homofobia	<-->	Trajectória de Aceitação	,475	,034	13,978	***par 35
Trajectória de Aceitação	<-->	IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	,236	,036	6,479	***par 36
Trajectória de Aceitação	<-->	Experiências Significativas	-,169	,051	-3,290	,001par 37
Gestão da Homofobia	<-->	Experiências Significativas	-,195	,040	-4,850	***par 41
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<-->	Discriminação	-,250	,033	-7,597	***par 42
e12	<-->	e13	,323	,037	8,829	***par 14
e26	<-->	e27	,344	,048	7,187	***par 15
e19	<-->	e18	,301	,055	5,516	***par 16
e17	<-->	e18	,347	,064	5,443	***par 20
e10	<-->	e9	,480	,048	9,951	***par 26
e56	<-->	e23	4,162	,471	8,841	***par 29

Correlations: (Group number 1 - Default model)

			Estimate
Gestão da Homofobia	<-->	IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	,233
Suporte Social	<-->	IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	,352
Trajectória de Aceitação	<-->	Suporte Social	,428
Gestão da Homofobia	<-->	Suporte Social	,736
Gestão da Homofobia	<-->	Trajectória de Aceitação	,475
Trajectória de Aceitação	<-->	IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	,236
Trajectória de Aceitação	<-->	Experiências Significativas	-,169
Gestão da Homofobia	<-->	Experiências Significativas	-,195
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<-->	Discriminação	-,250
e12	<-->	e13	,384
e26	<-->	e27	,316
e19	<-->	e18	,188
e17	<-->	e18	,199
e10	<-->	e9	,358
e56	<-->	e23	,400

Variances: (Group number 1 - Default model)

	Estimate	S.E.	C.R.	PLabel
Gestão da Homofobia	1,000			
Trajectória de Aceitação	1,000			
Suporte Social	1,000			
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	1,000			
Variáveis Demográficas	1,000			
Experiências Significativas	1,000			
Discriminação	1,000			

e16	1,000				
e15	,535	,037	14,414	***	par 43
e17	1,748	,100	17,393	***	par 44
e20	,898	,058	15,511	***	par 45
e19	1,472	,080	18,438	***	par 46
e18	1,740	,080	21,838	***	par 47
e6	,475	,052	9,167	***	par 48
e7	1,415	,082	17,351	***	par 49
e8	,910	,053	17,103	***	par 50
e12	,881	,048	18,462	***	par 51
e13	,807	,045	18,010	***	par 52
e14	,557	,032	17,586	***	par 53
e22	,518	,027	18,940	***	par 54
e26	1,459	,075	19,480	***	par 55
e27	,809	,051	15,887	***	par 56
e56	84,853	5,474	15,502	***	par 57
e32	,548	,088	6,220	***	par 58
e31	,963	,090	10,663	***	par 59
e10	1,285	,062	20,847	***	par 60
e9	1,397	,066	21,052	***	par 61
e23	1,279	,101	12,598	***	par 62
e29	1,463	,203	7,201	***	par 63
e30	1,900	,093	20,349	***	par 64
e5	,120	,006	20,955	***	par 65

Squared Multiple Correlations: (Group number 1 - Default model)

	Estimate
ORIEN	,431
NPARCE	,376
DIFER	,270
DISDIR	,606
DISINDIR	,744
EXCLU	,268
SAÚDE	,071
IDADE	,171
APOIOA	,534
APOIOF	,301
ESTAT	,128
ESCOL	,439
NEGAÇ	,499
FANTAPAS	,694
COMPPAS	,686
ACTRACPA	,864
ESTRAT	,079
CLIVA	,419
ABERT	,568
TOLER	,645
ACEITA	,376
MEDO	,688
EVITA	,532
VERGO	,571

Model Fit Summary

CMIN

Model	NPAR	CMIN	DF	P	CMIN/DF
Default model	65	716,964	235	,000	3,051
Saturated model	300	,000	0		

Independence model	24	8978,384	276	,000	32,530
--------------------	----	----------	-----	------	--------

RMR, GFI

Model	RMR	GFI	AGFI	PGFI
Default model	,357	,941	,925	,738
Saturated model	,000	1,000		
Independence model	,752	,432	,383	,397

Baseline Comparisons

Model	NFI Delta1	RFI rho1	IFI Delta2	TLI rho2	CFI
Default model	,920	,906	,945	,935	,945
Saturated model	1,000		1,000		1,000
Independence model	,000	,000	,000	,000	,000

Parsimony-Adjusted Measures

Model	PRATIO	PNFI	PCFI
Default model	,851	,783	,804
Saturated model	,000	,000	,000
Independence model	1,000	,000	,000

NCP

Model	NCP	LO 90	HI 90
Default model	481,964	405,192	566,354
Saturated model	,000	,000	,000
Independence model	8702,384	8396,256	9014,856

FMIN

Model	FMIN	F0	LO 90	HI 90
Default model	,718	,482	,406	,567
Saturated model	,000	,000	,000	,000
Independence model	8,987	8,711	8,405	9,024

RMSEA

Model	RMSEA	LO 90	HI 90	PCLOSE
Default model	,045	,042	,049	,979
Independence model	,178	,175	,181	,000

AIC

Model	AIC	BCC	BIC	CAIC
Default model	846,964	850,300	1165,968	1230,968
Saturated model	600,000	615,400	2072,327	2372,327
Independence model	9026,384	9027,616	9144,170	9168,170

ECVI

Model	ECVI	LO 90	HI 90	MECVI
Default model	,848	,771	,932	,851
Saturated model	,601	,601	,601	,616
Independence model	9,035	8,729	9,348	9,037

HOELTER

Model	HOELTER .05	HOELTER .01
Default model	379	402
Independence model	36	38

Anexo XX

Modelo Final Ideal

Scalar Estimates (Group number 1 - Default model)

Maximum Likelihood Estimates

Regression Weights: (Group number 1 - Default model)

			Estimate	S.E.	C.R.	P	Label
VERGO	<---	Gestão da Homofobia	,866	,032	26,790	***	par 1
EVITA	<---	Gestão da Homofobia	,951	,038	24,958	***	par 2
MEDO	<---	Gestão da Homofobia	1,086	,036	30,268	***	par 3
ACEITA	<---	Trajectória de Aceitação	1,033	,057	18,208	***	par 4
TOLER	<---	Trajectória de Aceitação	1,347	,047	28,965	***	par 5
CLIVA	<---	Suporte Social	1,026	,050	20,730	***	par 6
ACTRACID	<---	IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	1,626	,042	38,824	***	par 7
COMPIDEA	<---	IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	1,752	,043	40,733	***	par 8
FANTAIDE	<---	IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	1,560	,043	36,637	***	par 9
NEGAÇ	<---	Gestão da Homofobia	,930	,039	23,831	***	par 10
ESCOL	<---	Variáveis Demográficas	1,000				
ESTAT	<---	Variáveis Demográficas	,276	,036	7,598	***	par 11
APOIOF	<---	Suporte Social	-,790	,048	-16,374	***	par 12
APOIOA	<---	Suporte Social	-,966	,040	-23,973	***	par 13
IDADE	<---	Experiências Significativas	4,142	,554	7,471	***	par 17
SAÚDE	<---	Experiências Significativas	,386	,068	5,709	***	par 18
ABERT	<---	Discriminação	-,286	,038	-7,432	***	par 19
EXCLU	<---	Discriminação	,460	,039	11,840	***	par 21
DISINDIR	<---	Discriminação	1,256	,050	24,948	***	par 22
DISDIR	<---	Discriminação	1,223	,053	22,984	***	par 23
EXCLU	<---	Gestão da Homofobia	,507	,041	12,387	***	par 24
DIFER	<---	Gestão da Homofobia	,720	,043	16,570	***	par 25
NPARCE	<---	Experiências Significativas	,945	,114	8,309	***	par 28
ABERT	<---	Suporte Social	1,049	,043	24,340	***	par 31
ORIEN	<---	Gestão da Homofobia	,068	,014	4,782	***	par 32
ORIEN	<---	IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	,251	,014	17,355	***	par 37
ESTRAT	<---	Trajectória de Aceitação	,210	,051	4,143	***	par 38
ESTRAT	<---	Discriminação	,327	,045	7,258	***	par 39

Standardized Regression Weights: (Group number 1 - Default model)

			Estimate
VERGO	<---	Gestão da Homofobia	,760
EVITA	<---	Gestão da Homofobia	,725
MEDO	<---	Gestão da Homofobia	,829
ACEITA	<---	Trajectória de Aceitação	,617
TOLER	<---	Trajectória de Aceitação	,803
CLIVA	<---	Suporte Social	,644
ACTRACID	<---	IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	,932
COMPIDEA	<---	IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	,957
FANTAIDE	<---	IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	,901
NEGAÇ	<---	Gestão da Homofobia	,701
ESCOL	<---	Variáveis Demográficas	,662
ESTAT	<---	Variáveis Demográficas	,359
APOIOF	<---	Suporte Social	-,547
APOIOA	<---	Suporte Social	-,733
IDADE	<---	Experiências Significativas	,409
SAÚDE	<---	Experiências Significativas	,270
ABERT	<---	Discriminação	-,198

EXCLU	<---	Discriminação	,347
DISINDIR	<---	Discriminação	,859
DISDIR	<---	Discriminação	,782
EXCLU	<---	Gestão da Homofobia	,383
DIFER	<---	Gestão da Homofobia	,521
NPARCE	<---	Experiências Significativas	,617
ABERT	<---	Suporte Social	,728
ORIEN	<---	Gestão da Homofobia	,147
ORIEN	<---	IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	,545
ESTRAT	<---	Trajectória de Aceitação	,153
ESTRAT	<---	Discriminação	,238

Covariances: (Group number 1 - Default model)

			Estimate	S.E.	C.R.	PLabel
Gestão da Homofobia	<-->	IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	,435	,029	15,167	***par 27
Trajectória de Aceitação	<-->	Suporte Social	,427	,038	11,368	***par 30
Gestão da Homofobia	<-->	Suporte Social	,738	,023	31,887	***par 33
Gestão da Homofobia	<-->	Trajectória de Aceitação	,476	,034	14,013	***par 34
Trajectória de Aceitação	<-->	IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	,224	,036	6,171	***par 35
Trajectória de Aceitação	<-->	Experiências Significativas	-,171	,051	-3,323	***par 36
Gestão da Homofobia	<-->	Experiências Significativas	-,176	,039	-4,491	***par 40
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<-->	Discriminação	-,179	,031	-5,676	***par 41
Suporte Social	<-->	IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	,423	,031	13,580	***par 42
e12	<-->	e13	,335	,037	9,098	***par 14
e26	<-->	e27	,343	,048	7,149	***par 15
e19	<-->	e18	,305	,055	5,565	***par 16
e17	<-->	e18	,345	,064	5,409	***par 20
e10	<-->	e9	,481	,048	9,978	***par 26
e56	<-->	e23	4,165	,471	8,842	***par 29

Correlations: (Group number 1 - Default model)

			Estimate
Gestão da Homofobia	<-->	IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	,435
Trajectória de Aceitação	<-->	Suporte Social	,427
Gestão da Homofobia	<-->	Suporte Social	,738
Gestão da Homofobia	<-->	Trajectória de Aceitação	,476
Trajectória de Aceitação	<-->	IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	,224
Trajectória de Aceitação	<-->	Experiências Significativas	-,171
Gestão da Homofobia	<-->	Experiências Significativas	-,176
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	<-->	Discriminação	-,179
Suporte Social	<-->	IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	,423
e12	<-->	e13	,392
e26	<-->	e27	,317
e19	<-->	e18	,190
e17	<-->	e18	,199
e10	<-->	e9	,359
e56	<-->	e23	,399

Variances: (Group number 1 - Default model)

	Estimate	S.E.	C.R.	PLabel
Gestão da Homofobia	1,000			
Trajectória de Aceitação	1,000			
Suporte Social	1,000			
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL	1,000			
Variáveis Demográficas	1,000			
Experiências Significativas	1,000			
Discriminação	1,000			

e16	1,000				
e15	,537	,037	14,543	***	par 43
e17	1,733	,100	17,263	***	par 44
e20	,897	,058	15,386	***	par 45
e19	1,483	,080	18,458	***	par 46
e18	1,738	,080	21,828	***	par 47
e6	,402	,028	14,606	***	par 48
e7	,282	,027	10,441	***	par 49
e8	,566	,032	17,642	***	par 50
e12	,893	,048	18,633	***	par 51
e13	,817	,045	18,182	***	par 52
e14	,547	,031	17,483	***	par 53
e22	,518	,027	18,938	***	par 54
e26	1,464	,075	19,451	***	par 55
e27	,802	,051	15,705	***	par 56
e56	85,213	5,483	15,541	***	par 57
e32	,561	,090	6,227	***	par 58
e31	,951	,093	10,258	***	par 59
e10	1,288	,062	20,840	***	par 60
e9	1,394	,066	21,056	***	par 61
e23	1,279	,101	12,598	***	par 62
e29	1,453	,209	6,962	***	par 63
e30	1,897	,094	20,271	***	par 64
e5	,130	,006	21,744	***	par 65

Squared Multiple Correlations: (Group number 1 - Default model)

	Estimate
ORIEN	,388
NPARCE	,380
DIFER	,271
DISDIR	,612
DISINDIR	,738
EXCLU	,267
SAÚDE	,073
IDADE	,168
APOIOA	,538
APOIOF	,299
ESTAT	,129
ESCOL	,439
NEGAÇ	,492
FANTAIDE	,811
COMPIDEA	,916
ACTRACID	,868
ESTRAT	,080
CLIVA	,415
ABERT	,569
TOLER	,645
ACEITA	,381
MEDO	,687
EVITA	,526
VERGO	,578

Model Fit Summary

CMIN

Model	NPAR	CMIN	DF	P	CMIN/DF
Default model	65	776,527	235	,000	3,304
Saturated model	300	,000	0		

Independence model	24	10233,788	276	,000	37,079
--------------------	----	-----------	-----	------	--------

RMR, GFI

Model	RMR	GFI	AGFI	PGFI
Default model	,385	,936	,918	,733
Saturated model	,000	1,000		
Independence model	,774	,404	,352	,372

Baseline Comparisons

Model	NFI Delta1	RFI rho1	IFI Delta2	TLI rho2	CFI
Default model	,924	,911	,946	,936	,946
Saturated model	1,000		1,000		1,000
Independence model	,000	,000	,000	,000	,000

Parsimony-Adjusted Measures

Model	PRATIO	PNFI	PCFI
Default model	,851	,787	,805
Saturated model	,000	,000	,000
Independence model	1,000	,000	,000

NCP

Model	NCP	LO 90	HI 90
Default model	541,527	460,838	629,813
Saturated model	,000	,000	,000
Independence model	9957,788	9630,422	10291,490

FMIN

Model	FMIN	F0	LO 90	HI 90
Default model	,777	,542	,461	,630
Saturated model	,000	,000	,000	,000
Independence model	10,244	9,968	9,640	10,302

RMSEA

Model	RMSEA	LO 90	HI 90	PCLOSE
Default model	,048	,044	,052	,802
Independence model	,190	,187	,193	,000

AIC

Model	AIC	BCC	BIC	CAIC
Default model	906,527	909,864	1225,531	1290,531
Saturated model	600,000	615,400	2072,327	2372,327
Independence model	10281,788	10283,020	10399,574	10423,574

ECVI

Model	ECVI	LO 90	HI 90	MECVI
Default model	,907	,827	,996	,911
Saturated model	,601	,601	,601	,616
Independence model	10,292	9,964	10,626	10,293

HOELTER

Model	HOELTER .05	HOELTER .01
Default model	350	371
Independence model	31	33